



Lisa Marie Rice

Midnight Run

Midnight 02

Claire Parks esteve muito doente, mas agora está bem, muito bem, e com vontade de sair em busca de farra. Bom, de sexo. Em sua primeira saída no tempestuoso mundo dos encontros apanha Bud, um maciço alto, sexy e bonito. Ela o ganha com firmeza, é seu prêmio por não morrer. Mas depois de um fim de semana de sexo selvagem, descobre que ele não é o que ela pensava que era.

O policial Tyler "Bud" Morrison não pode acreditar o que estão vendo seus olhos. O que faz uma "princesa" em uma discoteca famosa por seus escândalos sexuais? Necessita que a resgatem e resgatar mulheres é o que Bud faz de melhor. Ele a viu primeiro, e, como diz o ditado, quem achou ganhou. Depois de um fim de semana do sexo mais ardente que teve em sua vida, decide ficar com ela para sempre. Quando ela se vê envolvida em um problema, ele faz tudo para protegê-la. Porém Claire não quer que Bud a proteja, ela o quer em sua cama.





Comentário da Revisora Lucilene: Meninas preparem o ar condicionado, ventilador ou o que tiverem à mão. O casal tem uma química envolvente, esse livro é para quem gosta de histórias hots e poesias (a parte da poesia só vai entender quem ler. Rsrtrs!!!)

Comentário da Revisora Lu: Não aconselho a ler sem um bom ar condicionado, ventilador, leque e muita água gelada. Nunca mais vou ler uma poesia do mesmo jeito... Vou sempre lembrar deste livro. Lembram da história do pepino? Esta é a história da poesia. Rsrtrs.

Capítulo 1

Sábado, 12 de dezembro

O Warehouse, Portland, Oregon

Parecia uma princesa perdida no bosque, tentando encontrar o caminho de volta para o castelo.

Que diabos fazia uma mulher como aquela no Warehouse?

O oficial Tyler “Bud” Morrison, da Homicídios de Portland, deu um gole na cerveja embora não gostasse e levantou os olhos para olhar a sua direita, a princesa que tinha estado observando toda a noite.

Estava de perfil no outro extremo da barra em forma de “U”, olhando os que dançavam e falando com uma amiga de cabelo vermelho.

Bud sabia quem era a amiga ruiva. Tinha estado a observando durante três noites seguidas. Os clientes do Warehouse, a discoteca mais escandalosa de Portland, eram uma mistura de executivos modernos e as pessoas mais desprezíveis da sociedade, desfrutando cada um da companhia do outro. Começavam esquentando-se na pista de dança e acabavam cheirando no



banheiro. A amiga da princesa trabalhava em alguma torre de escritórios e vinha a Warehouse para libertar-se das tensões e dar uma saidinha.

Sabia que a princesa não era assim. A princesa era de outra classe.

Bud também era de outra classe, mas estava ali a trabalho ao ser o perito no crime organizado internacional. O IOC, Centro Internacional de Operações e assassinato. Uma volátil e interessante mistura.

Tinha ido a Warehouse durante três noites seguidas, esperando Yevgeny Belusov, um delator que não podiam localizar. Belusov era cunhado de Viktor Kuzin, o suposto chefe da máfia siberiana, que tinha se mudado para Portland e fazia seus negócios na Costa Oeste. A irmã de Belusov, Tatiana, estava casada com Kuzin. A semana passada tinha acabado no Hospital Geral de Portland com contusões múltiplas. Por intuição, Bud tinha revistado todos os arquivos dos hospitais em um raio de 160 quilômetros e encontrou diferentes entradas de uma mulher russa com as mesmas características que Tatiana, tratada repetidamente de lesões. Além de ser um importante criminoso internacional, Kuzin era um filho da puta que batia na sua esposa.

Belusov tinha prometido proporcionar informação sobre Viktor Kuzin e seu representante no EE.UU, Paul Carson, em troca de serem admitidos, ele e sua irmã no Programa de Proteção às Testemunhas. O lugar de encontro para as negociações era o Warehouse, onde ninguém se fixaria neles.

Já fazia anos que Bud não trabalhava como policial disfarçado, mas tinha se ocupado disto porque Kuzin era suspeito do assassinato de três informantes. Kuzin e Carson, o chefe da máfia russa e seu homem para tudo na Costa Oeste, eram os primeiros em sua lista de sacanas para meter no xadrez. Seguia cada pista que pudesse levá-lo até eles e prendê-los.

A primeira vez que topou com o nome de Carson tinha sido em relação à morte de uma prostituta em Beaverton. Tinha sido encontrada morta em um quarto sem janelas e com a porta fechada com pregos. Tinha morrido de fome. Tinha marcas de chicotadas nas costas, algumas delas de anos, segundo o médico forense. Enquanto estava morrendo, a mulher tinha gravado minuciosamente o nome de Paul Carson em seu braço com um prego oxidado.

Bud tinha ido ver Paul Carson, um dos homens mais ricos de Portland, em seu luxuoso escritório no 40º andar e partiu convencido da culpa do homem, mas sem nenhuma prova para acusá-lo. Meter na prisão Kuzin e Carson era seu objetivo ao levantar-se a cada manhã. E por isso passou as três últimas noites escutando uma música atroz e bebendo cerveja aguada. Um pequeno sacrifício para pegar dois peixes gordos.

Mas Belusov não se apresentou nas três noites passadas.

Bom, podia ser compreensível. Informar à polícia sobre Viktor Kuzin era um assunto perigoso. Kuzin tinha o costume de pendurar aos que o traíam em um gancho e olhar como sangravam. Belusov estava ou encolhido de medo em algum lugar ou pendurando em um gancho. Fosse por um motivo ou por outro não ia apresentar-se. Não esta noite. Talvez jamais.

Era hora de partir.

Bud tinha uma mala de fim de semana no porta-malas do carro. Iria para a costa, talvez a Astoria. Reservaria um quarto em um motel. Teria um pouco de sexo. Provavelmente com a garçonete que trabalhava em uma hospedaria e que tinha conhecido um fim de semana. Nancy.



Nancy... qualquer coisa.

Uma garota agradável, ardente na cama e sem complicações. Por sorte, rara vez queria conversar.

As três vezes que tinha ido vê-la haviam fodido como coelhos, comido para repor as calorias perdidas e logo fodido um pouco mais.

Sim, isso é o que faria. Conduzir até Astoria e passar fora o fim de semana.

Mas não se moveu o que fez foi voltar a olhá-la. Perguntou-se no que estaria pensando ela. Parecia observar um casal que estava em um canto do fosso.

Bud viu o instante exato no que ela se deu conta que o casal estava fodendo sem disfarces. Seus lindos e exuberantes lábios formaram um O e girou a cabeça afastando os olhos.

Jesus, a princesa era linda. Tinha um brilhante cabelo escuro preso no alto da cabeça por umas graciosas varinhas, uma cutis clara e perfeita e um delicado perfil. Por isso podia ver que não usava maquiagem.

Recordou-se de um desenho que tinha visto uma vez na biblioteca. Enquanto crescia tinha passado bastante tempo na biblioteca onde deixava transcorrer as longas tardes em vez de ir para sua casa para enfrentar os punhos de um padrasto bêbado. Não gostava muito de ler, assim olhava livros infantis ilustrados. Havia um sobre Nova Iorque no final do século, que mostrava uma linda jovem de traços delicados e cabelo escuro com um penteado no alto da cabeça. O título era “Moça do Gibson”.

Que fazia no Warehouse uma moça de Gibson?

Nas três noites passadas tinha vigiado a amiga da princesa, a mulher ia cheirar no banheiro e saía cada noite com um homem diferente. Sabia de cor a de seu tipo. O que fazia a princesa com ela?

A princesa. Bufou mentalmente pelo que estava pensando. Negou com a cabeça, bebeu outro gole de cerveja e a contra gosto voltou a olhá-la.

Ela estava de perfil, com o esbelto e comprido pescoço arqueado olhando às pessoas. Só tinha tomado alguns goles da taça de vinho branco. Parecia tão inocente, tão dolorosa e incrivelmente jovem... Tão jovem.

Bud fez um gesto ao garçom e este se aproximou com indolência. Teddy fazia-se chamar a si mesmo. Um tipo grande, com mais gordura que músculo e mais atitude que imagem dura. Cabelo engomado arrepiado, camisa havaiana, calças até o tornozelo e expressão aborrecida. Distribuí a droga e Bud já tinha informado isso à brigada antidrogas. Na próxima semana a estas horas, o sebo Teddy estaria no xadrez cantando como um tenor.

A Bud pouco importava. A brigada antidrogas se ocupava das drogas, ele se ocupava dos homicídios.

Agora mesmo, por exemplo, estava sobre a pista dos filhos da puta que tinham seqüestrado na Moldávia dez meninas com intenção de passá-las por todo mundo e as vender como virgens por 100.000 dólares ao melhor proponente, transformando-as em prostitutas. Cada uma delas daria a seus donos os benefícios de um milhão ao ano. As pequenas estavam destinadas a serem tratadas com crueldade e a morrer jovens. A maioria estaria morta aos 18 anos por enfermidade ou desespero, ou nas mãos de algum cliente que desfrutasse com a violência.



Por azar, aquele grupo de meninas morreu em seguida. Encontrou-as mortas por asfixia ao deter um navio que navegava sob bandeira panamenha para uma companhia propriedade de Carson. Entretanto com a papelada necessária através de cinco países foi quase impossível de realizar e requereu que inumeráveis forenses testemunhassem ante um tribunal.

Na escala de valores de Bud, as drogas eram más, seqüestrar, violentar e matar meninas era ainda pior.

Bud recordava cada segundo. A polícia subindo a bordo em uma ação policial à meia-noite. O fedor que o capitão tentava encobrir. A sensação de sentir-se doente. A imensa compaixão quando ele e seus homens encontraram às dez meninas e viram seus rostinhos tragicamente lívidos e com expressão de horror e as mãozinhas em forma de garra para arranhar as paredes em busca de ar. Bud tinha se obrigado a cravar o olhar na cara de cada menina, memorizando-as, deixando que a raiva lhe queimasse as vísceras. Assegurar-se-ia que cada família soubesse o que tinha acontecido a sua filha. E jurou pegar os homens responsáveis por aquilo.

Paul Carson e Viktor Kuzin, traficantes de vidas humanas e de sofrimento.

Kuzin, cidadão russo, era competência do Serviço de Imigração, mas Carson era americano e, portanto era dele, todo dele. Carson ia cair. Com força. Bud se ocuparia disso pessoalmente.

—Sim? —Teddy se apoiou em um cotovelo, inclinando-se para que sua voz se ouvisse por cima da música. Deu uma olhada ao copo meio vazio de Bud— O que gostaria cara?

Bud enganchou com um comprido indicador o pescoço da camisa havaiana e puxou Teddy pelas flores de hibisco, aproximando-o dele.

—Morena, do outro lado da barra, vestido azul, muito bonita, ao lado da ruiva.

Teddy olhou para trás e logo voltou a olhar para Bud com expressão aborrecida.

—Sim? Quer convidá-la para uma taça? Convidá-la para dançar? Fodê-la?

—A carteira de identidade.

O pobre Teddy estava confuso.

Bud tinha trabalhado disfarçado nas noites passadas. Camuflou-se à perfeição. Como um perdedor, um desempregado, um drogado. Sabia que apresentava essa imagem. Teddy a tinha engolido com convicção.

—Escute-me bem — Apertou com força a camisa de Teddy e o puxou para baixo até que seu nariz se encontrou com a insígnia da polícia de Portland de Bud com a preciosa e brilhante água. Os olhos de Teddy se abriram assombrados. —Peça a carteira de identidade à garota. Agora — Olhou diretamente nos olhos do garçom. — E pode ser que eu me esqueça da merda que você distribui na parte de trás.

—Claro, certo. — Teddy endireitou a camisa, em uma fracassada tentativa de dignidade. — É obvio, sim, tenente.

Foi ao outro lado da barra em forma de ferradura. Bud viu como falava com a princesa. Viu como ela franzia o cenho, colocava a mão em um bolsinho de veludo e tirava uma tarjetinha plastificada. Um minuto mais tarde Teddy estava de volta.

—Tem vinte e cinco anos e a carteira não é falsa. —disse Teddy, franzindo o cenho.

Bud estava assombrado. Vinte e cinco anos? A princesa tinha vinte e cinco anos? Tinha suposto que teria uns dezessete... e dezoito quando muito.



De que cor eram seus olhos? Não podia vê-los; ela estava de perfil, com os olhos baixos como se fingisse estar absorta na taça de vinho que não bebia.

Estava sozinha. A amiga a largou e não voltaria, embora aparentemente a princesa não se desse conta disso, já que levantava a cabeça a intervalos regulares e olhava a seu redor. Algum tolo repleto de cocaína tinha puxado a ruiva de sua cadeira e ambos tinham desaparecido pelo fundo da pista.

No instante em que a ruiva foi embora, os homens começaram a aproximar-se da princesa. Ela se arrumava bastante bem, era capaz de desviar a atenção das moscas azuis com um sorriso e negando com a cabeça. Maldição, por que não olhava para aqui? De que maldita cor eram seus olhos? Marrons? No fim das contas era morena. Mas sua pele era tão pálida, parecia porcelana branca. Devia ser descendente de irlandeses, e estes freqüentemente tinham os olhos azuis, uma combinação devastadora.

Merda. Bud baixou a vista para sua cerveja. Isto era loucura. Que demônios importava a ele de que cor eram os olhos da princesa? Que demônios lhe importava ela? Depois de tudo ela estava em Warehouse, que não era o lugar habitual das princesas. E tinha ido em companhia da ruiva, que certamente já tinha experiência nestas coisas. Assim também tinha a princesa, estava seguro, embora não aparentasse.

O ar de inocência? Bons genes, pele fabulosa, ossos delicados e nada mais.

Um vestido imbecil ao estilo mauricinho, com um traje de 3000 dólares e sem camisa, separou-se do montão de gente que se contorcionava na pista e com passo tranqüilo aproximou-se dela. Inclinou-se e a princesa se afastou. Disse-lhe algo e ela negou com a cabeça franzindo o cenho. Em lugar de aceitar a indireta, o safado sorriu, aproximou-se ainda mais e a agarrou pelo ombro.

A princesa olhou a seu redor e o fôlego de Bud se cortou. Tinha querido saber a cor de seus olhos e agora já sabia. Eram de um entristecedor azul brilhante, rodeados por cílios exuberantemente longos. Uns olhos magníficos. Olhos que podiam quebrar o coração de um homem.

Olhos cheios de medo.

Não tinha passado nem sequer um segundo e Bud se levantou e se pôs em movimento.

Meu deus!

Claire Parks — não por sua culpa— a virgem viva mais velha de toda Portland, olhou para a pista de dança. Bom, na realidade olhava para baixo, já que a pista estava em um fosso chamado... o Fosso.

Durante os últimos doze anos, enquanto ela tinha estado morrendo, puseram-se em moda os estilos mais assombrosos. Mal podia acreditar no que estava vendo. Todo mundo levava o cabelo curto arrepiado, como cascos medievais, com as pontas tingidas de umas nuances muito estranhas como a fúcsia ou o verde néon. Era isso ou ir penteada com rastas que caíam de qualquer maneira sobre a cara e os ombros.

Os umbigos estavam na moda. Bem visíveis e, embora nem todos fossem atraentes, a maior parte deles com chamativos piercings.



Claire observou um casal que dançava em um canto movendo-se a um ritmo estranhamente lento. Era impossível saber quem era o homem e quem era a mulher. E isso caso não fossem do mesmo sexo.

Bom, tinha querido lançar-se à vida e aqui estava. Olhando às pessoas, como havia feito em toda sua vida. Só que esta gente era um pouco mais, er, vistosa que de costume.

— ... itio... est... ad?

—O que? —perguntou gritando. O ruído dos alto-falantes ressoando na pista era ensurdecedor.

Lucy Savage sorriu amplamente e colocou os lábios ao lado do ouvido de Claire.

—Um lugar maravilhoso, verdade?

Conheceram-se fazia muito pouco tempo, durante a primeira semana de Claire em seu novo trabalho, começando sua nova vida. Lucy honrava seu sobrenome, era selvagem. Entretanto não o tinha parecido no escritório. Ali tinha sido amigável e eficiente, pondo Claire a par de seus deveres como a secretária mais recente da Semantika, uma agência de publicidade com muito êxito, enquanto ela mesma fazia um enorme montante de trabalho. Tinha sido simpática, atenta e amistosa. Quando Lucy perguntou a Claire se no sábado de noite queria acompanhá-la a um clube, tinha aceito com ânsia. Nunca antes tinha ido a um clube, e já era hora que fosse.

Mal tinha reconhecido à mulher que tinha aparecido na porta de sua casa, com um brilhante gel corporal sobre uma grande quantidade de corpo nu. A maior parte dele, furado, inclusive o umbigo, o nariz e o mamilo esquerdo, claramente visível através do muito fino top negro. Uma “beeper” tinha-a chamado um das companheiras, porque fazia saltar o alarme do detector de metais.

Lucy tinha desaparecido várias vezes no banheiro, e cada vez que saía, seu sorriso era um pouco mais amplo e suas pupilas um pouco menores. Também tinha bebido quatro margaridas e dois uísques no tempo que Claire tinha tomado uma só taça de vinho branco.

Voltou a girar para observar a pista de dança. Fixou-se em um homem magro com o torso descoberto e com aros nos mamilos. Era um bom bailarino, sinuoso e ágil, mas levava a cintura dos jeans tão baixa que parecia que iam cair dele de um momento a outro e... Claire piscou.

Não tinha cabelo no peito, mas tampouco na virilha. As calças tinham baixado tanto que se podia ver com clareza o começo do pênis, rodeado por uma suave pele rosada.

Os homens tinham cabelo ali em baixo. Estava segura que tinham. Não tinham? Inclusive sua estátua favorita, o David de Miguelangelo, tinha o cabelo de mármore branco, grosso e encaracolado. Por que o senhor Sem pelo não tinha?

A cabeça de Lucy balançava ao ritmo da música, com os olhos entreabertos enquanto sorria como se estivesse sonhando.

—Vê esse cara dali? —perguntou com a boca perto do ouvido de Claire. Estava assinalando ao senhor Sem pelo, que lhes dava as costas. Claire via a racha do traseiro.

—Sim.

O sorriso de Lucy se fez mais amplo.

—O cara fez um “Prince Albert”. Excita muito, verdade? Meu deus sente-se tão bem.

Claire não tinha nem idéia do que estava falando Lucy, mas detestava admiti-lo.



—Não me diga? —Assentiu tentando parecer que entendia, logo desistiu. Por que pretender que tinha experiência?— De fato não, não sei do que está falando. O que é um “Prince Albert”?

—OH, pequena, onde esteve metida? Um “Prince Albert” é um membro com um piercing. Excita muito foder com um cara que o leva, entende o que quero dizer? Sentia-se divino quando fodemos a semana passada. A semana passada? Não — Lucy inclinou a cabeça para um lado, pensando—, faz duas semanas. O metal aumenta a fricção —lambeu os lábios— Jesus, gozei como uma louca.

Claire teve que obrigar-se a mover os músculos faciais que tinham ficado intumescidos pela comoção. Disse o primeiro que lhe veio à cabeça.

—Por que não tem cabelo no, um...

—Membro? —A risada de Lucy se elevou por cima da música— Há muitos caras que se depilam. No peito e ao redor do membro. Eu gosto assim. Evita que entrem cabelos na boca, entende o que quero dizer?

Claire pensou nisso e ruborizou.

Lucy voltou a pôr a boca perto da orelha de Claire.

—Eu também coloquei um piercing.

Claire assentiu. Além disso, e do aro no mamilo, Lucy levava pequenos pendentes de prata ao redor de toda a beira da orelha direita, um diamante no nariz e um prego metálico curvado com uma pedra vermelha no umbigo.

—Sim, sei.

Lucy riu.

—Não só ali —Se balançava na cadeira ao ritmo da música— No mês passado coloquei um “Rainha Cristina” no clitóris. Mmm, eu adorei depois que baixou o inchaço. Deixa os caras loucos. Deixa-me louca. Deveria prová-lo, Claire. Nem sequer tem buracos nas orelhas. Os piercings são tãããooo eróticos.

Claire conseguiu dissimular seus sentimentos por trás de uma insossa fachada e um olhar vazio e curvou os lábios com um sorriso inexpressivo tão falso como o de uma boneca.

Houve um tempo em sua vida em que a cravavam cinqüenta vezes ao dia. Cada um daquelas espetadas tinha doído. Quebraria o braço de qualquer um que estivesse a menos de um metro dela com uma agulha na mão.

—Pensarei nisso. —disse isso sem comprometer-se e voltou a observar às pessoas.

Ali se desdobravam muitos comportamentos estranhos, tudo fascinante e um pouco inquietante. Os homens e as mulheres pareciam saltar todos os rituais de emparelhamento e ir diretamente à excitação do sexo. Alguns saltavam inclusive a excitação.

Um casal em um canto do fosso lhe chamou a atenção. As luzes do teto da discoteca iluminaram os dois, e logo, como em uma piscada os deixou na sombra. Estavam unidos pelos quadris, movendo-se ao mesmo compasso com fortes golpes. A saia da mulher subiu até expor um quadril nu.

Com certeza tinha posto... como o chamavam? Uma tanga? Seguro que... não... Céus!

Claire tentou não olhar fixamente e o rubor lhe queimou o rosto ao afastar o olhar. Mas já tinha visto.



A mulher não usava nada sob a saia e aqueles movimentos eram... eram de verdade... Deus santo! Estavam fazendo amor. Tendo sexo, corrigiu-se. Na pista de dança!

Tinha estado doente durante tanto tempo, presa em uma área sem sexo, que era como se todas aquelas coisas que tinha sentido falta enquanto crescia — a garotinha paquerando com juvenzinhos imberbes e de rostos arredondados, os primeiros beijos com a boca fechada, mãos dadas no cinema, apalpar-se no sofá, os primeiros e tímidos encontros sexuais com um rapaz tão ofegante e assustado quanto ela— todos aqueles passos no caminho de fazer-se mulher estavam concentrados esta noite em uma névoa de hormônios, suor e música.

Era tudo um pouco entristecedor, mas isso era o que queria. O motivo pelo qual tinha deixado seu posto de bibliotecária na fundação familiar. O que havia custado uma discussão com seu pai.

Isto era a vida. Algo pelo qual tinha lutado com tanta ferocidade.

Estava oficialmente curada. Tinha conseguido. Tinha sobrevivido. Não voltaria a estar doente nunca mais, sabia. A vida pulsava em suas veias, sentia o formigamento na ponta dos dedos. Esta noite pela primeira vez em anos, via o caminho ante ela. Ou melhor, dizendo, um caminho, algo mais que dias tristes, cheios de dor e noites angustiosas e solitárias. Ia recuperar o tempo perdido e viver cada segundo com toda intensidade.

Foi embora da casa de seu pai e de seu abraço muito protetor. Ia começar a recuperar todos aqueles anos que lhe tinham sido roubados.

O senhor Sem pelo se aproximou delas, com os olhos entrecerrados, contorcendo o magro torso e com o ventre tão plano que quase era côncavo. A música que soava agora era hip hop e o nível de decibéis tinha subido um decibel. Passou um braço ao redor do pescoço de Lucy.

—Ei, pequena — cantarolou ele. Acariciou com o nariz o pescoço de Lucy, enquanto continuava dançando — Quer foder?

Claire não teria ouvido por cima da música, mas o disk—jôquei estava justo neste momento trocando de canção e o ouviu com toda clareza. Abriu a boca indignada, para lhe dizer que fosse embora quando Lucy riu.

—Já fizemos isso, querido — disse esfregando-se contra o peito do senhor Sem pelo— Faz duas semanas, lembra-se? Pode ser que aceite outra ronda se me pedir isso com amabilidade, mas primeiro dançaremos.

A música voltou a soar outra vez e Lucy e seu aspirante para fazer amor foram para a pista, a que Lucy chamava o Fosso. Um nome apropriado, pensou Claire. Era em efeito um fosso, ao menos a três metros por debaixo da barra. As luzes intermitentes iluminavam membros contorcendo-se. As pessoas estavam apinhadas, com traços impossíveis de ver sob a piscada das luzes estroboscópicas. Os braços contorcendo-se sobre as cabeças dos bailarinos fazia com que parecesse um ninho de serpentes.

Já não via Lucy e o senhor Sem pelo. O Fosso era enorme.

Se Claire quisesse contatar com Lucy teria que meter-se aí dentro. Estremeceu só de pensá-lo.

—Quer...? —lhe gritou um homem ao ouvido.

—O que? —Girou a cabeça com brutalidade e encontrou uma cara com um estúpido sorriso.



O homem penteou o cabelo para trás, alisados com gel e deixou quatro pelinhos sob o lábio inferior. Cheirava a fixador, desodorante, loção pós barba bastante forte, e por cima de tudo isto sobressaía o aroma acre de suor.

Certamente ele não acabava de dizer...?

—... dançar? —gritou o homem outra vez.

Claire se deixou cair aliviada. Não tinha nem idéia do que responder a um homem que lhe pedisse para foder, mas sabia exatamente o que dizer a um homem que lhe pedia para dançar.

A idéia de descer ao Fosso fez com que lhe desse um arrepio. Uma coisa era observar às pessoas e outra completamente diferente era ficar presa entre corpos apertados que se contorciam. Obrigou-se a sorrir.

—Obrigada, mas acredito que pularei esta.

Isso.

Era uma bonita resposta, uma que tinha lido em uma novela. Claro que a novela transcorria no período da Regência, quando provavelmente as danças eram diferentes, uma após a outra, em lugar desse tamborilar que saía pelos alto-falantes. Mas o homem não ouviu a bonita resposta.

Ele se inclinou mais perto. Muito perto.

—O que... disse? —Uma generosa quantidade de saliva saiu disparada de sua boca e o sorriso de Claire baixou de intensidade.

—Não! —gritou. Logo, porque a cortesia a tinham inculcado insistentemente desde pequena, acrescentou— Obrigada!

O homem deu de ombros e se moveu cinco assentos mais à frente para perguntar a outra mulher.

Três homens mais se aproximaram dela, um após o outro, afastando-se quando ela negava com a cabeça.

O quarto homem era muito bonito e ele sabia. Cabelo escuro, bem cortado, vestido com um elegante traje e sem camisa. O que é que acontecia? As camisas dos homens tinham saído de moda enquanto ela tinha estado doente?

Os limpos traços masculinos sorriam, mas a Claire arrepiou o pelo dos braços.

Tinha passado muitos anos — muitos anos — doente e vulnerável. Agora estava bem — bem de verdade, obrigada Deus— mas a vida parecia diferente quando a gente estava deitado e quão único podia ver era o teto.

Não se podia ver vir o problema quando se estava de costas.

Claire tinha aprendido, muito cedo, com que enfermeiras podia contar para que tentassem não causar dor e a quais gostavam em segredo fazer mal a uma menina que não podia defender-se.

Que médicos tinham a gentileza de esquentar primeiro o estetoscópio e quais a tratavam como um interessante pedaço de carne, carne de canhão, para outro relatório científico. Por conseguinte ela tinha um barômetro muito sofisticado e preciso e agora mesmo a flecha do barômetro vibrava como louca na Área de Alerta Vermelho e os alarmes dispararam.

Claire podia sentir —quase podia cheirar— a crueldade e a loucura insana e aquele aroma vinha do homem que estava perguntando se queria dançar.



Era atraente e elegante, claramente bem situado e com êxito. Mas os olhos brilhavam com muita intensidade. Os dentes eram muito brancos e os lábios muito vermelhos. Ele lambeu os lábios com uma língua afiada e bicuda. Tinha a mandíbula inferior tão tensa que os músculos tremiam.

Todo ele estava tenso, com os músculos tão crispados que lhe marcavam as veias.

Jogou-lhe um beijo no ar e todo o interior de Claire estremeceu.

—Ei, linda senhorita — disse com um sorriso confiante, acreditando que exsudava encanto por todos seus poros. —Está sozinha? Podemos dar um jeito nisso. Venha e dance comigo.

Inclinou-se para ela com a boca vermelha aberta, e Claire tentou não deixar-se levar pelo pânico. Interiormente se viu agitando os braços no ar para escapar e gritando como uma desesperada.

Exteriormente, curvou os lábios em um tenso sorriso e deu de ombros.

—Não estou sozinha — protestou.

A puxou pelo braço como se não a tivesse ouvido, e ela elevou a voz, tentando manter a calma.

—Estou com uma amiga. Ela está... ah... — Claire estirou o pescoço para olhar com atenção o Fosso, mas não via Lucy em nenhuma parte. Claire fingiu que a tinha visto e agitou uma mão. —... lá abaixo, dançando. Voltará em um momento. Estou bem, obrigada.

Agora se perca de vista. Rápido.

—Acredito que não. —Os olhos eram duros e estavam entrecerrados, fechando-se ainda mais quando se inclinou aproximando-se dela. O aroma de uísque e o mau hálito quase a enjoaram.

Todas as células de Claire ficaram em guarda atropeladamente para escapar dele.

—Não acredito que esteja com uma amiga, neném. Acredito que precisa de um amigo. Acredito que precisa de mim.

Apertou-lhe o ombro com os dedos. Tinha a mão firme e quando a puxou, ela teve que agarrar-se à barra para resistir ao puxão. Ele puxou com mais força.

O coração pulsava a mil por hora. Olhou a seu redor desesperada. Devia haver umas quinhentas pessoas no Warehouse, embora ninguém lhes desse atenção. Não podia seqüestrá-la aqui entre tanta gente, verdade?

Embora isso fosse precisamente o que havia feito Rory Gavett. Seqüestrou-a sob os narizes das enfermeiras do hospital.

Sua cabeça começou a dar voltas e lutou contra as lágrimas. Tentou afastar-se, mas só conseguiu que lhe cravasse os dedos no braço com mais força. Fez-lhe o sorriso mais amplo e de repente compreendeu. Gostava de infligir dor. Excitava-lhe a crueldade. Claire mordeu os lábios para evitar gritar. Deu uma olhada a seu redor enlouquecida procurando ajuda, mas todos olhavam para o Fosso. Seus olhos tropeçaram com um homem sentado ao outro lado da barra em forma de U. Um homem grande, com o cabelo avermelhado, muito curto, com um estilo nada moderno e sem gel, bebendo uma cerveja de marca pouco conhecida.

Os ombros esticavam uma camiseta negra, que formava uma curva sobre uns bíceps grandes e duros. Poderia ajudá-la? Seus olhos se encontraram. Certamente ele parecia o bastante forte



para enfrentar seu torturador.

Ela fechou os olhos pela dor. O senhor Cruel e Horripilante lhe estava cravando os dedos no ombro. De uma forma horrível, tinha se aproximado e se roçava contra ela. Claire notou o pênis ereto. Tentou afastar-se, mas ele a agarrava com força.

Claire olhou outra vez a seu redor. Não via o homem grande em nenhuma parte, seu assento estava vazio.

Bom, claro. Partiu ou foi dançar. Era loucura que parecesse que a tinha abandonado.

—Vamos, neném, não se faça de tímida — O fôlego de Horripilante se estendeu quente por seu ouvido. A Claire provocou náuseas. Ele voltou a puxar, com brutalidade, e ela mordeu os lábios para evitar dar um grito. Uma expressão de dor só lhe excitaria mais.

—Afasto-se. A senhora está comigo. —disse uma voz profunda por cima de sua cabeça. Aconteceu de repente. A pressão no ombro diminuiu, e logo desapareceu por completo. Seu torturador ficou pálido. Tinha a boca aberta, mas não saía nenhum som exceto um ruído áspero como de alguém a quem custa respirar. Depois retrocedeu, com a boca apertada, e a cara mortalmente pálida, logo desapareceu.

Algo grande —muito grande— apareceu em sua linha de visão. O homem grande que tinha visto no outro extremo da barra tinha afugentado Horripilante e se sentou no assento do lado.

Claire se esticou. Tinha trocado um perigo potencial por outro. Horripilante a tinha aterrorizado e a tinha sacudido com força, mas não tinha sido fisicamente esmagante como o homem que agora estava sentado a seu lado. Afugentar este homem poderia ser impossível.

A coisa ia de mal a pior. Claire ficou com o olhar cravado no Fosso, procurando frenética por Lucy. Tinha que sair daqui, tudo aquilo era muito aterrador, muito estranho, sentia-se muito... o que?

Acalmou-se. A verdade é que se sentia... bem.

Assombroso.

Baixou a vista para sua taça e olhou as mãos. Tinham deixado de tremer. Seu barômetro estava em silêncio. A flecha tinha baixado até a Área Azul de Tudo Bem. Toda ela estava tranqüila, calma. Estava rodeada por uma borbulha de proteção.

Nada podia lhe fazer mal aqui.

Era o homem que estava sentado a seu lado. O homem muito grande que estava sentado a seu lado. Ele era o responsável pela sensação de proteção. Da sensação de estar sentada na beira de um rio que murmurava com suavidade em um quente dia da primavera.

Claire se arriscou a lhe jogar uma olhada. Céus era enorme. Alto, inclusive sentado, com aqueles incríveis músculos expostos. Muitos dos homens que se contorciam ao redor alardeavam o físico conseguido em algum ginásio. Este homem não se parecia em nada a eles. Era como se já tivesse nascido alto e forte e tivesse dado um bom uso a seu corpo após. Estava claro que trabalhava em algo que requeria muita força física. Um estivador, talvez, ou um lenhador.

As extremidades eram longas e muito, muito musculosas. Claire se esforçou para não ficar olhando fascinada a tatuagem da serpente que serpenteava ao redor do antebraço direito. Nunca tinha visto uma tatuagem de perto e esta era magnífica, realista e uma obra de arte. Uma cobra com a cabeça representada ao mínimo detalhe no dorso da mão, e o corpo girando ao redor de



um antebraço duro e poderoso. Sempre que o homem movesse a mão, o efeito de ondulação faria que a serpente se contorcionasse sensualmente. Como efeito artístico, era fascinante.

As mãos do homem eram extraordinariamente bonitas, com dedos longos, elegantes e sinuosos.

Forte sem ser grosso. Poderia ser um lenhador, mas as unhas estavam limpas e bem cortadas.

Claire pigarreou e girou para olhá-lo nos olhos.

—Eu gostaria de lhe agradecer — disse —, por ocupar-se daquele tipo.

A música baixou um decibel o volume durante um instante e podiam ouvir-se sem necessidade de gritar.

—Não tem importância. —A voz do homem era clara e profunda, de um agradável baixo que lhe reverberou no estômago.

Olhando de perto era irresistível. Traços limpos e sérios. Nariz firme e reto, mandíbula quadrada, lábios cheios. Cortou-lhe o fôlego quando se encontrou com seus olhos. Eram de um marrom claro, penetrantes e agudos como os de um falcão. Havia força e compaixão naquele olhar.

Era como se pudesse inundar-se dentro dele e ficar ali presa, e protegida.

Respirou fundo. Confiou em seus instintos. Queria inundar-se. E ficar presa.

—Meu nome é Claire. Claire Schuyler. — Não era de todo uma mentira. Chamava-se Claire Schuyler Parks. Schuyler era o sobrenome de solteira de sua mãe, e o sobrenome que ela usava em seu novo trabalho. Esta noite não queria ser Claire Parks, descendente de uma das famílias mais antigas de Portland. Queria ser Claire Schuyler, secretária anônima.

Sem mencionar que dez anos atrás o nome de Claire Parks tinha sido exposto em todos os jornais de Oregonian. Claire Parks pertencia ao passado.

—Bud — disse o homem grande —, Bud Morrison — Estendeu uma mão enorme e, depois de vacilar um segundo, Claire a estreitou e quase teve um ataque do coração pela sacudida elétrica.

A sensação de bem-estar e proteção se intensificou. E algo mais, algo para o qual não estava absolutamente preparada, algo que nunca em sua vida havia sentido e que a alagou. Quando a enorme mão envolveu a dela e a estreitou com suavidade, um formigamento lhe percorreu o braço e uma enorme e ardente avalanche de excitação sexual a atravessou de cima a baixo. Cada nervo de seu corpo chiou e lhe arrepiou o pelo da nuca.

A imagem de suas mãos unidas era fascinante. Ele tinha a pele bronzeada, muito mais escura que a dela, era uma mão robusta e musculosa. As duas mãos entrelaçadas eram quase um pôster de Homem e Mulher, força e delicadeza combinadas.

Os únicos homens que a haviam tocado eram os doutores e seu pai. Os doutores tinham tido todos mãos suaves, delicadas, quase femininas. E seu pai, bendito fosse, tinha as mãos suaves e salpicadas de um ancião.

Sua mão era a metade do tamanho da do homem, totalmente rodeada pela carne dura e cálida dele. Não era suave, nem delicada, mas sim poderosa e fibrosa. Eram mãos de um atleta com as veias que se sobressaíam e cobertas de cicatrizes antigas e marcas novas. Umas mãos que usava muito.



Sentiu-se presa em algo enormemente poderoso, embora suave. E mais. Nada —nada— poderia havê-la preparado para a potente onda de sexualidade que a alagou.

O sexo a rodeou. Todo o Warehouse era uma enorme bomba de testosterona e de estrogênio, mas a tinha deixado totalmente impassível. Agora a sexualidade lhe percorria as veias, e foi como se alguém, de repente, tivesse-a metido em uma tomada e tivesse acendido o interruptor.

Bud Morrison era, em todo o sentido da palavra, um homem. Ia vestido de maneira simples, inclusive barata. Não havia absolutamente nada moderno nele, desde seu corte de cabelo, muito curto e sem complicações, até as unhas limpas, sem polir e sem manicure. Não olhava a seu redor, tentando enrolar as mulheres. Não se polia, esperando que lhe dessem atenção.

Fazia com que todos outros homens do Warehouse parecessem filhotes.

Com um sobressalto, Claire se deu conta que ainda tinha a mão na dele. Que ainda se davam a mão. Puxou com suavidade a sua e ele a soltou imediatamente. Perdeu o calor e a conexão.

Era loucura. Podia ser que seu barômetro assinalasse segurança — embora tivesse podido estar piscando como um louco, que não se deu conta— mas isso não queria dizer que ficasse a sonhar com um perfeito desconhecido.

—Que outra bebida querem?

Elevou o olhar para o garçom e se surpreendeu ao ver a expressão azeda e severa de sua cara. Aquilo não era uma pergunta, mas sim uma ordem. Ela tinha estado sentada em um tamborete da barra durante mais de duas horas, e só tinha consumido meia taça de vinho branco. Talvez o cenho fosse por isso, esperava-se que os clientes consumissem bebida após bebida. Só de pensar em pedir mais álcool fez com que lhe revolvesse o estômago.

De acordo, se tinha que pedir uma bebida...

—Um ginger ale com uma rodela de limão.

O garçom se inclinou para frente, apoiou-se em um cotovelo e franziu o cenho, beligerante.

—Olhe senhora, isto não é uma creche...

—A senhora quer um ginger ale e você lhe trará exatamente o que quer. Eu tomarei outra cerveja. Nacional. — Não levantou a voz profunda, mas penetrou por entre o alvoroço da música. Isto, combinado com um olhar penetrante, obteve seus frutos. Os músculos da mandíbula do garçom se moveram quando engoliu uma resposta. Assentiu com a cabeça, desapareceu e um minuto mais tarde deixou com um golpe as bebidas diante deles, salpicando-se nas mãos. Cerveja e ginger ale.

Seu salvador meteu uma mão em um bolso dos jeans em busca de dinheiro e Claire afogou um grito.

—OH, não — Pôs a mão sobre o musculoso antebraço de Bud, o da serpente, e sentiu outra vez o chiado de eletricidade. Retirou-a imediatamente, mas foi suficiente para chamar sua atenção. Ele a tinha salvado de Horripilante e era óbvio que nomeou a si mesmo seu cão guardião. Durante os últimos dez minutos ninguém se aproximou dela para lhe pedir que dançasse. Tinha fulminado com o olhar a qualquer homem que se aproximasse —tinha um olhar muito efetivo— e todos se afastaram imediatamente... algo pelo qual estava muito agradecida. E agora queria lhe pagar a bebida.



O Warehouse era caro. A entrada custava 40 dólares e as bebidas no mínimo 10 dólares por pessoa.

Claire tinha mais dinheiro do que podia gastar. Estava claro que seu salvador era um trabalhador. Dez dólares não significavam nada para ela, mas provavelmente era o que ele ganhava em uma hora de duro trabalho. Não podia permitir que lhe pagasse a bebida.

—Por favor, Bud —disse ela, elevando o olhar para aqueles luminosos olhos— Não tem por que pagar minha bebida. Em todo caso teria que ser eu que pagasse a sua.

Para o que lhe serve, poderia haver falado à parede. Quando acabou a frase, ele já tinha deslizado pelo balcão o dinheiro para as bebidas junto com uma gorjeta e tinha começado a beber a cerveja. Suspirando tomou alguns goles de seu ginger ale. Estava frio, ácido e era muito familiar. Durante muitos anos, muitos, tinha sido uma das poucas coisas que seu estômago podia tolerar.

Bud não fazia nenhum esforço por manter uma conversa. A música era ensurdecadora. Qualquer palavra tinha que dizer quase gritando, fazendo que qualquer mudança de impressões resultasse absurdo e artificial.

Mas o corpo do homem lhe falava, forte e claro, e lhe dizia que ela tinha sua proteção enquanto a quisesse. Ele se dava conta de tudo e de todos e era como se afastasse o problema antes que chegasse.

O problema teria cruzado o caminho, ou teria dançado no caminho em muito pouco tempo. Tinha passado já a meia-noite e era como se alguém tivesse jogado uma bomba hormonal nas profundidades da discoteca.

No Fosso as contorções eram cada vez mais selvagens, e os objetos de vestir foram caindo. Claire viu uma mulher com os peitos ao ar, logo duas mais. Os movimentos dos que dançavam eram provocadores, quadris balançando-se e peitos ricocheteando. Estavam trocando muitos fluidos corporais.

Nem toda a fumaça dos cigarros que chegava até ela cheirava a tabaco. A música estava tão forte que era quase dolorosa. O batimento rítmico fazia com que lhe doesse a cabeça. Era como se estivesse absorvendo as vibrações.

Maldição, onde estava Lucy? Claire olhou ansiosamente o Fosso, procurando o alvoroçado cabelo vermelho e um torso masculino nu. Cedo ou tarde Lucy tinha que aparecer, verdade?

Deveria ir procurá-la? A só idéia de afastar-se da presença protetora de Bud fez com que lhe retorcesse o estômago. Enquanto ele estivesse ali, a seu lado, grande e reconfortante, ela se sentia segura. Se mergulhasse no Fosso em busca de Lucy, não poderia esquivar-se dos homens que estavam cada vez mais selvagens e atrevidos.

Isto já não era divertido. Os olhos ardiam pela fumaça dos cigarros, e o vinho se revolia no estômago, ameaçando fazê-la vomitar. O tamborilar rítmico da música lhe reverberava no estômago. Não podia pensar com tanto ruído e confusão e queria ir para casa, agora.

Não tinha carro. Lucy tinha insistido em recolhê-la e naquele momento Claire havia se sentido agradecida. Sobretudo quando resultou que o Warehouse estava nos subúrbios, em uma parte perigosa da cidade. Claire tinha se alegrado de não ter que conduzir por lá sozinha, procurando o clube. Mas agora desejava com todas suas forças ter trazido seu carro para poder ir para casa.



Tinha uma casa nova que tinha sido decorada por sua amiga Suzanne Barron. Era confortável e cálida e acolhedora. Ainda não tinha dormido ali. Agora ansiava estar sentada comodamente no sofá amarelo de cretone, um achado de Suzanne.

Bud se inclinou para ela, não para envenená-la, mas sim para poder falar sem gritar. Aproximou a boca à sua orelha e sua voz profunda se sobrepôs com facilidade por cima do estrépito. Sentia os sopros de ar quando ele falava e um calafrio lhe percorreu a coluna vertebral.

—Se está procurando a sua amiga ruiva, foi-se faz uma meia hora com o cara com quem dançava. Vi-os sair e ela tinha posto o casaco.

Claire girou a cabeça alarmada, e seu nariz se chocou contra a dele. Estavam tão perto que pôde ver os pontos dourados nos olhos marrom claro, que faziam que de longe parecessem de âmbar. Ali havia força e, coisa rara, bondade.

—Certamente... com certeza voltará! —gritou ela. Claire não acreditou nas suas próprias palavras, e tampouco ele. Bud não respondeu, só ficou olhando.

O que ia fazer se Lucy não voltasse? Não deixar-se levar pelo pânico, isso certamente.

Era sua primeira saída e que a condenassem se se derrubasse. Não, encontraria uma solução, um táxi! É obvio! Chamaria um táxi!

Claire chamou o garçom que estava enchendo uma jarra de cerveja e uma mistura de bebidas. O nível alcoólico ia subindo com os decibéis. Serviu a um homem que havia a sua direita e que certamente não precisava beber mais, e aproximou-se dela.

—Sim? —gritou— Preparada para uma bebida de verdade?

Claire se inclinou sobre o balcão.

—Quero um táxi! Por favor, pode chamar um?

—Nem pensar. Você está louca ou o que, senhora? —respondeu o garçom, revirando os olhos— Aqui não vem nenhum táxi depois de meia-noite, é muito perigoso. Encontre seu próprio meio de transporte — E se foi antes que ela pudesse responder.

OH Deus, OH Deus. E agora o que? Lucy não voltaria. Claire sabia, sentia-o nos ossos. Lucy era muito divertida, mas não era de confiança. Claire não tinha querido a ninguém de confiança esta noite, tinha querido diversão e olhe o que tinha conseguido.

Deveria ter vindo com Suzanne. Suzanne era totalmente de confiança. Nunca teria deixado Claire sozinha. Por outro lado, Suzanne nunca a teria acompanhado a um lugar como o Warehouse.

Ao lado dela, Bud se elevou. E se elevou. E se elevou.

Era angustiosamente alto, e largo, quase um gigante. Estendeu-lhe a mão e, indecisa, Claire a agarrou. Aquela mão forte e cheia de calos se fechou com suavidade ao redor da sua, com um apertão quente e reconfortante. Levantou-a do tamborete e lhe tocou ligeiramente a cintura, girando-a para o Fosso. A parte superior da cabeça de Claire apenas chegava ao queixo e isso porque usava saltos. Descalça chegaria ao ombro.

—Vamos. —disse ele.

OH, Deus, o homem queria dançar. Quão último queria Claire era descer ao Fosso. Já se sentia bastante maltratada sem necessidade de que a empurrassem, apertassem e esmagassem. Mas Bud tinha sido muito amável. Se quisesse uma última dança, possivelmente ela deveria ceder.



E algo lhe dizia que ele se asseguraria que ninguém a empurrasse muito forte.

Mas ele não a baixava ao Fosso, depois de tudo. Rodeava-o. Inclusive fora da pista estava abarrotado. Mas as pessoas se afastavam como por arte de magia ante Bud, enquanto ele a escoltava cuidadosamente perto das paredes. Tocava-a só justo o necessário para dirigi-la, para afastá-la com suavidade das pessoas, para ajudá-la a caminhar. Aquela bolha protetora ainda a rodeava.

Ele se inclinou para ela.

—Tem o ticket do casaco?

—Sim. —respondeu ela, perplexa.

Bud fez um gesto com a mão.

—Dê-me isso.

Ela procurou em sua bolsa adornada com contas negras e se odiou.

—Por quê?

Ele estava dando as costas ao sufocante espaço, bloqueando tudo com os amplos ombros. Inclusive, de algum jeito, bloqueava o ruído. A voz profunda conservou o tom baixo, mas Claire o ouviu com toda clareza.

Aqueles mágicos olhos de falcão a olharam fixamente.

—Porque vou levá-la para casa.

Capítulo 2

Bud acompanhou a princesa —Claire— para fora.

As enormes portas de aço contra incêndios do Warehouse se fecharam atrás deles e de repente o mundo ficou em silêncio. Nenhuma só nota de música transpassava a porta. Tudo o que ficava do ruído e caos do interior era um profundo batimento, mais uma vibração que um ruído. Encontravam-se no momento justo da noite em que era muito tarde para que chegassem novos clientes ao Warehouse, e muito cedo para que os que haviam dentro fossem para casa. Estavam sozinhos na enorme esplanada que servia como estacionamento.

Nevava. Estavam a dois passos da porta em um mundo privado, branco, imaculado, silencioso e limpo.

O casaco de Claire era uma capa longa com um capuz que emoldurava seu rosto. Ela elevou a cabeça e fechou os olhos com deleite. Inspirou profundamente. Os cantos de sua boca se curvaram.

—OH — suspirou — eu adoro a neve — Girou a cabeça e abriu os olhos— Obrigada — murmurou—, por me resgatar e se oferecer para me levar para casa.

A capa, a noite escura, a mulher angustiosamente bela, a neve. Nunca havia custado tanto a Bud afastar a sensação de que estava preso em um conto de fadas. O lenhador, talvez, escoltando a princesa de volta ao palácio depois de tê-la resgatado do dragão. Ou o cavaleiro, que chegava para reclamar a noiva predestinada.



Ela não era uma princesa. Teve que voltar a recordar-se. Ela era uma garota normal de Portland chamada Claire. Claire Schuyler. Falava com um acento americano normal, e usava roupa normal. E apesar disso, se ela tirasse a capa para revelar um vestido de noite em vez de um vestido de lacinha azul e lhe dissesse com acento estrangeiro que era a princesa Esmeralda que vinha de um país remoto, não o teria surpreendido.

—Não é necessário que me agradeça — disse e a segurou pelo cotovelo. Antes, no Warehouse, tinha sido muito duro segurá-la apenas para guiá-la através daquela enorme quantidade de gente. O que tinha querido fazer — o que se obrigou a não fazer — era agarrá-la nos braços e levá-la. Encontrar algum canto tranquilo em algum lugar e despi-la. Averiguar se sua pele era tão suave como parecia, percorrer com as mãos a curva dos seios, tirar aquelas varinhas do cabelo e vê-lo cair sobre seus ombros nus, lambe-los e chupar com força os mamilos.

O membro se moveu nas calças.

Quietoouou.

Certamente não era isso o que ela queria. Que seu salvador lhe fizesse insinuações amorosas. Estava se arriscando muito ao meter-se com ele no carro, um completo desconhecido. De acordo, não é que tivesse nenhuma outra opção. A ruiva a tinha abandonado para foder com o último namorado. E o garçom tinha razão, os táxis não chegariam até ali. Não, não tinha outra saída.

—Já estamos. —disse com voz baixa, pondo uma mão na maçaneta da porta do passageiro. A neve caía ligeira, grossos flocos de neve, flocos de neve de conto de fadas. Claire jogou o capuz para trás e levantou o rosto com um sorriso nos lábios. Bud encontrou-se lhe devolvendo o sorriso como um idiota, embora não estivesse acostumado a sorrir quase nunca. Os flocos beijavam aquela pálida pele e se derretiam ante seu calor. Sabia exatamente como se sentiam.

Abriu a porta do passageiro e respirou profundamente. Ela estava se metendo em um carro com um homem que não conhecia. Um homem que pesava ao menos quarenta quilogramas mais e que a ultrapassava em mais de trinta centímetros. Tinha chegado o momento de quebrar a magia e lhe dizer quem era.

Por que vacilava? Descobriria seu disfarce, mas já o havia feito com o garçom. Não era por isso.

Bud estava acostumado a ser brutalmente sincero consigo mesmo e sabia a verdadeira razão pela qual não queria dizer-lhe.

As mulheres tinham duas reações diferentes quando descobriam que era detetive de homicídios.

Ficavam frias ou ficavam quentes. Não queria que ela reagisse de nenhuma das duas maneiras. Não queria que se afastasse com aversão e não queria que se aproximasse com curiosidade mórbida para saber como era foder com um homem armado que investiga assassinatos para ganhar a vida.

Durante um pouco mais de tempo, queria que ela fosse a princesa e ele seu cavalheiro.

Ela o olhava quando ele vacilava como um idiota com a mão na porta aberta do carro. Bud suspirou. Tinha chegado o momento de quebrar o feitiço.

—Quero que saiba que está a salvo comigo —disse com voz baixa— Sou...



—Sei — o interrompeu ela com voz igualmente baixa, como se ambos estivessem ainda transtornados pelo ruído do Warehouse — Sei que estou a salvo com você. Posso senti-lo. — Seus olhos o observaram durante um longo momento, uns magníficos e luminosos olhos azuis, cheios de confiança. Claire sorriu, agachou-se e se meteu no carro. Ele ficou ali segurando a porta aberta e sentindo-se como um idiota.

Certo.

Deu a volta no carro, entrou e pôs o motor em funcionamento, deixando que se esquentasse. Olharam um para o outro e teve que segurar o volante com força para não abraçá-la.

A princesa levava um suave perfume que tinha estado oculto pelos penetrantes aromas do Warehouse. Agora o delicado aroma se estendeu abrangendo quase todo o espaço, agarrando-se a seu cérebro e fazendo estragos em suas células. O perfume, combinado com os muito belos olhos e o delicado sorriso que lhe dedicava também teve seu efeito sob as calças. Tinha uma enorme ereção. Menos mal que seu casaco de pele de cordeiro chegava até os joelhos.

Era loucura. Ele estava louco. Ia acompanhá-la até sua casa, ir à sua, tomar uma ducha fria, meter-se na cama, e partir na primeira hora da manhã iria para Astoria onde foderia com Nancy sem parar até no domingo de noite. E tiraria a princesa da cabeça.

—Bem —O motor já estava quente— Aonde a levo?

Deu a ele o endereço. Vivia do outro lado da cidade, a umas oito quadras de seu bloco de apartamentos.

—Temo que vá fazê-lo cruzar a cidade — se lamentou ela. —E com neve.

No estrépito do Warehouse, onde tinham que gritar para falar-se, não tinha tido a oportunidade de ouvir bem sua voz. Era uma maldita sorte que fosse suave, clara, feminina, sedutora e sexy como o inferno.

Merda.

—Não, está bem —Bud saiu do estacionamento do Warehouse— Estou acostumado a conduzir pela neve e levo pneus de tração. E se for necessário, também tenho correntes. —Olhou com atenção os grossos e preguiçosos flocos que caíam sobre o pára-brisa— De todas as maneiras este tipo de neve não está acostumada a coalhar.

—Mas é tão bonita — murmurou ela, sorrindo. Estava olhando pela janela, tão encantada como uma criança no Natal.

—Mmm — A Bud custava respirar. Ela sim que era bonita. Tão bonita que quase doía. Sua pele brilhava como o marfim mais pálido sob as luzes dos controles. Estava olhando pela janela e observando a neve, assim que ele podia observá-la, uma visão muito mais bonita que a neve.

Havia muito pouco tráfego, mas conduzia devagar para poder lhe jogar freqüentes olhadas sem embutir-se em uma luz. Ela estava de perfil, um pálido camafeu contra a escura janela. A sobancelha com uma curva perfeita, uns cílios longuíssimos, nariz reto com as fossas nasais sutilmente arqueadas, o canto de sua boca se arqueava para cima com um sorriso inconsciente. Devia ser sua expressão costumeira. Sorridente.

Parecia tão bonita e inocente que ele não deveria ter esta enorme ereção. Ela não era para nada seu tipo.

Não gostava de bonitas e inocentes. Gostava das mulheres experientes na cama e que



sabiam aonde iam.

Ele tinha tido um vida dura e tinha um desses trabalhos onde se colocava botas de borracha e caminhava entre o lodo, o esterco e quão pior podia oferecer a humanidade.

Tinha visto de tudo, esposas maltratadas, drogados e bêbados. O mais baixo do submundo.

E o mais alto das altas esferas. Respeitáveis homens de negócios que contratavam um assassino para livrar-se de um rival comercial. Damas da sociedade que afogavam seus filhos recém-nascidos porque o bebê interferia em sua vida social. Jovens ricos que golpeavam seus pais até matá-los porque queriam uma mesada maior.

Sim, tinha visto tudo isto, e duplicado. Quão último precisava era uma jovem e inocente daminha que ficaria rígida na cama e depois se agarraria a ele.

Não, levaria à pequena e bonita senhorita Schuyler e a deixaria a salvo em sua porta, diria-lhe boa noite com muita educação como o cavalheiro que não era, iria para casa, dormiria um pouco, e logo se lançaria em um fim de semana de sexo selvagem. Sim, isso é o que faria.

O membro não escutou nenhuma só palavra do que dizia a cabeça. A seu membro importava uma merda ir para casa ou dormir. Não queria Nancy Whosis, queria a ela, à princesa, e não aceitava uma negativa como resposta. Tinha uma ereção de campeonato, estava tão duro que poderia ir batendo nas portas com ela. A princesa se moveu um pouco em seu assento e um muito ligeiro sopro de perfume voou até ele e quase gozou nas calças.

Jesus, o que tinha sido isso? Não tinha gozado nas calças desde que tinha treze anos e Molly Everson tirou o sutiã atrás do Rexall. Ele sempre tinha tido muita resistência sexual e gozar uma vez só era esquentar os motores. Molly tinha deixado de sorrir. Mas disso tinha passado muito tempo, e tinham passado um montão de mulheres, e a princesa não só não tirou o sutiã, mas também nem sequer emitia nenhum sinal sexual.

Qualquer outra mulher que desejasse algo, já teria colocado sua mão na coxa, teria suspirado e cruzado as pernas e lhe estaria jogando significativos olhares. Fingiria que fazia muito calor no carro se desabotoaria alguns botões. Isso é o que havia feito Nancy fazia duas semanas quando tinham ido dar uma volta de carro e ela tinha acabado lhe fazendo uma mamada.

Claire, em troca, estava ali sentada, com um pequeno sorriso nos lábios, olhando a neve, com a capa abotoada até o pescoço, e as lindas e esbeltas mãos entrelaçadas no colo. Nenhum tipo de convite, nenhum somente.

Mas ele se lembrava, e, sobretudo seu membro lembrava, de como enchia o vestido que usava. Estava magra, quase muito, mas curvilínea com uns seios surpreendentemente cheios. Redondos, cheios e altos.

Quando ia detrás dela abrindo caminho ao redor do Fosso tinha tido que apertar os punhos para não lhe rodear a diminuta cintura. Ele tinha as mãos grandes e apostaria que quase poderia abranger sua cintura com elas. Segurá-la-ia por ali enquanto se ajoelhava entre suas pernas, as separando, penetrando-a. Ela estaria apertada, apostaria qualquer coisa. Apertada e úmida e...

Oh Deus. Quase gemeu em voz alta. Isto era uma tortura. Quanto mais poderia resistir?

Tentou concentrar-se na neve que agora caía com mais força e viu por um momento a placa branca e azul que indicava a esquina da rua. Três quadras mais e poderia desfazer-se dela deixando-a na entrada e ir embora. Estava tão duro como uma pedra.



Não ia deixar Nancy respirar em todo o fim de semana, isso era certo. Dava-lhe a impressão que poderia foder durante quarenta e oito horas seguidas.

Mas não com Nancy.

Jesus, de onde tinha saído esse pensamento? Desde quando tendo ao lado uma mulher razoavelmente atraente — e Nancy era mais que um pouco atraente— não podia foder?

Tinha que desfazer-se da princesa, agora mesmo, por culpa dela estava discutindo com sua própria cabeça.

Acelerou um pouco e as rodas giraram. O universo inteiro estava confabulando contra ele, pensou, quando teve que desacelerar. Estava começando a suar. Vamos, vamos, temos que chegar a sua casa, rápido.

Mas o asfalto estava escorregadio e tinha que ir asquerosamente devagar.

—Gire aqui à direita — disse ela, examinando a rua, e inclusive sua voz na escuridão o excitou. Não, já estava bastante excitado, a voz era só a cereja do bolo.

Passaram outros dez torturantes minutos antes de deter-se diante de uma casa que se parecia com ela, pequena, encantadora, bem construída e bonita. Jesus, isso de ser um cavalheiro ia matá-lo, porque para continuar no papel teria que acompanhá-la até a porta. Com uma ereção. O casaco comprido até os joelhos a cobriria, mas seguia estando ali e era fodidamente doloroso.

Desligou o motor, decidido a seguir com seu papel de cavalheiro até o final, pela primeira e última vez em sua vida. Isso levaria dois minutos, no máximo. Acompanhá-la-ia até a porta, talvez estreitassem as mãos, embora só tocar aquela pele suave seria como acender uma tocha, logo sairia caminhando —caminhando com dificuldade— com sua ereção.

Isso é o que faria.

—Já chegamos — A voz saiu rouca. Pigarreou. — Acompanharei você...

—Quer entrar para tomar um café? —perguntou ela com precipitação, soltando as palavras a toda velocidade. *Quer-entrar-para-tomar-um-café?* Como se tivesse estado ensaiando.

A princesa deu a volta, mas não o olhava nos olhos, estava perguntando se queria entrar para tomar um café a seu queixo. Sua respiração era um pouco rápida e a mão que mantinha a capa unida estava tremendo. Claire o estava convidando para aceitar algo mais que um café. Podia ser que ela ainda não se deu conta, mas ele sim.

O café era um sinônimo de sexo.

Absolutamente não.

Nada de sexo, não. Não com a princesa.

Ela era um problema com P maiúsculo que rimava com C, que queria dizer Claire.

Não seria o sexo despreocupado e vigoroso de algumas horas, logo um apertão de mãos e adeus, que era tudo o que ele procurava, tudo o que queria de uma mulher. Gostava do sexo forte, comprido e sem complicações. Não queria sexo com ela. A palavra “complicações” estava escrita por todo aquele maravilhoso rosto. Nada de sexo com Claire Schuyler.

Não, não, não.

Sua cabeça tinha claro e abriu a boca para dizer que não, mas seu membro falou primeiro.

—Sim, eu gostaria muito.



Capítulo 3

Certo! Pensou Claire. Tenho feito.

Estava muito orgulhosa de si mesma. Tinha estado pensando freneticamente enquanto Bud conduzia. Levá-la para casa tinha sido muito gentil por sua parte, ele era muito gentil, estava em sua natureza.

Era gentil, forte e, sobretudo sincero. Atraente e limpo, algo importante. Alguns dos homens que lhe tinham pedido para dançar poderiam ter tomado antes uma ducha.

Bud não.

Também era ardentemente sexy, com todos aqueles músculos, aquela voz profunda e áspera, aquele comportamento de tipo duro e, OH Deus, a tatuagem da serpente, a cereja do bolo.

Sim, era um lenhador com uma tatuagem. A quem importava? Seu pai ficaria horrorizado, uma boa razão mais para pedir a Bud que se deitasse com ela.

Deitar-se com um homem que acabava de conhecer era um comportamento arriscado, sabia, mas se sentia segura com Bud, e também sabia que tinha razão ao sentir-se segura. Confiava em seu instinto. Claire sabia que era jovem e inexperiente em algumas coisas — sobretudo no aspecto sexual— mas não no que de verdade importava. Enfrentou à morte duas vezes e tinha ganho.

Enquanto outras jovens de sua idade observavam os rapazes quando passeavam, compravam seu primeiro batom e experimentavam o sexo, ela tinha estado conectada aos monitores do coração, com uma dor constante e lutando por cada sopro de ar que respirava.

Sabia mais que a maior parte das pessoas sobre vida e morte, perigo e segurança. Conhecia bem a si mesma e sabia que não estava equivocada ao desejar esse homem. Que não estava equivocada sobre ele. Não era um maníaco, nem cruel, nem um perverso. Não ia machucá-la nem fazer com que se sentisse suja. Achava-o incrivelmente erótico, o primeiro homem em sua vida que a fazia sentir-se assim.

Sem nenhum lugar a dúvidas, Bud era o homem apropriado para este trabalho.

Ele estava na porta do carro, abrindo-a e lhe estendendo a enorme mão antes que ela tivesse acabado de pensar. Essa era outra coisa que gostava dele, seu muito antiquado e politicamente incorreto código de cavalaria. Tinha a defendido no Warehouse, tinha a protegido dos empurrões e se assegurou de que chegasse em sua casa sã e salva.

Assim lá estava.

Agora que já se decidiu, a mecânica do assunto — como passar de estar totalmente vestida em uma noite de neve a nua na cama — era quase uma provocação entristecedora. Isso a preocupou durante todo o trajeto até a porta, trajeto no qual Bud a manteve segura pelo cotovelo para que não escorregasse na neve.

Como diabos funcionava isto? Tinha compreendido ele que lhe pedia que fizessem amor? Ou era ela que tinha que fazer o primeiro movimento? O mais provável é que primeiro tivesse que



fazer o café, já que o tinha oferecido, mas depois o que? Puxar a conversa sobre fazer amor e dizer algo provocativo?

Isso não parecia próprio dela absolutamente.

Levantar-se e começar a despir-se? De maneira nenhuma.

E, além disso, nem sequer sabia se tinha café. Não era muito cafeteira e não tinha nem idéia de como funcionava a nova e complicadíssima cafeteira italiana que Suzanne tinha instalado.

Por que não tinha convidado Bud para tomar chá? O chá sim sabia fazê-lo. Só que ele não parecia o tipo de homem que gostasse de chá.

Oh, Deus. Talvez isto não fosse uma boa idéia.

Não. Deu uma olhada ao enorme e atraente homem que ia a seu lado, segurando-a pelo braço com suavidade, ajudando-a nas partes mais escorregadias.

Era uma grande idéia, uma idéia fabulosa. Bud Morrison era sem dúvida alguma o homem. Grande, forte, amável e tão excitante que lhe custava respirar quando estava a seu lado. Achava-o muito atraente. Parecia o tipo de homem que saberia com exatidão o que fazer com uma mulher.

Quando foi a última vez que tinha conhecido um homem assim? Nunca. Talvez tivesse que esperar outros vinte e cinco anos para conhecer outro Bud Morrison.

Não, pensou com renovada determinação. “As oportunidades terá que as agarrar ao vô. Esta era a frase que estava acostumado a usar o administrador de seu pai, claro que ele se referia a desfazer-se das ações da Microsoft e comprar bônus do tesouro da Eslovênia, não a encontrar um homem para deitar-se com ele, mas o princípio era o mesmo. Era agora ou nunca.

Talvez ela não tivesse que fazer quase nada se lhe deixasse tomar a iniciativa.

Talvez tudo fosse simples e natural. Beijariam-se e iriam ao dormitório e logo, por fim, começaria sua vida como mulher.

Exceto por uma coisa.

Ela não sabia beijar.

Porque tinha que começar com um beijo, verdade? Seguro que isso era o prelúdio para fazer amor, não?

Se desse um fora no princípio, como ia passar à Fase Dois? Suspenderia a prova do beijo, sabia que a suspenderia.

Era uma vergonha que não tivesse beijado nunca um homem, mas não tinha sido culpa dela. Não de tudo. Ou sim? Em algum momento, nos últimos dez anos, tinha havido alguém com quem teria podido praticar se tivesse estado atenta? Não, se pensasse bem, seu único contato com homens tinha sido com doutores muito pouco —pouquíssimo— atrativos, enfermeiros ásperos, os molengos da Fundação Parks — a maior parte dos quais prefeririam beijar antes o traseiro de um chimpanzé que a boca de uma mulher— e seu pai ancião, que sempre lhe dava beijinhos nas bochechas.

Tinha recebido sua boa razão de beijinhos na bochecha, mas nenhum beijo de amor. Beijo francês.

Ou como chamasse. Cara a cara, entre os braços de um homem, com a boca aberta, beijos com língua. Essa coisa da língua sempre a tinha parado um pouco porque embora se supusesse que era emocionante e excitante —todos os livros diziam— soava mais bem asqueroso. A língua



de alguém em sua boca. Argh. Mas se isso era o que terei que fazer para desfazer-se da virgindade...

Como funcionava a coisa? Abria um pouco a boca e a apertava contra a do homem?

E como se supunha que sabia o momento apropriado? Você abria a boca e ele franzia a sua e a fechava? Não seria embaraçoso? Ou talvez fosse o contrário. Você a franzia e ele a abria?

OH, Deus, isto não ia sair bem, não, pensou frenética enquanto procurava as chaves na bolsa. As mãos tremiam e a mente voava.

Sua bolsa caiu e quase se pôs a chorar ali mesmo.

—Sinto muito. —sussurrou ela com um som afogado, lançando a Bud um horrorizado olhar de desculpas e começou a agachar-se.

—Permita-me. —murmurou ele. Inclinou-se com elegância, recolheu as chaves e como por arte de magia abriu a porta em um segundo. Outro segundo e já estavam dentro e ela planejando o que dizer a seguir e... a mente ficou em branco.

Completa e totalmente paralisada.

Estava beijando-a. Beijando! Assim fácil.

Não precisava que espremesse o cérebro, nem que fizesse planos nem que se preocupasse, porque Bud se ocupou de tudo. Bud tinha fechado a porta, tinha-a envolvido entre seus braços e tinha inclinado a cabeça.

E aparentemente, sua boca, por sua conta, soube o que tinha que fazer. Tinha-lhe aberto os lábios com um giro dos seus e com a língua acariciou sua boca, deslizando-a dentro e, Oh Deus, uma descarga elétrica a atravessou com tanta intensidade que lhe cortou o fôlego.

Era tão delicioso. Como podia haver perdido isso todos aqueles anos?

A língua era um pênis. Por que não tinha compreendido ao ler sobre os beijos? Uma parte do corpo do homem no corpo da mulher, acariciando ritmicamente. Puro sexo.

Funcionava à inversa? Ela não tinha pênis para colocá-lo no corpo dele, mas poderia... Claire ficou nas pontas dos pés para ter um melhor ângulo e lambeu sua língua, colocando a sua entre seus lábios. OH céus, funcionava! Bud estremeceu, gemeu e seus braços a apertaram com mais força.

Estava sendo bombardeada por sensações, todas novas, todas eletrizantes, incríveis e excitantes. Puro prazer explosivo e ardente.

Um movimento e a bolsa caiu no chão com um golpe seco e a capa desapareceu. Agora poderia levantar os braços e passá-los por aquele pescoço tão forte e ficar ainda mais na ponta dos pés... e nesse momento lhe pôs uma mão enorme no traseiro, apertando-a contra sua virilha, com força. Com muita força. Deus estava duro, duro por toda parte, mas, sobretudo ali. Bud voltou a pressionar com a mão e através das camadas de roupa notou o pênis. Um pênis ereto.

Ela tinha passado toda a vida sem estar de todo segura de que o pênis do homem não fosse só um mito, e aqui, no espaço de uma só tarde havia sentido dois. Eretos, por favor. O do Horripilante e o de Bud.

O pênis de Bud não era absolutamente como o do Horripilante. Em primeiro lugar, era maior. Muito, muito maior. E não a aterrorizava, excitava-a.

Sim, ela, Claire Parks, que segundo todos deveria estar morta fazia anos, com os ossos



apodrecendo na frieza da terra, estava excitada. O calor a alagava em ondas líquidas. O calor que se tornava quase incandescente nos peitos e as coxas. Toda ela queimava e o corpo vibrava cheio de calor e vida.

Moveu os quadris contra ele e notou como Bud ficava ainda maior, e o sentiu estremecer e gemer dentro de sua boca. As três coisas ao mesmo tempo, e ficou deslumbrada durante uns segundos ao compreender que era ela que tinha conseguido isto. Ele era muito grande e muito forte e ainda assim ela tinha o poder de fazê-lo arder. Fazê-lo tremer. Fazer com que os batimentos de seu coração fossem mais depressa e que seu pênis se erguesse.

Uma onda de eletricidade lhe percorreu o corpo quando sentiu pela primeira vez o poder de sua feminilidade. Fazia bem agarrar-se à vida com tanto desespero porque esta —esta— era a essência da vida mesma.

E beijar, como diabos tinha podido passar sem beijos? Sem esta excitação tão ardente e doce. A língua de um homem em sua boca era a experiência mais intensa que poderia imaginar. A língua de Bud era suave, insistente, acariciando a dela. E da mesma forma em que seus movimentos tinham criado mudanças excitantes no corpo dele, essa língua enredando-se na sua fez com que uma onda de calor lhe alagasse os seios e originou uma revoada em suas coxas.

Não, um momento... a abraçou com mais força, beijou-a, colocou a língua ainda mais dentro e ela sentiu... sentiu uma revoada na vagina!

Não havia nenhuma dúvida e pela primeira vez em sua vida foi consciente de sua vagina como uma entidade separada. Sentiu a revoada outra vez e o calor líquido a alagou, como se um pequeno sol tivesse florescido ali de repente. Ou meu Deus, estava tendo um orgasmo? Seus joelhos dobraram-se e teria caído se não estivesse incrustada no corpo forte e grande de Bud, segura com força entre seus braços.

Os braços afrouxaram seu agarre. Não caiu, mas o mundo girou sobre seu eixo. Ele a tinha levantado e a levava a algum lugar. Onde? Não importava. Seus próprios braços estavam ainda lhe rodeando o pescoço e sentiu o jogo fascinante dos músculos do ombro quando a levantou.

Bud separou a boca um segundo, o bastante longe para falar, mas o suficiente perto para sentir o quente fôlego sobre ela.

—O dormitório. —disse ele com voz áspera.

—Sim. —suspirou ela. Sim, o dormitório era uma idéia maravilhosa.

Ele soltou uma espécie de grunhido que se pareceu muito a uma risada sufocada.

—Onde?

Cobriu-lhe o rosto de beijos e lhe acariciou o queixo com o nariz. Que maravilhosas texturas tinha esse homem. Tinha barba. Ia barbeado, mas sentia a aspereza da barba na pele quando lhe esfregou com a bochecha. A pele era áspera até a metade da bochecha, logo se suavizava lá onde acabava a barba. Era fascinante a diferença entre os dois. Lambeu aquela linha divisória e a respiração dele se fez mais rápida. Bud respirou profundamente durante um ou dois segundos.

—Onde? —voltou a perguntar e a palavra ricocheteou contra seu cérebro deslumbrado sem chegar a penetrar.

—Onde o que? —murmurou ela. Deus, o homem era fascinante. Aspirou com força e cheirou a sabão e almíscar e o persistente aroma de tabaco e outras coisas do Warehouse.



Outra vez, aquele áspero grunhido. Risada?

—Onde. Está. O. Dormitório?

Claire suspirou e o acariciou com o nariz e o lambeu. As palavras eram simples sons dentro de sua cabeça. Beijou-o com a boca aberta, estavam em um alinhamento perfeito, com os lábios juntos, justo na posição correta, como se ela tivesse estado praticando como beijar durante ao menos cinquenta anos.

Claire soube que ia ser muito boa sexualmente falando.

Bud afastou a boca e ela notou os lábios úmidos, frios e inchados. Por que não estava devolvendo o beijo?

—Claire — murmurou ele—, querida, preciso saber onde está seu dormitório antes que nos choquemos contra a parede. Ou isto ou faremos amor na cozinha, ou no banheiro, ou no armário ou aqui mesmo no chão. Você escolhe. Mas faça agora.

—O dormitório — suspirou ela e o beijou outra vez. Voltou a falar sem afastar a boca, levantando a mão direita de seu pescoço e assinalando— Ali, segunda porta à direita.

Com aquelas instruções não ganharia nenhum prêmio como menina exploradora, mas Bud encontrou o caminho sem nenhum problema. Foi sem uma falha para a direção correta e em um instante estavam no dormitório.

Claire odiava a escuridão e sempre deixava acesas algumas lâmpadas. A de seu dormitório era uma flor de broce que segurava um pequeno globo de uma pálida luz amarela. Era suficiente luz para que Bud pudesse ver entre uma neblina dourada, mas não o suficiente para danificar a atmosfera.

Bud não jogou nenhuma olhar ao quarto, embora ali Suzanne se superasse.

Era bonito e feminino, com vasos cheios de flores frescas e velas de aromas. Claire tampouco jogou um olhar a seu redor e isso que ia ser sua primeira noite na casa.

Como ia olhar uma cama com quatro colunas e uma penteadeira Shaker com gavetas quando podia estar olhando para Bud, que a observava com tanta paixão em seus olhos dourados que pensou que derreteria?

Baixou-a com suavidade, ainda beijando-a, e lhe tirou as varinhas kabuki do cabelo. Afastou-se para olhar a cascata de cabelo sobre os ombros, introduzindo os dedos entre as mechas.

—A roupa. —grunhiu e lhe pareceu muito bem, levavam muita. Bud se inclinou para agarrar as dobras de seu vestido de caxemira do Valentino. Um rápido puxão e voava sobre sua cabeça. Ela começou a deixar cair os braços, mas ele a agarrou pelos pulsos com uma enorme mão e a olhou com a respiração entrecortada, um olhar ardente que a percorreu de cima a baixo.

Claire sabia o que ele estava vendo, por isso o olhou nos olhos, entendendo o que pensava. Ele via alguém magro tal como estava na moda, mas com algumas curvas.

As curvas eram algo novo e havia feito muito esforço para consegui-las. Uma vez tinha chegado a estar tão magra que sofreu dos rins. A perda de peso tinha sido tão grande que deixou de ter a menstruação e tiveram que receitar a pílula.

Mas agora estava bem; comia até empanturrar-se para continuar igualmente bem. Mais que bem, a julgar pela expressão de Bud. Baixou o olhar para observar a si mesma. O vestido tinha um pescoço muito amplo assim pôs um sutiã sem alças e umas calcinhas de corte muito alto para que



não marcasse a linha da roupa de baixo. Negras. E as meias negras até a coxa porque odiava as meias calças.

—Cristo — ofegou ele—, está muito sexy.

Sua roupa de baixo que ela tinha escolhido só porque era prática, resultava agora que era... sexy?

Pois aparentemente sim. O olhar nos olhos de Bud a fez sentir uma deusa do sexo. O poder surgiu nela, sentiu-o como um formigamento nas pontas dos dedos quando se contorceu enquanto Bud a mantinha segura com força.

Ele tinha estado estudando os seios, dando-se conta provavelmente que os mamilos haviam ficado duros.

Parecia o tipo de homem que percebia algo assim. Permaneceu muito tempo com o olhar cravado em seu corpo, voltando a elevá-lo pouco a pouco até que a olhou nos olhos outra vez.

Bud passou uma mão por detrás e desabotoou o sutiã, deslizou a mão até o quadril e se deteve no traseiro fazendo que os dedos passassem sob o elástico das calcinhas e puxando para baixo até que bordejaram seus quadris e deslizaram até os tornozelos, deixando-a só com as meias negras e os saltos.

Bud lhe soltou as mãos. Ela tirou os sapatos, fez rodar as meias para baixo e já estava nua.

Claire já tinha estado nua antes diante de um homem, claro. Os doutores tinham visto — e espetado e estudado— seu corpo nu quando tinha estado fraca e abatida. Mas esta era a primeira vez que estava nua diante de um homem que a olhava com fogo nos olhos e um ardente desejo.

Bud voltou a lhe agarrar os pulsos e se inclinou, mas em vez de beijá-la na boca, a beijou em Oh Deus!— um seio. Beijou e lambeu, com sua cálida língua sobre a ardente pele. Passou-lhe o braço livre pelas costas, dobrando-a para trás. Abriu a boca sobre o mamilo e começou a chupar, com força.

Queimava-se, como se um ardente arame fosse diretamente do mamilo até o mais profundo da vagina e a eletricidade surgisse daquele arame com cada um dos movimentos da boca dele.

Bud levantou a cabeça de repente, como se ela tivesse falado, embora lhe fosse impossível pronunciar uma só palavra. Tinha-a bem agarrada, em um arco, com os pulsos em uma de suas enormes mãos e dobrada sobre o outro braço. Deveria ter-se sentido fraca e impotente, presa nos braços de um homem tão forte e poderoso, mas não se sentiu assim. Sentiu-se grande e poderosa, e também forte.

—A primeira vez terá que ser rápida, e seguro que também a segunda, mas te juro que na terceira irei mais devagar. —Sua voz era densa, as palavras estavam mal articuladas e não as entendeu.

Mas seja o que fosse que houvesse dito, só havia uma resposta.

—Certo. —disse suspirando.

Em questão de segundos Claire estava deitada na cama e um Bud nu a montava, separando-lhe as pernas com os joelhos e colocando-se com todo seu peso sobre ela. Claire nem sequer tinha tido a possibilidade de ver seu corpo. Ele tinha tirado a camiseta, os sapatos, as meias três - quartos, as calças e a cueca em um movimento que de tão rápido foi impreciso ao mesmo tempo que se ouviu uma espécie de rangido quando tirou algo do bolso das calças.



Mas ela podia sentir, e senti-lo foi maravilhoso. Um pênis pesado e quente e peludo e musculoso e grosso que lhe empurrou a coxa como uma barra de aço quente.

Tudo estava ocorrendo tão rápido que não teve tempo de pôr em ordem suas sensações, seus sentimentos. Ele se deixou cair em cima e a acariciou entre as pernas durante uns segundos, roçando as dobras do seu sexo. Logo usando o indicador e o dedo do meio para abri-la, encaixou a cabeça do pênis ali mesmo, em sua abertura.

Sempre que Claire tinha pensado na perda da virgindade — e tinha pensado muito nisso — imaginou algo mais lento. Mas isto por si mesmo tinha uma poderosa beleza. Aquele torvelinho selvagem a tinha pego despreparada e soube que tinha que agüentá-lo. Custasse o que custasse.

O pênis de Bud era muito... grande. Bom, ele era um homem grande. O corpo muito musculoso e as longas extremidades eram parte de seu atrativo. Pela primeira vez lhe ocorreu que é obvio um homem tão grande como ele, de mãos e pés enormes, teria também um pênis grande.

Isto ia doer. Sabia, sabia que havia uma membrana que tinha que romper-se e estava preparada. Ao sentir o enorme tamanho da cabeça protuberante apenas dentro de sua entrada, deu-se conta que isto ia doer mais do que tinha imaginado. Já começava a ser bastante doloroso, seus músculos internos estavam estirados até o máximo.

Nenhum problema. Claire conhecia a dor, sabia enfrentá-la e ela sabia todos os truques da mente para lhe fazer frente. Ele empurrava devagar e uma parte da excitação a abandonou quando sentiu a queimação. Deixou que sua mente flutuasse a grande altura por cima de seu corpo, distanciando-se do que acontecia...

O sobressalto do corpo de Bud a fez descer de novo à terra. Alavancou-se a si mesmo sobre os braços, fazendo que os bíceps inchassem, e ficou com o olhar cravado nela e com sobrancelhas avermelhadas franzidas em um intenso cenho.

—É virgem — disse ele e não era uma pergunta.

OH não. Ele não podia voltar atrás agora, não, não, não.

Claire o rodeou com suas pernas, baixou-lhe a cabeça, aproximando-a do rosto dela e o olhou nos olhos com ferocidade.

—Sim, sou virgem, mas não por muito tempo. Não se fizer isto bem.

Capítulo 4

Bud tinha passado trinta e seis anos nesta terra sem foder uma virgem e não tinha nenhuma intenção de começar agora. Isso era um problema muito maior do que ele podia assumir. A primeira vez de uma mulher deveria ser especial e ele não era ninguém especial. Além disso, sabia que era grande. Às vezes tomá-lo era inclusive difícil para as mulheres que fodiam muito.

Tinha-a machucado, agora começaria a chorar e ele se sentiria malvado. Nem pensar.

Uma virgem... merda. Não, de maneira nenhuma, não ia ocorrer.

E no caso que acontecesse logo o que? Olhá-lo-ia com olhos sonhadores, talvez se colasse a ele e o seguiria sem trégua aonde quer que ele fosse. Não, não queria confusões, não queria a



linda Claire Schuyler seguindo-o a todos os lados.

Assim deu umas desculpas, recuperou a roupa e esteve na porta em um tempo recorde. Voltou para seu apartamento para dormir umas horas e logo se dirigiu para a costa. Nancy estava livre este fim de semana e ele a fodeu até que a deixou arrebetada. Diabos, a fodeu até que ele ficou arrebetado.

Na segunda-feira pela manhã voltou para trabalho com os hormônios já tranqüilos e uma princesa com os olhos muito abertos completamente esquecida.

Isto é o que aconteceu aquele universo alternativo, aquele aonde ele pensava com a cabeça e não com o membro.

No universo daqui, no do membro, o que aconteceu foi que o coração se espremeu e lhe saiu todo o ar dos pulmões de repente.

As esbeltas pernas de Claire estavam entrelaçadas rodeando-o como se ela fosse bastante forte para mantê-lo ali. Talvez fosse, porque ele não tinha a menor intenção de ir a nenhum lugar.

—Bud? —murmurou ela. Aquele olhar feroz tinha desaparecido de seu rosto e agora quando o olhava nos olhos parecia perdida e muito jovem. Inocente e tão bela que lhe parou o coração.

—Não me deixará?

—Não. —Notava a voz espessa na garganta e teve que esperar um segundo antes de continuar. Deixá-la? Nem que lhe estivessem apontando com uma pistola na cabeça— Estou aqui, não vou a nenhum lugar. Mas agora temos que fazer isto de outra maneira.

Os olhos azul céu se abriram surpreendidos.

—Estávamos fazendo errado? —perguntou ela.

—Não, não exatamente errado, só... —negou com a cabeça— Não importa, deixa que lhe ensine isso.

Claire tinha relaxado as pernas o suficiente para que ele deslizasse fora. Ficou em um lado da cama e colocou uma mão em seu ventre que quase lhe abrangeu os quadris. Ficou ali sentado um momento, olhando-a, olhando-a de verdade. A esbelteza, a delicadeza, quase a fragilidade dela tinham sido atraentes antes, mas agora o preocupavam um pouco.

Ele não era nada delicado quando fodia. Nem sequer se preocupava desse assunto das preliminares. Geralmente só empurrava dentro. A classe de mulheres com as quais e se encontravam iam direto ao ponto, ao básico, a membro na vagina, sexo forte, vigoroso e durante horas. Essa era sua especialidade. Não tinha nem maldita idéia de como deflorar a uma delicada princesa.

Bom, aparentemente ia ter que aprendê-lo em cima da hora.

Ela continuava olhando-o com aqueles enormes olhos azuis.

—Olhe Claire — disse Bud com suavidade. Mal reconheceu sua própria voz. Deslizou a mão e a pôs sobre o púbis, o que quase o fez gemer. O pelo escuro era suave, sem cachos, um prazer ao tato. Acariciou-a ali durante um momento, logo baixou mais a mão, deslizando os dedos pelas dobras de seu sexo. Estava escorregadia e bastante excitada, mas não o suficiente.

—Você gosta verdade?

—Sim — disse ela com um suspiro.

Então baixou a mão um pouco mais para lhe colocar um dedo. Só um só um pouco, e ela se



sobressaltou.

—Você já não gosta tanto, verdade? E isto é só meu dedo. Olhe meu... — Bud se deteve a tempo. Tinha estado a ponto de dizer pau e o haveria dito com qualquer outra mulher. Mas não era a palavra apropriada. Não agora. —Olhe-me.

Ela entendeu o que queria dizer e ambos olharam seu colo, onde a ereção se moveu e cresceu sob o olhar dela. A camisinha fazia que o pênis brilhasse, como se o iluminasse um foco.

Todo mundo armava um montão de animação sobre o tamanho, mas Bud não dizia nada. Não era do tipo de homem que se entretinha nos vestiários comparando tamanhos para sentir-se importante. Era um cara grande, sempre tinha sido, e ter um membro grande era o lógico. Quão único significava para ele era que às vezes tinha que ser um pouco mais cuidadoso com as mulheres.

Muito cuidadoso agora. Pela primeira vez em sua vida, lamentava não ser um pouco menor.

Bud acariciou Claire, sentindo na mão como ia aumentando a umidade. Agora podia colocar o dedo um pouco mais.

—Não quero machucá-la, querida. Faremos isso com tranquilidade e pouco a pouco, de acordo?

Ela assentiu com uma pergunta naqueles enormes olhos.

—Isto... — calou-se envergonhada, e colocou o delicioso lábio inferior entre duas filas de dentinhos incrivelmente brancos.

—Isto o que, querida? —perguntou, mantendo a voz suave. Continuou acariciando-a, empurrando o dedo um pouco mais dentro com cada empurrão.

Os olhos de Claire se desviaram para seu pênis e logo se elevou para seu rosto.

—Isto funcionará, não é? Quero dizer... — se ruborizou—, caberá, não é?

Bud era bastante inteligente para não sorrir.

—Sim. —lhe disse com suavidade—, caberá. Só faremos isso unicamente quando você estiver pronta. Abre mais as pernas para mim, Claire.

Ela obedeceu imediatamente, as separando, e o coração deu um salto no peito. Esforçava-se tanto por agradá-lo, observando-o com atenção para saber o que queria, como se o centro fosse ele e não ela.

A princesa não tinha medo dele, isso estava bem, mas tampouco a queria ansiosa. Ele não necessitava que o excitassem isso era certo. Já estava duro como uma pedra e tinha que esforçar-se para não gozar devido à tensão dos músculos da virilha. Explorou com o dedo, observando-a, medindo sua respiração. Quando a respiração dela se acelerou, ele acelerou as investidas. Dentro e fora em um ritmo lento e regular.

Ela abriu um pouco a boca, para poder colocar mais ar nos pulmões. Bem.

Colocou mais o dedo, logo se deteve. Sentiu-o, e um enorme nó de emoção encheu seu peito. O hímen. Meu Deus.

Pela primeira vez em sua vida entendeu por que alguns homens davam tanto valor à virgindade. O fato de que nenhum homem a tivesse tido, que nenhum homem a houvesse tocado que o membro de nenhum homem tinha entrado nessa pequena vagina... era alucinante.

Inclusive com a camisinha posta, sentiu a umidade que fluía pela cabeça do membro, estava



tão excitado. Tinha-a machucado, se não fosse por isso mesmo, já montaria de um salto sobre ela e bombearia forte. Poderia ficar com ela até a semana seguinte.

Não tinha tido uma vida fácil e tinha tido suas perdas ao longo do caminho. O que agora ocorria lhe parecia quase um milagre, como se alguém lá em cima compensasse todos esses anos de vida dura jogando esta linda mulher assombrosamente intacta em seu colo.

Dele dependia que saísse bem.

Vamos por partes. Ela precisava acalmar-se. Ele também.

Bud desejou ter sido um mulherengo, alguém capaz de usar palavras doces. Não era. Vivia em um mundo de homens. Diabos, na delegacia de polícia, até as mulheres eram como homens.

Eram duras, cínicas e desbocadas, como os outros tiras. Ele nunca tinha cortejado uma mulher. Todas suas relações tinham estado apoiadas no sexo. Oxalá tivesse agora as palavras apropriadas para este momento. Mas já que não era assim, teria que usar as palavras que tinha.

—É linda. —disse baixinho, olhando como sua mão entrava e saía, mais úmida por segundos. Sentia as paredes da pequena vagina ardentes e cada vez mais brandas.

—Linda por toda parte, e tão suave. Não posso afastar as mãos de você. —A outra mão deslizou até o peito esquerdo, tocando com cuidado aquela pele lisa de marfim, acariciando até que sentiu a pele do peito ardendo. Ela suspirou quando lhe acariciou o mamilo com o polegar. Tornou-se de uma profunda cor rosada e ficou rígido sob sua mão— Quero fazê-lo bem. Vai ter que me dizer o que você gosta, querida.

Ela esboçou um sorriso.

—A verdade é que não sei o que eu gosto. O que sei é que eu gosto do que está fazendo agora.

—Isto? —Mantendo um dedo profundamente dentro dela, acariciou o clitóris com o polegar e viu como os músculos do ventre se contraíam. Ele moveu o quadril sem querer e seu membro se levantou como se tivesse uma mente própria. Queria estar dentro dela agora. Queria fodê-la agora. Demorou uns segundos para controlar a respiração— Você gosta disto?

—Sim. —respondeu ela sussurrando a palavra.

Bud se inclinou e meteu o outro mamilo na boca, e chupou, movendo o dedo central com suavidade dentro dela, acariciando as estreitas paredes. Ela estava agora muito, muito mais molhada e o dedo entrava e saía com facilidade.

Ele afastou um pouco a boca.

—E isto? —E deslizou outro dedo dentro.

—Bud — ofegou Claire, subindo as mãos e lhe acariciando a cabeça, o pescoço e os ombros. A carícia foi suave e delicada, mas ele a sentiu até no membro. Inchou e quase perdeu o controle. Maldição, quase tinha gozado quando ela arqueou as costas e abriu ainda mais as pernas para ele.

Teria gostado de acariciá-la durante horas, mas isso não ia ocorrer. Se fosse um cavalheiro faria a si mesmo gozar com a mão e seguiria com as carícias, mas não o era. Estava suando pelo esforço de não investir dentro dela.

Claire tinha que gozar primeiro e ele sabia a forma mais rápida de conseguir isso.

—Você também gostará disso. —sussurrou sobre a suave pele perfumada de seu pescoço e começou a percorrer seu corpo para baixo com beijos.



A puxou até que suas nádegas ficaram na beira da cama e ele se ajoelhou no chão colocando as pernas sobre os ombros. Durante um momento se deteve e ficou olhando. Era tão bonita ali também. As dobras de marfim estavam rosadas, reluzentes e tenras, pequenas e suaves, rodeadas de um suave pelo negro. Com o olhar percorreu seu corpo e lhe cortou a respiração. Estava olhando-o com os olhos cheios de calidez, como o céu durante um caloroso dia do verão. Não havia ali nada de medo, nada de ansiedade.

Havia um completo silêncio no dormitório. Fora, a neve apagava todo o ruído da cidade. Era como se eles fossem os únicos seres humanos vivos na terra, só os dois em um silencioso quarto em sombras.

Bud inclinou-se e soprou sobre aquela pequena e suave vagina. As pernas dela se agitaram em cima de seus ombros. Ele a abriu com os dedos e pensou em uma flor abrindo-se.

Estava claro que Claire o tinha enfeitado certamente era isso.

Rara vez dava sexo oral e quando fazia não pensava em termos de pétalas rosadas e flores abrindo-se. Fazia o que tinha que fazer para abrandar a mulher, para molhá-la, e assim assegurar-se que poderia tomá-lo. Às vezes como agradecimento lhes dava de presente sexo oral. A ele particularmente não gostava. Era um trabalho, parte do preço por ter relações sexuais.

Agora não podia imaginar nada que desejasse mais que saboreá-la.

Pôs a boca sobre ela e a beijou, igual a se beijasse os lábios de sua boca. Sentiu mais que ouviu a profunda inspiração dela, e soube que não era de dor.

O sabor era maravilhoso, fresco e delicadamente temperado, tudo de uma vez. Por que não tinha gostado nenhuma vez antes de lambe o sexo de uma mulher? Era deliciosamente íntimo sentir toda essa brandura com os lábios e a língua. Podia-se medir sua excitação muito melhor com a língua que com o membro e poderia fazer que estivesse mais molhada para que tomasse com mais facilidade.

Se não fosse porque seu membro estivesse tão duro — parecia que estava assim desde séculos, estava deixando-o louco— poderia fazer isto durante horas, beijá-la, deslizar a língua dentro e fora de toda aquela brandura e calidez amadurecida. Os dois sozinhos, o mundo exterior esquecido, ela jogada na cama com o brilhante cabelo a seu redor, como um sacrifício pagão, e ele ajoelhado a seus pés, amando-a com a boca. Quão único se ouvia era a agitada respiração dela e os deliciosos, úmidos e eróticos sons que fazia sua boca na vagina.

Mantinha-a aberta com os dedos enquanto a acariciava com a boca, entrando e saindo.

Assombroso. Via e sentia exatamente o que lhe estava fazendo. As dobras do sexo se voltavam de um rosado mais profundo e reluziam com a umidade.

As paredes do músculo se contraíram e o membro palpitou como resposta. Acariciou-a ainda mais dentro com a língua, esfregando as paredes e as pernas de Claire tremeram sobre seus ombros.

Ela gemeu com suavidade e ele quase gozou lá mesmo, esticou os músculos ao redor do membro, e se concentrou com desespero para não gozar. Com a língua explorou mais profundamente.

Claire gritou e logo ele o sentiu, sentiu seu clímax na boca, as brucas e pequenas contrações.



Também o viu. Afastando-se justo um pouco viu as rítmicas contrações da malha rosada escura e foi a coisa mais excitante e impressionante que jamais tinha visto.

Mas não podia olhar muito mais porque agora era o momento. Agora, agora, agora.

Movendo-se com rapidez, Bud a colocou no meio da cama e a montou, tremendo de excitação. Tinha que colocar o membro enquanto ela ainda gozava e assim a dor de perder a virgindade se perderia no clímax, mas era tão difícil concentrar-se. Tão difícil não embebedar-se com os aromas e texturas de Claire. Queria chupar seus seios, tocá-la por toda parte, entreter-se nos lugares sensíveis, enterrar a cara naquele glorioso cabelo, mas não havia tempo.

Rodeou-lhe a cabeça com as mãos e a olhou. Tinha o membro tão duro que não precisou colocá-lo. Ele sozinho soube aonde ir. O colocou devagar, olhando-a no rosto. Queria beijá-la, mas precisava observar sua reação.

Com as mandíbulas apertadas para evitar seu próprio clímax que se precipitava ao longo da coluna vertebral, ardendo de excitação, Bud contraiu as nádegas e empurrou. Ela ainda estava gozando e sentia como as paredes, molhadas e apertadas, espremiavam-no. Tinha todos os músculos do corpo tensos, estremecidos, controlados com muita dificuldade. A testa se encheu de gotas de suor. Empurrou mais.

Claire o estava observando, olhando-o nos olhos e ambos aspiraram com brutalidade quando ele alcançou a virgindade, um forte som no silêncio do quarto.

—Agora. —murmurou ela.

—Sim. —respondeu ele, apertando o traseiro e empurrando. A membrana se estirou ligeiramente e logo rompeu, e ele estava dentro pressionando contra o útero. Claire fechou os olhos e o rodeou com os braços quando ele enterrou a cara em seu pescoço.

Foi muito. Bud estava morrendo de uma sobrecarga sensorial. Aquela nuvem de cabelo - Cristo, ela tinha tanto cabelo que dava para servir de almofadão para seis pessoas—, a delicada e esbelta figura em baixo dele, a pequena e apertada vagina que nesse mesmo momento acabava seu clímax em contrações cada vez mais espaçadas. Cada músculo, cada nervo de seu corpo enlouqueceu. Por sua própria conta, seu corpo começou a empurrar duas, três, quatro vezes e —oh Deus meu— já tinha terminado. Assim rápido.

Sim.

O próprio senhor Resistência, o mesmo cara que afirmava que era famoso por sua capacidade de foder durante horas, tinha de repente uma ejaculação precoce. Estremeceu-se dentro dela com duros espasmos, respirando com força, submerso em um prazer alucinante. Estalava-lhe a cabeça e um grito foi subindo pela garganta, mas mordeu o travesseiro para sufocá-lo, sabendo com as poucas células do cérebro que ficavam que era uma sorte que não a mordesse.

Foi fracamente consciente que o prazer de Claire tinha desaparecido absorvido pela dor de perder a virgindade. Não seria cortês mostrar quão explosivo era seu próprio prazer. Entretanto havia algumas coisas que era impossível controlar. Enterrou os dedos dos pés no colchão e com as mãos a agarrou pelos quadris quando tentou com força penetrá-la ainda mais profundo. Apertou os dentes, tentando não gritar, mas nada teria podido deter o rugido do ar que saía e entrava em seus pulmões.

A ereção estava durando muitíssimo tempo, estava completamente descontrolado, nada



podia contê-lo. Gozou, gozou e gozou. Os quadris se moviam por reflexo; não podia parar.

Não bombeava dentro dela, não a fodia com movimentos controlados. Não, eram bem mais investidas desesperadas, nada suaves e controladas absolutamente. Só movimentos de um corpo fora de controle. Estremeceu e gemeu e grunhiu durante todo o explosivo orgasmo, ficando quase sem sentido pelo prazer.

Por fim se derrubou sobre Claire, ofegando, totalmente nocauteado. De tanto em tanto lhe percorria um estremecimento, uma sacudida elétrica, uma sobrecarga do sistema nervoso.

Pouco a pouco, muito pouco a pouco, foi recuperando os sentidos. Um após o outro, como se voltasse de entre os mortos.

Quando pôde pensar com um pouco de coerência, avaliou a si mesmo e não saiu bem.

Estava espremido em cima de Claire, provavelmente esmagando-a. Com as mãos agarrava a suave pele de seus quadris e teve que ordenar a seus dedos que deixassem de apertá-la, um por um. Não queriam soltá-la. O que ele queria era continuar agarrando-a pelo traseiro, segurá-la mais forte, penetrá-la até o fundo empurrando com os dedos dos pés. Tinha que deixá-la ir. Tinha que fazê-lo. Suas mãos eram muito fortes e certamente que estava lhe deixando hematomas.

Ainda estava dentro dela duro como uma pedra, sem nem sequer um indício de que estivesse ficando brando. Queria ficar dentro para sempre, mas tinha que tirá-lo, agora, ou a camisinha começaria a transbordar.

Já havia feito a ela bastante mal.

Ouvia seu próprio cérebro lhe enviando a mensagem. Sai, relaxa esse apertão de morte, saia dela.

A mensagem não conseguia passar mais à frente. Era como o cavaleiro solitário tentando entregar uma mensagem ao general no campo de batalha e caindo com uma bala no peito. Estava totalmente preso pela suavidade de sua pele, pelos pequenos seios sob seu torso, pela sensação de estreiteza de sua vagina, pelo aroma floral mesclando-se com o aroma do sexo. Não podia mover-se, simples assim.

Talvez devesse fazê-lo em etapas. Beijando-a, talvez. Isso não requereria ter muito controle sobre os músculos. Moveu-se para beijá-la na maçã do rosto e notou a umidade.

Ficou gelado.

Claire estava chorando.

Jesus, pois claro que chorava. O que esperava?

Bem, isso solucionava o problema de deixá-la ir. Abriu as mãos e se apoiou no colchão, saindo dela. Estava tão apertada que meio esperava que a membro fizesse um “plop” ao sair. Levantou a cabeça e com o polegar enxugou uma lágrima da pálida e perfeita maçã do rosto.

—Não chore querida. —Queria que a voz fosse firme, tranquilizadora, mas saiu áspera e rouca— Por favor.

Ela girou a cabeça para olhá-lo nos olhos e sorriu. Assombrosamente, sorriu.

—OH, são lágrimas de alegria. É que foi tão maravilhoso — disse ela passando um esbelto dedo pela sua bochecha.

Maravilhoso?

—Nunca antes havia sentido algo tão excitante. —O acariciou no queixo.



Excitante?

—É magnífico. —Aproximou-se de seus lábios.

Magnífico?

Estava sorrindo quando acabou de sair dela. Não pôde evitá-lo. Deu-lhe um beijo rápido nos lábios, logo o alongou. Ah, Jesus, ela saboreava tão bem, uma cálida bem-vinda à suavidade...

O membro tentava, às cegas, entrar nela outra vez, e teve que concentrar-se para obrigar-se a inclinar-se para trás.

Levantou a cabeça e pôs um dedo no seu queixo, no mesmo centro, na pequena e encantadora covinha.

—Temos que limpá-la. —sussurrou ele— Depois conversaremos.

Seu esbelto tórax se expandiu em um suspiro.

—De acordo. —Sorriu, acariciando o homem quando ele se levantou.

Bud encontrou o banheiro sem nenhum problema e acendeu a luz, vendo uma imagem de si mesmo no espelho oval com um marco de ferro forjado formando flores.

Parecia incrivelmente orgulhoso e contente consigo mesmo. Geralmente depois do sexo ficava nocauteado, suarento e despenteado, como quando tinha terminado uma partida de basquete de um contra um. Não se via nem feliz nem triste, só cansado. Bom, agora também estava suarento e despenteado, mas sua expressão era como a do gato que tinha encontrado um barril inteiro de creme.

Começou a tirar a camisinha e se deteve para lhe jogar um bom olhar. Estava manchada de sangue. O sangue dela. O sangue de sua virgindade. Deveria estar horrorizado, mas a realidade era que teve que conter-se para não começar a dar saltos de orgulho no muito pequeno banheiro perfumado.

Malditos infernos.

Tinha lido em alguma parte que os homens da Idade Média estavam acostumados a pendurar os lençóis ensangüentados na janela depois da noite de núpcias.

Merda, sim. É obvio que sim. Não eram idiotas os homens medievais, não, senhor. Reivindicavam sua reclamação e demonstravam ao mundo a quem pertencia a mulher. Certo, isso era algo totalmente bárbaro e primitivo, mas acaso alguém havia dito alguma vez que os homens fossem civilizados?

Baixou o olhar com rapidez para suas mãos para assegurar-se que não lhe tinham saído cabelos no dorso, logo olhou os dentes no espelho para estar seguro que os incisivos não tinham crescido de repente. Parecia um animal e não teria se surpreendido absolutamente se tivesse se convertido em um.

Bud acabou de tirar a camisinha do membro e o lavou. Ainda estava tão duro como o toalheiro de ferro, apesar da água fria. Não parecia que fosse baixar logo. Entretanto não havia nenhuma possibilidade de outra ronda. Ela estava muito dolorida.

Ah, sim? Perguntou-lhe o animal que havia nele, sim, sacana.

Quanto tempo tinha que esperar para fodê-la outra vez?

Bom, e como diabos ia saber? E como podia averiguá-lo? Não era como se pudesse ligar para algum companheiro da delegacia de polícia.



Ei, como vai tudo? Atrasou-se para o trabalho por culpa da neve? Há algum dado novo no caso Lorenzetti? Ah, e por certo, quanto tempo terá que esperar depois de foder uma virgem para voltar a fazê-lo?

Não. Pedir conselho era inadmissível.

Ao entrar na casa, tinha sido levemente consciente que havia um enorme montão de livros, mas duvidava que qualquer deles tivesse a informação que necessitava. Não podia ir pegar um livro de medicina e procurar “eliminação de virgindade”, verdade?

Certo, esta noite nada de uma segunda rodada. Olhou a virilha. O membro estava todo feliz, bem levantado, grande e preparado, chorando para fodê-la. Ouve? Disse ao membro. Esta noite não.

Amanhã.

Talvez.

Mas seguiu em posição de sentido, o grande desgraçado.

Em uma pequena penteadeira de madeira viu toalhinhas ordenadas uma em cima de outra e agarrou a primeira, uma de uma cor rosa muito pálido. Abriu o grifo e deixou correr a água até que saiu quente, molhou o tecido e retornou ao dormitório para limpar a sua princesa.

Capítulo 5

OH, Deus, pensou Claire, olhando como Bud entrava no quarto. Nunca, nem em seus sonhos mais selvagens, pôde se imaginar na cama, olhando a um homem como esse entrando em seu dormitório.

Quantas noites tinha estado na cama a estas mesmas horas, sozinha, enfrentando a dor e o desespero? Apertando os dentes, esperando superar as horas mais escuras e solitárias da noite. Sentindo na alma um profundo cansaço.

Olhar para Bud caminhando para a cama como um Viking que espregueia a sua presa era, sem nenhum lugar a dúvidas, a recompensa por manter-se viva. Por não render-se e morrer.

Era tão magnífico, todo músculos em movimento e graça masculina e...

Oh, Deus Deus Deus!

Ainda estava ereto. E de que maneira. Todos os livros diziam que os homens ficavam flácidos depois do orgasmo.

Por que ele não?

E por que pensava as pessoas que os homens sem pelo eram atraentes? Lucy havia dito que a maior parte dos homens que havia no Warehouse depilavam o peito, e o tipo com o que se escapuliu inclusive depilava a virilha.

Que tolos. Pareciam meninos.

Bud parecia um homem. Com uns amplos ombros de uns noventa centímetros de largura, bíceps fortes e grandes nos quais se sobressaíam as veias como um atleta, uma grossa capa de pelo loiro avermelhado, um pouco mais escuro que o cabelo da cabeça, cobrindo os peitorais,



estreitando-se na virilha, obscurecendo-se ainda um pouco mais e emoldurando...

Deus, era enorme. A vagina, um pouco dolorida, contraiu-se em resposta. Não acreditava que pudesse fazê-lo esta noite, embora a idéia fosse tentadora.

Era um milagre que tivessem conseguido fazer amor. O pênis quase lhe tocava o umbigo. Estava segura que não poderia abrangê-lo com a mão, mas queria comprová-lo... pessoalmente. Queria tocá-lo por toda parte, acariciá-lo, sentir todos esses músculos poderosos. Afundar o nariz nele, cheirá-lo, saboreá-lo, mordê-lo.

Bud estava sentado em um lado da cama, observando-a. Pensava acaso que estava arrependida?

Que lamentava o que tinha ocorrido? Nada podia estar mais longe da verdade. Esta era a melhor noite de sua vida.

—Está bem? —perguntou-lhe Claire, olhando-o sorridente.

Tinha o deixado pasmado. Ficou com a expressão em branco durante um momento, logo, pouco a pouco, sorriu.

—Eu que deveria perguntar isso, não? —Abriu-lhe as pernas com suavidade.

—Ah sim? Bom, pois a resposta é muito bem. Não poderia estar melhor.

Estava limpando-a entre as pernas, dando-lhe leves golpes com o tecido quente molhado. Claire se apoiou sobre os cotovelos e o observou. Era terrivelmente íntimo estar fazendo isto ali, no silencioso quarto. Este homem enorme, nu e excitado, atendendo-a, limpando-a com suavidade.

Já a tinham limpado antes, é obvio, quando estava doente, mas não tinha sido assim. Certamente que não tinha sido assim.

Ele parecia fascinado pelo que fazia, olhando a mão envolta na toalhinha e movendo-a pelas dobras do sexo. Sim, fascinado e... muito excitado.

Sem dúvida nenhuma.

Não era só o pênis ereto, embora certamente isso fosse revelador. Também tinha a respiração acelerada e as fossas nasais inchadas, para absorver mais seu perfume. A pele das maçãs do rosto estava ruborizada e tensa. Um músculo da mandíbula tinha um tic. Parecia impossível, mas o pênis se alargou. Que desperdício de magnífica virilidade, mas...

—Bud — murmurou —, não acredito que possa...

—Não, esta noite não, sei — respondeu ele distraído, com toda atenção concentrada na mão movendo-se por seu sexo. Sua própria atenção ficou também concentrada ali, na sensação da mão envolta na toalhinha quente, tocando-a com suavidade, de maneira lenta e lânguida, dentro e fora, em compridos, contínuos e úmidos leves golpes.

—Amanhã — sussurrou ela olhando-o nos olhos. Quase retrocedeu ao ver ali o ardor que fazia com que as pupilas marrom claro se tornassem ouro fundido.

—Amanhã. —repetiu ele sussurrando— Todo o dia se achar-se capaz.

Isso fez com que por um momento a respiração falhasse.

—É um encontro.

Sexo todo o dia. Uau. Isso era muito melhor que colocar as prateleiras da lavanderia e acabar



o livro do Elmore Leonard¹, que tinha sido o plano original para o fim de semana.

Ele sorria agora. Algo dessa expressão predadora, a que dizia se prepare porque vamos fazer sexo agora, tinha desaparecido. Ela se sentia mal, mas também sabia que o sexo agora doeria.

Bud colocou com cuidado a toalhinha no respaldo de uma cadeira de madeira e Claire quase suspirou ao pensar no que diria Suzanne. Suzanne ficaria histérica ante a imagem de um tecido molhado em uma Thonet original.

A Claire pouco importava. Bud podia fazer o que quisesse com o mobiliário sempre que ficasse perto dela com aquela assombrosa ereção da qual tinha toda a intenção de fazer um bom uso. Amanhã.

A expressão de Bud havia se colocado séria. Depois falaremos, havia dito antes de desaparecer no banheiro. Aparentemente já estava preparado para essa conversa.

—Querida, como é que você... — Vacilou durante um momento.

Uh, uh. Um pergunta que não queria que lhe fizesse.

Como é que uma mulher de sua idade ainda é virgem? Se olhasse como se olhasse, era patético. Era ou fazer com que ele pensasse que nenhum homem a tinha desejado antes, ou lhe dizer a verdade.

A verdade não, de maneira nenhuma. Estive muito doente, era o último que queria que soubesse. Ele colocaria... “essa” expressão na cara. A que sempre tinha seu pai, a que sempre tinha Rosa, a cozinheira que tinha estado com os Park toda a vida. A que freqüentemente tinha Suzanne. A expressão com que olhavam Claire procurando com cautela sinais da enfermidade, embora ela se encontrasse bem.

Tem muito frio? Muito calor? É conveniente que faça isto? Pode comer isto? Como está? Claire estava bem, não podia estar melhor.

Ter sexo com Bud não tinha nada a ver absolutamente com a enfermidade. Ter sexo com Bud tinha a ver com a alegria, o prazer e a vida que palpitava em cada célula de seu corpo.

—Venha aqui —ordenou ela, dando palmadinhas na outra metade da cama— Deite-se.

Bud levantou as sobrancelhas avermelhadas ante seu tom, mas se calou e obedeceu. Bem. Ela queria ação, não perguntas sobre sua carência de uma vida sexual.

Além disso, ela, agora, tinha uma vida sexual. Uma vida sexual magnífica. Ele se inclinou na cama, um metro e quase noventa centímetros de masculinidade, exibindo uns muito apetitosos músculos e um autêntico pênis vivo, totalmente ereto, minha mãe. E cada centímetro dele era todo dela.

Claire estava a ponto de compensar o tempo perdido. Prepare-se, Bud.

Claire olhou para Bud de cima a baixo. Era como um banquete de mil delicadezas exposto para ela. Deveria começar com o caviar ou com o chocolate?

O corpo de um homem era algo fascinante, mas não sabia nada absolutamente sobre ele.

O que fazer primeiro?

Ajoelhou-se a seu lado, enquanto os dois se olhavam mutuamente. O olhar dele ficou

¹ Elmore Leonard é um clássico contemporâneo da novela negra norte-americana.



cravado em seus peitos, que incharam e arderam. Um golpe de calor se estendeu entre suas coxas quando ele baixou a vista até ali.

Isso mesmo.

Claire abriu um pouco as pernas e foi como se a Bud tivessem dado uma pequena sobrecarga elétrica. Ficou rígido com os olhos fixos em seu sexo e o pênis se moveu como se tivesse mente própria.

Foi tão delicioso que dela quase deixou escapar uma gargalhada.

Abriu as coxas um pouco mais, sabendo que agora ele poderia ver as dobras do sexo, que era provável que brilhassem porque sentia fluir a umidade ante a expressão de sua cara.

Bud respirava com força, quase ofegava. Muito devagar, detendo-se durante um bom momento nos seios, foi subindo o olhar até encontrar-se com o dela.

Ele tinha os olhos turvos e entrecerrados e o olhar dourado de predador havia retornado.

—Vai me torturar esta noite, não é? —grunhiu— Sabe que não posso fazer amor com você, assim vai tentar me levar até o limite.

Torturá-lo. Certo, que idéia tão excitante.

—Mmm — Claire se inclinou para frente para pôr uma mão na coxa. Era peludo, com um pelo loiro avermelhado e grosso, uma cor um pouco mais pálida que a pele, os poderosos músculos visíveis sob a pele bronzeada se sobressaíam em longas faixas muito marcadas. Os quadríceps se esticaram sob sua mão. O pênis estava só a uns centímetros, mas não tocou ali. Haveria tempo mais tarde.

Torturá-lo, certo que sim.

Tocar-lhe a coxa desta maneira, fez com que Claire recordasse de novo quão poderoso era esse homem, o corpo enorme e musculoso. Ela não era nenhuma ameaça para ele nesse aspecto. E inclusive assim, como no Warehouse, aquele corpo lhe falava alto e claro. Poderia fazer o que quisesse com ele, e não havia nenhum motivo absolutamente para ter medo.

Sorriu.

—Acredito... acredito que farei que seja meu escravo do amor.

Os olhos de Bud se abriram assombrados. Via-se que se esforçava para não sorrir, mas os lábios se curvaram para cima.

—Seu... escravo do amor?

—Sim. —A voz de Claire foi cortante porque ao dizer isso se deu conta que isso era exatamente o que queria. Toda essa masculinidade, estendida a seu lado, sua para dominá-la.

Poder onde uma vez tinha estado tão indefesa. Um corpo magnífico estendido para ela, cujo corpo tinha estado uma vez tão débil e doente.

Seu prêmio por não morrer.

O tinha ganhado. Com toda justiça.

Apoiando os braços nos ombros, passou uma perna sobre ele, sentando-se escarranchado sobre seu peito. Era tão largo que as pernas ficaram totalmente abertas. O pelo do peito fez cócegas a sensível carne e seu sexo aberto beijou seu torso. Provou girar os quadris, saboreando a sensação do pelo e o forte músculo debaixo dela, esfregando os lábios abertos. Foi quase tão excitante como quando ele a tinha beijado ali e ela tinha experimentado seu primeiro orgasmo.



Agora o que?

Tinha sido tão delicioso quando lhe tinha segurado as mãos por cima da cabeça, como se com isso a deixasse impotente para deter o prazer que a tinha atravessado. Certo, pensou. Façamos que Bud sinta-se impotente.

Ridículo, é obvio. O homem era a personificação do poder físico. Mas ela tinha seu próprio poder, e ele era quem o tinha dado.

—Ponha as mãos por cima da cabeça. —A voz não soou como uma ordem. Mas sim suave e sem fôlego porque tinha os pulmões mais cheios de calor do que de ar. Mas teve o mesmo efeito, exatamente o mesmo. Bud estirou os braços para cima e ela quase chegou ao clímax quando os músculos do peito ondebaram ao longo de seu sexo aberto e molhado. Os olhos dourados arderam ao ouvir o necessitado gemido de prazer que escapou dela.

—O que vai fazer comigo agora? —perguntou ele com um rouco grunhido.

—Amarrá-lo para que não possa se mover. —Ignorou as sobrancelhas avermelhadas elevadas e se estirou para agarrar seus pulsos com a mão esquerda. Foi ridículo. Seus pulsos eram grossos e duros.

Mal podia abrangê-los com uma mão e muito menos os rodear. De todos os modos, fez pressão sobre eles e ele permaneceu quieto muito obediente como se Claire lhe tivesse posto um grilhão metálico ao redor dos pulsos.

—Não se mova. —sussurrou ela.

—De acordo. —respondeu ele também com um sussurro.

Bem. Sim, lá vamos.

Claire quase lambeu os lábios ante a imagem do poderoso homem entre suas coxas.

Todos esses músculos duros, desenvolvidos, todo esse áspero pelo, essa pele de cor mel escuro... todo dela.

Passou as mãos pelos braços estendidos, embebedando-se com as sensações. A pele na parte inferior dos braços era inesperadamente suave, quase sedosa. Era todo um contraste com as ásperas texturas do resto do corpo. O pelo das axilas era de uma cor mais clara, comprido, liso e suave. O pelo do peito era mais escuro, áspero e encaracolado. As duas texturas eram sedutoras. Poderia passar dias o explorando com as mãos e a boca.

Inclinou-se e beijou suas pálpebras fechadas. Aqui a pele também era suave, que contrastava com as bochechas, ásperas pela barba. Beijou, acariciou com o nariz e lambeu sua cara, centímetro a centímetro, percorrendo com a língua o traçado das sobrancelhas avermelhadas, lambendo-lhe os lábios, mordendo-lhe a maçã do rosto.

Ele estremeceu quando lhe explorou a orelha com a língua. Claire se sentou muito satisfeita consigo mesma e olhou para Bud, estirado em baixo ela.

A pele das maçãs do rosto tinha avermelhado como os lábios. Uma luz dourada brilhava com intensidade entre as pálpebras quase fechadas. As veias se sobressaíam. Todos os músculos que tinha, e tinha bastante, estavam tensos e crispados.

Essa poderia ser a imagem de quando sentisse uma enorme raiva, pensou Claire. Mas isto não era raiva.

—Coloque-se em cima do membro. —grunhiu ele.



Ela deve ter posto cara de susto porque ele negou bruscamente com a cabeça.

—Não o meta, não pode tomar. Não foderemos, deixaremos para amanhã, mas tenho que senti-la. Sente-se em cima, deixe-me te sentir.

—De acordo. —sussurrou ela.

Claire se moveu sobre seu corpo para deslizar para baixo. Ele soltou um brusco ofego quando seu sexo passou sobre a cabeça protuberante e enorme do pênis. Estava molhado. Ela também.

Claire deslizou um pouco mais abaixo até que as dobras abertas do sexo ficaram sobre a base do pênis. Foi quase tão excitante como o ter dentro. A pele do pênis quase queimava. Veludo sobre aço. Deslizou-se daqui para lá em movimentos muito pequenos e observou, fascinada, como uma grande gota de líquido se formou na cabeça do pênis, sobressaindo-se por cima de seu escuro pelo púbico.

Claire se sentou erguida, colocando as mãos sobre os fortes músculos dos ombros. Tanta força, tanto poder. Ali não havia nada brando, a pele sobre os músculos era como couro sobre aço. O que devia sentir-se ao ser tão forte? Ao saber que podia fazer quase qualquer coisa?

Ele podia ser extraordinariamente forte, mas, entretanto seu lenhador não tinha tido uma vida fácil. Estava coberto de cicatrizes. Não se tinha dado conta antes, mas agora as estava vendo sob o pelo do peito. Uma cicatriz larga e dentada suturada ao longo do esterno. Outra cicatriz branca e reta que lhe percorria o bíceps, e a pior: uma ferida aguda grande e franzida no lado esquerdo, justo sobre o coração. Tinha sorte de estar vivo.

Claire tocou a cicatriz que tinha sobre o coração.

—Alguém o machucou. —murmurou.

—Mmm —moveu um músculo na mandíbula— Não tanto como o que você está me fazendo agora. Se não se mover morrerei.

Claire riu e se inclinou para lhe beliscar a pele do ombro.

Ele não queria falar de suas cicatrizes.

Parecia-lhe justo.

Ela tinha suas próprias cicatrizes e tampouco queria falar delas. As incisões cirúrgicas ao longo da base das costas de quando tinha feito dois transplantes de medula — o primeiro tinha ido mal. E uma cicatriz de arma branca sobre o rim de quando Rory Gavett a tinha mantido como refém a ponta de faca.

Nada de falar de cicatrizes, nada de falar da dor, nada de falar do passado ou do futuro. Nada de falar de nada.

Agora ele respirava com dificuldade, pareciam ofegos, como se tivesse estado correndo. Beijou-o na boca, brevemente, o suficiente para lambe sua língua e fazê-lo gemer, logo baixou um pouco, mordendo-lhe o pescoço e os músculos do peito com breves e ligeiras mordidinhas.

A tinha encantado quando Bud lhe tinha chupado os mamilos. Também adorava, conforme averiguou quando explorou com a língua através do grosso pelo do peito e encontrou o mamilo. Era menor que o dela e estava duro como uma pedra. A auréola era de cor acobreada, muito diferente da dela que era de um rosado claro. Que diferenças tão intrigantes.

Deu voltas ao mamilo com a língua e a testa de Bud se encheu de suor, todo o corpo se



arqueou e um surdo gemido saiu do mais profundo de seu peito. Cada vez que ele se movia os ásperos cachos do peito esfregavam em seus mamilos, uma fricção que enviava ondas líquidas de calor através das veias.

—Peito — resmungou ele com uma voz baixa e gutural apenas reconhecível. Só uma palavra, como se estivesse até tal ponto perdido na luxúria que fosse incapaz de formar uma oração completa. E talvez não pudesse, porque ela certamente mal podia falar. De todos os modos, não necessitavam palavras.

Uma idéia estranha, a de não necessitar palavras. As palavras eram a moeda de mudança de Claire, quão único tinha tido para expressar-se, para defender-se, durante muitos anos. Tinha tido palavras em vez de uma vida.

Agora não as necessitava.

Bud e ela entendiam um ao outro à perfeição sem palavras. Seus corpos entendiam um ao outro.

Levantou um seio e se inclinou para ele. O cabelo caía pelos ombros e ao redor da cabeça dele em brilhantes ondas.

Era uma imagem pagã, sentada nua sobre a virilha deste homem enorme, com o sexo aberto em cima do pênis, oferecendo-lhe o seio, com o cabelo criando uma escura e selvagem cortina sobre ambos.

Claire deu um salto quando os lábios dele se fecharam com ímpeto em seu seio. Bud tinha os olhos fechados com força e os braços ainda cruzados por cima da cabeça, com os músculos avultados e crispados pelo esforço que fazia para não movê-los.

Olhou a sua boca que se movia ao lhe chupar o seio, sentindo de uma vez, ao mesmo ritmo, uns duros e quase violentos puxões na vagina.

Bud liberou seu seio durante um momento e abriu os olhos. Claire quase retrocedeu ante o fogo que havia ali, dois ardentes sóis dourados. Os quadris masculinos empurravam em baixo dela com movimentos curtos e profundos, os movimentos do sexo. Olharam-se um ao outro. O cabelo avermelhado se obscureceu pelo suor e os traços estavam tensos, como se estivesse sofrendo.

—Seio — resmungou, formar orações era ainda algo superior a ele— Mais.

Para ser um escravo sexual, parecia que era ele o que levava a voz cantante.

Sorrindo, Claire voltou a levantar o peito e se inclinou, o sorriso se apagou imediatamente pelo calor gerado por sua boca. Ele puxava com força o seio, mais forte do que o faria uma criança. Os puxões criaram um profundo eco em seu corpo, ondas de fogo dourado a atravessaram e, assim de repente, precipitou-se sobre a beira de um orgasmo.

Desta vez ele continuou com a boca seus movimentos rítmicos. Deve ter sentido as contrações da vagina sobre o pênis porque chupou com mais força, seguindo o ritmo dela, com gemidos que saíam do mais profundo de seu peito. As coxas de Claire estremeceram enquanto o calor seguia atravessando-a em ondas e os lábios estremeciam com força sobre o pênis.

Instintivamente, os quadris se elevaram quando Bud empurrou, fechando-se com força sobre ele. E assim continuaram durante uma eternidade, o calor e as ondas, os gemidos, o coração que aparentemente tinha parado. Pela primeira vez em sua vida, Claire perdeu a conexão com seu corpo devido ao prazer, não à dor. Estava atordoada, cegada pelo prazer que continuava sem



parar, com os pulmões ofegantes procurando ar.

Debaixo dela, os quadris de Bud convulsionavam, movendo-se de um lado a outro, prolongando o prazer. Estava tão molhada que ele deslizava com facilidade. Mordeu-lhe o mamilo, levemente, e Claire gritou outra vez, outro orgasmo a alagou, como uma onda chegando mar a dentro.

Soltou-lhe o seio e caiu para trás sobre o travesseiro, sem fôlego, observando-a com os olhos meio fechados, enquanto ela ainda vibrava pelo orgasmo. Ao final, Claire tremia e suave, capaz de seguir obstinada a seu peito só porque o pelo do peito lhe brindava um pouco de fricção.

O fluido saía dela a torrentes pela vagina, em forma de suor por todo o corpo, como lágrimas pelos olhos. Ele ficou congelado quando a olhou no rosto com aqueles brilhantes olhos leoninos.

—Está bem?

Ela assentiu e mordeu o lábio quando o olhou entre as pernas. Ele se esforçava tanto para manter o controle. Tinha os músculos tão duros que lhe viam as faixas e os longos tendões, as mãos com os grilhões imaginários fechadas em tensos punhos, a serpente ondulando ao flexionar os músculos dos antebraços. Os pulmões rugiam com tanta força que as coxas dela se abriam cada vez que Bud se esforçava para respirar.

—Sim. —sussurrou Claire.

Ela estava mais que bem. Excelente. As contrações foram diminuindo e a sensação de estar sempre em perigo estava desaparecendo dando espaço a uma pessoa nova. Algo importante tinha mudado dentro dela. Era uma mulher completamente diferente. Na última hora tinha cruzado uma linha invisível.

Sempre havia se sentido desconectada dos outros, inclusive quando era muito pequena, a única filha de uns pais já velhos, brincando sozinha nos jardins da casa dos Park. Durante sua enfermidade, tinha estado presa, presa em um corpo doente, só em uma cama de hospital, separada de todo o mundo.

Conhecia Bud fazia só umas horas, mas apesar disso se sentia tão... tão conectada a ele, com coração, mente, alma e sexo. Com este homem enorme, que tanto se esforçava para lhe deixar o poder, entendendo por instinto que isso era o que necessitava. Este homem tinha sido seu refúgio e amparo. Este homem que tremia de desejo, mas que não ia permitir-se penetrá-la.

Ele a observava com atenção, com olhos que eram dois lagos de fogo dourado.

—No que está pensando?

No que estava pensando ela? Em pouca coisa. Sentia, mais que tudo.

Uma sensação cheia de prazer, suave e feminina. Uma sensação poderosa e erótica.

Viva.

O anjo da morte havia se empoleirado sobre ela durante muito tempo. Bud, de algum jeito, tinha afugentado para sempre o fedor da morte.

Ele tinha que sabê-lo. Tinha que entender o que havia feito por ela. Merecia.

Olhou-o nos olhos enquanto o peito se elevava com um suspiro.

—Penso. —respondeu, e a voz tremeu. Esperou um momento para voltar a controlá-la, e uma lágrima solitária lhe percorreu o rosto. Quando por fim conseguiu dominar seus sentimentos, a voz saiu em um intenso sussurro, atravessando apenas a opressão que sentia na garganta—



Penso que estou muito contente de que tenha sido você, Bud.

Os olhos de Bud arderam. O pênis cresceu entre os lábios de seu sexo, e de repente, ele chegou ao clímax, arqueando os quadris, levando-a com ele, com o sêmen saindo sem cessar e derramando-se sobre seu estômago em brancos e ferozes jorros. Até aquele momento, Bud tinha se obstinado ao controle, mas suas palavras o haviam feito explodir.

Ele fechou os olhos e gemeu como se sofresse, convulsionando-se em baixo dela, não com movimentos rítmicos, mas sim com sacudidas incontroladas. Seguiu sem parar enquanto Claire olhava, fascinada, os jorros brancos de esperma que saíam com força da protuberante cabeça vermelha e grande do pênis. Depois de seu próprio clímax, ela tinha a carne muito sensível e sentiu com intensidade cada movimento, cada sacudida, cada gemido de seu orgasmo. Os dois estavam ofegando quando ele por fim se acalmou.

Bud estava suando, tinha o pelo do peito coberto de suor e o estômago cheio de sêmen. Quem haveria dito que o sexo seria tão... escorregadio?

—Merda. —Os olhos fechados se abriram. Olhou-a e pareceu que ele tentava avaliar seus sentimentos— Posso usar as mãos? —perguntou por fim.

Claire também estava suando, tremendo ainda pelas seqüelas de seu próprio orgasmo.

Não tinha energia para falar. Assentiu, e o cabelo lhe acariciou os ombros.

Imediatamente, Bud baixou os braços, que a rodearam e a baixaram apoiando-a em seu peito. Ela notou o escorregadio sêmen no estômago, colando-os juntos. As enormes mãos lhe acariciaram o cabelo detendo-se na nuca, baixando sua cabeça e segurando-a para beijá-la. Era difícil acreditar que tivesse aprendido a beijar essa mesma noite. As bocas se amoldaram uma à outra à perfeição. A língua dele estava no mais profundo de sua boca, acariciando-a.

Bud levantou a cabeça afastando uns centímetros.

—Foi endiabradamente assombroso. — murmurou.

Claire assentiu, esgotada e deixou cair à testa sobre seu peito. Os braços dele a envolveram quando deslizou para baixo. Não ficava energia para falar, nem sequer para beijar. Parecia pó, deslizando-se com rapidez para o sono.

—Espero que manhã pela manhã esteja recuperada — disse Bud. Claire tinha o ouvido sobre seu peito e a profunda voz lhe retumbou na cabeça— Porque vamos passar todo o santo dia fodendo.

—Certo — respondeu ela antes de adormecer.

Capítulo 6

13 de dezembro

Claire despertou tarde, foi consciente do corpo de Bud antes de ser consciente de seu próprio corpo.

Um antigo truque da mente.



As manhãs sempre tinham sido o mais duro. Despertando para outro dia no hospital.

Enquanto esteve doente, freqüentemente tinha veementes sonhos de sol e risadas, compensando assim com a mente o que com o corpo perdia. Corria através de campos, ou brincava a saltar na curva, ou dançava. Tinham-na encantado os tipos de música quando era menina, antes da enfermidade.

Os sonhos estavam cheios de claridade, de carreiras, de brincadeiras e de risadas. Em seus sonhos sempre estava sã. Completamente sã.

O despertar era sempre horrível, a diferença entre seus sonhos felizes e o peso esmagante da realidade ameaçava debilitando a pouca força que ficava.

Até que não treinou a si mesma despertou chorando cada manhã. Assim aprendeu a despertar em um lugar afastado de seu corpo, permitindo assim a sua mente assimilar pouco a pouco que não estava em um campo de flores, ou em um cenário com tutú e as sapatilhas de balé. Estava encadeada a uma cama de hospital com uma sonda intravenosa, com fortes dores e a beira da morte.

Ao treinar a mente para que ficasse fora do corpo durante os primeiros momentos quando despertava permitia fazer a transição dos sonhos à realidade. Era um costume que não tinha conseguido desprender-se agora que já estava sã outra vez.

Assim Claire foi consciente primeiro de Bud, às suas costas, antes de ser consciente de si mesma. Era tão pesado que o colchão afundava bastante pelo que tinha dormido ao lado dele embora não a tivesse rodeada com seus braços. Tinha dormido sobre um robusto braço. Não fosse fofo como os travesseiros, mas certamente não tinha a menor intenção de queixar-se. O outro braço o tinha sobre o quadril, com a enorme mão abrangendo todo seu ventre. Estava completamente rodeada por um varão quente e peludo.

Tinha dormido nos braços de um homem.

Algo tão simples, tão básico. Milhões de mulheres o faziam todas as noites. Ela nunca tinha feito. Jamais lhe ocorreu que viveria o suficiente para fazê-lo.

Como era aquela antiga canção?

Alguém que me cuide.

Em algum nível profundo e primitivo, a cabeça e o coração tinham sabido que alguém a tinha estado cuidando toda a noite e ela se deixou ir.

Estava nua. Que graça, nunca tinha dormido nua. Por que diabos a gente vestia roupa para dormir? Delicioso que era sentir os suaves lençóis de algodão egípcio, o peso das mantas, os musculosos braços de Bud envolvendo-a.

O pênis de Bud, ardente, duro e totalmente erguido apoiado na parte baixa de suas costas.

—Está acordada. —disse uma voz grave e profunda tão perto do ouvido que notou os sopros de ar. Estremeceu.

—Mmm.

—Dormiu bem? —Lambeu-lhe a beira da orelha que lhe provocou um arrepio nos braços e uma nuvem de mariposas revooou no seu estômago.

Claire assentiu incapaz de articular palavra.

Bud afastou as mantas e viu suas mãos. Uma mão lhe acariciava com lentidão os seios, a



outra deslizou pelo estômago, justo até o lugar onde as mariposas faziam piruetas, movendo a mão em círculos cada vez maiores.

Era a mão com a tatuagem da serpente. Seguiu baixando a mão, lhe acariciando o pelo púbico, acariciando-a ainda mais abaixo, procurando com os dedos as dobras cada vez mais molhadas até que os dedos desapareceram e só ficou visível o dorso da mão. Foi a coisa mais erótica que tinha visto em sua vida, a serpente sobre seu púbis, aparentemente pronta para entrar nela. A serpente dançou e se retorceu ao longo dos poderosos músculos do antebraço de Bud quando começou a mover os dedos dentro dela, fazendo com que se molhasse ainda mais.

—Está molhada, querida. Estava sonhando comigo? —A língua de Bud a lambeu detrás da orelha enquanto deslizava o polegar ao longo do que ela sabia agora que era o clitóris.

Sabia por que ali, ali mesmo onde a estava tocando, o ardor floresceu e brilhou.

Não tinha nada a ver absolutamente com o que sentiu quando, com a ajuda de um espelho e de um livro de texto de anatomia, tentou localizar ela mesma o clitóris. OH, tinha encontrado ali uma pequena protuberância de carne, certo, tal como dizia o livro e Claire tinha suspirado aliviada já que ao menos todas as partes de seu corpo funcionavam. Mas quando o esfregou, não havia sentido nada mais que um pouco de prazer. Muito pouco. O equivalente de, suponhamos, beber uma Coca Cola no verão quando tem sede.

Nada a ver com o de agora, com os dedos de Bud, molhados por ela, escorregando e deslizando dentro e fora de sua vagina com movimentos lentos e controlados, e logo os subindo e girando sobre o clitóris, provocando explosões de sensações tão poderosas e ardentes que eram quase dolorosas.

—Já é manhã. —sussurrou a profunda voz tão perto que ela sentiu os lábios movendo-se sobre a orelha— Recorda o que disse que faríamos hoje todo o dia?

Amanhã vou fodê-la todo o dia.

Ninguém lhe havia dito nunca que a foderia, nunca em toda sua vida. Era uma palavra relegada aos livros e aos filmes. E embora fosse estranho, não se sentiu absolutamente ofendida quando a disse Bud.

Não era um palavrão, era uma descrição, uma palavra apropriada para um ato carnal.

Vou fodê-la todo o dia.

—Oh, sim — suspirou ela.

Ele se esticou contra suas costas, aproximando-se ainda mais, passando uma perna pelo quadril. Ela estava completamente exposta a sua mão que deslizava com facilidade dentro e fora.

Os lábios de Bud moveram-se sobre sua orelha, dando-lhe um arrepio.

—Quando disse todo o dia, quis dizer exatamente isso. Pararemos para comer e pendurarei essas prateleiras que vi na lavanderia ao entrar.

Beijou-a no pescoço e ela pôde sentir sobre a garganta os lábios curvados em um sorriso.

—Possivelmente esta tarde vejamos uma partida. Para nos recuperar um pouco. Mas durante o resto do dia estará de costas, ou em cima ou em qualquer posição que quiser, enquanto eu estiver dentro de você.

Claire ardia. Suas palavras, a mão da serpente que se movia dentro dela, os dedos no mais profundo de seu interior, onde ninguém mais nunca tinha chegado, tudo combinou para que o



calor líquido lhe alagasse as veias. Ofegou quando ele moveu a perna sobre as suas para abri-la ainda mais e colocou um segundo dedo.

—Deixarei que se vista. —grunhiu com brutalidade quando estendeu os dedos abrindo-a. A ponta do pênis se acomodou em sua abertura e deslizou os dedos para fora para fazer lugar.

Começou a empurrar.

—Mas nada de roupa de baixo.

Pressionando para dentro. Tão ardente. Tão duro.

—Ouve-me, querida? Não quero que use nada de roupa de baixo, nada de nada.

—Certo. —ofegou ela. Bud já tinha a metade dentro, detendo-se, deixando que se adaptasse a ele, ao enorme e ardente tamanho dele.

—Coloque algo solto, algo que possa tirar de você rápido. Quero poder pôr as mãos sobre você, o membro dentro de você, em um abrir e fechar de olhos.

Ela não respondeu, não podia. Não ficava ar nos pulmões para palavras. O pênis a queimava, lhe fazendo justo um pouco de dano, mas o prazer era maior que a dor.

—Claire? —Deu um empurrãozinho com o pênis, metido ainda só até a metade— Estou machucando você? —Não se movia, esperando sua resposta. Ela queria que se movesse. Necessitava que se movesse.

Claire estendeu o braço para trás para agarrar sua coxa, peluda e dura, e que ele sentisse como lhe fincava as unhas. Os músculos eram muito duros para poder afundar as unhas na carne, mas soube que se havia feito entender quando ele riu entre dentes.

—Está me torturando. —ofegou ela— Mova-se. Agora!

Outra risada entre dentes, áspera e grave, e Bud obedeceu. Começou a mover-se. Agora.

Pouco a pouco. Era terrível. Era o êxtase.

Bud parou por fim quando já não ficava mais dela, embora Claire suspeitasse que ainda pudesse ficar mais dele.

—Deus. —A palavra saiu grave e áspera. O sentia nas costas, ardendo, tremendo— Tão apertada.

—Mmm.

Sim. Estava. Fechava-se com força ao redor do pênis, embora fosse devido mais ao seu tamanho que a que ela fosse estreita. Era enorme e a estirava ao máximo. Mas quando ele começou de novo a tirá-lo, pouco a pouco, sentiu falta. Sentia a vagina vazia, como se estivesse feita para que ele a enchesse. Entretanto, mal teve tempo para notar o vazio, quando ele começou a empurrar. Ainda devagar, por isso pôde sentir cada centímetro de sua entrada.

Oh, Senhor. Não tinha tido nem idéia de quão intenso era fazer amor.

Não. Fazer amor não. Sexo.

Fazer amor era para amantes. Por isso ela sabia que isto era uma aventura de uma só noite.

Bom, uma aventura de fim de semana, já que parecia que Bud tinha grandes projetos para todo o dia.

Viva o momento. Não pense no amanhã. Essa é sua doutrina.

A mão da serpente manteve o indicador no clitóris quando ele começou a mover-se mais rápido e mais forte. A outra mão lhe segurava um seio. O agarre era forte e inflexível. O resultado



era que a deixava bem presa, como uma fêmea imobilizada para o prazer do macho. Ela não pôde se mover embora quisesse e para sua surpresa isso a excitou.

A ele, também. As investidas se fizeram cada vez mais rápidas e fortes, fazendo chiar a cama. O calor era fascinante e incandescente. Tinha ainda a mão posta na coxa de Bud e notava os músculos de suas pernas ao mover-se dentro dela. Ouviu os sons que saíam do mais profundo do peito masculino. Não palavras. Grunhidos de animal.

Tudo aquilo era animal. O aroma de almíscar dele, os aromas gerados pelos dois sexos unidos, que se expandiam no ar, sobrepondo-se à delicada fragrância das flores e das velas de aroma, tal como devia ser. O que faziam era muito mais real que seu mundo feminino cheio de coisas frágeis e bonitas. O que faziam era elementar como a própria vida.

A cama gemia ainda mais forte quando as investidas cresceram em intensidade enquanto seguia segurando-a com força com ambas as mãos.

Não podia mover-se, mal podia respirar, a enorme mão esquerda deslizou até seu tórax e apertou.

Os sons se fizeram ainda mais fortes. Os ruídos sem palavras dele, a cama, que agora dava golpes secos contra a parede, os sons que fazia o pênis ao deslizar-se dentro e fora. Tinha todos os sentidos sobrecarregados e quando Bud lhe pôs a boca no pescoço e a mordeu ligeiramente, foi muito. Com um grito, explodiu, contraindo-se com brutalidade ao redor dele.

—Jesus!

Foi como se ela o tivesse pego totalmente de surpresa. O grito dele foi tão forte que sentiu as reverberações de seu peito nas costas. Bud corcoveou com força, uma vez, duas vezes, logo cresceu ainda mais dentro dela, empurrando sem controle, quando também ele chegou ao clímax em um frenesi de ruído e movimento. Grunhindo, gemendo e convulsionando-se.

Quando por fim se deteve, fez-se o silêncio no quarto quebrado por seus fôlegos, que pouco a pouco foram acalmando-se.

Um comprido silêncio, logo um áspero bufo.

—Nossa! Isso foi rápido —retumbou a voz dele— Juro a você, geralmente agüento bastante mais. Posso resistir durante horas, prometo-lhe isso, mas com você... não sei o que me acontece com você, céu... tenho o gatilho fácil.

Claire teria se indignado se tivesse mais força e se sentisse menos lânguida e saciada.

Suzanne já a tinha advertido sobre isto. Os homens modernos são fracos e encontram desculpas para tudo, havia-lhe dito. Culparão você por seus defeitos. Aconteça o que acontecer sempre é sua culpa. Suzanne estava tão decepcionada com os homens que tinha deixado de ter encontros.

Claire suspirou.

—Então tenho que supor que é por minha culpa, não? —moveu-se um pouco e sentiu Bud ainda duro dentro dela. Não tanto como antes, mas ainda a enchia por completo. De que estava se queixando este homem?

Ele voltou a soprar.

—Que nada, a culpa é minha. Por completo. A única coisa da qual você é culpada é de ser muito sexy.



Bud a apertou com a mão da serpente para que continuasse quieta enquanto ele, pouco a pouco, retirava-se.

—Hoje, em algum momento, foderemos lento e longamente. Mas não sei quando. Entro em você e... — O cabelo curto de Bud raspou o travesseiro quando, detrás de Claire, negou com a cabeça. Beijou-a no pescoço—... zás! Gozo como um adolescente no assento de trás do carro do papai.

Entretanto, soou bastante contente. E se via contente quando Claire por fim deu a volta. Beijou-a nos lábios, brevemente, separou a boca para olhá-la, percorrendo-lhe o rosto com os olhos. Começou a inclinar-se outra vez e logo se deteve.

—Não, uh—uh — Bud pôs um dedo na covinha do queixo— Tem que fazer um esforço para se tornar feia, querida. Faz que te saia uma verruga ou que lhe caiam alguns dentes. Faz qualquer coisa. Do contrário, nunca sairemos desta cama. Ficaremos aqui e foderemos até que morramos de fome e alguém encontre nossos corpos. Isso não estaria bem.

Não, não estaria bem morrer de fome, pensou Claire. Não quando acabava de descobrir quão divertido podia ser o sexo.

Bud deu a volta e se sentou. Espreguiçou-se estirando os longos músculos, logo ficou em pé e girou.

—Tomarei banho primeiro — anunciou com um meio sorriso e um cáldo olhar dourado— E prepararei o café da manhã enquanto você toma banho. Logo pendurarei as prateleiras e depois foderemos um pouco mais.

Claire ia fazer um rápido comentário, mas ficou sem respiração ao vê-lo ali de pé, ao lado da cama, banhado pela luz pálida de uma manhã invernal. Agora que conhecia intimamente a sensação de seu corpo, a profunda força contida daqueles músculos pareceu-lhe ainda mais enorme que antes. O pênis se sobressaía do corpo em um ângulo para o chão em vez de contra o estômago como na noite passada, mas não era menor ou mais brando depois do clímax, isso podia ver. Estava coberto por um preservativo, o que explicava o rangido que tinha ouvido ao despertar.

Entrou no banheiro e poucos segundos depois ouviu a água da ducha e ele assobiando alegremente.

A canção Norwegian Wood. E desafinava muito.

Claire refletiu sobre a manhã. Sua primeira manhã como mulher. As grandes janelas panorâmicas não tinham cortinas porque segundo Suzanne “os acessórios para as janelas” como ela os chamava, estavam antiquados. Assim não às cortinas, e sim às persianas de livrinho. De todas as formas a casa estava isolada assim não importava. As janelas do dormitório de Claire davam a um pequeno pátio traseiro, agora totalmente branco pela neve, que contrastava com os escuros ramos nus de uma macieira silvestre e de uns arbustos.

Devia ter nevado toda a noite. A neve chegava quase até a metade das roseiras podadas.

Muito bem.

Maravilhoso.

De certa forma, estavam incomunicáveis. Absolutamente ninguém sabia que ela estava ali, exceto Bud.

E Suzanne, claro. Mas Suzanne estava de viagem, como seu pai que foi a Paris fazia duas



semanas para negociar com os russos sobre a coleção de Ovos de Fabergé² em São Petersburgo, e poder adicioná-la à próxima exposição de jóias russas na Fundação Park. Não voltaria antes de uma semana.

Seu pai não tinha nem idéia de que ela tinha saído de casa. Claire não gostava de enganá-lo, mas sabia que tinha que sair de seu sufocante abraço. Quando ele chegasse em casa no próximo fim de semana se encontraria com um fato consumado. A perdoaria porque a amava.

Inclusive poderia entendê-la, com o tempo.

Assim que ninguém absolutamente sabia que ela estava ali, em sua pequena casa com seu maravilhoso e sexy lenhador. Estavam completamente isolados.

OuvIU-se um estrépito na cozinha. Claire esperava que Bud soubesse cozinhar porque ela só sabia fazer chá e ferver ovos. De todas as formas embora ele não soubesse cozinhar, sabia fazer outras coisas. E muito bem, por certo.

Claire cravou os olhos no teto com seus preciosos desenhos azul pálido e sorriu. Era tão fantástico estar viva.

Capítulo 7

Bud a cheirou antes de vê-la.

Estava atarefado cozinhando um enorme café da manhã. A cozinha estava totalmente equipada, era quase como a de um profissional, assim devia ser boa cozinheira.

Bom, ele também. Sua natureza competitiva o esporeou. Ia preparar o melhor café da manhã de sua vida. Também ia lhe dar a melhor transa de sua vida em algum momento do dia. Algo que ainda não tinha podido fazer.

Ela era virgem e nunca antes tinha tido relações sexuais. Assim não podia saber que não era normal que o homem gozasse em só uns poucos minutos. Ou ao menos não era normal para ele, isso seguro.

Bud não tinha tido nunca em sua vida problemas de resistência. O sexo sempre tinha sido fácil. Divertido.

Simples.

Foder se parecia com fazer footing³. Um exercício duro, rítmico que estimulava as ondas alfas cerebrais e o fazia suar. De fato, uma vez tinha solucionado um caso fodendo. Tinha alcançado o estado mental Alfa fodendo a... Deus, não se lembrava de como se chamava... era loira tingida e trabalhava em... fechou os olhos tentando recordar... uma agência de seguros. Era isso. Muito atlética. Tinham fodido durante horas e, ao final, ela tinha ficado muito satisfeita e ele se deu conta que o marido da vítima do assassinato daquele caso estava mentindo. Uma rápida chamada telefônica tinha constatado que seu pressentimento era correto e Bud recebeu uma

² Um ovo de Fabergé é uma das cinquenta e sete jóias criadas por Peter Carl Fabergé da empresa Fabergé para os czares da Rússia entre os anos 1885 e 1917. Os ovos se consideram obras primas da arte de joalheria.

³ Do inglês: ir a pé. É um passeio para espairecer.



menção de honra. Se tivesse feito footing durante algumas horas teria chegado à mesma conclusão.

Footing, foder.

Era o mesmo.

Até agora. Até Claire.

Nem por indício poderia solucionar um caso fodendo com Claire. Sua mente paralisava ao mesmo tempo em que o corpo disparava fora de controle. Enquanto estava com ela mal podia recordar seu nome, e muito menos pensar em algo sério. Convertia-se em um puro animal.

Como agora, cheirando-a por cima do aroma de toucinho com ovos e torradas e café da cafeteira expresso italiana importada.

O mais provável é que ela tomasse no café da manhã coisas de garota, meia xícara de iogurte com baixas calorias e chá, mas ele não.

Gostava de sua comida e tinha preparado umas porções enormes. Tinha toda a intenção de foder muito hoje e para isso necessitava calorias.

Claire entrou na cozinha com um moletom de cor vermelho cereja. Sem nada debaixo como lhe tinha pedido? Olhou-a com atenção. Certamente sutiã não usava, porque marcavam os pequenos mamilos, ainda duros pelo clímax. E se não usava sutiã, o mais provável é que tampouco usasse calcinhas...

O membro se levantou só de pensar. Fique quieto, disse ao membro. Tinham que comer. Também queria pendurar suas prateleiras. Gostava de trabalhar com as mãos, e por alguma razão queria —precisava— fazer algo por ela.

—Olá. —sorriu Claire com acanhamento, algo assombroso quando a gente pensava que tinha estado dentro dela fazia só meia hora. Bud teve que recordar-se que era uma novata nos assuntos do sexo.

—Olá para você também — Quebrou os ovos e ouviu o aviso do microondas— O café da manhã está pronto.

—Caramba! Seja o que for, cheira bem.

Claire afastou uma cadeira e se sentou.

—Não tão bem como você.

Ela sorriu, um desses misteriosos sorrisos femininos. Onde o tinha aprendido? A noite passada era uma virgem, inocente e insegura de si mesma. Agora sorria como a Mona Lisa. Ele certamente não a tinha ensinado a sorrir assim. Tinha aprendido sozinha.

Mulheres. Nunca as entenderia.

—Minha fragrância é Chanel. —Inclinou a cabeça e a juba se moveu em brilhantes ondas envolvendo seus ombros. Inclinou-se e o cheirou delicadamente— Qual é a sua?

Bud pôs os pratos na mesa, uma frigideira com toucinho e salsichas em um suporte de panelas, manteiga dinamarquesa e torradas integrais em uma bandeja. Havia uma assombrosa variedade de geléias de marca e gelatinas e pôs uma seleção na mesa.

Começou a sair fumaça de um montante de tortinhas de trigo sarraceno enquanto tirava o



sirope⁴ do microondas. Levantou as bordas da omelete e decidiu que era o momento de lhe dar a volta. Davam-lhe bastante bem as omeletes. Normalmente cozinhava só para ele, mas pensou em exhibir-se um pouco. Deu um giro de pulso na frigideira marca Morrison, e a omelete deu uma volta no ar e caiu colocada em seu lugar. Perfeito. Um meneio à frigideira, fogo ao máximo, e a deslizou com habilidade em um prato.

Cara, que bom que era!

—Bom, tomei banho com um desses sabões tão graciosos que tem com forma de flor, e usei seu xampu. Aparentemente não tem nada no banheiro que não cheire a flores, assim cheiro como se tivesse caído entre as pétalas. Deveria ter algo que cheirasse a meias três - quartos de esporte, só para manter equilibrados o yin e o yang. Embora suponha que não cheiro tão bem como... — sua voz apagou.

Bud ficou imóvel e olhou para Claire, assombrado. Ela não bicava a comida com uma careta, como faziam a maioria das mulheres. Como se fosse radioativa. Mas sim, com muita serenidade, serviu no prato suficiente comida para alimentar uma família de dez pessoas.

Quatro tortinhas, duas salsichas e a metade da omelete. Untou uma torrada com bastante manteiga, acrescentou geléia de arándano e começou a mastigar com uma expressão de intenso prazer. Não demorou em acabar a omelete. Alguns minutos depois voltava a servir-se de mais salsichas. Bud observou estupefato, aquela enorme porção digna de um estivador.

Claire olhou com mordacidade o prato vazio dele.

—Será melhor que pegue algo antes que eu acabe com tudo isso.

E não brincava. Bud encheu o prato e se perguntou se teria que cozinhar mais.

Claire engoliu e voltou a atacar as tortinhas.

—É um grande cozinheiro. Parabéns.

Bud deu de ombros.

—Eu gosto de comer bem e não posso me permitir ir sempre a restaurantes, assim aprendi a me arrumar na cozinha. Embora a julgar pela sua, você também deve ser uma boa cozinheira.

—Não. —disse Claire alegremente, quando escondeu a última parte de tortinha— Mal sei ferver a água. Mas é a primeira coisa que tenho na lista para fazer. Esta é minha primeira casa e quero aprender a fazer tudo.

Bud ficou olhando.

—Não sabe cozinhar? —Percorreu a cozinha com os olhos—Meu Deus, mulher. Tem todos os utensílios de cozinha do mundo e suficientes mantimentos para sobreviver em uma guerra mundial.

Claire sorriu e suspirou.

—Suzanne.

—Suzanne... o que?

—Barron. Suzanne Barron, uma de minhas melhores amigas. Foi a que decorou minha casa. Quando mencionei que queria aprender a cozinhar, disse-me que se asseguraria que tivesse tudo o que precisasse para fazê-lo.

⁴ Xarope doce concentrado utilizado no cozimento.



—Incluído frigideiras para omeletes de cinco tamanhos, um máquina de moer elétrica para noz moscada e máquina para fazer pão. E isto só para mencionar alguma coisa. Assim que tem tudo preparado para começar.

—Você poderia me ensinar a cozinhar. —respondeu Claire entre bocado e bocado. Comia com delicadeza, mas sem pausas e com rapidez— Aprendo rápido e seria divertido... — Deixou sem acabar a frase, com uma parte de salsicha atravessado pelo garfo e uma expressão horrorizada no rosto— O sinto —resmungou— Não pretendia insinuar... — Mordeu o lábio e ficou com o olhar cravado no prato.

Ali estava.

É possível que não pretendesse insinuar que ele ficaria o suficiente para ensiná-la a cozinhar. Que não pretendesse insinuar que poderiam chegar a ser um casal.

Mas o tinha feito.

Esse era o sinal para pegar suas coisas e ir embora. Bud sempre se sentia inquieto na manhã seguinte, observando com olhos de falcão qualquer comentário insinuante sobre até onde ia “a relação” a partir daqui. Evitando convites para um concerto à semana seguinte, reuniões com amigos ou —Deus me livre— uma visita à família. Em qualquer outro momento, com qualquer outra mulher, faria algum comentário não comprometedor e meia hora mais tarde estaria saindo pela porta.

Ele fodia. E fodia bem, conforme diziam todas, ou ao menos até o momento não tinha tido nenhuma queixa. Mas isso era tudo. Não tinha relações.

Agora se acomodou na elegante cadeirinha de cozinha e decidiu que ela teria que comprar cadeiras mais sólidas. E também tinha que sortir-se de cervejas. Na geladeira só havia algumas garrafas de uma seleta marca de importação e um pouco de algo tão brega como vinho branco.

Isso era todo o álcool que tinha.

—De acordo, ensinarei você a cozinhar —disse tranquilamente— Não é um mistério. É só questão de habilidade e coordenação — piscou os olhos quando ela levantou o olhar, feliz de vê-la sorrir outra vez e sem aquela expressão tensa— Como algumas outras atividades que poderia mencionar.

Claire soltou uma risada e ele sorriu ante aquele som e ficou em pé. Poucos minutos mais tarde, tinha no fogo uns ovos rancheiros e desta vez se asseguraria de poder comer uma parte.

As pessoas tinham que estar atentas quando estavam com a pequena e linda Claire Schuyler ou poderia acabar morrendo de fome.

—Você trocou de roupa. —Claire olhou o moletom cinza que usava Bud com um pequeno cenho franzido entre os arcos escuros de suas sobrancelhas.

—Sim, troquei-me — Estavam na cozinha há uns quarenta e cinco minutos e ela se deu conta agora. Poder de observação, zero. Claire lia muito e ele se deu conta que a maior parte das pessoas que lia muito, vivia em uma nuvem. Claire Schuyler nunca poderia ser tira. Os tiras estavam atentos ao mundo exterior, sempre. Davam-se conta de tudo, sempre, no serviço e fora do serviço. Suas vidas dependiam disso.

— Tinha uma bolsa no porta-malas do carro. Pensava ir passar o fim de semana na costa — A olhou de cima a baixo com calidez, detendo-se nas partes mais femininas. — Mas não fui.



Abordou-me uma linda morena. Assim tenho roupa sobressalente, um moletom, a escova de dente, a máquina de barbear, enfim, tudo o que preciso —piscou para ela um dos olhos— Também tenho uma caixa inteira de camisinhas e vou usar todas com você.

Claire ruborizou, tal como tinha imaginado que faria. Mas então o surpreendeu deixando o garfo e olhando-o com seriedade. O suficiente tempo e o bastante fixamente para fazê-lo sentir-se incômodo.

—O que?

Silêncio e depois um suspiro.

—Você, hum, parece que está muito sadio, Bud.

Sadio?

—Sim, é óbvio que estou sadio. —respondeu ele, perplexo— Completamente sadio. Cuido-me muito. Estou forte como um cavalo. Sempre estive.

—E teve a precaução de usar preservativos comigo. Sempre é tão cuidadoso?

—Deus, sim. Sempre. Sem nenhuma exceção, nunca. —Era um dogma para ele, uma das poucas regras nas quais era inflexível. Nada de transar sem camisinha. Sabia muito bem ao que se expor. E a maior parte das mulheres com as quais transava tinham bastante experiência. Se tinha que ir ao outro mundo antes de tempo, melhor por uma bala que pela enfermidade— Não tem que temer nada nesse aspecto, céu. Acredite-me, está completamente a salvo comigo.

—Bem. —Ela suspirou e mordeu o lábio, algo lhe rondava a cabeça. Ao final pareceu tomar uma decisão, quando assentiu para si mesma.

—Em que anda essa sua linda cabecinha?

—Bom, o caso é... —Claire franziu os lábios, observando-o com cautela— O caso é que eu... um... não estive bem. Durante um tempo. Agora estou maravilhosa. Maravilhosa! Mas... enquanto... não estive bem... receitaram-me a pílula. E já que está claro que não posso ter pego nenhuma enfermidade, se você quiser... ummff!

O resto do que ia dizer se perdeu na boca de Bud. Uma neblina vermelha alagou seu cérebro. Rápido como um relâmpago, levantou-a, despiu-a, sentou-a em cima, tirou a jaqueta, baixou as calças de moletom —tampouco ele usava roupa de baixo— e lhe colocou o membro de um só golpe. Um só empurrão porque morreria se não tivesse o membro dentro dela agora mesmo.

Não pensou absolutamente, atuou por puro instinto. No mesmo instante em que as palavras saíram pela boca dela, no mesmo instante que compreendeu que poderia fodê-la sem camisinha, sentir a pequena vagina apertada ao redor do seu membro sem o látex, foi um caso perdido.

—OH, Deus, não está pronta. —sussurrou. Tremendo apoiou a testa sobre a dela e fechou os olhos. Mal podia respirar, nem pensar. Estava muito ocupado com a sensação de sentir-se envolto por ela. Queimando-se com as ardentes e intensas emoções que lhe nublavam o cérebro — Sinto.

Era uma mentira. Não sentia absolutamente.

Nunca havia transado sem camisinha. Nunca na vida. Não é que gostasse — que homem gostava de usar camisinha?— mas nunca se viu tentado. Agora estar dentro de Claire era um prazer duplo. Por senti-la com o membro — e agora que a havia sentido, perguntou-se se voltaria a usar camisinha— e por saber que era ela, Claire.



Estava apertada e seca. Sabia que tinha que parar, mas não podia. Estava tremendo e suando. Indefeso. Perdendo o controle. Assustado do que lhe acontecia.

—Sinto-o sinto, sinto — murmurou, repetindo como um mantra— Deveria tirá-lo —Que sacana era. Não tinha nenhuma intenção absolutamente de tirá-lo, embora não tivesse nem idéia do que fazer agora. Não podiam foder porque ela estava seca. A machucaria se comesse a mover-se. O mais provável é que já a estivesse machucando agora. Os pés dela não tocavam o chão, tinha as pernas dobradas, sem nada em que apoiar-se, assim não podia mover-se. Ele tampouco. Quão único podia fazer era ficar ali tenso, com ela empalada em seu membro, segurando-a com força, tremendo.

Estava imóvel, incapaz de empurrar e incapaz de sair dela.

—Sinto-o — voltou a repetir com voz afogada.

—Shh — Claire o acariciou na nuca, sentindo de algum jeito sua angústia— Está bem, Bud — sussurrou. Inclinou-se para frente e o beijou, roçando seu torso com os seios ao elevar-se um pouco para poder unir os suaves lábios à sua boca. E a sensação daquela cálida e suave boca o fez perder completamente o controle. Assim simplesmente.

Jesus.

Um só beijo e gozava.

Nenhum empurrão, só a sensação de sua boca e explodiu. Agarrou-a com os braços, segurando-a com força, arqueando os quadris, convulsionando-se enquanto gozava, gozava e gozava, com o membro vermelho vivo, ardendo e avivado, convulsionando-se com tanta força que pensou que explodiria.

Agarrou-se a Claire com desespero, como se ela fosse à única no mundo que pudesse mantê-lo lúcido, com o membro penetrando-a de maneira brutal com golpes breves e violentos enquanto bombeava cada gota de sêmen dentro do corpo dela. Era a primeira vez que gozava dentro de uma mulher, não em uma camisinha, e — merda! — tinha sido tão intenso que por um momento acreditou que desmaiaria.

Só se deu conta que tinha gritado quando ouviu o eco do ruído na quietude da cozinha. Ainda empurrava e se deu conta que a mantinha obstinada a seu membro com uma força quase brutal, um grau de violência que nunca tinha usado com uma mulher, nunca em sua vida.

E esta mulher era Claire. Claire, delicada e frágil. Claire, nova no sexo.

Claire.

Nada podia detê-lo; era como um maldito trem, caindo por um desfiladeiro apesar da ponte, chocando-se e incendiando-se. Os jorros de sêmen eram tão ferozes que se surpreendia de não romper algo dentro dela, de não furá-la e que saíssem pelo outro lado.

Inclusive quando se acalmou um pouco, quando já tinha bombeado cada gota dentro dela, seguia estando duro como uma pedra, estremeando, tão excitado que lhe custava falar. Não se atrevia a olhá-la, nem a falar. O que podia dizer? Estava se comportando como um animal. Sempre tinha mantido o controle com as mulheres, mas agora tinha perdido as rédeas e não sabia o que fazer.

A única coisa boa é que Claire estava molhada. Não pela excitação dela, mas sim pela dele... mas bastaria. Poderia mover-se. Tinha bombeado tanto sêmen, que tinham as virilhas molhadas e



sua semente gotejava lá onde estavam unidos. Ainda se beijavam e ele aprofundou o beijo com um gemido, segurando sua cabeça para acessar melhor a sua boca. Deus, sua boca era tão excitante quanto sua vagina, língua, lábios suaves, molhados...

Ela gostava, obrigado meu Deus, inclinava a cabeça para poder beijá-lo melhor e lhe colocar a língua, e tinha colocado os braços ao redor do seu pescoço.

Talvez não fosse muito tarde para que ela encontrasse um pouco de satisfação.

Bud tinha o controle quase zero em uma escala de dez, mas estava disposto a tentá-lo. Muito tarde para as preliminares, pensou. Isso é antes de colocar o pênis na mulher. Talvez devesse beijar seus peitos, mas isso significava deixar sua boca.

Não. Nem pensar.

Rodeou-a com o braço direito, deslizando a mão de cima a baixo pelas esbeltas costas acetinadas, através da cascata de sedoso cabelo.

Com a mão esquerda lhe acariciou o seio, exuberante e suave, rodeando o mamilo e — OH, sim, isso era sem dúvida alguma um gemido — beijando-a na boca. Sim.

Fechou a mão na espessa juba de Claire e puxou sua cabeça para trás, inclinando-se com ela sem deixar de beijá-la. Ela confiava nele para segurá-la e Bud se manteve firme como uma rocha. A outra mão deixou o seio e seguiu para baixo, até o suave e pequeno ventre e com o indicador acariciou o precioso e pequeno umbigo. Ela gemeu outra vez.

Por incrível que parecesse, voltava a sentir os começos de outro clímax. Ardiam-lhe as terminações nervosas e tinha a pele muito tensa e em chamas. Esse era um terreno desconhecido. Podia continuar fodendo depois de gozar, e freqüentemente fazia, mas já sem a excitação ao limite e sempre de forma controlada.

Mas agora não tinha controle, nenhum controle. Estava o perdendo outra vez e tinha que fazer com que ela gozasse primeiro.

Bud pôs a mão lá onde estava profundamente metido nela, lá onde ela se abria para envolvê-lo com força. Pelo tato notava a diferença entre o pelo púbico de ambos. O dela era suave e sedoso. Os dois estavam empapados, era a primeira vez que lhe acontecia isto. Nunca antes havia tocado seu sêmen em uma mulher e o fez sentir ardente, primitivo e selvagem.

Bud a tocou, com o indicador e o dedo médio a ambos os lados do membro, subindo-os um pouco até que encontrou o clitóris. Acariciou-a ali e estremeceu quando ela ofegou dentro de sua boca. Tinha que ser rápido porque um arame ardendo estava percorrendo a coluna vertebral e suas bolas estavam esticando. Inclinou-se para frente, abrindo-a ao máximo, a fim de que os secos e fortes ataques a acertassem diretamente no clitóris.

Investiu uma e outra vez, forte, rápido, agarrando-a com força, com a língua no mais profundo de sua boca...

Sim!

OH, Deus, sim, Claire começou a chegar ao clímax com pequenas e apertadas contrações, com gritos que se perdiam em sua boca.

Perdido. Ele também estava perdido, investindo como uma perfuradora, sem parar, até que com um último empurrão que levantou ambos da cadeira, começou a gozar com força. Convulsionando-se e morrendo, estremecendo-se... e perdido.



Bud deixou de beijá-la para enterrar a cara em seu cabelo, procurando desesperado um pouco de controle. Foi como se algo dentro dele houvesse se quebrado, abrindo-se de par em par, deixando-o em carne viva e exposto. Indefeso.

Indefeso. Bombeando ardentes jorros de sêmen, enchendo-a.

Por fim foi acalmando-se de um clímax tão intenso que tinha sido quase doloroso.

Nunca —nunca— tinha tido sexo assim. Tinha sido completamente diferente. Horrorizado notou como as lágrimas lhe alagavam os olhos.

Não, lágrimas não. Não podiam ser lágrimas.

Não tinha chorado desde que tinha oito anos e seu padrasto o tinha golpeado fazendo que engolissem as lágrimas, gritando que “os homens não choram” ao mesmo tempo em que o cinturão do filho da puta o golpeava.

Bud enterrou a sua mãe assassinada sem chorar.

Assim não podiam ser lágrimas.

Em silêncio, secou o rosto com a fragrante nuvem de cabelo de Claire, esperando que os batimentos do coração se tranquilizassem. Esperando recuperar um pouco de controle para poder olhá-la no rosto.

Tinha que dizer algo. Qualquer coisa para arrumar a situação. Apenas reconhecia a si mesmo. Ele tinha muita experiência sexualmente falando. Havia transado milhares de vezes com mais mulheres das quais queria contar.

Era sempre igual. Um pouco de preliminares, penetrá-la e começar a mover-se. Assegurar-se que ela goze, mais de uma vez se for possível. Tentar recordar depois seu nome e lhe agradecer antes de dormir. Ir pela manhã. Sempre tinha funcionado mais ou menos bem. Suas companheiras geralmente ficavam bastante satisfeitas. E o sexo lhe esclarecia cabeça e o fazia sentir-se melhor.

A mulher também se sentia melhor, ou isso esperava.

Nunca perdia o controle. Em particular não depois de gozar. Não como agora, que estava tremendo como um pudim, e sentindo coisas muito grandes para contê-las. Agora sentia como se todo seu mundo tivesse saído de seu eixo, ficando desfocado. Nada era familiar, nada parecia o mesmo.

Não tinha nem idéia do que dizer a Claire. Abraçou-a com mais força, esperando não lhe deixar manchas, procurando desesperado algo para dizer.

Não era um homem refinado, mas sempre tinha algumas frases na manga. Algo para que a mulher se sentisse especial. Se havia uma mulher no mundo que merecia um ou duas frases românticas, essa era Claire, que tinha se entregado com tanta generosidade. Que tinha lhe dado o presente de ser seu primeiro amante. Que era doce e suave.

Em troca, ele a havia fodido como o prisioneiro com permissão carcerária para foder uma puta.

Ela merecia algo romântico, algo suave. Palavras ternas e delicadas.

Mas quando abriu a boca, a voz lhe saiu rouca e as palavras muito toscas. A verdade saiu a fervuras, incontrolável, e tão real como o selvagem batimento de seu coração.

—Eu adoro foder você sem camisinha.

A cara dela estava oculta em seu ombro. Para sua surpresa, em vez de zangar-se por ser tão



grosseiro, sentiu sobre a pele como lhe curvavam os lábios com um sorriso.

Claire suspirou e assentiu. O cabelo, escuro e brilhante, acariciou os ombros masculinos.

—Já me dei conta. —murmurou ela.

Capítulo 8

Bud estava no céu.

Ou ao menos isso é o que parecia. Uma voz angelical cantava algo sobre campos verdes e almas perdidas. Inclusive havia uma condenada harpa.

Era uma música bonita e tranquilizadora, justo o que necessitavam seus enlouquecidos nervos.

De muito má vontade, havia por fim liberado Claire de seu demolidor abraço e a tinha deixado levantar-se. Inclusive depois de gozar duas vezes, ainda estava duro, com o membro vermelho e inchado, mas sabia que de momento tinha que deixá-lo estar. Ela devia estar muito dolorida para continuar e ele... ele precisava pôr os pés na terra, centrar-se, conseguir um pouco de controle.

Assim que a tinha levado ao banheiro principal e a tinha deixado ali com um beijo, enquanto ele ia lavar-se no banheiro que havia depois da cozinha e logo direto ao tanque para medir, furar, dar marteladas e pendurar. Gostava de trabalhar com as mãos e o que necessitava agora mesmo era fazer algo singelo e simples, algo que entendia, algo familiar e normal, não... não como as horripilantes e enormes... “coisas” quais se agitavam em seu peito, para as quais não tinha nome e com as quais não sabia o que fazer.

Talvez Claire entendesse que ele necessitava um pouco de tempo para ficar sozinho. Tinha estado trabalhando em solidão durante meia hora, e tinha se acalmado um pouco, sentindo-se com força para enfrentá-la.

Tinha passado aquele tempo pondo tudo em perspectiva. Claire era uma mulher excepcionalmente bonita e incrivelmente desejável em todos os aspectos. Que homem não ficaria um pouco... super excitado fodendo-a?

Tinha sido algo sexual, só sexo. Certo, sexo muito, muito ardente e intenso, mas nada mais.

Era isso. Nada pelo que assustar-se, nada que não tivesse tido mil vezes antes. Assim quando ouviu que abria a porta do banheiro e os batimentos do coração começaram a ir mais rápido, só foi porque pensou em ter mais sexo enlouquecedor, algo que qualquer varão americano com sangue nas veias queria, verdade? Embora não ia permitir que nenhum varão americano com sangue nas veias se aproximasse dela a menos de três metros, isso seguro.

Alto.

Desde quando era ciumento ou possessivo? Ele nunca tinha sido ciumento, jamais. Oh, claro, por princípios, nunca se atava com casadas ou com as que tivessem noivo, porque não via nenhuma razão para meter-se em problemas desnecessários, e de todas as formas, abundavam as que estavam livres. Mas o que faziam as mulheres com as que se deitava em seus momentos livres



não lhe preocupava absolutamente.

Então, por que ao pensar em que qualquer outro homem fodesse Claire, sentia como umas tenazes em vermelho vivo lhe arrancando o coração?

Ouviu uns sons na sala de estar, e logo começou a música celestial. E uma voz tão pura quase não era humana. Uma voz surpreendentemente formosa, uma voz cheia de desejo, esperança e tristeza de uma vez. Uma voz de uma beleza e fluidez quase irreal, tão sedutora que enchia a alma de paz.

E com uma fodida harpa, nada menos.

Bud olhou o martelo que segurava com a mão e suspirou. Não reconhecia sua própria mente, seus próprios pensamentos. Algo lhe nublava o cérebro e sabia o que era. Quem era. Uma morena muito bonita.

—Olá. Perdoa que tenha demorado tanto — cantarolou a morena muito bonita em seu cérebro, sorrindo e cheirando como um prado na primavera, e com um par de livros na mão— Caramba.

Os olhos de um profundo azul se abriram assombrados ao olhar as quatro paredes.

—Você esteve muito ocupado. Eu ia tentar hoje mesmo colocar as prateleiras, mas não acredito que teria podido pendurar mais de uma ou duas. Talvez. E não teriam ficado retas, mas sim de qualquer maneira. E a parede teria acabado feito pedaço de carvão vegetal. Você fez todo o trabalho sem fazer um buraco a mais. Meu herói — ficou nas pontas dos pés e o beijou na bochecha — Muito obrigada, Bud. Agradeço-lhe isso seriamente.

Jesus, a bochecha ardia e o coração martelava. Teve que pigarrear antes de falar.

—Não tem... ah... importância.

De repente o cômodo era muito pequeno. Sentiu-se como um desajeitado, com mãos muito grandes e lerdas.

As notas cristalinas vibraram no ar resplandecentes como cristal, unindo a harpa com a voz. Uma canção sobre um pastor que perdeu seu amor. As palavras e as notas pareceram afundar-se diretamente em seu estômago e vibrar ali. O que era uma loucura porque Bud não era um pastor nem tinha nenhum amor a perder. E seu estômago nunca, nunca vibrava. Não até depois de muitas cervejas.

As notas ficaram presas no ar, voz e harpa unidas, lamentando o amor perdido em uma muito suave nuvem musical.

—Bonita música. —Bud se deu conta que havia falado alto enquanto soava a canção, antes de começar a furar outra vez. Parecia um pouco... impróprio fazer ruído enquanto a música continuava. Como urinar na igreja.

O que era outra loucura, é obvio, já que isto era só uma gravação.

—Sim —sorriu Claire— É uma amiga muito querida minha e de Suzanne. Chama-se Allegra. Allegra Ennis. Suzanne e Allegra são minhas melhores amigas e amo muito as duas. Tentamos nos reunir sempre que podemos. Somos um pequeno trio. Viu a foto que há no suporte da chaminé? Estávamos em uma festa de caridade na Fundação Par... Parks — Claire deixou cair um livro no chão, agachou-se para pegá-lo e se endireitou ruborizada e nervosa. Bud tomou nota mentalmente de pensar nisso mais tarde. Nestes momentos estava mais interessado nas



descrições das amigas de Claire— Eu, ahm... trabalhei ali. Como bibliotecária.

—Sim, vi a fotografia. Chama a atenção. Três garotas lindas.

Claire riu.

—Bom, tive que ir com roupa de grife e as três íamos muito elegantes. Suzanne e Allegra estavam trabalhando. Suzanne desenhou esses assombrosos arranjos florais. Lírios de água com canos de bambu preparados em espiral e um comprido centro de rosas muito delicados que se estendia em todo o comprimento da mesa principal do jantar de gala. E é obvio Allegra cantou. Esteve genial. Eu sou a única das três que não tem nenhuma capacidade criativa. Mas de todos os modos, elas me amam.

Bud tinha visto a foto e, curioso, tinha estudado a ampliação com contorno de madeira, pensando que era raro ver três mulheres tão lindas juntas fora das revistas ou dos filmes. Três mulheres abraçadas pela cintura, com as cabeças juntas e sorrindo. As três muito elegantes. Ao fundo se via um enorme lustre de cristal em cima de um piano de cauda e garçons com smoking levando bandejas. A foto mostrava Claire com uma serena e sensual loira a um lado e a uma etérea ruiva com um remoto sorriso ao outro. Claire era a preciosa fantasia de diabo de cabelo escuro no meio.

—Quem é Allegra? A loira ou a ruiva? —Bud apenas não precisava perguntar. Era policial e muito bom em ler as caras. As loiras eram serenas e elegantes.

Estava claro que era a decoradora. A cara da ruiva harmonizava com a cristalina e angélica voz que tinha ouvido. Assim que ele mesmo podia responder a sua pergunta. Mas era tão agradável estar nesse pequeno tanque falando com Claire sem hormônios flutuando no ar. Logo transariam outra vez — notava como o desejo se ia intensificando— mas nesses momentos se sentia satisfeito só falando com ela. “Conversar” chamaria talvez uma garota.

O que fosse.

Era uma sensação muito agradável ouvi-la falar de suas amigas na pequena e acolhedora lavanderia, onde ele tinha passado uma satisfatória e produtiva meia hora fazendo algo útil que não envolvia seu membro.

Claire o deixava louco, sexualmente falando. Por alguma razão que não entendia, tinha se metido sob sua pele, e o sexo com ela era o mais intenso que tinha tido em sua vida. Mas deixando a um lado o sexo, Bud começava a dar-se conta que gostava de Claire. Gostava de seu inocente entusiasmo pela vida, sua natureza amistosa, o bom humor que borbulhava sob a superfície quando não estava a penetrando quase com violência...

O membro se moveu e ele pôs rédeas nos hormônios. Não. Agora não era o momento. Queria ouvir o que estava contando. Queria saber mais coisas dela. Ouvi-la falar de suas amigas era muito revelador. Pela primeira vez em sua vida preferia falar com uma mulher a fodê-la. De momento. Só estava deixando o sexo para depois.

Assombroso.

Bom, não tão assombroso se considerasse que Claire tinha algo mais a oferecer que um rosto fabuloso e um corpo abundantemente sexy. Além de umas longuíssimas pernas e uma boca muito suave. Ela era bondosa e alegre e provavelmente com um maior nível de educação que ele. E também lia muito mais a julgar pelas paredes cheias de livros da sala de estar. Embora talvez se



devesse a motivos profissionais, já que era bibliotecária.

Por sorte, ele não se sentia intimidado. Nem todos os livros do mundo podiam lhe dar a experiência para sobreviver na rua. Só a rua podia fazê-lo. Bud tinha experiência aos montes para sobreviver na rua.

—A ruiva é Allegra —respondeu Claire a sua pergunta— A loira é Suzanne. Allegra é irlandesa. Seu pai era um famoso musicólogo de Dublin que emigrou aqui para dar aulas no Reed quando ela tinha sete anos, e ainda fala com um encantado sotaque irlandês suave e melódico. Tem um sexto sentido, ou ao menos isso diz ela. —Claire mordeu o lábio — Entretanto o perdeu no momento mais inoportuno. Não a viu vir.

Bud franziu o cenho.

—O que é o que não viu vir?

—A tragédia. A verdade é que ninguém esperava. Todos nós sentíamos tão felizes por Allegra. Ia tão bem. Sua carreira tinha decolado, tinha concertos contratados com dois anos de antecipação. Seus três primeiros CDs não paravam de vender. Agora está escutando um, “As quatro estações.” É meu favorito.

Não era de se admirar que fosse seu favorito. As notas muito altas se elevavam no ar, ficando ali suspensas com uma perfeição cristalina, frágeis, delicadas, surpreendentemente formosas. Como uma música trazida de outro mundo. Ou do céu.

—Ia? Fala no passado. O que aconteceu? Deixou de cantar?

—Sim — de repente os olhos de Claire brilharam e seu rosto esticou. — Suponho que se pode dizer que deixou de cantar. Viu-se obrigada a isso. Justo ao começar sua carreira conseguiu um dos melhores representantes no mundo da música. Estava tão entusiasmada. Era um homem muito importante nesse âmbito, um produtor famoso que conseguiu estar nos primeiros postos das listas de êxitos dos anos oitenta. Estava aposentado, mas disse que voltaria a trabalhar por ela. Allegra não soube até mais tarde, muito tarde, de que seu êxito era coisa do passado e que tinha perdido todos os contatos por culpa do álcool e dos acessos de fúria. Era conhecido por seus ataques de raiva. Destroçou muitos quartos de hotel, embebedou-se muitas vezes, insultou a muitos peixes gordos. Allegra não tinha nem idéia quando o contratou. Estava a ponto de entrar na elite quando ele começou a destruir sua carreira. E logo teve... um acidente.

—Um acidente? —Bud meio se levantou— Agora está bem?

Claire mordia o lábio e em seus olhos apareceu uma grande dor.

—Não, a verdade é que não está bem. E não foi realmente um acidente. Atacaram-na. Golpearam-na tanto que lhe danificaram o nervo óptico. Ficou... ficou cega.

Bud ficou imóvel. Logo deixou o martelo muito pouco a pouco e girou para Claire. Algo em seu rosto fez que os olhos dela se abrissem assustados.

—Bud?

—Quem a assaltou? Encontraram o cara? —A voz era dura.

—Encontraram ao...? —Claire tragou saliva— OH, ao homem que o fez. Sim, seu representante. Deu-lhe uma surra. Ainda não posso entender como alguém pôde fazer mal a Allegra. Allegra é... não sei como descrevê-la. É uma pessoa tão maravilhosa, cálida e divertida. Bom, era cálida e divertida. Agora está assustada e... perdida. É tão espiritual. Uma verdadeira



artista. Necessitava alguém forte a seu lado e pensou que tinha encontrado. Primeiro começou a pressioná-la para que se deitasse com ele, mas ela não queria. E logo, logo começou a... mudar.

—Aposto que fez — disse Bud sombrio, concentrado no que estava ouvindo. Ele não sabia nada sobre livros ou música, mas era condenadamente seguro que sabia tudo sobre o outro assunto. Os homens que mudavam e se tornavam violentos era seu trabalho. Tinha visto uma e outra vez. A mulher se negava que a controlasse mais e o homem perdia o controle.

Bud sabia muito bem como ia acabar a história, mas de todas as formas queria ouvi-lo.

—Continue. —a animou.

—Bom, Allegra disse que ele se tornou muito exigente, impossível de agradar. Ela não fazia nada bem. Tinha ataques de raiva e nada do que ela fazia o acalmava, sabe?

Bud assentiu. Sim, sabia.

—O homem queria que Allegra abrangesse uma série de caminhos musicais impossíveis. Quero dizer, imagina a alguém com uma voz como a sua, cantando rap? Isso é o que queria. Também hip hop e salsa. Provou todos. Queria que ela se dedicasse a um tipo de música que não a satisfazia. Ela tentou, tentou de verdade, com todas suas forças, mas não deu resultado. E quanto mais fracassava e mais ela tentava mais se zangava ele. Os CDs já não vendiam e cancelaram alguns concertos porque não venderam suficientes entradas. E ele se enfurecia mais e mais.

OH, sim. Bud já conhecia essa história. Sabia como um afeminado filho da puta podia começar a golpear a todo aquele que estivesse a seu redor, negando-se a aceitar a culpa por seus próprios fracassos.

—Ela falou a fundo com Suzanne e comigo. Eu não sou uma mulher de negócios, mas Suzanne é claro que sim. Suzanne é muito mais dura do que parece e disse a Allegra que despedisse seu representante. Que ele a estava afundando. Assim Allegra decidiu rescindir o contrato. Havia uma cláusula que permitia — Claire esboçou um sorriso e moveu a cabeça com admiração— Suzanne se assegurou de que a cláusula estivesse lá. Allegra levou consigo seu pai quando foi dizer a seu representante que o contrato estava rescindido.

Claire deixou de falar. Bud esperou logo a tocou no ombro com suavidade.

—E?

Claire respirou fundo, tremendo.

—E... e não sei. Allegra não fala do que aconteceu. Não recorda. Mas a meia-noite Suzanne e eu recebemos uma chamada do hospital. Tinham encontrado nossos nomes na bolsa de Allegra. Uma enfermeira nos chamou.

OH Deus. Bud fechou os olhos, recordando as vezes que sua mãe tinha ido parar no hospital pelas surras de seu padrasto. Sabia o tom que teria a enfermeira quando as chamou, enérgico e prático, e triste e compassivo sob a brutalidade.

—O pai de Allegra estava morto. Bateu a cabeça contra uma mesinha de vidro, ou isso foi o que disse o representante. Allegra não recorda nada. Quão único sabe é que despertou uma semana mais tarde com a mandíbula imobilizada por arames, um enorme hematoma cerebral e cega.

A mandíbula de Bud se esticou. Era a história mais antiga do mundo, mas sempre o enfurecia.



—Como se chama esse saca... esse cara?

Claire voltou a olhá-lo com curiosidade, mas respondeu a pergunta.

—Corey. Corey Sanderson. Como já disse antes, era bastante conhecido nos anos oitenta. Suponho que isso ajudou. Seu advogado propôs um trato. Declarou que a morte do pai de Allegra foi acidental e que seu cliente tinha problemas de alienação mental. Allegra não recordava nada e de todos os modos não podia dar declaração. Estava no hospital e não podia falar com a mandíbula imobilizada. Ainda agora mal está recuperada. Quando se celebrou o julgamento ainda estava no hospital.

—O que jogaram a ele?

—Quer dizer a sentença?

Bud assentiu, com um nó na garganta. Sim, a sentença. Seu padrasto mal cumpriu condenação por assassinar a sua mãe.

—Acredito que sete anos. Por homicídio involuntário e lesões. Mas está obrigado a submeter-se a tratamento psiquiátrico. Agora está em uma clínica psiquiátrica.

Corey Sanderson. Bud tomou nota do filho da puta. Ia desenterrar o caso, estudar as provas. Soava a um trabalho policial mal feito. Soava a um homem que ficava absolvido depois de cometer um assassinato. Bud estava condenadamente decidido a rebuscar nos arquivos, embora as tripas lhe dissessem que não poderia fazer nada. A esse sacana do Sanderson tinham defendido com rapidez e eficiência. Tinha tido dinheiro suficiente para contratar o melhor advogado; a senhorita Ennis tinha estado muito doente para atestar por assassinato e o imbecil se livrou com uma sentença muito suave. O homicídio involuntário e assalto com lesões deveria ficar preso com ao menos 15 ou 20 anos da prisão, não com sete em uma cômoda clínica. Sem mencionar o fato de que teria que ter sido homicídio, e inclusive assassinato. E até poderia ter sido premeditado. Seu meio de vida se rebelou e tinha um pai. Assim se desfazia do papai e ensinava a ela uma lição. Mas um processo pela segunda vez significava que o safado que tinha matado um homem — e espancado e deixado cega uma mulher ao mesmo tempo— nunca poderia voltar a ser processado por assassinato.

Bud recordou a foto que tinha visto. Allegra Ennis era uma mulher miúda, com um corpo delicado e um encantador rosto em forma de coração. A idéia de um homem lhe dando murros... seus próprios punhos se fecharam com força e se obrigou a voltar a abri-los.

Era por esse motivo — exatamente por esse motivo— pelo qual se alistou na marinha e pelo qual mais tarde se tornou policial. Para proteger os fracos. Já era muito tarde para proteger sua mãe, mas por Deus que tinha tido o prazer de tirar de circulação a sua cota de canalhas. Particularmente esses caras exaltados que se desforravam com mulheres e crianças.

Claire examinava seu rosto com inquietação. Ele sabia que estava emitindo ondas quase evidentes de frustração e ardente raiva e não o conhecia o bastante para saber que não eram dirigidas a ela. Poderia ser um homem violento, capaz de golpear uma mulher.

Estavam somente os dois e ele poderia lhe partir o pescoço com a mesma facilidade com a que partiria um feijão.

Sempre tinha sido bom nas brigas guias de ruas e a marinha se ocupou de aperfeiçoá-lo. Tinha-lhe ensinado como ser uma máquina de matar. Tinha gostado da instrução militar tanto



como um pato da água e era igualmente bom com uma pedra, os punhos, uma faca ou uma pistola. Ao entrar na polícia tinha aprendido outros truques. A Academia de Polícia tinha sido pão dormido, sobressaindo-se em tudo exceto em Teoria de Aplicação à Lei. OH, sim. Poderia feri-la de muitas formas diferentes e ela não teria nenhuma possibilidade.

Haviam transado claro, mas isso não detinha um homem que queria atacar uma mulher. Ao contrário, o sexo só fazia as coisas mais excitantes se eram uns agressores. Claire não podia saber se ele se voltaria contra ela e lhe daria uma surra na primeira vez que discutissem. Inclusive poderia matá-la.

Bud já tinha matado antes, em cumprimento do dever, é obvio. A dois soldados inimigos enquanto esteve na marinha, durante a primeira Guerra do Golfo. E como policial levou adiante um canalha de merda filho da puta que tinha seqüestrado de um hospital uma menina doente. A herdeira Parks. Bud tinha metido uma bala no peito do canalha e o tinham condecorado por isso.

Mas nada disso tinha que preocupar Claire. Ela não tinha nada absolutamente que temer dele. Ele mesmo arrancaria sua própria garganta antes de fazer mal a Claire ou a qualquer outra mulher. Mas como ia falar para ela?

Agora era o momento. O momento de lhe dizer que era policial. Que tinha um interesse pessoal na história da surra de Allegra e o assassinado de seu pai. Que não estava zangado com ela; estava zangado com o sistema. Ela podia confiar nele por completo. Jamais levantaria uma mão a ela nem a nenhuma outra mulher, a menos que fosse em cumprimento do dever e para proteger a alguém mais fraco.

Abriu a boca para lhe dizer tudo isto, para lhe dizer que era policial, e ficou surpreso pelo que ouviu a si mesmo dizer.

—Por que leva esses livros?

Claire relaxou, e moveu os ombros com suavidade no mesmo compasso que a música que fluía no ar, uma melodia de dança celta.

—Estes? —O sorriso voltou para seus lábios enquanto continuava segurando os livros.

Por que diabos não o havia dito? Era o momento oportuno, um enorme espaço aberto na conversa esperando ser preenchido. Estavam passando juntos um intenso fim de semana, tinham tido sexo ardente e explosivo e ele esperava com ânsias ter mais antes da manhã seguinte, quando ele voltaria para a delegacia de polícia e ela a... aonde fosse que trabalhava. Era o momento perfeito para compartilhar confidências. Para falar das vidas de cada um.

Sabia por que não falava. Este era um fim de semana roubado, fora da realidade. Não queria que nada o danificasse. Não queria que os pequenos detalhes da vida interferissem.

—Sim, estes.

Claire levantou os dois enormes livros, um de capa dura e outro de capa flexível, com as capas bastante gastas e poeirentas. Parecia que tinham mais de mil anos.

—Bom, pensei que como você estava fazendo algo viril aqui dentro, eu em troca poderia fazer algo feminino. E não... — o esquivou com habilidade, dando uma palmada às suas mãos que se estendiam para ela— Não queria dizer isto. Vou ler poesia para você enquanto trabalha.

Poesia? Ia ler para ele poesia? Mãe de Deus.

Bud colocou um sorriso na cara.



—OH. Hum, poesia. Isto... ah... maravilha, querida.

Claire jogou a cabeça para trás e riu.

—Oh, Bud. Deveria ver sua expressão — subiu sobre a máquina de lavar roupa, sentou-se com as pernas cruzadas, e sorriu com dissimulação. Parecia um elfo muito belo enquanto abria o primeiro livro. Um livro muuuiitooo grosso notou Bud com inquietação. Um livro muito grosso, muito escuro, muito gasto e muito poeirento.

—Você gostará deste. —disse ela girando as páginas com ímpeto e com um pequeno cenho franzido entre as escuras sobrancelhas— Por favor, continue com o que fazia —disse sem elevar o olhar— Pensa que sou um ruído de fundo, como Allegra.

Os suportes tinham que estar apertados, assim, com um suspiro, Bud agarrou uma chave de fenda Philips da caixa de ferramentas. Menos mal que sempre levava uma caixa de ferramentas no porta-malas do carro. Podia ser que Suzanne tivesse equipado Claire com tudo o que necessitava, mas aparentemente as ferramentas não entravam nessa categoria. Claire tinha um martelo pequeno de metal — muito bonito, isso sim— que poderia ser útil para dar em alguém um golpezinho nos joelhos e averiguar se esse alguém estava morto ou não, mas que não servia para muito mais. Também tinha um pequeno jogo de chaves de fenda com bonitos cabos de cores que se trincariam ao primeiro contato com algo resistente. E isso era tudo.

—Dom Juan — anunciou Claire. Tinha um esbelto dedo assinalando a página, mas estava observando-o — Byron.

—Maravilha —Bud tentou insuflar um pouco de entusiasmo na voz — Ode a uma Urna Grega.

—Não —disse Claire com serenidade — Isso é do Keats. Byron é sexo e pecado, você gostará. Agora se cala e escute. Esta poesia está escrita para você. Saltarei o prólogo onde Byron insulta aos poetas mais importantes e tediosos de seu tempo e irei diretamente aonde, com dezesseis anos, Dom Juan seduz a melhor amiga da mulher de seu pai.

Claire começou a ler, e apesar de sua predisposição contra a Literatura com L maiúsculo, Bud escutou. Ela se interrompia de vez em quando para lhe explicar alguns pontos. Claire lia bem, com paixão e dramatismo, e Bud, apesar de si mesmo, sentiu-se fascinado. OH, sim, aquele Dom Juan era de verdade... um Dom Juan. Um perverso e elegante safado com um bom olho para as senhoras. Bud perdeu a pista do número de mulheres com as quais se deitou o homem.

A voz de Claire se elevava e se suavizava com as emoções do poema. Aquela voz suave e clara, cristalina como uma campainha, parecia encher o quarto. Era uma leitora maravilhosa e muito em breve, Bud, estava metido na situação. Ela leu vários cantos enquanto ele trabalhava, quase sem dar-se conta, ao ritmo das cadências do poema. Bud levantava a última prateleira quando ela se deteve.

Sobressaltado, deu-se conta que o tempo tinha passado com rapidez. Tinha ajustado quase todos os suportes enquanto Claire lia. Que o condenassem, não só ficou cativado com sua voz, mas também com a história.

—Foi divertido — disse impressionado.

Com um pequeno sorriso, Claire afastou o enorme livro escuro e poeirento e abriu o outro. Uma edição de capa flexível, muito usada e antiga titulada Poesia Satírica Moderna.



—Este você gostará ainda mais. Espere e verá. —cantarolou ela com suavidade enquanto folheava as páginas até encontrar o que procurava. Com um suspiro de prazer, anunciou— Ogden Nash⁵.

Bud tinha ouvido o nome, mas não conseguia situá-lo. Era alguém que deveria conhecer o que significava alguém aborrecido. Bud se dispôs a aborrecer-se e ficou surpreso quando ocorreu justamente o contrário.

O primeiro poema — As guloseimas são mais elegantes, mas o licor é mais rápido— que dizia que era mais fácil conquistar uma mulher para levá-la para cama com licor que com guloseimas lhe arrancou uma gargalhada e por pouco não deu uma martelada no polegar. Claire leu poema após poema enquanto ele ria dissimuladamente e tentava manter a compostura e continuar cravando as prateleiras retas com a voz dela envolvendo-o, lendo em voz alta a poesia mais divertida e absurda que tinha ouvido em sua vida. Quando Claire leu a última “As Reflexões mais profundas da salsinha” onde basicamente devia dizer que “a salsinha é mais que vil”, deu-se por vencido e jogou a cabeça para trás. As ferramentas caíram ao chão e ele seguiu, com os olhos cheios de lágrimas, segurando os flancos, e rindo tão forte que chegou a ter dor de estômago. Não recordava a última vez que riu tanto.

Claire, encantada, continuou folheando as páginas.

—Outro. —disse ela com um brilho nos olhos azuis escuros.

Bud elevou uma mão, pondo a outra em seu dolorido estômago.

—Para —suplicou, sem fôlego— Já não posso mais.

Quando a risada diminuiu e foi capaz de voltar a pensar com clareza, olhou para Claire, sentada com delicadeza sobre a máquina de lavar roupa, e com aspecto de estar muito orgulhosa e enormemente satisfeita consigo mesma.

Trocou de roupa e agora levava um moletom rosa. A cor ressaltava as saudáveis nuances pêssego daquela pele de marfim e acentuava a cor do céu do verão de seus olhos. Era tão linda, tão atraente que lhe tirava o fôlego. Uma ardente luxúria o atravessou como um relâmpago, quase elétrico por sua intensidade. Arrepiou-lhe o pelo dos braços.

Um clamor encheu sua cabeça, o tangido de sinos, o retumbar de chifres, o som de pires.

Bud deixou de rir de repente. Endireitou-se e se aproximou da máquina de lavar roupa, ultrapassando-a em altura.

—Bud? —sussurrou Claire, olhando-o. Ele não respondeu. Não podia falar, mal podia pensar com aquele alvoroço na cabeça.

—Levanta os braços. —disse ele com voz rouca.

—Certo. —Os esbeltos braços se levantaram imediatamente para cima, fazendo que as grossas mangas da jaqueta descessem por seus delicados pulsos. Certamente Claire era obediente. Essa era uma das muitas coisas que amava nela.

Amava?

Não, não, melhor não ir por aí, disse a si mesmo. Melhor viver o momento. E neste momento

⁵ Frederic Ogden Nash (19 de agosto de 1902 - 19 de maio de 1971) foi um poeta americano bem conhecido por seus versos leves.



a necessitava nua mais do que precisava respirar. Ela o olhava com firmeza, com aqueles olhos tão claros e azuis como o céu ao final de uma tarde do verão. Claros e tranquilos, sem nenhum temor.

Bem, não queria que tivesse nenhum medo. Era um milagre que ainda falasse com ele, depois de fodê-la quase com violência durante o café da manhã. Quando tinha perdido o controle. Mas agora que já sabia que podia penetrá-la sem camisinha, não tinha nenhuma desculpa para comportar-se como um selvagem, embora seu pulso estivesse desbocando enquanto lhe tirava a parte superior do moletom, deslizando-o para cima pelos braços. Tirou-lhe essas graciosas varinhas do cabelo e se deleitou com a sensação do brilhante e escuro cabelo caindo sobre as mãos. Acariciou-o. De repente lhe chegou o aroma do xampu e se deteve bem a tempo antes de levá-lo ao nariz e cheirá-lo como um cão. Estava tão excitado que seu membro doía, e, olhando para trás, compreendeu que já fazia um bom momento que havia ficado duro, só que não tinha notado por ter estado rindo tanto.

Puxou a jaqueta rosada por cima de seu ombro, rodeou-a com um braço para elevá-la e descer as calças do moletom, acariciando também suas pernas e então — Oh, sim! — ali estava ela. Nua. Também preparada se tivesse que julgar pelo olhar de seus olhos.

Só havia uma maneira de averiguá-lo. Tocou com suavidade seu delicado sexo, deslizando os dedos pelas dobras. Estava molhada. Não tanto como ele gostaria, mas sim o suficiente. Suspirando mentalmente, Bud compreendeu que desta vez tampouco haveria muitas preliminares.

Possivelmente a próxima vez.

Bud tirou a jaqueta e a olhou. Seguro que Claire tinha frio, sentada ali, nua, sobre a máquina de lavar roupa. Não queria que tivesse frio, não queria que tivesse nenhum tipo de desconforto. Levantou-a com um braço, pôs sua jaqueta debaixo dela e se colocou entre suas pernas. Claire as abriu para lhe fazer lugar e logo, para sua surpresa, colocou as mãos na sua virilha. Estava olhando para baixo, entre suas coxas, lá onde ele se colocou, tão perto que o tecido que cobria sua ereção lhe roçava o sexo.

—Posso? —perguntou ela com um suspiro, estendendo a mão para tocar seu membro através da roupa.

Claire ouviu um “sim” que era mais um som estrangulado e o tocou com o indicador, percorrendo a ereção de cima a baixo. Estava totalmente concentrada no que fazia, com um pequeno sorriso nos lábios ao ver e sentir como reagia. Se ficasse um pouco mais duro poderia usar o pênis para cravar pregos. Os quadris se ondulavam para frente ao ritmo da mão. Logo ela afastou a mão e Bud quase ficou a gritar em seguida: Ei! Volta aqui!

Mas Claire já estava colocando as mãos pela cintura das calças de moletom para descê-la. Em um segundo estava duro como uma pedra e desesperado. O membro apontava todo orgulhoso lá onde queria ir. Claire empurrou para baixo com um pouco mais de força e as calças caíram até os tornozelos. Ele estava descalço. Outro segundo e Bud tirou as calças e as tinha afastado a um lado com o pé. Havia muito que dizer a favor de usar moletons sem roupa de baixo. Os dois ficaram nus em menos de cinco segundos.

As pernas de Claire estavam tão abertas que podia ver os lábios interiores de seu pequeno e doce sexo. De um rosado escuro e brilhante. Bud começou a respirar cada vez mais rápido e muito



perto de perder o controle. Outra vez.

Com um autocontrole merecedor do Prêmio Nobel ficou ali quieto. Era necessário dominar-se de algum jeito. Desta vez tinha que fodê-la de forma adequada, e não penetrá-la em um frenesi louco.

Não ia investir como um desesperado. Não desta vez. Era necessário que Claire soubesse que o sexo era algo mais que o que tinham tido até agora. Tinha que haver algo que pudesse fazer para conseguir ir mais pouco a pouco, para conseguir fazer amor e não foder. Encontrar um pouco de ritmo, algum método para controlar os movimentos. Mas o que?

Bud apertou os dentes. Desejava tanto penetrá-la que teve que ranger os molares para manter-se imóvel.

Empurrou um pouco, sentiu como deslizava para dentro, sentiu como perdia o controle... respirou com força e se retirou. Tinha que fazê-lo bem.

Bom, tinha lido para ele poesia e o tinha entretido e acompanhado enquanto trabalhava. Talvez isso funcionasse.

Afastou o olhar de onde seu membro estava mal colocado dentro dela e a olhou nos olhos.

O pouco sangue que ficava na cabeça permitiu que seu cérebro se maravilhasse pela expressão do rosto de Claire. Suave e ligeiramente excitada. Inclusive em meio da paixão, um pequeno sorriso aparecia nos lábios. Um sorriso que tinha estado ali do primeiro momento. Matar-se-ia antes de ver desaparecer esse sorriso. Ao encontrar seu olhar, quase ficou hipnotizado pelo luminoso azul de seus olhos que brilhavam com intensidade.

Empurrou um pouco e toda a cabeça do membro deslizou dentro. Empurrou um pouco mais. Jesus!

Um pouco mais.

Bud respirou fundo e começou a falar, agora que ainda podia. Retirou-se um pouco saboreando a sensação.

—No colégio fui um vândalo. Virtualmente um delinqüente juvenil. —Mal estava dentro dela, provou fazer girar o membro, estirando Claire um pouco, atormentando-se. Uma veia pulsou no esbelto pescoço e ele se inclinou para frente para lambê-la e mordiscá-la, e foi recompensado por uma pequena contração de seu sexo. Sim!—Exceto me drogar fiz de tudo, incluindo fechar com cola os escaninhos dos estudantes do segundo ano e jogar pintura verde sobre a estátua que havia na grama diante do colégio. Era algum governador — O sorriso de Claire se fez um pouco mais amplo. Ele viu o batimento de seu coração no peito esquerdo e resistiu o impulso de mordê-la também ali.

Não o fez porque sabia que seria muito difícil deter-se.

—Bebia seis cervejas cada noite, fumava um pacote diário, expulsaram-me do colégio e ia muito atrasado nos estudos. Ganhava a vida fazendo armadilhas no pôquer e enrolando os meninos ricos. Foi um milagre que não acabasse em um reformatório. A única coisa boa que me aconteceu foi ter o senhor Roth como professor de inglês. Era mais duro que uma pedra. Mais duro que eu.

Bud deslizou para frente um pouco, fazendo girar os quadris em vez de empurrar. Claire estava tão molhada que se ouviam pequenos sons de chupada.



Ela o estava olhando.

—Tudo isto é... OH! —Ele tinha começado uns pequenos movimentos oscilantes que Claire adorava, a julgar por como entrecerrava os olhos e por quão molhada estava—. É... interessante — ofegou ela com o olhar desfocado.

Ele riu.

—De verdade — protestou ela. Mas tinha os olhos meio fechados e a cabeça inclinada, como se não tivesse a suficiente energia para mantê-la direita.

—Pois ainda será mais — Bud a olhou sorrindo, amando tudo o que via. A expressão excitada de seu rosto, a sensação dos esbeltos músculos das costas sob suas mãos, a suavidade cremosa por onde a penetrava— O senhor Roth me obrigou a memorizar as coisas. Longas listas de coisas. Presidentes americanos, reis e rainhas da Inglaterra, as capitais dos estados, poesia. Não importava o que. Não lhe importava se era difícil e aborrecido. —As listas e os poemas ainda estavam gravados em seu cérebro, escritos nos neurônios e ali continuariam até o dia de sua morte — Disse-me que me denunciaria à polícia se não memorizasse as listas, e dizia a sério. Assim que passei todo um verão resmungando, memorizando e odiando-o. E sem me colocar em confusões durante três meses inteiros.

Pouco a pouco, Bud a penetrou até ficar dentro dela por completo, inclinou a cabeça até que ambas as testas ficaram unidas, e exalou um tremente suspiro. Claire o envolvia com força. Todos seus sentidos gritavam de prazer. Pele suave sob as mãos, ondas de cabelo perfumado sobre ombros e braços, coxas longas e esbeltas ao redor dos quadris, seios altos e redondos apertados com tanta força contra o torso que sentia os mamilos, pequenos e duros.

Sem dúvida alguma ela estava excitada, graças a Deus. Sentia sua respiração na cara — e respirava muito rápido — e as pálpebras com aquelas densas pestanas meio ocultavam os olhos que brilhavam como estrelas. Fez girar o membro outra vez, para provar. Estava muito molhada. Perfeito.

—Ainda lembro alguns poemas. —murmurou. Naquele tempo os chamava “pomas”

—Sim? —ofegou ela — Recite para mim.

—De acordo — assentiu ele com voz rouca.

O membro de Bud investiu até o final. Claire estava molhada, mas tão apertada que teve medo machucá-la. Falar o ajudou a manter um mínimo de controle. Aí vai, pensou.

—*Uma - vez- em* — Dentro, fora, dentro.

—*Uma-noite-descon-solada* — Quatro investidas seguindo a métrica do verso.

—*Enquanto – fraca – e – cansado – refle - tindo* —O ritmo das palavras lhe dava certo poder sobre a situação. Ajudava-o a manter os movimentos regulares e suaves.

—*In-cli-na-do-sou-bre-um-ve-lho-e-ra-ro-li-vro-de-ci-ên-cia-es-que-ci-do* — OH, sim, estava indo muito bem, uma investida, uma palavra.

As pálpebras de Claire se elevaram e seu sorriso se fez mais amplo. Olhou-a nos olhos, recitando as palavras que tinha metidas no cérebro fazia vinte anos. Os quadris continuavam movendo-se ao ritmo da métrica do poema. Sem afastar o olhar dos olhos dela, continuou recitando “O corvo” de Edgar Allan Poe.

Investia um pouco mais depressa quando declamou:



—Es - cu - ri - dão - e - na - da - mais.

Bud moveu as mãos, aproximando-a mais dele, encaixando-a com mais força e se deteve, muito dentro dela.

—Esteve bem —suspirou Claire— Fabuloso para... — calou-se e mordeu o lábio.

—Para?

—Para... ammm... já sabe.

—Para foder? —perguntou Bud com voz áspera.

—Mm— homm.

—Diga — Empurrou com o membro, levantando-a pela força do movimento.

—Dizer... isso?

—Sim.

Ficou quieto dentro dela, olhando-a nos olhos. Claire estava a ponto de gozar, notava-o pelos estremecimentos das coxas, pela respiração agitada. As pupilas tão grandes que só ficava um estreito círculo azul. Tinha-lhe posto os braços ao redor do pescoço e tinham os rostos tão perto um do outro que os narizes quase se tocavam, tão perto que via todos os sintomas de excitação em sua cara. Notava-lhe a excitação até nos seios, respirando em rápidas e curtas inalações.

—Diga-o. Vamos. Não cairá um raio do céu para matá-la. Diga que é um poema maravilhoso para foder.

Claire abriu a boca e logo a fechou.

—Eu... não posso.

—Claro que pode. É uma palavra no mesmo idioma que as outras — Se retirou e empurrou com força, um golpe forte e rápido que a sacudiu. Toda ela estava tremendo. Ele empurrou o membro para cima. A maioria das mulheres tinha um pequeno ponto, aí mesmo... — Diga. Diga!

—Bud, não posso.

—Claro que pode — Investiu com mais força.

Bud não tinha nem idéia de por que a pressionava tanto. Talvez porque precisava saber que ela estava tão perdida quanto ele. Era muito provável que dizer foder estivesse a mil anos luz do que era normal para a pequena Princesa Bibliotecária. Bem, genial. Ele também estava a mil anos luz de seu comportamento habitual.

Bud desceu a mão para lhe acariciar o clitóris, olhando o batimento do seu coração no peito esquerdo.

Estava dilatada, e molhada. Acariciou-a e viu como o rubor se fazia mais intenso.

—Vamos.

—Eu, ah...

Agarrou-a pelo traseiro com força e investiu. Estava tão dentro como era possível.

—Diga-o — grunhiu.

—Um... um bom poema — ofegou Claire—, para fo... para fo... para foder. Oh, Deus!

As palavras a empurraram diretamente ao precipício. As pernas lhe rodearam os quadris com mais força, arqueou-se contra ele e Bud notou como gozava, um fortíssimo orgasmo que fazia com que a doce vagina palpitasse com brutalidade ao redor de sua ereção. Claire estremecia,



braços e pernas apertando-o ao ritmo das contrações. Os braços ao redor do pescoço, com uma mão sobre a nuca. As caras unidas, bochecha contra bochecha. Ofegava diretamente em seu ouvido. Jesus, inclusive sentia o ar de sua respiração. Bud teve que apertar os dentes para não gozar, mantendo-se rígido e ainda dentro dela enquanto Claire perdia totalmente o controle.

Por fim se acalmou, obstinada ainda a seu pescoço. Apoiou-lhe a bochecha no ombro e o beijou na orelha.

—Sei mais — disse ele e a notou tremer.

—Mais? Oh... mais poemas — Claire fechou os olhos e sorriu — Não sei se poderei sobreviver a mais poesia.

—Com certeza que sim — Bud lambeu sua orelha e ela voltou a tremer. Notou uma última contração de seu sexo e sorriu. OH, sim. Deslizou as mãos pelo traseiro e a manteve quieta enquanto ele voltava a empurrar, com suavidade ao princípio. Agora que ela gozou era mais fácil.

Estava deliciosamente suave e cremosa, suas malhas se separavam lhe dando à boa-vinda. E isso é o que deviam fazer. Esse era “sua” vagina. Feita para ele. Só para ele.

—Escuta este — grunhiu Bud em seu ouvido, começando a mover-se ao ritmo da cadência.

—A-pers-pec-tiva-não-era-bri-lhante-para-o-Mud-ville-aquele-dia-com-um-turno-mais-para-jogar-o-resul-tado-quatro-a-dois-se-mantinha.

Claire deu um salto, e ofegou sobre seu ombro.

—“Casey e o taco de beisebol”? Vai ... foder-me com “Casey e o taco de beisebol”? —Os músculos do estômago se contraíram contra ele quando ela jogou para trás a cabeça e riu encantada.

—Silêncio — Bud a segurou com mais força. Ele estava já na beira do precipício, talvez a próxima vez pudesse se controlar um pouco mais, embora começasse a duvidar se com ela poderia controlar-se alguma vez.

Recitar mantinha sua mente justo no limite do controle. Na próxima vez recitaria a Hiawatha, 500 linhas.

—Escuta. — Agora levava um ritmo bastante aceitável, deslizando-se dentro dela profundamente e com facilidade.

—Havia-fluidez-nos-movi-mentos-de-Casey-quando-foi-a-sua-posição;

—havia-orgulho-no-porte-de-Casey-e- um-sorriso-em-sua-expressão.

Ele investia a um ritmo ainda mais prazeroso que no Mudville, pondo todas suas esperanças em Casey.

Quando o árbitro gritou “strike dois”, Bud estava ofegando e estremecendo. Só recitar de cor aquelas palavras o mantinha um pouco mais à frente do fio da navalha, mantendo um pouco de sangue na cabeça. Claire se agarrava a ele, suave e ruborizada, com as flexíveis coxas totalmente abertas. Abraçou-a com força, investiu mais forte, mais rápido. Recitava de forma completamente mecânica, com os sentidos totalmente alheios ao mundo exterior, com toda sua atenção concentrada no membro, deslizando dentro e fora da suavidade de Claire...

—*Em —alguma-parte-os-homens-riam-e-em-alguma-parte-os-meninos-gritavam—* Claire o mordeu no pescoço, com suavidade, como uma égua mordendo seu garanhão. Foi muito. Ouviu-se gritar, um som amortecido pelo suave cabelo, quando explodiu dentro dela com ardentes e



ferozes jorros, bombeando de maneira selvagem, queimando-se. O sêmen saía direto da liquidificada medula espinhal porque quando acabou, teve que apoiar os joelhos na máquina de lavar roupa e os travar ali. Mal podia manter-se em pé. Não tinha estado doente nem um só dia em sua vida, mas de repente teve um brilho do que devia ser sentir-se fraco e doente. Sentia os músculos de borracha e quase sem força. Mal podia estar de pé e agarrar-se a Claire foi quanto único evitou que caísse ao chão.

Seu coração martelava e via pontos negros diante dos olhos.

Jesus, acaso era possível transar até cair morto?

—Bom. —Claire suspirou com pesar apoiando a cabeça entre seu ombro e o pescoço. Notou o sorriso na voz dela — Suponho que Ernest Thayer se equivocou. O poderoso Casey certamente não fez um “strike out”

De Bud escapou uma gargalhada, um som tão raro nele que quase não reconheceu o ruído que saía de sua própria garganta. Ele quase nunca ria. A vida não tinha nada de graciosa e era condenadamente seguro que em seu trabalho não via muita coisa que o fizesse rir. Inclusive sorria muito raramente. E hoje tinha rido algumas vezes. Risada de verdade, que lhe saía do mais profundo. Assombroso.

Tudo era assombroso. Essa linda mulher em seus braços, o sexo escandalosamente intenso, suas reações tão selvagens.

E agora isto.

Pensava que sabia tudo o que tinha que saber sobre transar. Que no sexo tinha visto tudo e feito tudo, em todas as posições, em todos os orifícios, tudo.

Mas sem lugar a dúvidas era a primeira vez que havia transado com pentâmetro iâmbico.

Capítulo 9

Aquela tarde, Claire permaneceu durante muito tempo sob a ducha quente, dando calor aos doloridos músculos. Recordar como havia machucado esses músculos a fez sorrir. Bud tinha saltado em cima dela outra vez pela tarde, depois de cozinhar para ela uma enorme quantidade de comida, alimentando-a com seu próprio garfo com as partes mais seletas de uma deliciosa vitela *piccata*. A Claire já tinham alimentado antes, é obvio, quando tinha estado muito fraca para segurar o garfo.

Mas nunca desta maneira. Nunca por um magnífico pedaço de sexo andante e falante de brilhantes olhos dourados, lhe dizendo que abrisse a boca.

E ela a tinha aberto.

Tinha aberto tudo. Boca, coxas, sexo... coração.

Comeram a comida com calma e logo Bud tinha usado com facilidade e perícia a cafeteira italiana importada de aparência perigosa. Saíram dois cafés rápidos perfeitos que encheram a casa do aroma da fragrante beberagem. O homem fazia tudo à perfeição. Conduzir pela neve, cozinhar, fazer café rápido, pendurar prateleiras.



Foder.

Bud era contagioso.

Claire sorriu e ergueu o rosto para a água que caía. Nunca na vida havia dito essa palavra, nem sequer com o pensamento. E, entretanto era uma descrição tão deliciosamente apropriada, a palavra perfeita para um ato perfeito. E de todas as maneiras era bastante certo. Ele sabia foder à perfeição.

Ao cabo de um momento, tinham passado à sala de estar onde Bud tinha apoiado uns pés enormes e nus em cima da arca chinesa que usava como mesinha de centro e tinha ligado a televisão.

Retransmitiam um jogo de futebol, que Bud tomou muito a sério porque disse que tinha apostado dez dólares e se apostava muito com o resultado. Ela nunca antes tinha visto um jogo de futebol e não tinha nem idéia das regras. Era ruidoso, cheio de cor e, de maneira chocante, violento. Uma enorme quantidade de gente vestida com roupa chamativa gritava e aplaudia. Umas garotas bastante metidas com uns conjuntos muito pequenos agitavam com energia uns pompons. Uns homens enormes com uns ombros enormes e pernas relativamente longas e magras corriam como loucos por toda parte em um campo imenso seguindo o que Bud chamou de “estratégias de jogo”. Tudo era misterioso e estranho para ela, como olhar os ritos de alguma tribo remota do Amazonas.

Depois de que um homem particularmente enorme meteu a bola sob o braço e pôs-se a correr a toda velocidade entre um montão de outros homens alarmantemente enormes, girou para Bud, desconcertada.

—Acreditava que não podiam tocar a bola com as mãos. E por que a bola não é redonda?

Ele tinha rido sem afastar o olhar da televisão.

—Isto é o futebol americano, querida. O outro é futebol.

—Oh. Certo. —Claire tinha posto os pés nus ao lado dos dele, tinha-os cruzado e se acomodou dentro do círculo formado pelo enorme braço colocado no respaldo do sofá. Achava muito mais interessante o contraste dos pés que o que estava acontecendo na tela.

Inclusive os pés de Bud eram perfeitos. Compridos, magros, fibrosos, com um leve pelo dourado nos dedos.

—Para quem torcemos?

—Para os Falcões de Seattle — tinha respondido ele, olhando a tela com o cenho franzido e com o controle a distancia na mão. Não tinha deixado o controle nem uma vez desde que se sentaram. Assim era verdade. Os humanos com o cromossomo Y tinham uma compulsão genética a ter o controle remoto agarrado. Tinha lido isso, mas nunca antes tinha visto com seus próprios olhos — E não é que tenha ajudado em algo que os anime.

Ele bufou a algo que tinha acontecido na tela que implicava uma entusiasta e colorida violência. Claire se sobressaltou mais de uma vez. Seguro que isso doía, verdade?

—Palhaços. —soprou Bud quando um homem enorme se equilibrou contra outro homem enorme e o derrubou— Vamos, Nate, é um covarde. Dê-lhe um chute de uma vez.

Era tudo tão... normal. Um homem e uma mulher. Uma tarde de um frio domingo invernal diante da televisão depois de comer, olhando um jogo de futebol.



Até hoje nunca lhe tinha ocorrido que tudo isto pudesse fazer parte de sua vida. Era tão incrivelmente delicioso fazer algo que faziam também neste momento um milhão de mulheres mais. Ver a televisão com seus companheiros. Seus namorados.

O casal sentimental, o amante de volta. Como fosse que o chamasse hoje em dia.

Só que as outras mulheres não olhavam a televisão com alguém tão bonito e sensual como Bud. Claire observou com ar satisfeito Bud, que com o cenho franzido por algo que acontecia na tela, estava tão sexy e contrariado, tão bonito, se é que bonito fosse um termo que pudesse aplicar-se a um homem tão grande e forte como ele. Ocorreu alguma coisa na tela que tinha algo a ver com uma grande parte daqueles homens enormes atirando-se sobre eles mesmos e amontoando uns em cima dos outros sobre um pobre idiota que ficou debaixo de todos eles. Bud deu palmadas no joelho, indignado. Claire soltou uma gargalhada de prazer ao ver sua expressão, e ele a olhou.

E assim, sem mais, voltou a acontecer.

Bud entreabriu os olhos e tocou um botão do controle sem afastar o olhar dela.

O som da televisão desceu de volume enquanto ela o olhava nos olhos.

Cortou-lhe a respiração. Esse olhar dourado de predador havia tornado quando a atenção de Bud se concentrou nela, quando suas mãos a agarraram. Em uns segundos estavam os dois nus e ele a penetrava com força enquanto lhe rodeava os quadris com as coxas. Desta vez, Bud não se deteve até que tudo terminou. Ela jazia languidamente debaixo dele, meio afogando-se porque, embora adorasse o ter em cima, pesava muitíssimo. Estava debatendo consigo mesma se queria continuar tendo-o em cima ou respirar, quando da televisão saiu um forte ruído apesar de ter o volume baixo.

Meio estádio estava de pé, rugindo. As buzinas ressoavam quando os jogadores abandonaram o campo.

Claire tentou aspirar o suficiente ar para falar. Deus, esse homem pesava uma tonelada. Ele apoiava todo seu peso sobre ela com a cara metida na curva de seu pescoço.

—Quem ganhou? —perguntou-lhe Claire ofegando.

—E a quem diabos importa? —murmurou ele e a beijou no pescoço.

Claire não voltaria a sentar-se nunca mais no sofá amarelo que Suzanne tinha encomendado da Itália especialmente para ela sem pensar nessa hora e meia passada ali como Bud penetrando-a até o fundo.

Depois seguiu o jantar, uma abundante comida de três pratos. Tinha saboreado cada delicioso bocado, enquanto o céu no exterior passava do cinza ao negro. Tinha nevado durante todo o dia a intervalos, o suficiente para mantê-los dentro de um pequeno casulo branco. Claire, a propósito, tinha evitado pensar na manhã seguinte. As manhãs das segundas-feiras eram ruins para todo mundo, mas para ela significaria o final do interlúdio mais fantástico de sua vida.

Claire saiu da ducha, secou o cabelo e passou creme hidratante por todo o corpo, entretendo-se nas partes às quais seu Bud tinha dado uma particular atenção, logo vestiu a camisola. Uma linda camisola de seda de uma cor amarela pálida, cheia de babados que esperava que o deixasse louco.

Ele já estava na cama, esperando-a. O coração começou a pulsar com violência só de pensar



naquele delicioso pedaço de homem esperando-a. Naqueles instantes sentia cada uma das células do corpo, cada cabelo da cabeça, cada pulsar do coração. Todos e cada um de seus sentidos estavam totalmente abertos. Era absolutamente consciente do fato que nunca em sua vida tinha tido um dia como este, e que nunca voltaria a ter. E ainda não tinha terminado, nem muito menos.

Ficou vacilando diante da porta do dormitório. A porta estava laqueada em um cinza muito claro, uma cor que Suzanne e ela tinham escolhido juntas. Quando tinha proposto a Suzanne que decorasse a casa, imaginou longas tardes solitárias em sua casa muito pequena, escutando música e lendo. Talvez, de vez em quando, comer algo perigoso e excitante, metendo no microondas uma pizza congelada cheia de colesterol e hidratos de carbono. Tinha estado dando voltas à idéia de trazer um gato, só para ter alguém mais vivendo na casa.

Mas nunca, jamais, lhe tinha ocorrido que detrás de sua elegante porta cinza poderia haver um apetitoso pedaço de homem esperando-a, o ingresso com o primeiro prêmio. Seguro que a Suzanne tampouco tinha ocorrido. Suzanne não tinha estado doente, mas era incrivelmente melindrosa e suscetível no que se referia ao sexo oposto; não havia muitos homens esperando na cama de Suzanne. E seguro que nenhum como Bud. E Allegra — tão linda como era — não tinha nenhum homem em sua vida. Allegra tinha renunciado aos homens depois de Corey. Assim aqui estava ela, Claire Parks. Ex-virgem. Tendo bastante sexo em seu próprio nome e no de suas duas amigas, para manter a média.

Claire pôs a mão na porta, tão excitada que lhe custava respirar. Tremendo, girou o trinco e entrou. E piscou.

Não havia nenhuma luz acesa no quarto, mas não fazia falta. Bud tinha encontrado todas as velas que havia na casa, tinha as acendido e colocado na penteadeira. Criando um perfumado santuário ao sexo. Claire tinha predileção pelas velas com aroma de baunilha, e aquela fragrância cálida e dourada a envolveu, lhe filtrou até os ossos, lambeu-a ao longo das veias. As chamas piscavam lançando uma trêmula luz, banhando o quarto com um quente e perfumado brilho de bronze. O resto da luz vinha de uma pálida lua cheia que se via pela janela do dormitório, refletindo-se na neve.

Era suficiente para ver Bud, suficiente para que sua boca salivasse. Ele estava sentado e apoiado na cabeceira da cama com os fortes e amplos ombros iluminados pela luz do crepúsculo. Nu, total e completamente excitado. Com o rosto entre as sombras, só eram visíveis esses olhos dourados brilhando na escuridão.

—Alto aí — a voz de Bud foi um rouco grunhido.

Muito obediente, Claire se deteve. Os dedos dos pés se cravaram no grosso tapete, encolhidos pela excitação. Reconhecia esse tom, esse brilho. Significava que dentro de alguns instantes iam acontecer coisas muito emocionantes.

—Bonita camisola. —disse ele com brutalidade— Agora, tire isso.

—Quer que eu tire isso? Eu? —Fez uma pequena careta. Fazia planos para esta camisola, e Bud participava de todos eles tocando-a. Tirar ela mesma a camisola não tomava parte da fantasia.

—Você não quer me tirar isso?

—Não —A voz era baixa e profunda— Fora. Agora.



Era gracioso como seu vocabulário se tornava muito limitado quando estava excitado. Geralmente só dizia palavras de uma ou duas sílabas antes de perder o controle.

Claire acariciou a seda da camisola e levantou a barra. Justo um pouco. Bud tinha passado o dia deixando-a louca e era questão de honra lhe devolver o favor.

O pênis afastou-se um pouco do estômago e se alongou.

Estava tão conectada a Bud que quase sentia ela mesma a ereção. Não tinha nem idéia de como podia estar ainda excitado depois dos excessos do dia, mas ele estava. Oh, sim, e muito.

Os livros românticos que lia não a tinham preparado absolutamente para toda a força do desejo do homem.

Assim queria que ela mesma tirasse a camisola? Acreditava que ele queria fazer isso. Considerando a velocidade com que a tinha despido hoje várias vezes, supunha-se que queria continuar fazendo-o. Era muito bom despindo-a. Perfeito, de fato. Mas se queria uma mudança... Claire levantou a escorregadia seda pelos tornozelos, pelas panturrilhas...

Ouvia a respiração de Bud. Também a via. Seu peito se dilatava com cada respiração, tão forte como os braços abertos. Via como lhe pulsava o pênis ereto.

Ela era a responsável por isto. Oh, Deus, era tão, tão excitante. Subiu mais a camisola e o pênis ia inchando-se com cada movimento que fazia. Oh, Senhor.

—Fora —A voz de Bud soou como se estivesse asfixiando-se— Deixa de perder o tempo. Quero essa maldita coisa fora agora.

—Oh? —Claire recolheu as suaves dobras, deixando que a barra ondeasse sobre os joelhos. Moveu de um lado a outro a seda, como uma menina gabando-se de seu vestido novo— Agora? Quer dizer agora mesmo?

Ainda não estava preparada para renunciar a essa deliciosa e intoxicante sensação de poder. Teria sido capaz de saber até que ponto tinha subido a barra pelos movimentos de seu tórax, de seu pênis e pelos nódulos cada vez mais brancos.

—Agora mesmo. —Os músculos da mandíbula tremiam— Rápido.

Certo.

Embora fosse maravilhoso atormentar Bud, ficar nua nesse mesmo momento era uma tentação muito grande.

Com um suspiro e prometendo-se mentalmente fazer um strip-tease completo em outro momento, Claire tirou a camisola, e deixou que caísse ao chão em um revôo de seda amarela. Foi recompensada pelo fogo dos olhos de Bud.

Começa a ação.

Claire avançou e foi detida por uma enorme e calosa palma elevada.

—Alto — disse ele com voz rouca.

Alto?

—Não se aproxime mais.

Claire parou a meio metro da cama, perplexa.

—Por que não?

Bud parecia na cama um deus pagão de pele dourada. A luz da velas paquerava com os contornos esculpidos dos fortes músculos, vales e cordilheiras com profundos relevos. Inclusive o



pênis parecia como de outro mundo, tão grande e duro como uma pedra, criando uma sombra cilíndrica no estômago plano.

—Assim é como estão as coisas. —disse ele com severidade— Um segundo depois de tocá-la, vou estar dentro de você e não me deterei para as preliminares. Tinha prometido a mim mesmo que esta noite teria preliminares. Mas então você entrou e... —deixou escapar um profundo suspiro— Não, não conseguirei, não desta vez. Assim terá que fazê-lo você.

Ela não entendia nada do que ele estava dizendo.

—Fazer eu o que?

—As preliminares — Bud agarrou com força os lençóis como se fossem uma âncora— Vai ter que fazê-lo você mesma, querida. Deixar-se úmida e se excitar porque eu estou muito excitado para fazê-lo. Assim me dê uma mão com isto. Lamba o indicador.

Desconcertada, Claire fez o que lhe dizia. Lambeu o dedo, e como recompensa os olhos dele se entreabriram. Bud estava tão intensamente concentrado nela que estava segura que poderia explodir uma granada no quarto e ele nem se inteiraria. Elevou o indicador molhado que reluziu à luz da vela, e ele assentiu.

—Agora toque seu mamilo.

Ah, um jogo novo.

Os lábios de Claire se curvaram em um sorriso. Desceu o indicador pelo pescoço e logo, pouco a pouco, pela curva exterior do peito, rodeando-o, observando como os olhos de Bud seguiam os círculos que fazia o dedo...

Mmm.

Os círculos foram fazendo-se menores, até que bordejaram a auréola e, por fim, acariciou o mamilo, que pulsou ante a carícia e o deixou duro. Tocar-se com a ponta do dedo molhado não era tão excitante como quando o fazia Bud, ou quando — Deus!— tomava o seio com a boca e chupava com força. Só de pensar nisso fez que o mamilo estivesse super sensível quando passou o dedo por cima. Bud lhe rodeava o seio com a mão quando chupava, como se oferecesse o seio a si mesmo como um presente delicioso. Algumas vezes a mordida com suavidade, o suficiente para excitá-la, mas não o suficiente para machucá-la.

A lembrança a excitou. Acelerou-lhe a respiração e os olhos de Bud se entreabriram um pouco mais. Estava-a olhando com tanta atenção que seguro que via passo a passo como ia excitando-se. Era ele tão consciente dela como ela era dele? Também lhe endureciam os mamilos? Estavam ocultos na espessa capa de pelo loiro escuro assim não havia forma de sabê-lo.

Ardor, excitação, paixão. Que misterioso era o funcionamento do corpo humano. Como a enfermidade, podiam ficar ocultos à vista, e apesar disso fazer funcionar sua poderosa magia como uma rápida corrente subterrânea.

Claire lambeu o dedo outra vez e tocou o outro mamilo. Teria estado bem voltar a fazer os círculos com o dedo como antes e observar os olhos de Bud enquanto seguiam o movimento, mas já tinha o mamilo muito duro e tocar-se ela mesma começava a ser frustrante e não excitante. Necessitava mais estimulação, como quando Bud a mordida. Beliscou o mamilo e o soltou de repente, surpreendida. Doía. Compreendeu de repente quão cuidadoso tinha sido Bud com ela, apesar de que freqüentemente estava tão excitado que mal podia falar. Tão forte como era e não



a tinha machucado, nenhuma só vez, nem sequer sem querer.

Agora os dois mamilos estavam duros e molhados.

—Mais abaixo. —sussurrou ele.

Ela ia ter que fazer tudo sozinha.

—Certo. —sussurrou também ela. Subiu devagar o dedo e o meteu na boca enquanto Bud seguia cada movimento com olhos ardentes. Chupou o dedo, pouco a pouco, molhando-o por completo, logo perfilou os lábios com ele. Devagar, com um leve sorriso quando um gemido escapou do mais profundo do peito de Bud. Então lambeu os lábios. Devagar. Recordando como ele os tinha lambido quando fizeram amor no sofá.

Formou-lhe na mente uma apaixonada imagem, fazendo com que um fogo lhe percorresse as veias quando recordou —quase sentiu— o corpo dele penetrando-a, ardente e duro, empurrando tão rápido ao final que tinha sido um milagre que ela não tivesse pegado fogo com a fricção. Tinha chegado ao clímax duas vezes. As duas vezes, ele tinha continuado empurrando forte, fazendo algo com as mãos e o pênis de modo que o orgasmo continuou durante longos minutos.

Que surpresa tão grande. Ela tinha se masturbado algumas vezes e os poucos orgasmos que tinha conseguido dar-se foram curtos e não muito fortes, terminando literalmente em um segundo. Bud fazia que fossem longuíssimos, tocando algum lugar secreto que só ele conhecia. Durante o segundo clímax tinha gritado pela intensidade da sensação.

—No que está pensando? —Olhava-a com tanta atenção que devia ter compreendido que estava se excitando com os pensamentos ao invés do que com a mão.

—Pensava em nós no sofá, durante o jogo de futebol. —Sentia-se tão sexy que inclusive sua voz soava diferente. Soava a sexo ardente, forte e líquido. Quem teria imaginado que sua voz pudesse soar assim?— Quando estava dentro de mim, e me fo... fodia, pensava em meus orgasmos.

—Jesus. —Os olhos de Bud se fecharam durante um segundo e logo os abriu outra vez olhando-a com olhos indignados. Uma ardente indignação dourada — Estou fazendo um enorme esforço por manter o controle. O que é que pretende me fazer?

Deixá-lo louco, isso é o que pretendia lhe fazer.

Claire deu um passo para frente, detendo-se a meio metro dele. Lábios molhados. Mamilos molhados.

Hmm. Aí faltava uma zona erótica muito importante.

Sorrindo, Claire colocou o dedo entre os seios e riscou uma linha para baixo. Rodeou o umbigo, devagar, desfrutando do intenso e absorto olhar de Bud. Baixou mais até chegar ao pelo púbico. Abriu um pouco as pernas e cobriu o sexo.

—Está molhada? —perguntou Bud com voz áspera. As veias se sobressaíam no pescoço e nos braços. Tinha os nódulos tão brancos como os lençóis.

Claire se tocou com o dedo do meio. Estava um pouco escorregadia.

—Um pouco. —respondeu— Não tanto como quando você me toca. —Deslizou o dedo e o colocou.

Opa! Ao ver como tomava. Bud queria que ela cuidasse das preliminares, mas não o fazia tão



bem como ele. E é que ele era perfeito nisso, também.

Bud fechou os olhos com expressão de sofrimento, logo os abriu e a olhou furioso.

—Vamos, veja se apressa um pouco. Molhe-se, agora.

Claire abriu mais as pernas. Agora podia meter-se dois dedos. Deslizou-os em seu interior, movendo-os dentro e fora. Seus dedos não eram tão mágicos como os de Bud, embora começasse a notar um pequeno zumbido. Voltou a colocar e tirar os dedos, acariciando o clitóris, e voltando a colocá-los outra vez.

—Ainda não está preparada? —perguntou-lhe Bud com voz severa.

Claire se sentiu tão lânguida. Era tão delicioso tocar-se enquanto ele a observava com aquele fogo dourado nos olhos. A pergunta demorou um momento a penetrar no seu cérebro.

—Pronta para que? —murmurou com a respiração agitada. Talvez tivesse encontrado aquele ponto. Que Bud de forma infalível encontrava sempre. Os dedos acariciaram um ponto e os pelos da nuca se arrepiaram.

—Pronta para isto.

Bud estendeu as enormes mãos e a levantou sem nenhum esforço. Em um segundo estava deitada de costas, tinha aberto suas pernas com os joelhos e se posto em cima.

Outro segundo e Bud a penetrava, ardente, forte e profundo.

Deteve-se quando estava metido até o fundo, ficando imóvel. Sustentava-se com os antebraços e tremia. A cabeça caiu para frente enquanto respirava com dificuldade, era como se tivesse medo de mover-se.

Por fim abriu os olhos cravando-os nela com um olhar tão dourado e feroz como o de uma águia.

—Está cômoda?

—Cômoda? —Claire se moveu um pouco. Ele não se apoiava nela com todo seu peso, assim podia respirar— Sim. Mais ou menos. Por quê?

—Alguma ruga do lençol nas costas? O cabelo se estira por algum lado? —Quando a tinha elevado, tinha-lhe levantado o cabelo antes de pô-la de costas, assim que formava ondas ao redor da cabeça.

—Estou muito cômoda. —assegurou Claire sorrindo para ele. Não lhe devolveu o sorriso. Sua expressão era determinada, quase sombria. A pele das maçãs do rosto estava ruborizada e tensa. Os músculos da mandíbula se contraíam e a olhava com os olhos entrecerrados. Era como se estivesse enfurecido, mas não estava. Com qualquer outro homem, Claire haveria sentido um pouco de medo ante aquela expressão tão feroz e perigosa. Mas não estava assustada, aquele homem era Bud.

Nunca lhe faria mal.

—Por que pergunta?

Bud moveu os quadris, empurrando, penetrando-a ainda com mais profundidade.

—Quero que esteja cômoda — sussurrou—, porque vai estar nesta posição durante muito, muito tempo — A olhou nos olhos— Vou fodê-la toda a noite.

**14 de dezembro**

Na manhã seguinte, Claire se estirou e fez uma careta. Estava dolorida por toda parte, sobretudo entre as pernas. E também pegajosa.

Em algum momento daquela interminável e ardente noite, Bud tinha aberto ao máximo suas pernas, as mantendo assim ao lhe pôr as mãos nos joelhos, e investiu uma e outra vez. Ela tinha estado completamente aberta para ele e ele tinha usado aquele fato sem piedade. Claire tinha perdido a conta do número de orgasmos que tinha tido. Duas vezes durante a noite tinha tentado fazer uma pausa.

—Não posso mais. —ofegou.

A resposta foi um grunhido.

—Claro que pode. —E investiu ainda com mais força.

E tinha tido razão. Ela terminou por agarrar-se a ele, tremendo e lhe suplicando mais.

Tinha sido uma noite feroz e selvagem e, às vezes, quase horripilante. Ele a levou além dela mesma. Consumiu-se em fogo e fumaça antes de renascer como uma mulher nova. Uma mulher sexy que corria riscos, que chegava mais à frente do limite. Que se atrevia, e saía vitoriosa.

Claire Parks, a Mulher Maravilha.

Quando despertou foi consciente de si mesma imediatamente, de seu próprio corpo, do corpo dele. Vivia por completo o momento, com todo seu corpo. Seu dolorido e bem usado corpo. Seu corpo feliz. Nada de rodeios mentais fingindo que estava em outra parte. Não tinha por quê.

Estava aqui mesmo, na cama com Bud, quente e acompanhada.

Tinha a cabeça apoiada no peito de Bud e o pelo fazia cócegas no seu nariz. Embora só tivesse dormido algumas horas estava total e completamente descansada. Inclusive cheia de energia.

E total e completamente feliz.

O futuro era um radiante e luminoso caminho que se estendia diante dela. O trabalho novo durante o dia, e Bud de noite, e os fins de semana juntos.

Seu pai seria um problema, isso sim. Bud não parecia o tipo de homem que seu pai tinha desejado para ela, mas sim era o que tinha desejado ela. Ou teria desejado, se tivesse sabido que existiam homens como Bud. Bud era seu companheiro, feito só para ela. Seu pai teria que aceitá-lo. E o faria. E se não... que o fodessem.

Demorou um segundo em dar-se conta do que tinha pensado e em seguida se envergonhou de si mesma. Seu pai a amava. Se a sufocava ao ser tão protetor era porque tinha vivido durante muito tempo com sua enfermidade, porque tinha tido medo por ela e a tinha visto sempre como uma menina eternamente necessitada e doente. A seu pai custaria imaginá-la com qualquer amante, e muito menos com um amante que parecia um lenhador. Talvez tivesse preferido alguém que trabalhasse na Fundação Parks, alguém culto, mortalmente aborrecido, mas correto e respeitoso, embora ali houvesse muito poucos que quisessem uma mulher.

Para seu pai, aceitar Bud como seu amante seria algo duro ao princípio. Embora, apesar de



que era um Parks, o herdeiro da quarta geração de uma fortuna familiar, não era nenhum esnobe. Nunca tinha deixado de falar do policial que a tinha resgatado de Rory Gavett. Reconhecia o valor das pessoas, fossem quais fossem suas origens. Acabaria por gostar de Bud tanto quanto ela o amava.

Amava?

OH, sim. Claire amava Bud. Não havia nenhuma dúvida nem em sua mente nem em seu coração. Exteriormente poderia parecer uma juvenzinha. Seguro que mais jovem do que era. E tinha sido virgem, sem nenhuma experiência com homens e com sexo, mas isso não significava que não conhecesse seu próprio coração. Que não reconhecesse as numerosas e varonis virtudes de Bud.

Levantou o rosto para lhe sorrir, esperando uma quente saudação e um ardente beijo, e se encontrou com uns olhos frios e sérios. Ele tinha os braços cruzados por detrás da cabeça, estava bem acordado, sério, olhando-a com cautela. Ela piscou ante a expressão de seu rosto. Não era cálida, nem erótica, nem cordial.

—Claire — disse ele com voz sombria—, temos que conversar.

OH, Deus.

O coração de Claire deu um tombo no peito, aterrissando com um ruído surdo. Bud tinha a expressão — exatamente a mesma expressão— de seu oncologista quando lhe disse que o transplante de medula não tinha ido bem, que não podiam fazer nada mais por ela, que só ficavam uns meses de vida. Que estava condenada.

Oh Deus, oh Deus, oh Deus. Por que não o tinha compreendido? Só tinha sido uma aventura. Uma aventura de uma noite. Deixou-se levar pelo coração e pelos sentimentos. Seguro que tinha havido sinais de que só se tratou de uma aventura de fim de semana — uma ardente foda, por que não chamá-lo por seu verdadeiro nome? — mas não tinha tido suficiente experiência para lê-los. Tinha acreditado que era muito mais... e era muito mais.

Para ela. Certamente não para ele.

O que deveria fazer?

Claire mudou imediatamente para o Estado Gratidão, a única maneira como tinha sobrevivido durante todos estes anos. Fossem quais fossem as coisas horríveis que lhe aconteciam, sempre lutava para encontrar algo pelo que estar agradecida. Tinha que fazê-lo. Qualquer outro pensamento a teria afundado e destruído.

Havia muito pelo que estar agradecida. Tinha uma dívida com Bud pela melhor introdução de sexo que poderia ter uma mulher. Seguro que tinha tido melhor sexo nos dois dias passados que Suzanne e Allegra juntas nos dois últimos anos. Tinha sido fabuloso e estava agradecida. Se pensar em dizer adeus a Bud era tão doloroso que a asfixiava, bom... já tinha sofrido antes. E tinha sobrevivido.

Reprimiu as lágrimas sem piedade. As lágrimas eram para mais tarde, quando estivesse sozinha. Sempre deixava correr as lágrimas quando estava sozinha. Era uma perita nisso.

—De acordo. —assentiu ela com serenidade. A expressão era tranqüila e suave. Não ia permitir que Bud se desse conta que tinha o coração quebrado e doente, que seu estômago estava revoltado. Podia jogar este jogo. Era uma perita. — Fala.



Ele a olhou nos olhos durante um momento e logo assentiu, como se tivesse chegado a alguma secreta conclusão.

—Amo você, Claire. —disse em voz baixa.

Claire ficou com a boca aberta.

Um ruído lhe repicou na cabeça, como umas campainhas amortecidas. Demorou um momento em compreender que aquele ruído distante não era o tinido dos neurônios do cérebro, mas sim a campainha da casa que não cessava de soar, acompanhada por golpes na porta de entrada. Girou a cabeça para a sala de estar e franziu o cenho.

—Quem pode ser? —perguntou surpreendida— Ninguém sabe que vivo aqui...

Voltou a girar e observou como Bud se desvanecia por completo. Seu sexy e provocador amante de ardentes olhos dourados se esfumou, e outro homem tinha tomado seu lugar, um ser frio e desumano como um ciborg. Um estranho atemorizante e selvagem com uma expressão vazia no rosto e nos olhos dourados. Os guerreiros deviam ter este aspecto no campo de batalha.

Empurrou-a para baixo com uma enorme mão.

—Fique aqui. —sussurrou ele— Não se mova.

Com um movimento rápido e silencioso, levantou-se e vestiu as calças de moletom.

Colocou a mão na bolsa com os artigos de penteadeira e roupa de reposto e, para seu horror, tirou uma pistola. Uma pistola negra e grande que parecia uma extensão de sua mão. Fez algo em um dos lados da pistola. Como um golpe, e compreendeu por ter lido um milhão de livros de suspense que tinha tirado a trava de segurança.

Esse homem — esse homem enorme e poderoso de olhos frios e perigosos— estava agora armado e indo com rapidez para a porta de entrada.

Ela o seguiu com o olhar, boquiaberta, congelada pela comoção. Agora o via na porta, de pé a um lado, segurando a pistola ao lado da orelha. A campainha soou outra vez junto com o punho esmurrando e ouviu uma voz débil e trêmula.

—Claire! Claire, abra! Sei que está aí!

Deus bendito, seu pai! Havia retornado antes de Paris.

Claire saltou da cama, vestindo a camisola e entrou correndo na sala de estar, gritando.

—Bud! Bud, não dispare! É meu...!

Foi muito tarde. Ele tinha jogado um olhar pelo olho mágico, baixando a pistola até ficar alinhada com a perna. Abriu a porta de repente e seu pai meio caiu para frente. Bud o segurou com a mão.

—Senhor Parks! —grunhiu Bud, surpreso.

—Oficial Morrison! —ofegou seu pai.

—Papai! —gritou Claire.

Bud a olhou com o cenho franzido.

—Papai?

Claire lhe devolveu o olhar e o cenho.

—Oficial?



Capítulo 11

14 de dezembro

Mansão dos Parks

Assim, depois de tudo, ela era de verdade uma princesa, pensou Bud desanimado durante o jantar na residência dos Parks.

OH, não uma princesa da realeza, com uma coroa e um país, mas quase. A família Parks era o mais alto depois da realeza. Ao menos em Oregon. Havia uma Fundação Parks, um Museu de Arte Moderna Parks, uma ala Parks no Hospital Pediátrico de St. Jude e o Festival de Verão de Música Medieval Parks.

O dinheiro Parks mantinha atualizado e com os últimos adiantamentos o sistema informático PPDHQ, porque depois que tinham resgatado Claire, o velho Parks tinha deixado claro à Fundação Parks que deviam dar à polícia tudo o que pedissem. Era uma brincadeira constante no andar 13 que Bud era o Menino de Ouro e que teriam que conservá-lo porque era a galinha dos muitos ovos de ouro da Fundação Parks.

Assim que o penoso, aterrorizado, calvo e pequeno saco de ossos que tinha levantado do asqueroso chão da caminhonete de Rory Gavett era “sua” Claire? Não era estranho que não a tivesse reconhecido no Warehouse.

Embora ela tivesse então — quantos? Quinze anos?— devia pesar menos de 30 quilogramas, tinha perdido todo o cabelo e estava com os olhos enfaixados, amordaçada e atada. Recordava com clareza ter cortado a fita adesiva da boca, dos pulsos e dos tornozelos e tirá-la dali. Tinha-lhe resultado difícil mover-se porque a dor da bala que o tinha ferido começava a intensificar-se e estava perdendo muito sangue. Mas a garotinha — ele haveria dito que teria sete ou oito anos, não quinze— não pesava quase nada e não havia custado nada levá-la.

Recordou uns grandes olhos azuis, muito abertos pela comoção, e uns tremores tão espantosos que tinha temido que lhe rompessem os frágeis ossos. Não, não teria sido possível que reconhecesse à esbelta —ainda— e sexy mulher em que Claire se converteu.

Tampouco era estranho que ela não o tivesse reconhecido. A última vez que o tinha visto tinha estado aterrorizada, agarrada a seus ombros e com a cara sepultada em seu pescoço. Naquele tempo era um jovem agente da polícia de uniforme que tinha conseguido localizar uma caminhonete Chevy azul com uma menina seqüestrada dentro. De todas as formas, as pessoas sempre recordam o uniforme, não o homem que há dentro dele.

Além disso, ele estava coberto de cima a baixo de barro e sangue. Tinha dado aviso e a tinha segurado nos braços até que chegou a cavalaria em forma de duas unidades que estavam patrulhando perto e uma ambulância. Bud tinha conseguido manter-se consciente até que deu a menina aos médicos, depois tinha ficado desacordado pela perda de sangue e não tinha recuperado os sentidos até três dias mais tarde. Para então, Claire já estava muito longe. O Velho Parks a tinha levado a uma clínica na Suíça que oferecia uma magnífica assistência médica e a tinha protegido com guarda-costas as vinte e quatro horas do dia.



Quem teria adivinhado os dois últimos dias que esteve fodendo Claire Parks? Ficou aturdido. Ele não tinha nada em comum com um Parks.

A mansão dos Parks poderia ser muito bem um palácio.

Ao entrar no caminho privado tinha tido uma sensação de ansiedade no estômago. Tudo aquilo estava fora de sua órbita. O lugar era enorme, uma grande casa de pedra cinza de quatro andares para o rei de um reino de tamanho médio. O reboque no qual tinha crescido ocuparia justo um canto do imenso vestíbulo, embora tivesse parecido completamente inapropriado no chão de mármore branco e negro.

Só a baixela de prata na mesa de mogno de 6 metros de comprimento custava mais do que ganhava ele em um mês e teria apostado qualquer coisa que os quadros da parede tinham mais valor do que ele poderia ganhar em toda sua vida.

Era uma sorte que soubesse que garfo usar. Havia quatro, mais três colheres, quatro facas e quatro taças de cristal com as bordas de ouro.

Sabia para que servia cada garfo.

A marinha era algo grandioso mudando os costumes de um homem. Por um extremo absorvia caras violentos, rudes e sem educação como ele mesmo, que nunca tinha tido uma comida formal e que tinha crescido comendo a maioria das vezes de uma lata na rua, e os cuspiam pelo outro extremo transformados em máquinas de matar que sabiam usar os garfos.

Assim sabia como usar todo esse faqueiro de prata, e inclusive em que ordem, embora além do jantar de oficiais e o jantar anual com o chefe de polícia, nunca tinha tido ocasião de pôr em prática esses conhecimentos. Não obstante não ia desonrar a si mesmo. Não ia beber o vinho tinto na taça da água, não ia usar a faca de carne para untar manteiga e não ia beber água dos jarros. Isso não significava que não se encontrasse terrivelmente incômodo.

Por que diabos ele estava ali?

Porque Claire e seu pai tinham insistido, por isso. Sabia que o pai de Claire sempre tinha estado tão agradecido que quase lhe dava vergonha. Quando esteve no hospital se recuperando do ditoso disparo do imbecil do Gavett, o velho Horace Parks lhe tinha enviado um cheque com uma quantidade indecente de dinheiro, que Bud havia devolvido.

—Mais rosbife, tenente? —Rosa, a cozinheira, aproximou dele uma bandeja para servir quase tão grande como a superfície de sua escrivaninha. Ela era outro caso.

Quando Bud tinha entrado com cautela na casa, preparado para qualquer coisa que pudesse encontrar, uma bola redonda se equilibrava contra ele e uma cabeça cinza lhe golpeou o peito.

Uns braços suaves e redondos o abraçaram enquanto a ouvia gritar:

—Você a salvou! Salvou a minha bambina! —A voz tinha um forte acento estrangeiro. Italiano para mais gestos. Dois segundos mais tarde, a proprietária da voz sofreu uma crise nervosa e, abraçando-o, ficou a chorar lágrimas vivas.

Tinha sido muito embaraçoso. Claire e seu pai não tinham intervindo para resgatá-lo, nenhum dos dois. Ficaram ali de pé, olhando com indulgência como chorava Rosa sobre sua camisa nova de vestir enquanto dava à italiana golpes lentos e torpes nas costas.

Desde que tinha sentado à mesa, Rosa não havia feito outra coisa mais que cevá-lo. Tinha enchido seu prato, não, os pratos —havia cinco pratos diferentes— de comida, tudo delicioso, e



ele devorou todos e cada um deles. Tinha comido tudo porque o lábio inferior de Rosa começava a tremer quando ele rechaçava repetir uma segunda ou terceira vez. Bud começava a sentir-se como uma baleia encalhada.

—Tyler, rapaz — disse Horace Parks, sorrindo—, tem que provar as batatas gratinadas. É a especialidade de Rosa — Que nada! Um para falar. O Velho Parks se dedicou a bicar sua comida. Era um homem muito mais velho, frágil e magro, parecia um passarinho, e comia como tal. Olhou para Bud com um brilho risonho nos olhos— Tem que conservar as forças.

Se Bud tivesse podido ruborizar-se, o teria feito. Acaso o Velho Parks tinha alguma idéia de como tinha consumido todas as calorias durante o fim de semana?

Rosa sorriu para ele com adoração e lhe serviu outra porção do perfeito rosbife. A quarta. Logo pôs no prato uma quantidade tão enorme de batatas para fazer arrebentar um cavalo. Por que colocava pra ele tanta comida?

—Isso, Tyler, rapaz. —sorriu resplandecente o Velho Parks— Não queremos decepcionar Rosa, verdade? Passou todo o dia cozinhando para você.

—Sim “tenente Tyler” —interveio Claire, com uma leve ironia na voz— Tome um pouco mais de carne. Faça Rosa feliz.

Desde que Claire tinha descoberto seu nome verdadeiro e sua profissão, mostrou-se um pouco sarcástica. Sim, chamava-se Tyler Morrison, mas o tinham chamado Bud toda a vida. Sim, era verdade que não tinha tido tempo de lhe dizer que era policial, mas em parte era porque passaram a maior parte do tempo fazendo sexo. E de todos os modos, ela estava boa para falar.

Bud girou a cabeça e entrecerrou os olhos.

—Vou fazer isso, “senhorita Schuyler” — Ao menos Claire teve a decência de ruborizar-se um pouco. Ele só tinha distorcido uns poucos fatos, enquanto ela tinha mentido para ele. Claire Schuyler, sim, certamente.

O velho tossiu.

—E bem, tenente — disse—, quem acredita que será o novo chefe de polícia quando Longman se retirar?

Jesus, agora o velho queria falar de política. Esse era um maldito campo de minas, considerando os poderosos que eram os Parks e a influência que tinham.

Falar de política com um dos homens mais poderosos de Portland era para ele o mesmo que ir obturar um molar. Bud era um homem que trabalhava na rua, não um yuppy⁶ ansioso para crescer.

Podia dar uma mancada com facilidade e estatelar-se.

—Bom... — Bud tentou ganhar tempo bebendo um gole de vinho tinto realmente excelente. Tinha crescido em uma casa de alcoólatras que bebiam o tipo de vinho que vinha em garrafa de tampa de rosca. De todos os modos, tinha aprendido a apreciar as coisas boas e este era o melhor vinho que tinha provado em sua vida. Saboreou-o, também tinha aprendido da maneira mais dura a desfrutar dos poucos prazeres da vida sempre que podia— Robert Mansfiel parece que goza da confiança do chefe de polícia atual, e conhece muitos tipos da Prefeitura e do Senado, isso poderia

⁶ (pal. ing.) Executivo(a) jovem, dinâmico(a) e ambicioso(a).



ser bom para nós quando chegar o momento dos orçamentos.

Robert Mansfield era um imbecil total, um rasteiro e um puxa saco que sempre lambia as bolas dos que estavam por cima dele, e pisava aos que estavam por debaixo.

Entretanto ficava muito bem na televisão. Alto, forte e com um espesso cabelo grisalho.

E tão estúpido como as sandices que soltava. De todos os modos, assim era o tipo que aparentemente as autoridades gostavam. Bud odiava essa merda de política.

O único cara que estava feito para o trabalho era o que nunca o conseguiria: Carlos Jimenez Sanchez. Competente, honesto, capaz de resistir com unhas e dentes e sem nenhum temor absolutamente a enfrentar a quem fosse para que se fizesse o trabalho. Estava por completo dedicado aos homens e mulheres que tinha sob seu comando. Sabia os nomes de todos, inclusive do mais recente novato e se meteria em um campo de minas antes de decepcioná-los. Tinha uma relação excelente com a comunidade. E se por acaso fosse pouco tudo isto, era um ex-marinhe. Mas Carlos tinha irritado a algumas pessoas muito poderosas, era baixo e robusto e na televisão dava a imagem de um terrier raivoso. Nunca chegaria nem a aproximar-se do andar 16.

—Robert Mansfiel, não é? —Parks brincou com o caule da taça de uma forma que a Bud horrorizaria fazer. Bud tinha umas mãos grandes e teria medo de quebrar o delicado cristal.

Parks tinha crescido com essas coisas, seguro que bebia a mamadeira em taças Waterford. Depois de um comprido momento de meditação, o velho suspirou.

—Sim, Bob parece ter o beneplácito do chefe de polícia atual e de vários vereadores. O mal é que esse homem é um perfeito idiota.

Bud, que estava bebendo um gole de vinho, quase se engasgou.

—E quanto a Carlos Sanchez? —refletiu o ancião, olhando-o com atenção— Seria um excelente chefe de polícia, não acha?

Bud piscou e compreendeu que ali se cozia algo importante. Horace Parks tinha um verdadeiro poder. Podia fazer que qualquer um triunfasse ou fracassasse em sua carreira. De fato, havia feito com Bud, embora ele tivesse chegado a ser tenente cedo ou tarde. Era condenadamente bom em seu trabalho.

—Carlos seria perfeito para o posto. —disse Bud com cautela— E seria seu agora se não houvesse... — fez uma pausa, perguntando-se como dizer isso com delicadeza.

—Se não tivesse quebrado a mandíbula daquele repórter de televisão? —perguntou Parks— O que transmitiu nas notícias que a polícia esteve a ponto de prender o estuprador em série Tigard, e o tinha deixado escapar? Foi desafortunado, sim. Totalmente compreensível, é obvio, mas talvez devesse haver... er... prescindido dos murros.

—Prescindir dos murros não é o forte de Carlos — Bud tinha que deixar claro isto. Podia-se dizer qualquer coisa a favor de Carlos, por Deus que o faria. O homem merecia. Mas não ia mentir sobre seu caráter. Carlos era um guerreiro e enfrentar inimigo era o mais importante. Seria tão eficiente e desumano como o exigisse a situação.

Bud sabia que alguns dos piores criminosos estavam considerando pôr seu centro de operações em Portland.

Eles pensariam duas vezes com alguém como Carlos à frente, vigiando a situação. Mas lutando contra o delito com efetividade; o caminho mais duro — um passo após passo, um sacana



atrás de outro — não era atraente e não fazia que a televisão tivesse mais audiência.

—Seria um chefe de polícia muito eficaz se o deixassem trabalhar e não tivesse às pessoas questionando-o a posteriori todo o tempo. Carlos está dedicado à comunidade e tem boas relações com as minorias, mas não é político.

—Entendo o que diz — O velho estava assentindo e observando Bud com atenção— Apesar disso seria um bom chefe de polícia — Havia uma franca pergunta nessa declaração.

—Seria um chefe de polícia magnífico. —disse Bud com firmeza— Forte e consagrado a seu trabalho. A máfia russa tem o olho posto aqui, pensando em nos converter no próximo Vladivostok. O dinheiro e as pessoas estão chegando aos montões. Todos os sinais estão aí. Pensarão duas vezes com Carlos no comando. Nada lhe passa despercebido.

Parks assentiu.

—Além disso, Robert Mansfield é um velho safado — disse Claire, de improviso, e os dois homens giraram surpreendidos— Me deu um beliscão no traseiro em uma arrecadação de fundos e quando o enfrentei, fingiu que tinha sido o garçom, um pobre pirralho do Paquistão, e tentou despedi-lo. O asqueroso me beliscou tão forte que tive um hematoma durante uma semana.

Um rugido explodiu no mais profundo de Bud, subindo à cabeça. Demorou um momento em encontrar a voz, e quando o fez, estava velada pela raiva.

—Merda! Fez mal a você? Robert Mansfield a machucou? —Robert Mansfield podia dar-se por morto. Já havia meio levantado, preparado para sair disparado agora mesmo e golpear Mansfield até transformá-lo em mingau. —Esse fodido safado filho da p...

—Acredito que iremos um momento à biblioteca, querida. —interrompeu a voz trememente de Horace Parks.

O cara era velho, mas inteligente. Todo esse dinheiro e essa educação lhe serviram para dar-se conta que Bud estava a ponto de perder o controle, e talvez de fazer uma cena. E era verdade que estava a ponto. Demorou todo um longo minuto conseguir que a respiração se normalizasse e afrouxar os punhos.

Não se dizem palavrões nem se perde o controle na casa mais elegante de Portland. Bud teria se envergonhado de si mesmo se a imagem desse safado do Mansfield fazendo mal a Claire não estivesse palpitando na cabeça fazendo que seu controle pendesse por um fio, fazendo difícil para ele ficar ali sentado com a raiva rugindo na cabeça.

—Nada de charutos, papai. —disse Claire com severidade. Apontou-lhe com um esbelto dedo e o moveu— E nada de conhaque. Pode tomar um xerez. Um.

O velho soltou um profundo e lastimoso suspiro.

—Sim, querida. —Girou para Bud abrindo muito as magras e suaves mãos de ancião com um gesto que dizia: Deu-se conta do que tenho que agüentar?— Já vê tenente. Não me deixa desfrutar de nenhum prazer. Minha própria filha, carne de minha carne e sangue de meu sangue, vai me tirando pouco a pouco todos os prazeres da vida — Exalou um profundo suspiro enquanto cravava os olhos no tapete persa no chão, aparentemente perdido na contemplação das injustiças da vida.

O que dava a Bud um minuto para recuperar a compostura. Não era provável que a raiva selvagem fosse um acontecimento freqüente na sala de jantar dos Parks.



Claire rodeou a mesa — a maldita coisa era tão longa que tomou uma eternidade chegar ao outro lado— e estendeu a mão a seu pai. Animou-o e passou o braço pela cintura. Ambos ficaram ali de pé durante um momento, com as cabeças juntas, sorrindo.

Logo Claire se elevou e beijo a bochecha enrugada.

Era uma linda imagem à luz das velas — a filha jovem e bonita e o pai ancião e distinto— na elegante sala de jantar, tudo destilava refinamento, sofisticação e educação. Nesse momento, Bud viu a semelhança entre ambos. Tanto nos traços quanto no estilo. Classe e elegância.

Que diabos estava fazendo ele ali? Ali não havia lugar para ele, em meio das antiguidades de um valor incalculável, das pinturas originais que penduravam das paredes, daquela atmosfera impregnada de uma elegância intemporal.

Sabia exatamente por que o velho queria arrastá-lo à biblioteca. Quase poderia escrever ele mesmo o discurso que o esperava.

“Estou muito agradecido a você, tenente, por salvar a vida de minha filha. O que você quiser qualquer coisa, só tem que pedir. Mas, é obvio seguro que sabe que uma relação entre minha filha e você é impossível...”

Blá, blá, blá.

Maldito seja, é obvio que o velho tinha razão. Claire e ele eram um casal impossível.

—Não entretenha muito “Tyler”, papai. Quero me retirar cedo. —Por trás de seu pai, Claire piscou os olhos para ele e lhe sorriu com calidez e de repente Bud soube.

Ele já sabia antes, é obvio. A instantânea atração, o intenso sexo, mais ardente e selvagem que qualquer outra coisa que tivesse tido antes. Só estar com ela lhe enchia o peito de um sentimento tão estranho que havia custado dois dias inteiros compreender que era felicidade. Sabia que estava apaixonado por Claire Parks. Isso não teria evitado que se armasse de coragem para deixá-la ir.

Mas tinha sorrido para ele e zás, havia-se feito a luz.

Não. Não, não e não. Não ia deixá-la.

Lutaria por Claire com unhas e dentes. Claire era dele.

Nunca antes se apaixonou, nunca havia sentido algo especial por uma mulher em particular.

Não havia em sua vida nenhum precedente para o que acontecia em seu interior, para o que sentia por Claire. Mas sabia com cada célula de seu corpo que Claire era para ele. E faria qualquer coisa, lutaria contra o próprio Lúcifer, para mantê-la a seu lado.

Horace Parks era o pai de Claire e, portanto, digno de respeito. Mas se decidisse interpor-se entre Claire e ele, declarar-se-ia a guerra. Os Parks tinham o respaldo de gerações de linhagem e de dinheiro, mas Bud tinha tido que brigar, e brigar duro, por tudo o que tinha conseguido na vida. As guelras e a determinação podiam triunfar sobre o dinheiro.

E ele ainda não tinha perdido nunca.

Seguiu Horace Parks, sério e decidido a impor-se.

A biblioteca era tudo o que alguém esperaria que fosse a biblioteca de uma mansão. As prateleiras de madeira escura cheios de livros encadernados em couro que desapareciam nas sombras de um teto de mais de seis metros de altura. Tapetes e abajures de grande valor e muita prata antiga. Pinturas a óleo de caras enrijecidos com expressões azedas e barbas de cabrito.



Aroma de couro, papel e dinheiro, a linhagem. Essa linhagem que se herda de geração em geração.

Enquanto à enorme porta tachonada se fechou atrás deles com um whump como a porta da câmara blindada de um banco, o velho se animou. Correu com passos curtos para um móvel bar, verteu um líquido dourado em duas taças enormes de cristal e voltou para onde estava ele.

—Sente-se, sente-se, tenente — disse Parks, colocando uma taça de cristal na sua mão. Um cristal esculpido, pesado e sólido.

Bud inalou pelo nariz os vapores perfumados de maçã que desprendia.

—Isto não é xerez.

Parks se sentou a seu lado, em uma poltrona, e suspirou.

—Não, não é, em efeito — disse estremecendo— Essa bebida doce, fraca e repugnante, sem nenhuma garra. Não, isto é Calvados. Père Magloire, o melhor do mundo. —O cheirou com prazer e tomou um bom gole— Afeiçoei-me ao Calvados quando passei um ano em Paris depois da guerra, tentando em vão dominar os fundamentos do direito internacional. Em troca, adquiri um profundo conhecimento dos conhaques franceses e uma especial fraqueza pelas mulheres francesas-Colocou a mão em uma maciça caixa de madeira esculpida que havia sobre uma mesa redonda situada entre as duas poltronas. Imediatamente, o aroma de bom tabaco se mesclou com os vapores do conhaque. As duas coisas juntas eram uma potente mistura.

—Pegue um destes, rapaz, o melhor charuto cubano. Abrirei as janelas quando sair, senão Claire me matará — Recortou os charutos com um cliper de prata, deu um a Bud e acendeu um isqueiro antigo de ouro. Bud exalou, fazendo sair à fumaça em preguiçosas espirais, e deu alguns goles, saboreando o perfumado conhaque.

Segurou o charuto no alto. Intenso e penetrante... e de contrabando.

—Já sabe que isto é ilegal. —disse com suavidade.

—Sim — Parks sorriu e soprou— Mas tenho amigos na polícia.

Ficaram sentados em silêncio durante um momento. Bud não tinha linhagem, mas conhecia a tática e a estratégia. Era a calma antes da tempestade, antes que ambos os lados avaliassem a situação e as armas que tinha cada um. Continuaram sentados, fumando e bebendo até que Bud julgou que era o momento adequado. Tinha chegado a hora de desencapar as espadas.

Bud manteve a voz tranqüila, mas firme.

—Acredito que é necessário esclarecer algumas coisas, senhor Parks. Sobre Claire e eu.

—Horace, rapaz. Chame-me de Horace —gesticulou ele com o charuto— Continue. Você escutou.

—De acordo. —Bud examinou o velho. Ele o estava olhando com atenção e uma expressão completamente neutra.

Primeiro round.

—Cresci em um camping —começou Bud— O termo sujeira foi inventado para descrever famílias como a minha assim pode ser que meus genes sejam péssimos. Meu pai morreu antes que eu nascesse. Acredito. Ao menos isso me disse minha mãe. Não estavam casados e não tenho nem idéia de quem foi. É provável que ela tampouco soubesse. Minha mãe se chamava Morrison. Era alcoólatra e já de passagem, meu pai também. Eu não fui o que você chamaria um menino



estudioso. Meti-me em problemas e não terminei o ensino médio. Logo morreu mamãe e me alistei na marinha assim que tive a idade regulamentar e ali tirei o certificado de estudos. Quando deixei a marinha, tornei-me policial, e isso sou após, e isso serei até morrer ou me aposentar, o que chegar primeiro. Ganho 65.000 dólares ao ano e provavelmente nunca ganharei muito mais. Tenho algumas economias, não muito, e sou proprietário de um apartamento, mas isso é tudo o que tenho. Nunca serei um homem rico e nunca serei outra coisa mais que policial. Não tenho nada para oferecer a Claire que ela já não tenha multiplicado por um milhão. Mas a amo com todo meu coração, e se Claire me aceitar, vou me casar com ela. A única coisa que posso prometer ao senhor é que lhe serei fiel e tentarei ser o melhor marido do mundo.

Ambos se olharam nos olhos, os de Bud eram sinceros e serenos. Parks o olhava fixamente, sem piscar. Seus olhos eram de um azul claro e nublados pela idade, mas o olhar era direto. Não disse nada durante um momento no que seguiu fumando o charuto. Era provável que estivesse procurando as palavras para dizer a Bud que estava louco.

—Bem, tenente, isso foi ser breve e ir direto ao ponto —Park estudou a ponta acesa do charuto— Embora tenha omitido alguns detalhes. Como que seu padrasto era um homem violento e sua mãe acabava com frequência no hospital. Onde também você teve que dar entrada por defendê-la de um homem que era duas vezes o seu tamanho. Esqueceu de mencionar as duas medalhas de coragem enquanto esteve na marinha. Também esqueceu as menções de honra e elogios recebidos como policial, o fato de que obteve um título em criminologia enquanto trabalhava e que é o melhor atirador do corpo. Longman me disse que é o melhor oficial que jamais teve sob seu mando. E é obvio, está esse pequeno e incômodo detalhe de que foi você quem salvou a vida de minha filha.

—Não é rico porque não é ambicioso. —continuou— Poderia ter ficado tranqüilamente com o cheque que te enviei ao hospital. A quantidade era de três vezes seu salário anual. Comprovei-o. Naquele tempo tinha quinhentos dólares no banco e uma hipoteca bastante grande. Também comprovei isso — Sorriu com suavidade ante o olhar surpreendido de Bud e deu de ombros—. Cresci com Walter Borda, o presidente de seu banco, e fiz a ele algumas perguntas sobre você. E sim, já sei que é ilegal, mas nós o tipos ricos jogamos com nossas próprias regras.

Bud se esticou.

—Se está dizendo que fui um estúpido ao não aceitar seu cheque, é provável que tenha razão. —grunhiu— Mas não podia pegar o dinheiro só por fazer meu trabalho. Não estaria bem. — Se o velho Parks tentava demonstrar que Bud nunca se faria rico, estava conseguindo.

—Não, em efeito, seu senso da honra não lhe permitiria isso, e o encontro digno de elogio. Acreditava que o estava criticando? Dá-me a impressão que em certa forma pensa que desaprovo os trabalhadores quando nada poderia estar mais longe da verdade. Eu mesmo sou muito rico, mas não fiz nada para ganhá-lo. Nem o fez meu pai, nem o pai de meu pai. Admiro enormemente alguém que, como você, começou sem nada e conseguiu o êxito na vida. O estado de sua conta corrente não significa nada para mim. E pelo que se refere a Claire, pois seria difícil encontrar uma garota, perdão uma mulher, menos materialista. Nunca se interessou pelo dinheiro e seus gostos são muito simples. Não, minhas preocupações são de uma natureza completamente diferente.

Assim que... o ataque viria de uma frente inesperada. Bud se preparou.



Parks suspirou e guardou silêncio durante um momento, com o olhar cravado na taça.

—Eu tinha 55 anos e minha esposa 45 quando descobrimos que estava grávida — Moveu a taça com lentidão fazendo que o líquido formasse uns suaves redemoinhos, logo bebeu um longo gole— Não mentirei dizendo que ficamos encantados com a notícia. Levávamos uma vida muito agradável e satisfatória, que implicava uma ativa vida social e muitas viagens, nada disso compatível com uma criança pequena. É provável que tivéssemos decidido interromper a gravidez se Elisa não estivesse já tão avançada. Pensou que tinha menopausa precoce e não foi ao médico até que esteve de cinco meses. Suponho que em circunstâncias normais, teríamos agido como o fazem a maior parte das pessoas de nossa classe. O normal é que não permitamos que as crianças limitem nossos estilos de vida e adotamos as medidas pertinentes: contratamos uma babá de tempo integral e nos asseguramos que a criança tenha muitas posses materiais e umas maneiras decentes. E mandamos a criança a um colégio interno caro assim que têm a idade necessária. É o que fizeram nossos pais. E então... então nasceu Claire e simplesmente nos roubou o coração.

—No mesmo momento em que a colocaram em meus braços — continuou—, apaixonei-me por ela. Foi uma delícia no primeiro dia. Graciosa, bonita e esperta. Elisa e eu nos surpreendemos ao compreender que preferíamos passar as tardes em casa com nossa filhinha que as passar nas habituais reuniões sociais. —Suspirou, foi um som tremendo, a exalação de ar de um homem muito velho.

—Olhando para trás — continuou falando Parks—, talvez esse foi nosso primeiro engano. Claire cresceu em um pequeno mundo encantado com uns pais que a idolatravam, uma babá muito afetuosa e Rosa, que a ama como se fosse sua filha. Era uma garotinha frágil e adoecia freqüentemente. O pediatra nos disse que os filhos de pais já velhos freqüentemente eram delicados, assim tivemos muito cuidado. Um ano perdeu muitos dias de aula, assim contratamos tutores. Era mais fácil assim e Claire acabou por fazer a maior parte de sua educação aqui em casa. Rara vez brincava com outras crianças porque nos dava medo que pegasse algo. Supõe-se que essa não é a forma em que têm que crescer as crianças, agora vejo. O caso é que Claire não tinha nem idéia do feio e violento que pode ser o mundo exterior. Toda sua vida esteve rodeada de adultos carinhosos. Suponho que as coisas teriam mudado com a adolescência, mas quando tinha treze anos... ela...

A voz do Parker mudou, tornou-se rouca e teve que engolir com força.

—Caiu doente. Uma leucemia fulminante. Estávamos desolados. —Baixou o olhar para sua taça, para as pequenas ondas de Calvados que criavam o tremor das mãos— Matou Elisa. Teve um ataque do coração alguns dias depois de que os médicos nos dissessem que havia muito pouca esperança para Claire. Um dia estávamos tão felizes, em um pequeno e ditoso mundo isolado de três. Eu era um marido carinhoso e um pai excessivamente amoroso. E ao momento seguinte tinha perdido a minha esposa e em perigo de perder a minha menina. Toda minha família tinha sido destruída em questão de dias.

Aproximou a taça a sua frente, fazendo-a rodar. Quando elevou a vista, os olhos pálidos estavam injetados de sangue. Aparentava cada um dos oitenta anos que tinha e mais.

—Por ser alguém que tinha estado tão protegida, Claire surpreendeu a todos. Lutou por sua vida como uma tigresa. Aquele primeiro ano a levaram ao hospital na ambulância cinco vezes, e



cada vez me diziam que não havia nenhuma esperança e cada vez ela se sobrepunha. Aprendeu tudo sobre a enfermidade, lia tudo o que encontrava. Eu não podia acreditar nisso quando vi minha menina de treze anos estudar com tanto cuidado o Manual Merck, e entendendo cada palavra. Insistiu em submeter-se a cada tratamento experimental que encontrava na Internet. A maioria desses tratamentos eram muito dolorosos, mas nunca chorou, nunca se queixou. Nenhuma só vez. Jamais. Era muito, muito mais forte que eu. Frequentemente era ela que terminava me consolando.

O tremor era agora mais forte e Parks teve que deixar a taça na mesa que estava ao lado de sua poltrona.

—Perto de seus quinze anos, fizeram-lhe um transplante de medula como uma última possibilidade para continuar viva. Não funcionou. Não havia nada mais que pudessem fazer. Os doutores começaram a me falar sobre testamentos vitais e quando havia que renunciar... — se deteve para inspirar tremulamente. — Puseram-lhe uma máscara de oxigênio. Passei as noites sentado a seu lado. Até então eu também estava exausto. Os doutores me disseram que estava acabando com minha vida. Uma noite... —ficou calado, respirando com força, lutando para manter o controle— Uma noite, Claire tinha tido fortes dores toda a noite, mal era capaz de respirar. Pensei que me tornaria louco, ouvindo o som daqueles ofegos desesperados, escutando seus gemidos entre os dentes apertados porque não queria analgésicos. Uma super medicação é uma maneira correta de acabar com pacientes muito doentes e ela sabia. Em uma ocasião... — Calou e respirou com dificuldade. Bud via como uma veia pulsava na enrugada têmpora do ancião. Em uma ocasião durante aquela interminável noite — sussurrou—, escutando Claire ofegar, vendo como estremecia de dor, rezei a Deus para que a levasse. De verdade desejava e rezava... que minha garotinha... se apressasse... e... morresse.

E nesse momento se derrubou. Bud afastou o olhar da mesma forma em que alguém afasta o olhar de um grave acidente de carro.

Bud memorizou títulos de livros e estudou retratos de família, pensando como se sentiria estando ao lado da cama de Claire enquanto ela agonizava. Esperou até que os soluços se acalmaram e voltou a olhá-lo.

—Ninguém gosta de ver sofrer às pessoas que ama. —Esse era o único consolo que podia oferecer.

—Não — Parks tirou um lenço tão grande como um lençol e assou o nariz. Tinha a voz rouca e lacrimosa — Sinto-me tão envergonhado de mim mesmo. Suponho que, por medo e excessivo cansaço, esperava que ela... falecesse e assim esse calvário acabaria de uma vez. Por sorte, Claire é muito mais forte que eu. Sobreviveu aquela noite, e a seguinte. E a seguinte. Insistiu em outro transplante de medula como pauta experimental. E para surpresa de todos, foi bem. E logo... e logo a seqüestraram —Olhou para Bud com os remelosos olhos de ancião cheios de lágrimas— Algo que só durou umas horas, graças a você. Resgatou-a em seguida e recebeu uma bala por fazê-lo.

Bud fez um gesto com as mãos desprezando o último comentário. Horace Parks tentava lhe dizer algo importante.

Que tivesse resgatado Claire já era água passada.



Parks guardou silêncio uns momentos, pondo ordem em seus pensamentos.

—Depois do... episódio Gavett, enviei Claire a Suíça onde durante cinco anos viveu virtualmente em um recinto. Leu, aprendeu francês e alemão e leu ainda mais. Ficou em dia nos estudos escolar, superou aos de sua idade e tirou um diploma por correspondência em biblioteconomia. Quando retornou para casa, insisti em que vivesse aqui e trabalhasse na Fundação Parks, onde se sentiu muito desventurada. É algo que deveria ter notado, mas não quis vê-lo, assim simples. Como não quis ver que queria um lugar só para ela. É uma mulher adulta e faz já cinco anos que está livre da enfermidade, mas ainda a trato como se fosse uma menina doente. Quando tive que ir duas semanas a Paris, foi como se lhe tivessem aberto as portas do cárcere. Deixou o trabalho da Fundação, e encontrou um novo trabalho e uma nova casa. E logo tenho descoberto que também tinha encontrado um amante.

Bud ficou gelado.

—Uh, com respeito a isso, senhor Parks, uh, Horace...

Parks fez um gesto com as mãos, tirando a importância do assunto.

—OH, não me importa, rapaz. Não sou um puritano. Claire é uma moça e bonita. Deveria ter começado sua vida amorosa faz muito tempo. Suponho que era virgem, verdade?

Pela primeira vez em sua vida, Bud notou como que ruborizava.

Logo Parks o deixou totalmente desconcertado. Disse as mesmas palavras que Claire.

—Me alegro que tenha sido você, tenente. Minha filha teve muita sorte. —Levantou-se para servir-se outra taça. Certamente o cara agüentava bem o álcool. Tinham bebido várias taças de Chateaufort du Pape durante o jantar. Depois voltou a sentar-se com um suspiro e bebeu a metade do Calvados, olhando todo o tempo para Bud. Fez-se um enorme silêncio no quarto cheio de sombras. Bud não fez caso do silêncio e tampouco fez caso do intenso escrutínio de que era objeto. O velho tinha algo em mente e diria quando estivesse preparado.

—Há uma razão pela qual estou te dizendo isso tudo. Sou um ancião, tenente — disse por fim com voz tranqüila— Em conjunto tive uma vida muito boa e estou seguro que já fica pouco. Não... — Elevou uma mão suave e branca quando Bud abriu a boca para protestar— Nada de tópicos, por favor. Cedo ou tarde todos temos que morrer. Não é isso o que me preocupa — Com esforço aproximou sua poltrona da de Bud— Não, há algo mais que está me comendo vivo. O que me preocupa tanto é morrer e que Claire fique sozinha, sem ninguém que a proteja. Ela é uma mulher muito inteligente. Lê mais livros em um ano que os que possamos ler você e eu juntos em toda uma vida. Mas ela é... inocente de um modo que é difícil de entender para uma pessoa normal. Passou toda sua vida presa em uma pequena bolha. Primeiro a criada por minha esposa e por mim, e logo a criada por sua enfermidade. Não tem nem idéia da perversidade do mundo. Nunca topou com a maldade e a crueldade. Não saberia reconhecê-las. Tenho medo, tenho muito medo que, como sua amiga Allegra, possa cair nas mãos de alguém que poderia lhe fazer mal, muito mal, se não estiver aqui para cuidar dela.

O pelo da nuca de Bud arrepiou. De repente lhe ocorreu pensar pela primeira vez no risco que tinha corrido Claire deitando-se com um cara que tinha acabado de conhecer em uma discoteca famosa por comercializar sexo. Tinha-o pego tão de surpresa a atração, o ardor sexual, a atemorizante experiência de se apaixonar pela primeira vez, que nem tinha pensado no perigo em



que ela pôs a si mesma.

Claire o tinha escolhido, sim. Fantástico. Mas e se não tivesse feito? E se tivesse escolhido errado? Como policial tinha visto muitas mulheres acabar feridas e violentadas por algum cara que tinham conhecido em um balcão de bar. Isso no melhor dos casos.

Justo na semana passada, tinha examinado o corpo desmembrado de uma moça a quem seus amigos tinham visto pela última vez indo embora com alguém que tinha conhecido no balcão de um bar, e que haviam descrito como “um tipo agradável e bem vestido”. O safado agradável e bem vestido tinha usado uma faca. O médico forense disse que tinha demorado muito a morrer.

Jesus.

Parks deixou a um lado a taça e se inclinou para frente, colocando uma mão no antebraço de Bud.

Havia lágrimas em seus olhos e lhe tremia a mão.

—Tenente. Tyler. Escute-me — A voz de Parks era tremente e rouca, mas o apertão da mão era forte, desesperado— Não posso dormir pelas noites pensando no que poderia ocorrer a Claire depois de que tenha morrido. Diz que a ama. Posso te confiar a minha filha? Cuidará dela, a protegerá quando eu já não estiver aqui? Se souber que a deixei em suas mãos, poderei descansar tranquilo — Os olhos azuis claros o brocaram— Me dá sua palavra de honra de que cuidará de minha filha?

Tudo o que o velho sentia — amor, desespero e a crescente esperança de que por fim poderia entregar sua carga— se refletia nos olhos cheios de lágrimas e no forte apertão da mão tremente.

Nesse momento, Horace Parks estava despojado de todo seu dinheiro, educação e linhagem. Estava reduzido ao essencial. Um frágil ancião que já não ficava muito tempo de vida, tentando com desespero proteger, desde além da tumba se fosse necessário, a uma filha amada e vulnerável.

Bud demorou um momento em encontrar a voz porque de repente lhe formou um nó na garganta.

—Sim. —pigarreou— Prometo-lhe isso, Horace. Tem minha palavra de honra. Amarei Claire e cuidarei dela durante o resto de sua vida. Não lhe ocorrerá nada que eu possa impedir. Protegê-la-ei com minha vida. Conte com isso. —Colocou a mão sobre a do velho e a apertou com suavidade. Ambos observaram o simbolismo das duas mãos juntas. A mão de Bud era grande, bronzada e firme. A mão de um homem poderoso na flor da vida. A mão de Horace era enrugada, suave e salpicada. A mão de um homem que já não podia proteger a sua amada.

Juntos forjaram um compromisso.

Ambos compreenderam que Horace Parks acabava de entregar o cuidado de Claire a Bud.

A partir desse momento, Claire era dele.

—Vamos querida, — disse Bud com suavidade e sacudiu com suavidade o ombro de Claire. Ficou adormecida na enorme sala de estar enquanto os esperava. Bom, a verdade é que não tinha dormido muito as duas noites anteriores. Tinha prometido ao velho que cuidaria dela e ia fazer isso. Cuidar dela não significava fodê-la toda a noite, duas noites seguidas. Devia estar esgotada. Talvez tivesse superado a enfermidade, mas tinha estado muito doente e necessitava descanso.



la cuidar dela muito bem daqui em diante, começando por agora mesmo.

Claire se sobressaltou e abriu os olhos. Olhou-o e sorriu, afastando o cabelo com a mão.

—Olá. Caramba. Acredito que dormi. — Se endireitou e olhou ao seu redor— Onde está meu pai?

—Ficou na biblioteca. Deixei-o roncando — mentiu Bud. A verdade era que o velho Parks não queria que Claire visse que tinha estado chorando.

—Oh, certo. —disse preocupada— É pela diferença de horários. O mais provável é que esta tarde não tenha descansado.

—Ficará bem. —Bud segurou seu casaco— Venha querida, vamos para casa. É tarde e deve estar cansada.

Claire elevou o olhar com rapidez.

—Não “muito” cansada — disse e sorriu, ruborizando-se.

Merda.

Não, não, merda não. Não pense nesta palavra, disse-se Bud com o membro firme de repente. Esta noite não. Estremeceu ao pensar com que dureza a tinha usado a noite anterior. Tinha-a investido durante horas. Tinha-lhe segurado as pernas bem abertas para ter um melhor acesso e tinha perdido o controle dentro dela.

Bastava olhá-la. Bud observou a suave pele de debaixo dos olhos. Tinha olheiras.

—Precisa descansar querida. —abotoou-lhe o casaco e franziu o cenho ao jogar um olhar para a janela. Caía água com neve— Este casaco é bastante quente? Devemos estar abaixo de zero. Tem que colocar algo sobre a cabeça.

Claire o olhava perplexa.

—Eu não gosto dos chapéus.

—Ecco, detetive — Rosa entrou apressadamente e lhe deu um lindo e enorme cachecol de lã vermelha.

Bud assentiu.

—Obrigado, Rosa — O dobrou formando um triângulo e o colocou sobre a cabeça e os ombros de Claire, como se fosse uma anciã. Ao menos isso a manteria quente no trajeto até o carro— Já está, querida. Não quero que fique com frio.

—Si. —Rosa entrelaçou as mãos olhando para ele e logo para Claire e voltando a desviar os olhos de novo para ele e outra vez para ela, até que inclinou a cabeça com aprovação— Si.

Bud vestiu o casaco e segurou Claire pelo braço.

—Adeus, Rosa. Obrigado pelo magnífico jantar. —Abriu a porta, e entrou uma fria rajada de vento e água com neve. Por sorte tinha estacionado no final do meio-fio, perto da casa. Não queria expor Claire a este tempo nem um segundo a mais do necessário. A fez se apressar, colocando o braço nas suas costas.

Uma vez dentro do carro, colocou-o em marcha, satisfeito ao sentir como a calefação agia com rapidez.

—E bem? —disse Claire, sacudindo algumas lascas de gelo do casaco— Do que você e meu pai conversaram? Você demorou muito.

—Disso e aquilo. Ah, e pedi sua mão.



As mãos de Claire ficaram imóveis.

—O que? Oh, Meu deus. Você fez o que? E... e ele que...o que ele disse?

Bud a olhou sorrindo, que linda era sua Claire. Inclinou-se para beijá-la na boca, um beijo doce e breve, tão breve que acabou quase antes de começar.

—O que disse seu pai? —Bud trocou de marcha e pôs o carro em movimento— Disse que claro.

Capítulo 12

—Assim... — disse Suzanne Barron, rindo com dissimulação e jogando uma rápida olhada para assegurar-se que Bud estava ainda falando ao celular no elegante átrio do restaurante. O homem tinha pedido desculpas e se levantou da mesa para atender a chamada, obviamente de trabalho— Está comprometida. Foi rápido. Deixo você sozinha um fim de semana em sua casa nova e do seguinte que me inteiro é que exhibe um anel de diamantes. —Olhou com atenção a enorme pedra na mão de Claire e moveu a cabeça com admiração—E não um diamante qualquer. Um corte princesa, impecável, sem defeitos, e ao menos de dois quilates —Suzanne era uma mulher que sabia de jóias— É um anel de compromisso formal.

—Sim, foi rápido. —Claire flexionou a mão esquerda com o enorme e brilhante diamante no anular e quase ficou cega pelos reflexos que emitia. O diamante era imenso e fazia difícil usar luvas ou esfregar os pratos. Já tinha enganchado dúzias de meias com a pedra. Lá estava, em sua mão, um monumental vulto feito de diamante, um pouco parecido ao pesado vulto que às vezes tinha no estômago.

Quando Bud soube que existia algo chamado diamante de corte princesa, insistiu em que nada mais seria o suficiente bom para ela. Claire teria se sentido feliz com a lingüeta de uma coca cola e ele não teria gasto uma considerável parte de seu salário anual com um enorme e chamativo anel, que ela nem necessitava, nem queria.

—Apostaria que essa pedra bruta custou pelo menos 10.000 dólares — refletiu Suzanne.

—Dez mil e quinhentos — disse Claire sombria. Ficou consternada quando Bud insistiu em gastar tanto dinheiro.

—Sem mencionar o pedaço de sexo andante que vai com isso. —adicionou Todd Armstrong, dirigindo a Bud por cima do ombro outro olhar de admiração— Que sorte, mas que sorte tem. — Girou a cabeça fazendo ondear sobre os ombros seu cabelo dourado. A luz da vela se refletiu no comprido crucifixo de ouro que levava na orelha direita pendurando de uma corrente. Todd, o amigo de Suzanne e algumas vezes colaborador em seus projetos de decoração, era famoso por seus pendentes e por seus encontros com homens predadores — Querida... se isto —lhe deu um toquezinho no anel de compromisso—, não sei bem, acredita que poderia interessá-lo passar para o outro lado?

Claire soltou uma gargalhada e Suzanne sorriu.

—Não. —respondeu Claire— É, sem dúvida alguma, heterossexual. Não há nenhuma



possibilidade de que se sinta atraído para o outro lado.

—Lástima. —suspirou Todd— Já imaginava, mas não custa nada perguntar. Está de se comer. Todos esses músculos e esse silencioso ar de poder, como se pudesse parar a qualquer momento e te fazer coisas deliciosas nas quais estão envolvidas umas algemas. Siiim! —Fechou os olhos, estremeando — Oh, bom, a gente sempre pode sonhar — Voltou a olhar com desejo por cima de seu ombro fazendo que o pendente se balançasse — É que está... uff. Esse homem é muito, muito sexy.

—Sim —suspirou também Claire— Sei.

Bud lhes dava as costas, as amplas costas, logo ficou de perfil, estava falando muito sério ao telefone. Bud — o detetive Tyler Morrison— se pôs muito elegante. Era a imagem de alguém a quem levaria para casa de sua mãe, mas também a de alguém a quem você não gostaria de encontrar em um beco escuro. Ou a quem quereria a seu lado se encontrasse em algum perigo em um beco escuro.

Usava um elegante traje escuro, muito bem talhado, que se adaptava à perfeição a seu amplo corpo. Claire sabia que ele se esforçou, por dizê-lo de algum jeito, para causar uma boa impressão a seus amigos e tinha conseguido. Tinha sido cortês, ameno e muito bem informado.

Certamente durante o ardente e erótico fim de semana não falaram muito de política ou de assuntos de interesse mundial, e ficou surpreendida ao ver quão interessante era aquele homem e o fascinante e árduo que era seu trabalho. E isso que falou muito pouco dos dados concretos do que fazia, mas se via que era um homem com autoridade e poder.

Como detetive, era imensamente atraente e —Todd tinha razão— extremamente sexy.

E não é que ela se beneficiasse muito dessa sexualidade.

Bud não era em nada homossexual, mas se fosse tinha que apoiar-se no sexo que tinha tido Claire desde seu compromisso. De algum modo, Bud tinha metido em sua dura moleira que o sexo era algo que a esgotava, ou a consumia ou... qualquer coisa. De ser incapaz de afastar as mãos dela tinha passado a ser um prometido que a tratava com luvas de seda.

Dormiam juntos em sua casa todas as noites, mas só haviam feito amor uma vez nas últimas seis noites. De uma maneira gentil, respeitosa, adequada para retransmiti-la pelo canal Disney, justo o tempo necessário para ter o que, pelo visto, ele considerava os dois clímax requeridos. Depois tinha saído dela imediatamente e a tinha abraçado com suavidade. Ainda duro como uma pedra.

Claire poderia ter considerado que ele tinha alcançado o limite, que aquele selvagem fim de semana de foder —não havia outra palavra para defini-lo— era uma anomalia, se não fosse pelo fato de que Bud tinha uma ereção à maior parte do tempo que estava a seu lado, e quando iam para cama, e que durava toda a noite. Ou ao menos de noite se deitava totalmente ereto e despertava no mesmo estado. E não é que a ela isso tivesse servido muito.

Talvez pudesse perguntar se ela servia. Só um momento.

De um ardente, luxurioso e insaciável lenhador, um que fodia muito, muito bem, melhor que qualquer herói de livro romântico, converteu-se em noivo-babá. Isso não era o que ela queria. Já tinha tido durante toda sua vida.

O que precisava era um homem que a olhasse com fogo em seus olhos dourados, que a



penetrasse de improviso, como se não pudesse controlar-se mais, que a fizesse estremecer só tocando.

Para Claire, o sexo duro do fim de semana a tinha excitado, tinha-lhe entusiasmado, a havia feito sentir-se ardente, viva e grosseiramente sexy. Em troca, o sexo aborrecido e controlado da outra noite a fez sentir como se fosse uma matrona casada com um contador há cinquenta anos.

—Querida. —Suzanne cobriu a mão com a sua. Inclinou-se para frente, afastando com a outra mão um cacho loiro e colocando-o detrás da orelha — Foi tudo tão repentino. Acha que é uma boa idéia comprometer-se com tanta rapidez? Você não teve... muita experiência com homens. —Suzanne estava sendo educada, como só ela podia ser. Sua amiga sabia muito bem que ela não tinha tido "nenhuma" experiência com homens— Talvez Bud e você tivessem que esperar um pouco. Ver como vão às coisas. Você o ama?

—Sim — Foi firme porque essa era uma pergunta que Claire podia responder com toda firmeza. Estava apaixonada por Bud. E também amava Tyler, era só que a exasperava.

—Isso está bem — Suzanne sorriu para ela, assentindo. Era uma das muitas coisas que Claire adorava de Suzanne. Tratava-a como uma adulta. Claire dizia que amava Bud e isso bastava. Suzanne tomava ao pé da letra.

—Mas bom, como não vai estar apaixonada por esse pedaço de homem? —perguntou Todd indignado — Olhe seus ombros. E sempre leva pistola e sabe como usá-la. Como você não poderia gostar dele? Mmm. Pergunto-me se a leva agora.

—Sim. —respondeu Claire. Outra surpresa. Uma mais entre muitas. Pelo visto Bud —não, Tyler— sempre ia armado ou podia pegar a pistola em questão de segundos. Durante todo o tempo que ela tinha feito sexo ardente com seu lenhador, ele tinha mantido perto a pistola. Nunca teria imaginado por nada do mundo que se comprometeria com um homem armado. E não um homem armado normal, não. Um atirador de primeira, pelo visto.

—As armas são o substituto do pênis. —disse Todd com solenidade— Ao menos isso é o que dizem meus psicólogos. Embora algo me diga que esse cara não necessita nenhum substituto. Só olhem o tamanho dessas mãos e esses pés. Apostaria qualquer coisa que o tem... muito, muito grande — endireitou-se e esbofeteou a si mesmo com a mão. — Comporte-se, Todd. E bem? — disse alegremente— Quando se casam? Estou pensando em um presente de casamento fabuloso.

—Oh. —respondeu Claire, um pouco alarmada ao pensar em um casamento real quando nem sequer havia se acostumado à idéia de que estava comprometida. —Ainda falta muito t...

—Assim que pudermos arranjar tudo. —respondeu uma voz profunda. Bud sentou-se e cobriu a mão dela com a sua. Elevou-a à boca e a beijou. Sem lhe soltar a mão, dirigiu-se a Suzanne e Todd — Perdoem que os tenha deixado. Tinha que atender a chamada.

—Um cadáver? —perguntou Todd.

—Nada tão excitante como isso, Todd —respondeu Bud— Se fosse isso teria que ir. Por sorte parece que esta noite não há assassinatos em Portland. Não, só era um assunto administrativo que precisava de elucidação. Todos os oficiais estão de guarda a partir das dez da noite.

A luz da vela iluminou Suzanne quando esta se inclinou para frente. Era uma mulher incrivelmente bela e Claire nunca tinha visto um homem que não reagisse ante ela. Entretanto Bud, bendito fosse não parecia dar-se conta. Tratava-a com uma educada cortesia impessoal,



como se fosse uma solteirona com dupla papada e verrugas.

—Não me fale de papelada. —Suzanne girou os olhos. — Quase acabaram comigo quando restaurei a fábrica. Esta cidade precisa relaxar.

—Nem me diga. Teria que ver a papelada burocrática que gera uma investigação de assassinato.

—Todas essas provas de DNA, autópsias e esse montão de provas metidas em bolsinhas. — interveio Todd na conversa, encolhendo os ombros quando Suzanne arqueou uma sobrancelha— O que? Vejo C.S.I. todas as semanas. É muito emocionante.

Bud sorriu.

—Na realidade é "medicina forense", Todd. O que fazem os detetives é reunir provas para que formem um quadro lógico que possa manter-se firme no tribunal. A verdade é que é bastante aborrecido.

Houve um pequeno momento de calma na conversa quando o garçom trouxe a sobremesa para ela, Suzanne e Todd e um uísque para Bud. O garçom deu a Bud uma pasta com letras douradas gravadas com a conta dentro. Bud tinha deixado bem claro que ele convidava. Era um restaurante muito caro, outra coisa em que Bud tinha insistido. Claire não estava muito contente com o modo como gastava seu dinheiro com ela como se sentisse obrigado a manter-se ao mesmo tempo de algo. Ela não necessitava esse esbanjamento, nem tampouco o necessitavam Todd nem Suzanne. Era verdade que Todd e Suzanne tinham gostos sofisticados, mas eles três junto com a Allegra se encontravam freqüentemente em Lo Chow, um escuro chiqueiro onde davam um "dim sum" para chupar dedos por menos de cinco dólares.

Embora tivesse sido muito caro, a tarde tinha ido bastante bem. Apesar de seu caráter rude e machista, Bud não era homóforo. Combinou com Todd e inclusive descobriram uma paixão comum pela pesca esportiva com mosca. Todd conhecia a fundo o tema e ambos tinham discutido amigavelmente sobre iscas de carne bovina.

Todd, um pescador de vara de pescar. Isso era novo para Claire e, julgando pelas sobrancelhas levantadas, também era novo para Suzanne.

—Suzanne vive em uma velha fábrica de sapatos que herdou de seus avós, Bud. Fez um magnífico trabalho restaurando-a. É preciosa. —Claire estava orgulhosa de Suzanne.

—Sim? —Bud deslizou um cartão de crédito na pasta de couro marrom. —Onde está, Suzanne?

—Em Pearl —respondeu ela— Rose Street.

—Pearl. Rose Street — Bud, o cordial companheiro de jantar, desapareceu. O tenente Tyler Morrison entreceirou os olhos e franziu o cenho com desaprovação. — Essa é uma área da cidade bastante perigosa. Não é o tipo de lugar em que deva viver uma mulher sozinha.

—Suponho que tem razão. —Suzanne deu de ombros com tristeza— É uma verdadeira pena. A área era bastante boa faz quarenta anos, ou isso me disseram. Não teria podido encontrar tanto espaço em nenhum outro lugar, e de todos os modos, o edifício é meu. Foi da minha família durante três gerações e não podia suportar vendê-lo. Mas não estarei sozinha muito tempo. Desenhei uma parte do edifício como um módulo para alugar e já tenho um inquilino potencial. Um homem de negócios. Temos um encontro depois de amanhã.



O bocejo pegou Claire tão despreparada que não pôde dissimulá-lo como fazia normalmente. Bud reagia de maneira exagerada a qualquer sinal de cansaço. Como era de esperar ficou em pé imediatamente e pegou Claire pelo cotovelo, fazendo que se levantasse.

—É hora de ir, senhores. Foi uma noite muito agradável. A primeira de muitas, espero.

—Bud, estou bem. —protestou Claire. Era uma verdadeira pena dar fim à noite por um bocejo— Temos muito tempo...

Bud nem sequer a escutava. Assinalou a Suzanne com um comprido dedo.

—Assegure-se de analisar o cara, esse inquilino potencial, antes de assinar o contrato e se assegure também de pôr um sistema de segurança decente —lhe pediu— Eu poderia aconselhá-la, se quiser.

—Obrigada Bud. E muito obrigada por esta encantadora noite. —Suzanne ficou em pé e Todd a imitou.

—Sim, muito obrigado. —repetiu Todd.

Bud assentiu e dirigiu a Todd um duro olhar.

—Ocupe-se de que Suzanne chegue em casa sem problemas.

Não era uma sugestão.

—Sim senhor, tenente, senhor. —A risada dançou nos olhos de Todd— Deveria fazer uma saudação?

—Não, não sou desse tipo de tenente. Assegure-se de vê-la entrar em sua casa. Claire, querida, temos que ir. Parece cansada. Nessa agência de publicidade a estão fazendo trabalhar muito. Esta semana fez horas extras três dias. Estão explorando você.

Claire mal teve tempo de despedir-se de Suzanne e de Todd antes que Bud a segurasse pelo braço e começasse a caminhar para a saída.

Já tinham discutido antes esse assunto. Claire gostava de seu trabalho na agência de publicidade. Era tão diferente ao aborrecido e sério trabalho que fazia na Fundação Parks. As pessoas que trabalhavam na agência eram audazes e divertidas, e estavam um pouco loucas, como Lucy. Bud tinha aversão a Lucy por tê-la abandonado aquela noite no Warehouse, embora Claire já a tinha perdoado fizesse muito. Lucy era divertida e irresponsável, sem malícia. Bud se comportava como se quisesse detê-la.

Era verdade que tinha trabalhado muito na Semantika, mas não era o trabalho que a esgotava. Não, a razão de que Claire estivesse cansada era que passava a maior parte das noites acordada, contemplando o teto, esperando que Bud saltasse sobre ela. Esperando em vão.

Tinha que haver algo que pudesse fazer para dar um empurrão em Bud e tirá-lo de seu papel de super protetor e devolvê-lo ao papel sexual. Permaneceram em silêncio durante o trajeto pelas escuras ruas, com Bud ao volante conduzindo com mestria naquela noite de água chuva e neve. Era um condutor magnífico, algo que Claire admirava. Não gostava de conduzir e não o fazia bem. Bud fazia bem um montão de coisas, incluído o sexo.

Entretanto parecia que se quisesse conseguir mais sexo dele teria que elaborar algum plano. Talvez uma mudança de cenário estivesse bem.

—Bud, nunca vi onde vive e eu gostaria de ver. Podemos dormir em sua casa, só para variar?

—Quer dormir em minha casa? —As mãos apertaram o volante— Por que mer... para que?



Não acredito que você goste de minha casa. É bastante espartana —Jogou uma olhada cautelosa para ela— Não passo muito tempo ali, e não é que a tenha arrumado muito. Não é tão acolhedora como sua casa.

—Bom, claro, como ia ser? A minha foi desenhada por Suzanne. É uma das melhores decoradoras do país. Não espero sofás italianos, nem mobiliário Shaker, nem abajures feitos à mão. A que você chama bastante espartana? Tem encanamento? Calefação? Eletricidade?

A boca dura se curvou resistente para cima.

—Sim. —admitiu— Tenho tudo isso. Suponho que estaria bastante cômoda.

—Bem, decidido. Prometo não trazer à tona o mofo da geladeira ou enterrar suas meias três - quartos fedorentas no quintal. Só quero ver onde vive. Aqui estamos, comprometidos... — Moveu a cabeça porque ainda não podia acreditar nisso—, e não tenho nem idéia de onde vive.

—Claro que sabe —protestou Bud— 1432 Fuller. A umas oito quadras de sua casa. E não tenho quintal. É um apartamento no quarto andar.

—Vê? Nem sequer sabia disso. Vamos, Bud — implorou—Trarei meus lençóis e minhas toalhas. Inclusive cozinharei para você.

—Não. —grunhiu ele. Já tinha tentado uma vez e não tinha funcionado. Claire tinha ante ela um trabalho de aprendizagem bastante árduo — Eu cozinharei. E tenho lençóis e toalhas. De acordo, de acordo. —Soou resignado quando se deteve diante de casa de Claire— Amanhã vou a Chico —Haven para estar presente em uma declaração. Voltarei na última hora do dia seguinte. Quando voltar dormiremos em minha casa, se de verdade for o que quer, mas não faça muitas ilusões sobre ela.

Claire não sabia que ele teria que sair da cidade, nem sequer que tivesse o tipo de trabalho que requeresse que saísse da cidade. Nunca falava de seu trabalho com ela, nunca lhe dizia como tinha ido o seu dia. Quão único fazia era preocupar-se muito por ela.

Estava bem claro do que tinham falado seu pai e ele na biblioteca. Dela. Pobre Claire. Pobre doente Claire. Eternamente doente, eternamente menina.

Bom, agora ela estava bem. Muito bem. E era toda uma adulta. E agora que tinha provado o bom sexo, queria mais, muito mais.

O que tinham desde essa conversa era um pouco de sexo rotineiro, como se levassem muitíssimo tempo casados. Claire foi tomar uma ducha no banheiro principal e Bud no da lavanderia. Como diabos ele podia passar pela lavanderia e não recordar o que haviam feito ali? Ao ritmo de poesia. Estaria gravado a fogo em sua mente para sempre.

Tinha que haver algo que fizesse Bud esquecer sua atitude *do—sexo—é—prejudicial—para— Claire*. Possivelmente a camisola de seda amarela pálido? A que o tinha excitado tanto que ela teve que tirá-la?

Claire se secou, maquiou-se, passou creme e se perfumou como nunca antes, decidida que esta noite houvesse um pouco de ação. Bud esperava na cama, sempre demorava menos que ela. Movendo-se em silêncio entrou no quarto. Esta vez não havia velas, mas sim alguns aspectos familiares. Bud estava acordado e rígido.

Normalmente dormia nu, o que teria sido muito prático se tivessem um pouco mais de sexo, assim que o pênis erguido era bastante visível sob o lençol. Bud era um forno humano, e até que



ela não se metesse na cama, não subia o edredom.

Observou-a vigilante enquanto ela entrava no quarto, seguindo seus movimentos com olhos ardentes, intensos e dourados, e traços tensos e predadores. Ah, sim.

—Eu gosto muito desta camisola. —sussurrou ele.

—Sei —sussurrou também ela — A vesti especialmente para você. E espero que desta vez você a tire de mim.

Fogo, fogo nos olhos dourados.

—Oh, sim. Venha aqui e... — ficou sério de repente e o fogo de seus olhos foi perdendo intensidade deixando espaço à preocupação— Não sei querida. Estava muito cansada. Talvez devêssemos só...

—Cale-se, Bud. —Claire tirou a camisola pela cabeça e caminhou nua para a cama.

Bud se calou e a colheu com as enormes mãos trementes. A colocou em cima e a beijou, com ardor e força, segurando sua cabeça com uma mão para imobilizá-la e os quadris com a outra, colando-a a ele. Ela abriu as pernas e fez que a vagina deslizasse acima e abaixo por seu pênis duro e ardente. A enorme mão que lhe segurava os quadris lhe acariciou o traseiro, descendo, descendo, justo para onde queria que a tocasse. Colocou um longo dedo e acariciou.

Oh, por fim, isso era o que tinha perdido.

A paixão e o poder, essa bruma úmida e ardente que lhe nublava o cérebro até que toda ela era pura sensação. A língua de Bud a acariciava ao mesmo tempo em que lhe explorava a vagina com o dedo. Agarrou-o com braços e pernas tão forte como pôde, adorando a sensação daqueles poderosos músculos. Estava a ponto de explodir quando Bud afastou o edredom de um chute. Uma pluma errante flutuou no ar. Bud estava girando com ela em seus braços quando a pluma revooou pela cara de Claire.

Ela espirrou e Bud ficou paralisado.

Deixou de beijá-la, deixou de tocá-la e deu a volta para colocá-la de costas com suavidade.

—Sinto muito, querida. —sussurrou, cobrindo-a com o lençol. Agarrou o edredom do chão e com muito cuidado a agasalhou com ele, como se fosse uma menina de três anos. Beijou-a na testa com precaução e se inclinou para um lado para apagar a lâmpada de noite. — Não deveria ter começado isto quando o que você precisa é descansar. Boa noite, meu amor.

Claire ficou imóvel. Estava a ponto de ter um orgasmo e não sabia o que fazer. Era muito tímida para pedir a Bud que continuasse, muito tímida para baixar a mão e tocar-se ela mesma. E qualquer orgasmo empalideceria em comparação com o ele poderia fazê-la sentir.

As lágrimas começaram a escorregar por suas bochechas, mas não se atreveu a afastá-las com a mão. Bud se levantaria imediatamente e lhe perguntaria frenético se lhe acontecia algo. O que lhe acontecia era que ele a tinha deixado ardendo, tremendo, na própria beira do clímax. Claire ficou na cama acordada, apertando os dentes, olhando o teto em penumbras, até que o corpo foi esfriando pouco a pouco.

A frustração, a raiva e a tristeza se misturavam em seu peito.

Amava Bud.

Mas queria matar Tyler.



Capítulo 13

23 de dezembro

1432 Fuller

Madrugada

Claire se moveu e suspirou em seus braços e Bud ficou a suar. O joelho golpeou seu membro. Seu muito enrijecido e pronto-para-explodir membro. Mas despertá-la para uma forte e furiosa transa era inadmissível. E embora não fosse inadmissível, se comportaria com muita violência. Estava tão excitado que não haveria forma de controlar as investidas uma vez a tivesse penetrado. Assim suou e sofreu.

Quando ele tinha chego em casa duas horas antes, esgotado e excitado a não mais poder, Claire estava profundamente adormecida. Enroscada no sofá com uma xícara de chá frio na mesa, parecia ter doze anos. Ante a idéia que ela o esperava em seu apartamento tinha posto o pé no acelerador durante todo o trajeto desde Chico, transgredindo todos os limites de velocidade.

A declaração de um traficante de armas da Eslovênia com conexões com Semis Ruden, o fornecedor de armas aos exércitos de guerrilhas mais importantes do mundo e que dirigia uma organização mafiosa russa na Ucrânia chamada Trans—Dneiper, tinha durado mais do que o esperado. Embora a idéia de Claire o esperando fosse atraente, Bud era muito profissional para acelerar o processo judicial. Interrogaram o informante valendo-se de uma intérprete cujo inglês era bastante precário, por assim dizer, e tudo transcorreu com muita lentidão. Estava cansado porque passou toda a noite em um hotel masturbando-se. Todo esse assunto do compromisso era exaustivo. Em muitas raras ocasiões Bud tinha que lhe dar à mão. Sempre encontrava uma mulher complacente em algum lugar; quão único tinha que fazer era estar atento.

A intérprete eslovena, por exemplo. Tinha-lhe jogado alguns olhares de admiração, embrulhando ainda mais seu inglês. Bud não desejava a intérprete eslovena, não desejava a oficial de guarda do departamento de polícia de Chico, não desejava a garçonete do restaurante aberto toda a noite onde tinha entrado para comer algo, não desejava a recepcionista do hotel.

Desejava Claire.

Dormir com Claire e não fodê-la estava fazendo o rachar. Noite após noite, permanecia na cama com ela, duro e excitado, desejando que Claire não parecesse cansada e não tivesse aquelas leves olheiras sob os olhos. Mas merda, era muito difícil dormir na mesma cama todas as noites sem tocá-la. Deram-lhe algumas medalhas durante o tempo que passou na marinha, mas estar sob o fogo inimigo não tinha requerido tanto esforço como fazia o não foder Claire.

Quando as mãos começavam a lhe formigar de ânsias de tocá-la e o membro parecia a ponto de arrebentar, quão único tinha que fazer era recordar o pai de Claire na biblioteca, contando a ele com voz tremente a vez que esteve sentado ao lado de sua filha, esperando que morresse, e então era capaz de dominar-se. Nada ia acontecer a Claire, tinha dado sua palavra de honra.

E isso significava não fodê-la até perder a cabeça.



Ao entrar no apartamento, o primeiro que notou foi seu aroma. O aroma de Claire estava gravado em seu cérebro; reconhecê-lo-ia com os olhos enfaixados. Talvez esta noite... entrou na sala de estar e a viu adormecida no sofá com o pijama posto e a cabeça dobrada sobre um braço.

Parecia pálida e cansada. Levou-a para cama e vestiu o pijama —dormir nu, que era o que fazia normalmente, seria muito perigoso— e se deitou a seu lado.

Ele gostava que dormissem muito juntos. Era algo muito agradável, mas também uma pura tortura. Bud tentou tê-la entre seus braços sem estar muito juntos. Os membros podiam arrebentar como os balões? Se podiam, o seu não demoraria para fazê-lo.

Aquilo era um inferno, e agora não podia masturbar-se como havia feito na noite anterior.

O movimento a despertaria e era muito provável que a alagasse com os jorros de sêmen. E isso o envergonharia uma barbaridade.

Ela se aconchegou mais perto enquanto dormia, e lhe pôs um esbelto braço sobre o peito. Seria passar do limite se pegasse sua mão, a pusesse ao redor do seu pênis, e a convencesse a masturbá-lo? Só o havia tocado uma vez, na lavanderia. Imaginar eles dois naquele pequeno espaço, o aroma de verniz e a detergente e Claire nua em cima da máquina de lavar roupa, fez que seu coração corresse desbocado. Ela o havia tocado, muito levemente, com muita suavidade. Inclusive tinha colocado as mãos ao redor da cintura das calças do moletom e os tinha baixado. Isso era ao máximo que chegava. Claire não era em nada atrevida no referente ao sexo. Podia ser que o entendesse mal que não fosse um pouco mais agressiva, mas supunha que então já não seria Claire, a mulher que amava.

Tinha estado com muitas mulheres que não cortavam um cabelo sem fazer o que queriam.

Tinha tido encontros para jantar em que suas companheiras o tinham acariciado por debaixo da mesa, e mais de algumas o tinham perguntado diretamente: *quer foder?*

Sim. Sim, queria foder.

Queria foder Claire.

O cabelo dela estava estendido por todo seu peito como uma suave e cálida manta de ébano. Sua respiração era suave, leve. Mal podia ouvi-la. Tudo nela era tão etéreo, tão delicado. Isso o preocupava. Também tinha se preocupado o passado fim de semana. Tinha sido muito rude com ela. Embora então a preocupação fosse por sua virgindade.

De todos os modos, as virgens se convertiam em não virgens muito rápido. Não tinha nenhuma dúvida de que se excitou em seguida tanto quanto ele. Nenhuma vez lhe havia dito que não. Tinha gostado de tudo o que lhe tinha feito. Bud sabia que tinha fortes apetites sexuais. Nunca tinha pensado em ter uma parceira permanente, mas sabia que se alguma vez a tivesse teria que ser capaz de manter seu ritmo. Antes de inteirar-se de sua enfermidade, Bud estava convencido que Claire poderia mantê-lo.

Agora já não estava seguro.

Amava Claire e lhe seria fiel o resto de sua vida. Mas o que aconteceria se não podiam ter tanto sexo como ele queria, como necessitava?

Estaria condenado a masturbar-se durante o trabalho no banheiro dos homens?

Jesus estava tão enrijecido que lhe doía.

A mão de Bud ia baixando pouco a pouco para a virilha, era possível masturba-se sem



mover-se? Talvez se em vez de masturbar-se só o apertasse... soou o telefone. À uma e meia da manhã só podia ser uma coisa. Uma emergência de trabalho.

Quase estava agradecido pela distração ao agarrar o telefone antes que pudesse soar duas vezes.

—Morrison.

—Bud, é John Huntington.

Não necessitava que lhe dissesse o nome, reconheceria essa voz em qualquer parte. O capitão de corveta John Huntington, antigo SEAL. Chamavam-no Midnight. Não o tinha visto fazia doze anos quando haviam feito juntos um curso de treinamento.

O inquilino potencial de Suzanne tinha resultado ser Midnight entre todas as pessoas que tinham chegado para instalar-se em Portland. Suzanne o tinha chamado porque ele era uma das referências na lista que Midnight lhe tinha dado.

Bud tinha respirado tranqüilo por fim ao saber que aquele homem estaria em Pearl com Suzanne.

Suzanne era amiga de Claire e ele se sentia responsável por ela. Uma mulher bonita vivendo sozinha no Rose era um motivo de preocupação, mas se o inquilino era Midnight, bem, poderia deixar de preocupar-se. Midnight era um dos homens mais perigosos do planeta.

Não deixaria que acontecesse nada a sua caseira. Sobretudo se era uma mulher bonita.

Bud não perdeu o tempo com cortesias.

—O que aconteceu John? Há algum problema?

—Aparentemente sim. —respondeu John com serenidade— Acabo de matar um homem.

Isso era um grande problema. Um problema muito mau. Bud sentou-se na cama, afastando com suavidade Claire e agarrou as calças enquanto falava pelo telefone sem fio.

—Sinto incomodá-lo a estas horas, Bud, mas preciso de você aqui. Estou no edifício de Suzanne Barron no Rose Street. Um intruso entrou em sua casa esta noite. Armado. Encarreguei-me disso. Mais vale que venha com sua equipe. Não é agradável.

—Bud? —disse Claire com voz sonolenta. Sentou-se afastando o cabelo dos olhos e piscou— Já retornou. Queria esperar acordada, mas parece que dormi.

Maldição confiava em que não despertasse. Pôs a mão sobre o receptor.

—Sinto tê-la acordado, querida. Volta a dormir.

—Há algum problema? —perguntou ela bocejando.

—Não. —mentiu ele. Havia um problema e sua amiga estava metida nele, mas que o condenassem se ia preocupá-la antes de saber exatamente qual era a situação. Se Midnight estava com Suzanne, ela estava segura, assim era uma tolice que Claire ficasse nervosa— Volte a dormir querida. Tenho que sair. Chamaram-me e não sei quando poderei voltar. Você tem as chaves, assim se não tiver retornado antes de manhã pela manhã, assegure-se de fechar.

Claire piscou como um mocho, ainda meio adormecida.

—Certo. —resmungou e voltou a deitar-se, ficando adormecida imediatamente.

Bud agarrou suas roupas e o sem fio e foi à sala de estar.

—Sairei agora mesmo. —disse em voz baixa— Os chamarei e irei diretamente à casa de Suzanne. O resto da equipe estará ali em quinze minutos mais ou menos.



—A porta está aberta. —avisou John— O tipo fez falhar o sistema de segurança. E pode usar as sirenes. Não irá a nenhuma parte. Espera um momento, Bud.

Houve um silêncio na linha que Bud aproveitou para acabar de vestir-se.

Voltou a ouvir a voz de John.

—Acredito que é um capanga, Bud.

—Sim? Por que o diz? —Bud segurou o sem fio entre o ombro e a orelha enquanto colocava a pistoleira.

—Tem um Colt Woodsman com o número de série limado. Com silenciador. Não se usa uma arma assim para roubar o jogo de chá de prata — John golpeou com o nódulo o ombro do tipo. Fez um som oco. Tinha tido razão— E usa colete anti-balas. Não é do material padrão do B&E — John começou a sentir uma coceira na nuca. Conhecia essa coceira, confiava nela, e não era boa— Apresse-se, Bud.

Um Colt Woodsman com silenciador. Colete anti-balas. Na casa de Suzanne. Isto não pintava bem.

—Vou para aí, homem. —disse Bud e saiu do apartamento.

23 de dezembro

Escritório central de polícia do Portland

A última hora da manhã

Nove horas mais tarde, Bud estava na delegacia de polícia, bebendo uma bebida mais parecida a combustível de carro que a café, e olhando frustrado o computador. Era um último modelo com todos os avanços e naquele mesmo instante estava conectado com o NCIC, Centro de Informação do Crime Nacional, no programa de busca de digitais para achar dois assassinos de aluguel contratados para assassinar Suzanne Barron.

O NCIC processava um trilhão de petições ao ano. Era um dos programas mais rápidos, mas ainda assim não era o bastante rápido para ele. Bud sabia que era urgente uma resposta precisa.

A vida de Suzanne estava em jogo.

Não tinha havido um só assassino em sua casa, mas sim dois.

Depois de ter processado toda a cena e que os técnicos tivessem etiquetado todas as provas e as tivessem guardado em bolsas, tinham saído todos em grupo para ir ao escritório central da delegacia de polícia. Foi nesse momento quando o segundo atirador, que tinha estado esperando neste momento no segundo andar de uma pensão de má reputação, quase tinha matado Suzanne. Se não fosse pelos reflexos de John, Bud teria tido que levar o corpo destroçado de Suzanne ao depósito de cadáveres.

John tinha se encarregado também do segundo pistoleiro, um perfeito duplo disparo à cabeça, e logo tinha desaparecido com Suzanne. Uma situação já má, de repente tinha se deteriorado ainda mais.

Não tinha nem idéia de aonde John levou a amiga de Claire. O policial que havia nele desaprovava profundamente. Era óbvio que Suzanne estava sob a mira de um criminoso por algo que ela havia dito, feito ou visto. Era necessário interrogá-la.



O homem que havia nele entendia muito bem. A linguagem corporal lhe havia dito que John e Suzanne se converteram em amantes. John protegeria o que era dele. Alguém andava a caça de Suzanne, assim John simplesmente a tinha tirado de cena, confiando em Bud para chegar ao final do assunto. Se Midnight tinha escondido Suzanne, ninguém a encontraria, nunca.

A bola estava agora no telhado de Bud, e ali estava ele, sentado e pensando frenético em todas as possibilidades.

Isto tinha todo o sinal de um golpe da máfia. O segundo pistoleiro devia matar o assassino e apagar assim todas as conexões com o homem que tinha pago para fazer o trabalho.

Todo o assunto estava em reverso. O trabalho de Bud estava acostumado a ser encontrar o assassino. Ele já conhecia o assassino: John Huntington. Mas tinha sido em legítima defesa, não assassinato. A John não cairia nenhuma condenação por resgatar Suzanne. Bud se ocuparia disso pessoalmente.

Não, seu trabalho agora era averiguar “quem” tinha sido assassinado. E depois, por que os tinham enviado.

Tlin!

O som de aviso de que estava chegando à informação. Bud ficou com os olhos cravados na tela. A cara que apareceu de frente e de perfil lhe era familiar. Era o homem que tinham enviado para matar Suzanne. Corpo número um.

Bud deu graças ao céu porque Midnight tinha tido a previsão de cravar ao primeiro tipo uma K—Bar no pescoço em vez de lhe destroçar a cara. Ao menos assim tinham algo com que trabalhar.

As fotos da polícia mostravam um cara uns anos mais jovem, com o cabelo mais curto, mas certamente era o sacana morto que tinha visto na bonita sala de estar de Suzanne.

Roger Beckett, 36 anos, último endereço conhecido: Prisão de Salem.

Merda. O cara tinha um histórico delitivo tão longo quanto seu braço. Tinha começado aos quinze anos. Drogado, várias tentativas de reabilitação e criminoso reincidente, várias vezes encarcerado. E não por pequenos delitos, precisamente. Assalto, roubo a mão armada, tráfico de drogas, estupro.

O coração de Bud deu um baque ao ler isso.

Estupro.

Os estupradores não mudavam nunca. Jamais.

Bud não acreditava absolutamente em terapias ou mudança de conduta no referente a violadores ou —Deus— abusadores infantis. No mais profundo de seu coração, que rara vez deixava que aflorasse e que inclusive rara vez admitia a si mesmo e muito menos a outros, acreditava que os delinquentes sexuais teriam que ser castrados. Teriam que cortar seus membros e assim não poderiam voltar a usá-los para fazer mal aos mais vulneráveis, porque era quão único funcionava. Esses homens eram uns corrompidos durante toda sua vida. Embora fosse difícil para Bud entender o que era estar doente, sabia que era um fato que um cara que se excitava com meninas ou meninos era um safado doente que não podia ter uma ereção se não tinha um pequeno em suas garras para atormentar. E os estupradores... gostavam da violência, sentiam-se poderosos fazendo mal às mulheres. Uma vez estuprador sempre estuprador.



Não tinha nenhuma dúvida de que se não fosse por John, Suzanne teria sido brutalmente estuprada antes de ser assassinada.

O arquivo do segundo pistoleiro estava baixando quando entrou o sargento.

—Tenente —disse— Há alguém que quer vê-lo.

—Agora não, sargento Lopez. Estou ocupado. —respondeu distraído. Estava baixando uma pasta pela linha segura. Uma enorme. 40 megabytes; era provável que houvesse muitos arquivos JPG.

—Acredito que deveria ver esta pessoa. —disse Carmela Lopez com secura. Afastou-se para deixar ver um homem de estatura média e muito polido. Cabelo curto, castanho claro, traços regulares e anódinos, traje negro e barato, camisa branca e uma estreita gravata negra de poliéster.

Só faltava tatuar FBI na testa.

—Tenente Morrison, sou o agente especial Sisman. Do escritório novo do SAC de Portland.

Nestes momentos, Bud não tinha tempo para relações públicas entre instituições.

—Sinto lhe dizer que agora mesmo estou ocupado, agente especial. —disse— Se for sobre aquele memorando, nos dê algumas semanas para organizar uma equipe de trabalho sobre terrorismo entre instituições...

—Não. —respondeu o agente do FBI— O assunto que me traz aqui é muito mais urgente — Fez um gesto com a cabeça para o computador— Você fez uma petição de identidade apoiando-se nas impressões digitais de um unsub⁷, ou seja, de um sujeito desconhecido para uma investigação. O NCIC nos passou o aviso. Temos posta uma bandeira vermelha para qualquer petição de uma série específica de impressões digitais e para... — assinalou a tela onde a pasta já tinha baixado e esperava, piscando— ... isso.

Bud estava desconcertado.

—O que é isso?

Sisman foi para o computador e deu um golpezinho na tela.

A tela ficou escura quando os dados tinham acabado de descarregar-se, com o golpezinho tinha reacendido e mostrava estas palavras: INFORMAÇÃO RESTRITA.

—Que mer...? Restrita? Quem demônios restringiu? —grunhiu Bud.

—Eu, e não sou o único. —respondeu o agente Sisman. Ambos ficaram olhando-se em um duelo de vontades. Sisman era quase uns vinte centímetros mais baixo e pesava 30 quilogramas menos que ele, mas Bud tinha encontrado a forma de seu sapato quanto a decisão e tenacidade— Você pode ter acesso a informação desse arquivo se me disser para que precisa dele.

Bud meditou durante uns três segundos, mas não havia mais que uma resposta possível. A vida de Suzanne estava em jogo.

—Feito. Você primeiro.

—De acordo. —Sisman foi para a incômoda cadeira de plástico, sentou-se e teclou a chave. Era um programa interativo, uma operação organizada em etapas.

⁷ **UNSUB** é o acrônimo para a expressão inglesa Assunto Desconhecido de um Inquérito. É uma designação Criminalística atribuída a um sujeito que comete um crime e é desconhecido. Através destas expressões são Construídos o *modus operandi* descritivos e as características comportamentais do mesmo.



Uma espécie de complicado sistema de segurança. A cada passo dado soava um pequeno bip. Bud não podia seguir os movimentos e o que saía em tela eram asteriscos em campos. Códigos e contra-senhas.

Durou alguns minutos, mas por fim a tela limpou e apareceu um rosto. Bud não estava seguro que fosse o do segundo pistoleiro, cuja cara destroçada tinha estudado no depósito de cadáveres. O tiro o tinha acertado na parte superior da cabeça. John tinha procurado não destroçar a cara do assassino que tinha entrado na casa de Suzanne, mas não tinha tido tempo para fazer o mesmo com o segundo pistoleiro. Tinha reagido imediatamente ao perigo em que se encontrava Suzanne, tirando-a do meio de um tiroteio da maneira mais eficaz possível.

Há só dois tiros que garantem a morte no ato de um ser humano. Um disparo frontal, na ponte do nariz, e um às costas, entre os dois tendões da nuca. Qualquer outra coisa — inclusive acertar uma artéria— dá ao inimigo o tempo suficiente para disparar antes de morrer.

A bala na ponte do nariz destroça o lóbulo central do cérebro e a bala na nuca divide a coluna vertebral. Em ambos os casos, a vítima cai ao chão imediatamente. Morta.

No espaço de uma fração de segundo, John tinha optado por eliminar a possibilidade de que o pistoleiro tivesse tempo de fazer um disparo afortunado e tinha tido toda a razão. Bud não podia menos que admirar as habilidades de um atirador de primeira.

Poderia ser que ele fosse capaz de fazer um disparo assim uma vez, mas embora fosse bastante bom e o melhor atirador da polícia, duvidava que pudesse matar alguém na escuridão e a uma distância de mais de 240 metros.

As habilidades de um bom atirador são perecíveis como o leite, mas com um tempo de expiração mais longo. Ele tinha conservado suas próprias habilidades, mas seus deveres como oficial de polícia haviam feito que sua perícia levada a limite se embotasse um pouco. Algo que era óbvio que a Midnight não acontecia. Bom para ele. Tinha salvado a vida de Suzanne Barron duas vezes.

O caso era que embora Bud não estivesse de todo seguro da identidade do segundo pistoleiro, só estava em 99%. O cadáver no depósito tinha o cabelo loiro escuro, uma capa de ouro no incisivo dianteiro esquerdo e uma cicatriz cirúrgica em cima da clavícula, certamente da extirpação de uma glândula tiróide.

Leu os dados biométricos que havia na tela.

Ryan McMillan, 47 anos, 1 metro 81 centímetros, 84,80 quilogramas, cabelo loiro escuro, muito trabalho de ortodontia, extirpação de glândula tiróide na prisão em 1995. Bud continuou lendo e os pelos de seu braço se arrepiaram.

Ryan McMillan era a elite do pequeno círculo de assassinos de aluguel dos Estados Unidos. Suspeito dos assassinatos de Carmine “Fisch”, O Pescador, Voc Torrance, o chefe do sindicato Teamster e —Bud ficou gelado— do assassinato do senador Julius Lesley. O crime não resolvido mais famoso da América depois do desaparecimento de Jimmy Hoffa.

McMillan tinha uns honorários médios de 500.000 dólares por trabalho.

Quem fosse que quisesse Suzanne morta estava disposto a pagar ao menos 500.000 dólares, mais o que Beckett tinha pedido. Mais de meio milhão de dólares para matar uma decoradora de interiores. Bud ainda estremecia pelas implicações quando ouviu que o agente especial Sisman



dizia com voz seca:

—Agora é sua vez.

Bud girou para enfrentar o olhar cansado de uns olhos que tinham visto muito. Durante os vinte minutos seguintes, deu ao agente do FBI um relatório completo dos acontecimentos da noite passada, até seu último olhar ao segundo pistoleiro no depósito de cadáveres.

Houve um denso silêncio que durou um minuto inteiro.

O agente especial Sisman declarou o que era óbvio.

—Temos um problema muito, muito grande.

23 de dezembro

Escritório central da delegacia de polícia de Portland.

18:00 horas

O táxi deixou Claire na entrada do edifício de concreto e aço de 16 andares. O Palácio de Justiça. Um pouco antes tinha lido em um artigo do Oregonian que estacionar pelo centro estava proibido de nove as onze. Vestida como ia, não era possível ir andando até o centro com aquele frio glacial, assim tinha optado por um táxi.

No trabalho se limitou a dizer que tinha que ir embora cedo. Estava ridiculamente capacitada para o trabalho de secretária que fazia e tinha em seu trabalho um montão de horas extras. Tinham-lhe dado permissão imediatamente.

Claire fechou o punho ao redor das suaves dobras do grosso casaco. Estava congelada de frio, mas também suave. Em um momento ia fazer algo que a assustava muitíssimo.

Manteve a cabeça curvada ao entrar no vestíbulo e subiu no elevador até o andar 13. Ali era onde estava a Brigada de Homicídios. Tinha comprovado.

Os joelhos se chocavam um contra o outro pelo tremor e o coração retumbava como um louco no peito, enquanto o elevador ia subindo pouco a pouco.

Isto era aterrador.

Não fazê-lo era ainda mais aterrador.

Começa como pretende continuar.

Claire recordava sua mãe dizendo isto, e tinha sentido. Bud e ela tinham iniciado uma aventura amorosa que em um espaço de tempo ridiculamente curto, tinha trocado para compromisso, e ele tinha deixado claro de diferentes maneiras que queria casar-se o quanto antes. Claire pensava que o matrimônio tinha que ser para toda a vida.

Não poderia suportar uma vida como a de agora, com Bud andando nas pontas dos pés a seu redor, temeroso de beijá-la, de tocá-la, de fazer amor. Por muito que amasse aquele homem, sabia que não poderia suportar toda uma vida sendo tratada como uma boneca de porcelana da China que poderia quebrar-se se a segurasse com muita brutalidade. Claire não se quebraria, nunca. Tinha suportado muito, tinha resistido a muita dor e desespero para quebrar-se. Dava igual que o sexo fosse rude, Bud não podia lhe fazer mal. Era com o comportamento de agora que a machucava.

A única forma que ambos tivessem um futuro juntos era que Bud a tratasse como uma



mulher. Uma mulher forte, de pura cepa, que podia tomar o que ele tinha para dar.

Incluído todo o sexo que os dois pudessem resistir.

Por isso mesmo estava a ponto de fazer o mais atrevido e atemorizante que podia imaginar, empurrar a si mesma do pedestal em que a tinha colocado Bud.

Claire estava acostumada a ocultar o que sentia. Era provável que ninguém se desse conta que estava tremendo, quase doente pela ansiedade.

Sabia muito bem a imagem que dava ao mundo. No andar 13 na realidade, pensou quando as portas do elevador se abriram. Uma elegante jovem bem vestida, segura de si mesma, de seu aspecto físico e de sua posição.

Olhou ao redor da planta sem tabiques, aturdida. Escritórios e telefones soando e curvados policiais —homens e mulheres— todos ocupados e de aspecto competente.

Assim que esse era o mundo de Bud. Rude, urgente e importante.

Ele nunca, jamais, falava de seu trabalho. Era como se quisesse mantê-la em uma pequena borbulha onde só houvesse coisas bonitas, refinadas e delicadas. Assim era como tinha crescido, segura, mas doze anos à beira da morte haviam feito que seu coração fosse de aço. Adoraria que lhe falasse de seu dia a dia, inclusive das coisas terríveis e cruéis que via. Depois de tudo, Bud ajudava que o mundo fosse um lugar melhor.

Claire já sabia que o mundo era terrível e cruel.

Devia haver umas cem pessoas neste andar. O nível do ruído era considerável, com as pessoas gritando pelos telefones, gritando uns com os outros, falando através dos cubículos, os toques dos telefones, os sons dos computadores... Os aromas também eram penetrantes. Couro, papel, suor e café ruim.

Duvidou, tremendo por dentro. Talvez não fosse uma boa idéia. E se Bud não tivesse um escritório próprio, era uma idéia impossível.

—Desculpe. —O homem ao que se dirigiu nem sequer girou. Ela limpou garganta e elevou a voz— Desculpe?

Ele deu a volta, surpreso. Não era muito grande, com uma barba incipiente de cor escura e mechas de cabelo escuro que apareciam pela camisa aberta.

—Sim? —Olhou-a de cima a baixo. Era muito provável que estivesse pensando que ela ali estava um pouco fora do lugar, com seu casaco Valentino de caxemira vermelha escura, suaves luvas negras de pelica e saltos altos— Seria melhor que voltasse para o andar de baixo, senhora. A darão no...

—Isto é a brigada de homicídios? —interrompeu-o ela.

—Delegacia de polícia —respondeu o homem— Sim.

Claire resistiu o impulso de lamber os lábios secos.

—A-Aqui trabalha o tenente Tyler Morrison?

—Bud? Sim — O homem assinalou para trás, onde havia dois escritórios com vidro translúcido. E portas. Claire respirou aliviada— A porta da esquerda. Tem algum problema, senhora? —Olhou-a outra vez de cima a baixo e riu com dissimulação— Quer denunciar um assassinato?

—Não. —respondeu Claire com afabilidade, pensando em quão frustrada estava com Bud. —



Quero impedir um assassinato.

Atravessou a sala abarrotada. Ninguém lhe deu a menor atenção. Aquilo parecia um caos, mas não era, compreendeu. Todos sabiam com exatidão o que faziam.

E ela também.

Animada por aquele pensamento, bateu na porta esquerda, sentindo como o coração começava a lhe pulsar com mais força ao ouvir o grunhido familiar.

—Sim? O que acontece? —Ela abriu a porta e entrou.

Pela primeira vez, Claire viu Bud surpreso. Demorou um segundo em recuperar a compostura.

—Claire? —Ficou olhando sem nenhuma expressão, logo o alarme apareceu em seu rosto—. Que mer... o que faz aqui? Está bem? Aconteceu algo errado? —Pôs as mãos sobre a mesa e começou a levantar-se.

—Quieto aí, Bud.

Ele voltou a cair sentado, perplexo. Ela tinha conseguido o tom perfeito. Firme, dominante.

Claire deu a volta para fechar a porta com chave e depois foi lentamente para a sua mesa.

Olhou para Bud. Olhou-o de verdade.

Ultimamente estava tão zangada com ele e seu comportamento parecido ao de uma babá que se esqueceu de quão atraente era, o muito, muito atrativo que era. Forte, duro, perigoso. Capaz de uma enorme ternura. Um desses tipos bons, tão escassos no mundo.

Era um homem pelo que valia a pena lutar, e ela ia lutar com todas as armas ao seu dispor. Começando agora mesmo.

Claire, pouco a pouco, foi desabotoando o casaco com uma mão enluvada, deixando-o aberto por um momento, e desfrutando da imagem de Bud com a boca aberta. Logo, com lentidão, levantou as mãos enluvadas, e devagar, ah muito devagar, acariciou-se os ombros, abrindo ainda mais o casaco. Rebolando, fazendo oscilar os seios, deixou que o casaco caísse ao chão com o elegante erotismo que só pode conseguir a caxemira.

Debaixo estava nua. Quão único tinha posta eram as luvas negras, botas de salto alto até a coxa e lápis de lábios. Parecia uma prostituta de alto *standing*. Uma prostituta excitada. Tinha os mamilos duros e franzidos, sobretudo pelo frio, mas também pela excitação. Em especial agora, olhando como Bud olhava para ela.

Grande Deus, havia valido a pena. Havia valido cada minuto de angústia desde que tinha tido a idéia, cada segundo de ansiedade, só para ver outra vez o fogo ardente e abrasador nos olhos de Bud.

—Pensei nisto, em você, enquanto atravessava toda a cidade. —disse com suavidade, observando sua expressão. Puxou as luvas, dedo a dedo, tirando primeiro à esquerda e depois à direita— No táxi, imaginei que me tocava, por toda parte. Sempre que me toca, sinto um formigamento por todo o corpo, sabia? Pensando em você cheguei a estar molhada, ali mesmo, no táxi. Quando o taxista começou a girar nas ruas, cruzei as pernas para aumentar a pressão e quase tive um orgasmo quando girou no Webster. E os seios, enquanto se roçavam com o forro do casaco, pensava em todas as vezes que chupou meus mamilos. Embora — caminhou devagar para ele—, nada pode comparar-se a quando me acaricia. Quando me possui. —Rodeou a mesa,



detendo-se quando quase lhe roçava a coxa— Quando me fode. —sussurrou— Isso é o melhor de tudo.

Ele tentou agarrá-la, ansioso, com aquele ardente olhar dourado que ela tanto amava, tanto desejava, mas Claire segurou suas mãos. Girou as suas para que ficassem palmas contra palmas e entrelaçou os dedos com os dele. Inclusive tocar aquelas mãos — tão grandes, tão quentes— de palmas duras e cheias de calos a excitou. Embora fossem umas mãos muito fortes nunca a tinham machucado, nenhuma só vez. Exercendo uma suave pressão, fez que as mãos entrelaçadas descessem até a coxa do Bud, e logo afastou as suas.

—Não me toque, ainda não. —disse com voz rouca.

As mãos dele estremeceram como se a tentação de tocá-la estivesse além do que podiam resistir, logo ficaram quietas. Claire queria que a tocasse, mas primeiro tinha que acabar o que queria dizer.

Olhou para seu, inclinou a cabeça para enfrentar aquele ardente olhar dourado e logo voltou a baixar os olhos. Lambeu os lábios, devagar.

—Está feliz de me ver.

A ereção de Bud era enorme e muito visível sob o tecido de lã cinza.

—Merda, sim. —ofegou ele e Claire se regozijou. Durante toda a semana Bud tinha cuidado de sua linguagem, também, como se ela fosse muito delicada para suportar palavrões. E Claire não precisava de tanta contenção. Adorava a forma como ele falava, adorava a forma como a olhava, adorava a forma como a acariciava, e adorava a forma como a fodia.

Adorava... todo ele amava-o, tal e como era. E neste preciso momento, ele estava excitadíssimo, e isso também adorava.

Tocou-o ali, subindo e descendo a mão por essa suave coluna sob a lã. Estava quente, o calor irradiava através da cueca e das calças. O pênis crescia, pulsando, e ficou mais duro e maior enquanto o acariciava com a mão aberta, deslizando-a de cima a baixo.

—Claire. —A voz era profunda e áspera. Bud lhe pôs a mão em cima da sua. Não a afastou só a segurou com força. O resultado foi uma pressão ainda mais forte sobre o pênis— Sabe onde estamos?

Ela sorriu.

—É obvio que sei. No 1111, segunda sudoeste —Entreabriu os olhos enquanto o sorriso se fazia mais amplo— Delegacia de polícia, Central de Polícia.

—Sim —um músculo pulsou na sua mandíbula— Delegacia de polícia, Central de Polícia. Onde trabalho. Não podemos fazer isto aqui, querida.

—Não quer foder agora? —Claire fez uma pequena careta.

—Não. —disse com os dentes apertados— Foder aqui? Está louca?

Ele parecia sincero, mas Claire não engoliu. Olhou para seu rosto e adorou o que viu. Fogo e luxúria. O batimento dos músculos da mandíbula, os maçãs do rosto ruborizadas, os olhos entreabertos fixos em seus seios.

Perfeito, aí é onde devia olhar, e desejar. Seus seios.

E também...

Claire abriu as pernas, rebolando sobre os saltos altos, muito satisfeita ao ver que Bud,



imediatamente, baixava a cabeça. Se olhasse com atenção, poderia ver as dobras do seu sexo e talvez até quanto molhada estava. Por sua expressão estava fazendo precisamente isso, olhar com atenção.

Só para assegurar-se que ele captava o essencial, Claire baixou a mão e se tocou.

Estava escorregadia e inchada. Bud conseguia que se sentisse assim. Embora tivesse se excitado ao pensar nisto durante o trajeto de táxi, estar ali na mesma sala que Bud era o que realmente a colocava a cem. Claire passou o dedo pelo sexo, depois o elevou.

—Observa, Bud — A voz era uma oitava mais grave. Marlene Dietrich com botas de saltos a meio coxa, faltava-lhe a cartola— Vê o que está me fazendo?

Bud fechou os olhos com expressão de sofrimento.

—Querida, este não é o momento nem o lugar para isto. Hoje tenho um dia muito... ocupado, e de todos os modos, alguém pode entrar a qualquer momento.

—Não, não pode. —Claire tocou o mamilo com o dedo molhado e muito satisfeita ouviu o som que saía do mais profundo do peito de Bud— Fechei a porta com chave. —de repente tirou o telefone do gancho— E tampouco alguém vai ligar para você. Assim durante um pouquinho é todo meu.

—Não, no trabalho não. —Bud fazia um enorme esforço por parecer severo, mas os olhos ardiam mais que o sol e o pênis pulsava.

Claire passou com rapidez uma perna por cima e se sentou sobre ele escarranchada.

—Claire!

Ela quase riu ao ver sua expressão. Ele estava lutando com suas emoções levadas a limite. Comoção e luxúria. Claire optou pela luxúria.

Menos mal que calçou saltos altos. Saltos de agulha, saltos para matar. O que Lucy chamava “sapatos para foder”. A permitiam apoiar os pés no chão e marcar o ritmo. Firmando-se sobre os pés, Claire foi movendo-se até que seu sexo nu pousou sobre o pênis. Foi deslizando de cima a baixo sobre ele, a áspera textura da calça de lã e o zíper metálico a excitou quase tanto quanto a grossa e ardente coluna que havia debaixo. Estava tão molhada que lhe manchava a calça.

Que duro estava.

Apoiou as mãos nos seus ombros e se inclinou para frente. Usava um lápis de lábios vermelho carmesim, desses que tinham um brilho descarado, desses que faziam da boca um órgão sexual. Não podia beijá-lo — aquilo seria exceder-se porque lhe deixaria marcas— mas podia lambê-lo. Seguir o contorno da orelha com a língua. Sim, isso podia fazer, e ficou encantada ao senti-lo tremer e estremecer. Debaixo das dobras do sexo, o pênis pulsou e inchou com cada pulsação.

Bud pôs as mãos no quadril. Sem dúvida sua primeira intenção era afastá-la.

Poderia fazê-lo. Certamente era bastante forte. Tinha-a levado nos braços com uma facilidade que era quase ridícula, a tinha subido em cima na cama. Era tão forte como um touro. Oh, sim, se de verdade quisesse afastá-la, se de verdade queria parar isto, podia fazê-lo.

Mas não o fez.

Aquelas fortes mãos se afundaram em suas nádegas, seguindo os movimentos dos quadris dela enquanto o montava. Claire começou a sentir a deliciosa sensação de perder-se, a sensação



de deslizar-se e entrar pouco a pouco em um ardente banho sensual...

Antes de perder a noção do tempo, mudou de postura. Uma última lambida à orelha, um mordisquinho no lóbulo, e deslizou de seu colo para ficar de cócoras diante dele.

—Claire — ofegou Bud. Já não podia segurá-la, assim que as mãos agarraram os braços da cadeira com tanta força que lhe puseram os nódulos brancos— Não faça isto, aqui não, agora não.

Claire teria se detido se tivesse visto qualquer sinal em Bud que dissesse de verdade não queria isto. Ele só acreditava que não o queria, que não era absolutamente o mesmo.

Ficando de cócoras a seus pés, colocou-lhe as mãos nos joelhos e as separou. Colocou esmalte de unhas vermelho e a palidez das mãos com os extremos dos dedos cor vermelha era um escandaloso contraste sobre a cor cinza escura das calças. Desabotoou-lhe o cinturão e começou a lhe baixar a zíper pouco a pouco. O som se ouviu com força no silêncio da sala. Nem sequer penetravam os ruídos do resto do andar além da porta fechada. O zíper abrindo-se pouco a pouco era o único som do mundo. O som de coisas que mudavam, o som do sexo segundo seus termos.

—Claire... céu... — disse Bud de novo. Logo calou, como se o resto das palavras estivessem fora de seu alcance. Outro sinal. Durante o ardente fim de semana, Bud mal podia falar ao fazer amor. Tyler, entretanto, tinha falado sem parar durante a única sessão de sexo educado que tiveram. Palavras preciosas, comovedoras, cheias de amor, mas com frases longas e um amplo vocabulário em vez dos grunhidos que era o único que saía de Bud quando estava afligido pela luxúria e a excitação.

—Bud. —sussurrou Claire com um suspiro de admiração quando baixou a parte dianteira das cueca e tirou o pênis. Estava tão molhado como ela, um milagre considerando que o homem tinha passado de zero a cem quilômetros por hora em uns minutos. Ela tinha tido tempo de excitar-se durante todo aquele tempo no táxi e inclusive antes, quando reunia coragem para enfrentá-lo. Mas em só uns minutos, a enorme cabeça protuberante do pênis chorava gotas de líquido transparente.

Claire se inclinou para frente e com delicadeza o lambeu, como uma gatinha.

Bud estremeceu, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos com força. De entre os dentes apertados lhe escapavam gemidos de sofrimento.

Claire nunca antes havia feito isso. Ao ler a respeito disso tinha perdido um pouco a vontade. Mas como ia saber o enorme atrativo que tinha fazer isso? Rodeava-lhe o pênis com as mãos, com os polegares assinalando os testículos, emoldurando a ereção. E certamente merecia uma moldura. Recostou-se um pouco sobre as nádegas, observando-o. A verdade é que não tinha tido o tempo ou a oportunidade de fazê-lo antes, mas agora o estudou, estudou a solidez e a elegância dele. Estava tão perto que podia cheirá-lo. Era um aroma familiar, mas mais concentrado, mais almiscarado. Seu pênis era puro poder, com veias grossas e um brilho enigmático. Fascinante.

Inclinou-se para frente outra vez, movendo a mão para segurar a base, chupando a cabeça com a boca. Bud gemeu e pôs as mãos na cabeça. Não havia possibilidade de meter todo aquele comprimento na boca. Era muito grande e a engasgaria, mas o lento movimento da mão ao longo da base e girar com delicadeza a língua pela fenda da cabeça pareceu ser mais que suficiente para ele.

—Pequena — disse ele com voz rouca e áspera, com os dedos lhe segurando a nuca—, não



podemos fazer isto aqui...

Claire afastou a boca e a mão.

—Sei. —suspirou.

Com cuidado, como se dirigisse algo imensamente precioso e frágil, Claire pressionou o pênis sobre o abdômen, subiu-lhe a cueca e —com dificuldade— fechou o zíper.

Os olhos cheios de fogo de Bud a seguiram quando ficou em pé. Tinha afastado as mãos para deixar que se levantasse e lhe segurou uma.

—Toque-me. —murmurou, levando-a até seu sexo.

Abriu as pernas, guiando-o.

—Você mesmo pode sentir quão molhada estou para você, Bud — Ele a acariciou devagar, penetrando-a com um dedo enorme. A Claire começaram a tremer as pernas e ofegou. Oh Deus, ele sabia com exatidão onde tocá-la, e como. Mais rápido do que esperava, mais rápido do que queria, ia aproximando-se ao clímax.

Agora não. Aqui não.

Enquanto podia, retrocedeu um passo, dois. Fora de seu alcance. Olhou-o nos olhos, amando o ardente fogo dourado que havia neles.

—Isso foram os preliminares, Bud — Afastar-se dele foi como sair de um campo de gravidade. Era como se movesse em câmara lenta. Queria ir para ele, não afastar-se dele— Esta noite não necessitaremos mais.

—Tenente! —Soou um forte golpe na porta, logo alguém moveu o trinco.

Bud não se moveu. Ela tampouco. Sem afastar o olhar dele, Claire se agachou para recolher o casaco. O olhar de Bud era duro, fixo e feroz. O amplo peito subia e descia com rapidez.

—Agora vou para casa. —disse ela em voz baixa enquanto abotoava o casaco, passando de gatinha sexy a uma jovem dama em só seis botões— Quando chegar o estarei esperando na cama, nua. Não quererei nem precisarei de nenhuma preliminar. Quero que comece a foder-me imediatamente...

—Tenente! —Outro forte golpe— Deixe de falar por telefone. Temos um caso!

Claire retrocedeu, ainda olhando-o nos olhos.

—... e quero que me foda toda a noite — terminou com um sussurro.

Virou, girou a chave da porta do escritório e viu um oficial com o punho levantado. Ele piscou, com os olhos muito aberto pelo assombro.

—Pode entrar oficial —disse Claire com serenidade— Já terminei o assunto que tinha com o tenente.

Capítulo 14

23 de dezembro

Casa abandonado nos subúrbios de Portland

Última hora da tarde



Bud piscou quando a câmara do fotógrafo cintilou pela última vez. O flash ressaltou de maneira brutal a cruel cena. O corpo mutilado, as numerosas salpicaduras de sangue, os obscenos despojos espalhados pelo chão de uma velha casa abandonada.

—Quem diabos fora este cara — grunhiu o médico forense, Allen Siteman—, fez alguém se zangar, e muito.

Quem diabo fosse certamente o tinha feito.

Bud rodeou o corpo com lentidão, indo com cuidado para evitar o sangue, pisar em algo ou mover algo. Os técnicos forenses passaram as duas últimas horas registrando tudo meticulosamente, metendo em bolsinhas separadas o que poderiam ser provas para depois juntar tudo no laboratório e decifrar a história do que tinha acontecido.

Agora era sua vez.

Bud sabia que tinha uma equipe forense condenadamente boa e até esse momento não tinha intervindo em nenhum processo do passado. Não havia pressa em uma investigação na cena do delito. Os investigadores tomavam todo o tempo que necessitavam. Ninguém ia a nenhum lado e menos a vítima. A equipe estava bem treinada e tinham recolhido e etiquetado todas as provas físicas possíveis. A cena tinha sido fotografada de todos os ângulos seguindo o sentido das agulhas de um relógio e dos quatro cantos. Enquanto isso, o desenhista da polícia tinha estado fazendo esboços à mão elevada. Haveria uma imagem de cada superfície imaginável.

Entretanto, era impossível conseguir as impressões digitais da vítima. As mãos tinham sido amputadas ao nível dos pulsos.

Bud e Siteman estudaram o cadáver do sujeito desconhecido.

Bud fez um gesto à pálida novata que tinha encontrado o corpo. A oficial Sandy Potter. Tinha permanecido a um lado em silêncio durante horas enquanto os técnicos faziam seu trabalho, todos eles tinham tido a cortesia de passar por cima do fato de que ela tinha vomitado o jantar e provavelmente o almoço e o café da manhã em um balde de estanho. Potter se aproximou e ficou em posição de descanso, com as mãos entrelaçadas detrás das costas. Era óbvio que acabava de sair da academia e queria causar uma boa impressão. E tinha conseguido. Exceto pelos vômitos, algo que a ele mesmo tinha acontecido alguma vez, a Bud pareceu competente e perita.

—Volte a nos contar isso tudo outra vez, oficial.

Potter assentiu, sem mostrar nenhum sinal de impaciência. Já tinha contado a história três vezes e tinha permanecido ali de pé durante horas, titiritando pelo frio que havia naquela casa abandonada. Mas se limitou a fazer uma inclinação de cabeça e começou a falar com clareza e pouco a pouco, para que ele pudesse tomar notas. Bud ia escrever um relatório favorável dela que anexaria a seu histórico.

—Dois meninos desta área encontraram o corpo. A casa está abandonada há quinze anos e eles dizem que está enfeitada. Juraram que é a primeira vez que entraram. Tinham perdido uma aposta e tinham que passar a noite na casa — Em sua boca apareceu um pálido sorriso— Eu mesma perdi uma aposta parecida quando tinha doze anos.

Bud assentiu. Ele também.

—Tem os nomes dos meninos?



—Sim, senhor — respondeu a oficial Potter—, e os endereços. Estavam explorando quando encontraram... — Seus olhos se desviaram para o chão e logo voltou a elevá-los e ficou ainda mais pálida—... quando encontraram o corpo. Eu estava de patrulha com meu companheiro e atendemos a chamada. Meu companheiro acompanhou os meninos para suas casas.

—Terá que interrogá-los.

—Sim, senhor, já sabem.

—Bem. —Bud colocou as luvas e se agachou ao lado de Siteman que tinha estado examinando o corpo de joelhos— O que temos aqui, doutor?

Tal como estavam as coisas, era uma pergunta estúpida. O que tinham aqui estava estendido diante dele, um corpo mutilado e torturado. O homem morto jazia sobre o flanco direito, com a cara ensangüentada apoiada no chão e oculta por uma longa juba ensopada de sangue. Havia tanto sangue que era difícil dizer de que cor tinha o cabelo, exceto que era de cor clara. Nem castanho escuro, nem negro.

À vítima tinham disparado nas duas rótulas e no cotovelo. O osso das rótulas tinha arrebentado para fora pela força das balas, como espantosos e macabros cogumelos. O cotovelo era uma massa polpuda de osso e carne. As mãos tinham sido amputadas com esmero, quase de forma cirúrgica.

Siteman tinha estado falando em voz baixa a um gravador muito pequeno. Apertou o botão “off” e suspirou.

—Saberei mais depois da autópsia —disse— No momento o que temos é um homem jovem de raça branca, de um metro e oitenta mais ou menos, e que deve ter morrido umas duas horas antes de nós chegarmos. Tomarei a temperatura do fígado para estar seguro.

—Torturado até morrer. —disse Bud em voz baixa.

—Isso parece. —esteve de acordo Siteman— Foi uma morte muito dolorosa. A julgar pelo sangue, diria que primeiro recebeu a bala no joelho direito, depois no esquerdo. Quando lhe dispararam no cotovelo, já estava morrendo. Há muito pouco sangue ali. Vai ser difícil identificá-lo sem impressões digitais. Teremos que esperar que alguém ligue para dar parte de uma pessoa desaparecida. Solicito permissão para virá-lo, tenente.

Bud olhou a seu redor. O fotógrafo da equipe forense era tão eficiente como os técnicos. Já haviam feito seu trabalho. Agora o doutor Siteman tinha que comprovar a temperatura do fígado para uma leitura exata.

—Permissão concedida.

Siteman estendeu a mão e pouco a pouco puxou o ombro esquerdo até que o corpo ficou de costas fazendo que as mechas de cabelo ensangüentado caíssem para trás deixando visível o rosto— um rosto familiar— e revelando um pendente que se moveu até descansar na cabeleira loira. Um crucifixo em uma longa correte de ouro.

Não!

Bud se levantou devagar, transtornado, sem mal poder mover-se. Por um momento, o pendente do homem morto pareceu flutuar para ele e deu um passo para trás horrorizado. Sentiu como se o sangue tivesse desaparecido de seu cérebro de repente fazendo que cambaleasse durante uns segundos.



O tempo se arrastou, interrompeu-se, deteve-se. O ruído desapareceu e a cabeça se encheu do som do ar que mal podiam aspirar seus pulmões. Pela primeira vez em sua vida enjoou.

—Verei se posso programar a autópsia para amanhã a primeira hora. Tenente? Ouviu o que...? —Siteman elevou o olhar com rapidez e franziu o cenho— Tenente?

Bud o ouviu, mas era como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância.

—Bud? —Agora a voz de Siteman era mais forte— O que aconteceu? Parece que viu um fantasma.

A um fantasma não. A um homem que tinha jantado com ele fazia pouco. A um amigo.

A boca de Bud tinha ficado total e completamente seca. Teve que lambear os lábios para falar. Tinha estado na guerra, tinha estado sob o fogo inimigo, mas nunca antes havia sentido um medo como este. Nem sequer sabia que pudesse sentir o medo com tanta intensidade. Isso o deixou paralisado.

—Bud? Está bem?

De repente o tempo começou a fluir, como um estrondoso rio. Ouvia os ruídos da equipe forense e os pesados pulsados de seu coração.

—Não precisamos que ninguém ligue para dar parte de uma pessoa desaparecida. Sei quem é. O nome do morto é Todd Armstrong. —disse com voz rouca. Tinha os lábios intumescidos e a garganta se fechou pelo pânico— É... era decorador de interiores, sua empresa está no Pioneer Square e se chama “Desing’s Todd”. —Bud tentou engolir, mas tinha a boca muito seca— O torturaram até matá-lo porque alguém queria informação sobre o paradeiro de uma mulher com a quem se associava algumas vezes, outra decoradora de interiores chamada Suzanne Barron. Ela foi a vítima ontem à noite de uma tentativa de homicídio que é muito provável que esteja relacionado com a máfia. Enviaram dois pistoleiros.

Bud olhou a seu redor. Seu companheiro, o tenente Lawrence Cook, estava falando em voz baixa com o fotógrafo, mas se aproximou com rapidez quando lhe fez um gesto. Bud rabiscou em uma folha da caderneta que sempre levava. Tinha que mover-se depressa.

—Termina você o que fica por fazer aqui, Cook. Preciso de um carro e o condutor mais rápido que tenhamos aqui, e os necessito agora. —Caminhou com grandes passos para a saída, gritando instruções. — Isto é uma operação para a SWAT, chame-os. Envie-os ao 1740 Lexington Road, diga-lhes que temos uma situação de possível refém. Quero um assalto enérgico, granadas, brechas com explosivos, todo o necessário para entrar em combate — Havia dois tipos de assalto, o enérgico e o sigiloso. Ele precisava do enérgico. Preparar o sigiloso era mais lento e estava acostumado a levar a cabo para deter criminosos e terroristas. A Bud importava uma merda deter alguém, o que queria era deter qualquer coisa — Deus!— que estivesse ocorrendo.

Deter o que fosse que estivessem fazendo. Matar os sacanas lá mesmo onde estavam.

—Diga a eles que enfrentamos homens armados e muito perigosos. —girou para jogar um olhar ao corpo torturado de Todd Armstrong. — São os responsáveis por isto e neste momento poderiam estar tomando como refém a uma moça ou... — sua voz se estrangulou e começou a ter dificuldades para respirar, teve que lutar contra o pânico que o invadia— Ou poderiam estar torturando-a.

Nem sequer pôde dizer as palavras — ou já poderia estar morta.



Viu o olhar horrorizado de Cook.

—Chama o SWAT, agora. —disse e pôs-se a correr.

23 de dezembro

1740 Lexington Road

23:30 h

Bud chegava tarde. Bom, teria que acostumar-se. Ele tinha um trabalho importante que levava a maior parte de seu tempo. Claire respeitava isso e nem lhe ocorreria queixar-se. Mas tinha todo o direito a pensar o que quisesse. Dentro da intimidade de sua cabeça, podia desejar que já estivesse aqui. Estava esperando-o, nua, na cama há duas horas.

—Tenente, temos um caso. —Havia dito o oficial na delegacia de polícia.

Um caso.

O que era óbvio que significava que tinham um assassinato.

Tinham matado a algum desgraçado e Bud estava fazendo todo o possível para levar os assassinos ante os tribunais. Embora Claire estivesse sexualmente frustrada com Bud, isso não afetava o que sentia por ele. Quanto mais o conhecia, mais o admirava, em todos os aspectos.

Por alguma louca razão, Bud parecia pensar que ela estava perdendo algo porque ele não era rico. Claire lhe demonstraria dia a dia que não dava nenhuma importância ao dinheiro. O que estava perdendo era sexo ardente, mas não por muito tempo. Bud poderia não ter muito dinheiro, mas tinha muito amor e sexo para compartilhar com ela.

Deu a volta na cama, tremendo ao pensar no que faria quando ele voltasse por fim para casa. Tinha estado excitada toda a tarde e tinha chego em casa envolta em uma nuvem, sentindo-se suave e sexy, molhada e pronta. Desejava tanto que a encontrasse na cama que inclusive já tinha jantado lá. Um sanduíche e uma taça de vinho branco.

E nua. Havia se sentido tão deliciosamente decadente.

Não podia concentrar-se no livro romântico que estava lendo, assim que o deixou e apagou a luz. No livro não havia nada nem a metade de excitante do que aconteceria quando Bud chegasse em casa. Ele era a coisa mais excitante do mundo.

Fora estava nevando, pequenas agulhas de água e neve golpeavam os vidros da janela.

Embora estivesse nua se abrigou com o edredom. De todas as maneiras, Bud a esquentaria dentro de muito pouco. Claire não se importava quando chegasse em casa, embora já fosse bastante tarde.

Mas estaria acordada. Era impossível que dormisse tal como se sentia.

Bud tocara a campainha ou entraria usando a chave? Tinha a chave fazia dias, mas geralmente tocava a campainha se chegava mais tarde que ela. Talvez esta noite quisesse surpreendê-la. Talvez se deslizasse às escuras na cama.

Que pensamento tão delicioso. Claire sorriu na escuridão.

E logo seu mundo explodiu.

Uma luz brilhante e explosiva que saiu de um nada, como o brilho repentino da explosão de uma estrela, cegou-a.



A explosão foi tão forte que ficou surda. Sentou-se na cama e gritou, embora não pôde ouvir a si mesma. Quando pôde focar a vista outra vez, viu o que pareciam centenas de insetos humanóides extraterrestres com enormes carapaças negras rodeando a cama e milhares de luzes laser entrecruzando-se no teto e nas paredes. Gritou outra vez quando viu os insetos extraterrestres empunhando enormes rifles negros que pareciam apontar para ela.

Encolheu-se se apertando contra a cabeceira, gritando e soluçando aterrorizada. Os extraterrestres se comunicavam com sons distorcidos, movendo os rifles de uma parte à outra.

—Limpo! —gritou uma profunda voz masculina de fora da janela.

— Limpo! —Desta vez da sala de estar.

— Limpo! —De um dos extraterrestres de seu dormitório.

Acendeu-se a luz. Como um só, os extraterrestres apontaram com seus rifles ao chão e tiraram as carapaças.

O apavorado cérebro de Claire demorou um momento para dar-se conta que não eram extraterrestres. Eram homens com máscaras de gás e blindagem corporal. Não podia respirar e agarrava as mantas com dedos exangues.

—Oh, Deus, querida, estava tão fodidamente assustado. —Alguém a abraçava com tanta força que mal podia aspirar um pouco de ar. Reconheceria aquela voz em qualquer parte.

—Bud! —Aterrorizada, agarrou-se a seu pescoço, gemendo, tentando meter-se dentro dele— Oh, Deus, Bud, o que é tudo isto? O que acontece?

Bud estava tremendo. Ela o havia sentido tremer de excitação quando faziam sexo, mas nunca com esses pequenos tremores de medo que estremeciam aquele corpo tão duro. Estava-a abraçando com tanta força que estava a estava machucando, a primeira vez que ele a machucava desde que a conhecia.

E chorava. Bud estava chorando. Nunca teria acreditado possível. Ela também chorava. Claire Parks, que nunca chorava, nem sequer com as dores mais intensas. Nem sequer quando tinha recebido a sentença de morte.

E depois de dez anos tinha dado rédea solta ao que sentia quando havia se agarrado, aterrorizada, a Bud.

Ele afrouxou o abraço, tirou o paletó e o pôs ao redor dos ombros dela. O terror ia abandonando-a e foi então quando se deu conta que estava nua em um quarto cheio de homens armados.

Não a estavam olhando. Todos tinham dado a volta e estavam de costas para ela.

Claire se afastou para olhar o rosto de Bud.

—Bud. —murmurou— O que acontece? Quem são estes homens? Por que estão armados?

Ele não respondeu. Levantou-se da cama e ficou a dar ordens aos homens que estavam no quarto. Em um décimo de segundo partiram, desaparecendo em silêncio pela porta.

Um momento antes estavam ali, ao redor de sua cama, como uma ameaça sobrenatural, e no momento seguinte já não estavam.

Bud rebuscou no armário e tirou uma das malas. Abriu-a e a toda pressa começou a lançar roupa dentro.

—Se vista querida. —disse sem olhá-la apenas— Roupas abrigadas, botas e luvas. Mova-se.



Mova-se?

Claire ficou congelada. Manteve o lençol até o pescoço com uma mão ainda tremente.

—Bud, me diga o que significa tudo isto. Quem eram esses homens? O que acontece?

Ele seguia sem escutá-la. Colocava coisas na mala com uma mão enquanto falava depressa com o celular na outra, detendo-se mais ou menos cada minuto para ir verificar lá fora pela janela.

—Sei. Merda, sim. —A profunda voz estava cheia de frustração— Isso não significa que não estejam a caminho. Tira todo mundo, mas assegura o perímetro. O chamariz está pronto? Bem. Tem cabelo comprido? Pois coloque um chapéu. Faça que venha. Nós sairemos pelo outro lado do edifício. Que tenham o esconderijo preparado. —Desligou o telefone— Vamos querida. Estão nos esperando na parte de trás. Se vista.

O coração dela ainda pulsava com força, mas tinha se recuperado o suficiente para compreender que tinha sido ele que tinha enviado aquele grupo de homens a seu dormitório. E a tinha aterrorizado.

Claire manteve a voz tranqüila, mas não foi fácil.

—Por que tenho que me vestir e aonde vamos?

Bud fechou a mala.

—A um esconderijo. Uma mulher policial parecida com você espera na parte da frente. É um chamariz. Assim que entrar, nós sairemos sem que nos vejam. Você precisará de roupa e algo para ler. Não sei quanto tempo terá que ficar no esconderijo. —Ele havia zombado da enorme pilha de leitura que tinha na mesinha de noite. Com um golpe da mão jogou toda a quantidade de livros em uma bolsa de lona, fechou-a e a jogou no ombro. Olhou para trás e franziu o cenho— Maldita seja, Claire, eu falei para se vestir.

O sangue dela voltava para circular, inclusive lhe chegou um pouco de sangue à cabeça.

—Bud, não vou me vestir até que...

Ele se limitou a tirá-la da cama e lhe pôr nas mãos um pulôver e umas calças. Continuava com o cenho franzido e tinha a testa cheia de suor.

Ela ficou quieta diante dele, vestida só com o paletó muito grande que pendurava até os joelhos e lhe tampava as mãos.

—Maldição, Claire, eu disse que se movesse. Não me faça repetir isso. Não temos tempo — Lançou um dos casacos à cama, e depois seguiram as meias três - quartos.

Bud nunca tinha falado com ela desta maneira. Havia sombras fora das janelas, o chiar de um rádio. O motor de um carro ficou em marcha. Bud a olhou com uma dura expressão.

Claire estava congelada, agarrando o paletó e envolvendo-se com ele.

—Claire, se não se vestir agora mesmo, arrastarei você fora da casa nua. Acredite, farei isso se tiver que fazê-lo.

Ela observou aquela cara implacável e não duvidou nem por um momento que faria exatamente o que havia dito.

Vestiu a roupa com rapidez e fechou o zíper das botas de cano longo. Bud olhava pela janela.

Ele assentiu e marcou as teclas do telefone.

—Venha. —murmurou no receptor e Claire ouviu o estrondo do motor de um carro que arrancava. Outra rápida olhada pela janela e a agarrou pelo cotovelo. — Vamos.



Claire ficou rígida e apertou os joelhos. De todas as maneiras eles tremiam assim apertá-los tinha várias vantagens.

—Não vou a nenhuma parte até que não me diga por que e aonde.

Bud tinha uma expressão que nunca antes tinha visto. Dura e desumana, fechando-se completamente a ela.

—Só vou dizer uma vez, Claire. Alguém está atrás de Suzanne. Ontem de noite, dois assassinos atiraram nela. Seu inquilino os derrubou e desapareceu com ela. Acabo de examinar o corpo de Todd Armstrong. Torturaram-no até matá-lo para lhe tirar informação do paradeiro de Suzanne. Seja quem é que vai detrás de Suzanne, persegue seus amigos e qualquer um que saiba algo dela também sabe sobre você. Você é a seguinte em sua lista negra.

O coração de Claire deu um tombo. Suzanne em perigo... ocorreu-lhe outra coisa.

—Allegra...

—Está a salvo. Disse-me que estava em Boston, na Eye Clinic. Enquanto vinha para aqui com o carro, liguei para um amigo do departamento de polícia de Boston. Alegria está sob proteção armada. E a partir de agora, você também. Vou levá-la a um esconderijo até que saiba o que é o que está acontecendo e quem está por trás de tudo isto. Terá proteção as vinte e quatro horas. Também os pais de Suzanne na Baixa Califórnia. Já avisei a polícia mexicana. Agora se mova.

Uma repetição da Suíça. A alma de Claire caiu aos pés e inspirou com força, sentindo-se enjoada de repente.

—Bud, por favor, por favor, não me prenda. Por favor. Não poderia suportá-lo. Meu passaporte está em vigor e posso deixar o país agora mesmo. Tenho um amigo nas Bermudas. Ou posso ficar com uma tia no sul da França.

Ele não a escutava. Dava-lhe a impressão que nem sequer a via. Os olhos verificavam continuamente o quarto, detendo-se na porta e as janelas. Desviou a vista para ela e viu que não se movia. O rosto se endureceu ainda mais ao ver a expressão de Claire.

—Escute-me bem, Claire. Uma mulher policial muito valente que se parece um pouco com você está agora mesmo saindo de um carro, atuando como chamariz. Se esta casa estiver sob vigilância a seguirão. Graças a ela temos um pouco de tempo, mas não vou permitir que estrague a possibilidade que ela nos deu para que possa ter sua pequena manha de criança ou se colocar comigo em uma competição para ver quem é o mais macho. Agora vou à sala de estar. Dou a você... — Olhou o relógio de pulso—... cinco minutos. Ou sai por seu próprio pé com o que precisa ou te algemo e a tiro eu. E não pense nem por um segundo que não o farei.

Durante uns segundos ficaram ali, se enfrentando. Era impossível discutir com Bud, nem lhe explicar, nem fazê-lo raciocinar. Era o pior pesadelo de Claire.

—Decida-se já. —grunhiu ele. Nem sequer a olhava. Outra vez jogava uma olhada à janela, e em sua mão tinha aparecido uma enorme pistola.

Ela fez um gesto para a arma.

—Do contrário me dará um tiro?

—Não seja ridícula.

—Quanto durará isto?

—O tempo que precisar. Agora se mova.



E aí acabava tudo, em mais de um sentido.

—Bem. —disse ela com voz baixa. Sabia que não tinha alternativa— Não demorarei mais que uns minutos. Por favor, deixe-me sozinha.

Bud deu a volta e abandonou o quarto imediatamente. Podia-se ouvir sua profunda voz na sala de estar, dando ordens.

Claire acrescentou artigos de penteadeira, roupa de baixo e alguns objetos de lã. Depois várias camisolas e mais material de leitura. Fechou a mala com chave e colocou o casaco. Permitiu-se um momento mais no quente dormitório e olhou a cama desfeita, pensando nas esperanças que tinha tido. Nos sonhos de uma vida feliz com Bud.

Com mãos serenas, tirou o anel de compromisso e o colocou com cuidado sobre a penteadeira. Já não precisava dele.

Nunca voltaria a colocá-lo.

Em silêncio, Claire fez rodar a mala para a porta.

28 de dezembro

Piso franco em algum lugar de Oregon

Última hora da manhã

Quatro dias mais tarde, um Bud exausto e sem barbear se deteve no caminho de acesso de um dos esconderijos tanto a cargo pelo departamento de polícia de Portland como do FBI. Este era um caso compartilhado e Claire tinha estado vivendo ali, protegida por dois agentes do FBI e dois oficiais de polícia. Bud tinha escolhido os oficiais do departamento de polícia ele mesmo. Muito bons atiradores, duros e inteligentes. E os agentes do FBI não ficavam atrás. Claire tinha estado bem protegida. Assegurou-se que assim fosse.

Durante quatro dias tinha estado a base de cafés e dormindo só duas ou três horas cada noite em diferentes sofás e camas de armar.

Já tinha acabado tudo. O longo pesadelo por fim tinha chegado a seu fim e uma espécie de justiça sumária — não uma que ele teria podido realizar, fazendo o juramento da polícia, mas justiça ao fim e ao cabo— tinha sido executada.

Na Véspera de natal, Johan Huntington fazia uma chamada de onde quer que tenha escondido Suzanne. Suzanne tinha ouvido pelo rádio a notícia da morte de Marissa Carson, uma cliente dela. Ao sair da casa de Marissa Carson dois dias antes, encontrou-se com o marido da mulher, Paul Carson, um chefe do crime organizado simulando ser um homem de negócios, um homem que Bud tinha perseguido durante anos.

Bud havia sentido uma sacudida elétrica por todo o corpo ao ouvir aquele nome. De terror porque era óbvio que estava envolto no perigo que corriam Suzanne e Claire, e, entretanto, também de uma feroz alegria ao pensar que por fim se faria justiça. Tinham encontrado Marissa com um golpe na cabeça, e seu marido jurava que estava em Aruba no momento do assassinato de sua esposa.

Mas não estava em Aruba, mas sim em Portland. A única pessoa que poderia dar testemunho disso era Suzanne Barron. Suzanne poderia enviá-lo para sempre a um lugar onde



nem seu dinheiro nem seus contatos poderiam ajudá-lo.

Com razão Carson, um homem poderoso, rico e desumano, fazia todo o possível para encontrar Suzanne e matá-la, inclusive torturar até a morte ao pobre Todd Armstrong.

A única coisa que havia entre a cadeira elétrica e a liberdade era Suzanne Barron.

Suzanne tinha insistido em retornar e ser testemunha de estado, embora assim virtualmente assinasse sua própria sentença de morte. Se Carson não conseguia matá-la antes do julgamento, seu testemunho a faria entrar no programa de proteção a testemunhas até o dia de sua morte. Em essência, a vida de Suzanne estava acabada.

Mas a noite passada tinham disparado e matado Carson. Morto pela bala de um franco-atirador.

Libertando Suzanne e libertando Claire.

Bud sabia que Midnight amava profundamente Suzanne e que faria o que fosse para protegê-la. Também sabia que Midnight era um dos melhores franco-atiradores do país.

Negou-se a unir os dois dados.

A morte de Paul Carson salvava Suzanne de uma vida ocultando-se e, sobretudo, salvava Claire.

Nos quatro dias passados tinha ficado em todos os intermináveis interrogatórios que o FBI havia feito a Suzanne e rompendo os ovos para formar um caso hermético contra Carson. E então... alguém... tinha tomado o assunto em suas mãos e acabado com a vida de Carson.

Estava exausto e feito um desastre, e apesar disso radiante de alegria. Suzanne estava livre e Midnight era livre para amá-la. Claire estava livre e segura. Tinha sido um inferno, mas tinham saído vivos.

A vida era frágil, as esperanças e os sonhos pendiam de um fio muito tênue que podia romper-se a qualquer momento. Bud quase tinha perdido Claire no mesmo momento de encontrá-la. Não tinha a menor intenção de perder mais tempo.

Iam se casar logo que fosse possível.

Exausto como estava, Bud sentia também uma espécie de euforia. Ia casar-se com a moça mais linda do mundo, enquanto Paul Carson se foi deste mundo em uma deliciosa espécie de igualdade, demonstrando que existia a justiça por mais sumária que fosse. A vida não podia ser melhor.

Os oficiais de polícia e os agentes do FBI mal elevaram o olhar quando entrou no apartamento. Sabiam que viria. Tinha estado em contato telefônico constante com eles e o mantinham informado de cada movimento de Claire. E não é que ela se moveu muito.

Quase sempre estava em seu quarto lendo. Também lhe haviam dito que tinha comido pouco, e isso era algo que o preocupava. A Claire não sobrava nada de peso.

—Olá, tenente. —Sam Haney, arrogante e gordinho, um de seus próprios homens, estava limpando a arma — Alegro-me que tudo tenha terminado. Este trabalho é muito aborrecido. Você está um asco.

Os outros três elevaram o olhar por um momento, saudaram com uma inclinação de cabeça e logo continuaram recolhendo tudo. Havia malas postas de qualquer maneira no chão e o sofá. Caixas de pizza, jornais abertos e cinzeiros repletos por toda parte. O desagradável aroma de



muitos homens em um espaço muito pequeno, de comida rançosa, de fumaça rançosa, do líquido para limpar as armas e da tensão, enchia o espaço.

Não era raro que Claire ficasse em seu quarto. Ela era delicadamente melindrosa, como uma gatinha.

Bud estava seguro que seu quarto estaria imaculado e perfumado.

Antes que Bud pudesse abrir a boca, Haney fez um gesto com o polegar.

—Ela está aí, lendo. Menino, essa dama lê como se nisso estivesse a vida. —Moveu a cabeça com admiração— Ela leu mais em quatro dias que eu em toda minha vida.

Essa é minha Claire, pensou Bud.

—Talvez queiram ir em seguida, não é caras?

Haney fez uma frívola saudação levando o indicador à têmpora.

—Como se já tivéssemos ido.

Colocou de qualquer maneira o resto de suas coisas na bolsa e fechou o zíper. Outros fizeram o mesmo.

Bud foi para o quarto de Claire e chamou.

—Entre.

Meu deus, ele tinha perdido a voz. O coração de Bud ia a toda velocidade ao abrir a porta. Era difícil apagar o sorriso amplo e estúpido que tinha estampado na cara. Ia ter que fazer alguns... planos porque já não havia perigo, e uma vez acabado tudo, só ficava um caminho cheio de felicidade para Claire e ele. O carro estava fora. Em meia hora chegariam em casa, aonde não ia nem deixá-la respirar até manhã pela manhã. Depois, começariam a planejar o casamento. Diabos, talvez bastasse ir à Prefeitura e casar-se quando tivessem as análises de sangue.

Uma vida com Claire. Como sua esposa.

Adorava seu trabalho. Sabia que amaria a sua mulher durante toda a vida. Inclusive poderiam ter filhos. Se os tinham estava claro como a água que também os amaria. Nunca, nem em seus sonhos mais loucos se imaginou conseguir tudo isto.

Ali estava. O amor de sua vida. Sua futura esposa.

—Olá, querida.

Claire estava sentada em uma poltrona, lendo. Naturalmente. É obvio, este pequeno quarto era um oásis de paz e esmero, perfumado e ordenado. Aspirou com força, a ponto de derrubar-se pelo cansaço, mas ao mesmo tempo cheio de energia.

—Já acabou tudo. Vim para levá-la para casa.

Ela não sorriu. Pôs um sinal na página do livro que estava lendo e com cuidado o deixou em uma mesa. O rosto que se elevou para ele era sério e formal.

—Suzanne está bem?

Bom. Agora era onde teria que suavizar um pouco as coisas, beirando um pouco a dura realidade da vida.

—É obvio. —E apostaria sua pensão que agora mesmo estava na cama com John— O FBI a deixou livre. Não haverá julgamento porque Paul Carson está morto.

Claire o olhou com aqueles enormes e solenes olhos azuis, tão azuis e limpos como um lago de montanha em um dia do verão.



—Morto? Foi casualidade? Como morreu?

Saía nos jornais, assim não podia mentir.

—Um franco-atirador o matou com um disparo. Totalmente inesperado, mas solucionou um montão de problemas.

Ela ficou em silêncio uns instantes.

—Sim, entendo que tenha solucionado um montão de problemas. Isso significa que Suzanne já não corre nenhum perigo? Que é livre?

—Oh, sim. E você tampouco corre nenhum perigo. Vamos querida. Recolha suas coisas. Chegaremos a Portland em uma hora, mais ou menos. — Bud passou a mão pela cara, desejando ter tido tempo para tomar banho e barbear-se. Mas não podia esperar mais para ver Claire— Esta noite farei para você um jantar de primeira. Ah — Tirou a mão do bolso do casaco. Estendeu-a para ela e em sua palma brilhava o anel de compromisso. — Esqueceu-se disto. Sabia que iria querê-lo. Sinto não o ter trazido antes, mas estava em... outra área.

O esconderijo de Suzanne tinha estado em Roseburg, mas não podia dizer a Claire. As posições dos esconderijos eram de máximo segredo.

Claire se levantou e começou a guardar as coisas em silêncio. Deu uma olhada à mão dele e negou com a cabeça sem olhá-lo.

—Não, Bud. Não preciso do anel. E não esqueci dele. Deixei-o porquê não é meu.

Ele estava ali de pé, com um bobo e amplo sorriso na cara e com a mão aberta.

—O que? Não... —Negou com a cabeça— Claro que é seu querida. É o anel que comprei para você.

Claire entrou no banheiro e saiu com seus artigos de penteadeira. Colocou-os ordenadamente na nécessaire.

—Não. O anel é para sua noiva. Não para mim.

Isto já não era nada gracioso.

—Que diabos significa isto de minha noiva? Você é minha noiva.

Ela respirou fundo e o enfrentou.

—Não sou, já não. —A voz de Claire era serena, mas firme.

—Merda! —Bud tentou tranquilizar-se, mas não conseguiu. —Por que diabos... — Inspirou com força, tentando controlar suas emoções. Claire acabara de passar por uma experiência muito dura. Era óbvio que não pensava com clareza— De acordo, querida. O que você disser. Vamos e podemos conversar no carro. Não posso esperar sair daqui.

Ela fechou a mala.

—Não quero voltar no carro com você, Bud. De fato, não quero voltar a vê-lo. Pedirei a um dos policiais que me leve para casa.

Bud piscou, sentindo como se de repente lhe tivessem perfurado o estômago.

—De que demônios está falando? —Algo estava indo muito mal, e não tinha nem idéia do que era. Então baixou os olhos e olhou a si mesmo. Parecia um vagabundo e devia cheirar como se o fosse. Tinha estado dormindo com a roupa posta e só tinha podido tomar uma ducha nos últimos quatro dias, e não se barbeou nenhuma só vez. Não era estranho que não quisesse entrar com ele no carro.



—Sinto não ter podido me lavar, querida. Foram uns dias realmente intensos.

—Acredita que sou uma esnobe. —A voz de Claire era clara e suave. Olhou-o nos olhos— Acredita que me envergonha que me vejam com alguém que esteve trabalhando duro. —Uma rápida exalação. — Não me conhece absolutamente se pensa isso de mim. Mas bom, tampouco é uma surpresa.

Bud estava completamente desorientado.

—Bem, se o fato de que cheiro como um porco e pareço um vagabundo não é o problema, qual é? Por que de verdade que eu gostaria que fôssemos já. Temos coisas a fazer. Como planejar um casamento.

—Não vai haver casamento.

Claire deixou cair essa pequena bomba como uma pedra no fundo da água. O eco das palavras criou toda uma série de ondas. Bud teve que obrigar-se a não agarrá-la e sacudi-la. O esgotamento é como estar bêbado. As coisas penetram pouco a pouco. Bud por fim compreendia que Claire, de uma maneira silenciosa, estava furiosa com ele, e não tinha nem idéia de por que. Até agora não se deu conta porque nunca a tinha visto zangada. Nem sequer sabia que podia zangar-se. Seu selo de identidade era um caráter tranqüilo e alegre.

Estava em um terreno desconhecido e escorregadio. Nunca tinha brigado com uma mulher. Se alguma vez se zangava, soltava alguns palavrões e ia embora. Por que ia suportar estupidez? Mas Claire era diferente e se tinha que lutar por ela, inclusive lutar contra ela, fá-lo-ia. Abriu as pernas e se endireitou, preparando-se inconscientemente para a batalha, embora fosse uma batalha de palavras, não de punhos.

—De acordo. —ia ser doloroso, mas podia fazê-lo— Diga-me o que é que fiz de errado e te pedirei perdão, depois você me perdoa e vamos. É porque não liguei para você? Juro que liguei para os oficiais quatro ou cinco vezes ao dia, pode lhes perguntar. Sabia que estava bem e sabia de todos seus movimentos. Talvez tivesse podido falar com você, mas as coisas foram de verdade intensas. Mas agora compreendo que deveria ter tirado tempo para fazê-lo.

—Sei que esteve muito ocupado, Bud. Não sou uma criança. Mas aí precisamente está o problema. Aparentemente pensa que sou uma criança. Uma criança doente, além disso. Nem sequer te passou pela cabeça me consultar sobre onde ir estar a salvo. Ocorreu a você pensar que passei cinco anos presa em um recinto da Suíça rodeada de homens armados? Cada vez que saía do recinto para passear me seguia um guarda-costas armado. Odiei a cada segundo que passei ali. Era como estar prisioneira por um delito que não cometi. Eu disse a meu pai muitas vezes, mas não parecia me ouvir. Igual a quando falo com você, e não me ouve. O fez se sentir melhor saber que eu estava na Suíça, assim ali fiquei.

—Claro que se sentia malditamente melhor! —disse Bud com veemência. Uma raiva abrasadora e impressionante ia apoderando-se dele. — Foi uma maldita seqüestrada e a tinha apanhado um maldito homem com uma maldita pistola e uma faca, e se supõe que seu pai tinha que deixar ir onde quisesse sem tentar te proteger? —A imagem de Claire, calva, doente, frágil, tremendo em seus braços fez que a raiva aumentasse ainda mais— É que ainda não se deu conta do que teria podido te fazer Gavett se eu não tivesse aparecido?

—É obvio que me dou conta. O que digo é que me prender durante cinco anos não era a



resposta. Como me prender durante quatro dias. Há muitos lugares onde poderia ter ido, onde Paul Carson não teria me encontrado.

—Oh, claro. —A raiva ia aumentando com cada palavra que ela dizia— Claire Parks, a que nunca viveu sozinha, a que talvez tenha passado não mais de cinco minutos afastada da asa protetora de seu pai, é de repente uma grande perita em fugir de um gângster internacional. Tê-lo-ia detrás de você em menos de cinco minutos, e diante. Era um monstro, Claire. Rápido e desumano. Não teria tido nenhuma só possibilidade. Não tem nem idéia do que é o mundo exterior, do que é capaz um homem como Carson. Não sabe nada. —la se enfurecendo cada vez mais só de pensar em Claire tentando ser mais esperta que alguém como Carson que tinha imensos recursos financeiros e humanos ao seu dispor e que os usava com uma inclemência absoluta. Carson a teria torturado até matá-la sem um só pestanejar. Inclusive teria desfrutado. Só de pensar em Claire à mercê de um sádico monstro fazia que Bud ficasse a suar oceanos. — Maldita seja, Claire, nem sequer deveria deixá-la sair sozinha! Olhe-se! A primeira noite de farra e fodeu com o primeiro cara que encontrou no Warehouse! Que tipo de estupidez é essa?

Foi um engano. Soube, compreendeu que tinha sido um engano justo no momento que disse as palavras, mas saíram a fervuras pelo esgotamento e a raiva. As palavras ricochetearam no pequeno quarto, com rudeza e com força. Já não podia apagá-las.

Claire ficou muito pálida. Olhou-o nos olhos durante um longo momento, logo deixou cair os esbeltos ombros com desesperança.

As lágrimas brilharam em seus olhos com intensidade, mas não as afastou.

—Sabia o que fazia. Sabia a quem escolhia e não me equivoquei. Escolhi você, e naquele momento tive razão. Mas depois sim me equivoquei. Acreditava que realmente me amava. Mas não pode me amar, Bud, e ter essa opinião de mim. Acreditar que sou uma menina estúpida, despreocupada e mimada que necessita que dela cuidem. —mordeu os lábios que ficaram pálidos— Lutei muito duro e muito tempo para poder continuar vivendo e chegar a ser uma adulta, para que agora me negue essa possibilidade. Você não confia em mim, e não quero lutar para conseguir essa confiança. Pedirei a um dos oficiais que estiveram me vigiando que me leve para casa.

Desviou o olhar para o punho dele que apertava o anel de compromisso.

—Talvez o joalheiro te devolva o dinheiro do anel. —sussurrou— Eu já não o usarei.

Capítulo 15

5 de Janeiro

Cafeteria Pavilion
Portland

—Assim... — disse Claire e riu com dissimulação—... está casada. A última vez que a vi estava solteira e sem um só encontro. Dou a volta um segundo e bam! Está casada sem nem sequer ter se



prometido. Que rapidez.

Claire observou o anel de casada com um enorme diamante que Suzanne exibia na mão esquerda, com um desenho e um engaste diferente, mas tão bonito e exagerado como tinha sido seu próprio anel de compromisso. Reprimiu sem piedade aquele pensamento. Uma tolice, porque pensava em Bud mais ou menos 23 horas ao dia. A outra hora dormia.

Fatal.

—Foi tudo muito rápido. —Suzanne também olhou o anel, confusa, e lançou a Claire uma dessas olhadas indefesas de como pôde acontecer?— Não sei Claire. Tudo é como um borrão. Primeiro correndo para salvar a vida, logo presa em uma cabana de alguma montanha, logo rodeada de agentes do FBI e logo, do seguinte que me dou conta é que estou no Registro, me casando. —Parecia um pouco traumatizada— Sempre acreditei que me casaria depois de um compromisso longo e tranqüilo, aonde chegaria a conhecer bem o homem. Teríamos gostos parecidos. Faríamos uma ou duas viagens juntos para ver se somos compatíveis viajando. Talvez inclusive vivêssemos juntos uma temporada. Nunca teria acreditado que estaria casada com um homem que conheci faz... — Suzanne contou os dias com os dedos, enquanto a aliança de casamento lançava uma luz cegadora ao mover a mão—... quinze dias —Olhou para Claire com uma expressão horrorizada— Conheço John há só quinze dias. E deles estamos casados seis. — Suzanne moveu a cabeça com impotência— Assombroso.

—É feliz? —perguntou Claire sem rodeios. Ela não era ninguém para criticar Suzanne que se casou com John depois de uns poucos dias de conhecerem-se. Ela mesma tinha se comprometido quarenta e oito horas depois de conhecer Bud.

—Oh, sim — O olhar perplexo desapareceu dos olhos de Suzanne e seu lindo rosto se iluminou— Oh, muito, muito feliz. John é um homem maravilhoso. Um marido muito carinhoso. Muito, uhm... — Um leve rubor aumentou a luminosidade—... muito... carinhoso.

Se John se parecesse um pouco com Bud, Claire fazia uma idéia bastante clara do que se devia o rubor e a luminosidade. Tinha visto John uma vez, quando foi jantar em sua casa, que servia ao mesmo tempo como base de operações para a empresa de segurança de John e de escritório de Suzanne como desenhista.

John não se parecia com Bud, mas tinha seu mesmo olhar. Como se ambos viessem do mesmo planeta, um diferente deste. De pessoas onde criavam os homens mais fortes, maiores e mais duros. John tinha algumas das atitudes de Bud: uma vigilância constante, uma aguda percepção dos arredores e uma conduta super protetora.

Escapou-lhe um suspiro antes de poder reprimi-lo.

—E quanto a você, querida? —perguntou Suzanne com suavidade. Cobriu a mão de Claire com a sua e ambas tiveram que afastar o olhar do intenso brilho do anel de casada.

—Vê-se cansada e triste. É pelo Bud?

—Claro que não. —respondeu Claire— Estou bem. Muito bem.

—Porque certamente ele se vê cansado e triste. —continuou Suzanne— O vimos na outra tarde e não tinha boa cara.

—Não? Muito... — Claire se calou de repente e fechou a boca— Não me importa — disse ao cabo de um momento.



Houve uns instantes de silêncio. Claire empurrou pelo prato as partes de um excelente pescado que não tinha conseguido engolir. Suzanne em troca comeu seu próprio pescado com gestos de prazer.

—Isto... muito triste e cansado? —perguntou Claire finalmente.

Suzanne agitou o garfo e deu de ombros com delicadeza.

—Não se importa, recorda?

Houve um longo silêncio um tributo a total e absoluta indiferença de Claire ante algo que tivesse a ver com Bud. Continuou empurrando o pescado, mordendo o lábio, e ao final perguntou:

—Certo, certo. Muito triste e cansado? — repetiu zangada.

—Muito. —Suzanne se inclinou para frente— Oh, querida, se visse quão desgraçado é, quão aturdido parece, não há palavras para expressá-lo. Vai por aí com esses lábios apertados, com os olhos vermelhos e essa cara tão pálida. Sem falar. —Enrugou o nariz— Nem sequer se barbeia. Esta feito uma ruína.

Claire baixou o garfo com estrépito.

—Ele merece. —disse com paixão— Não permitirei que me tratem como uma menina. Uma menina doente, além disso. Já tínhamos chegado a um ponto crítico antes que me arrastasse fora de minha casa e me prendesse. Não podia espirrar, nem tossir sem que ficasse em plano babá. Comprovando constantemente se tinha comido, me perguntando se dormia. Dizendo-me que trabalhava muito. Parecia uma babá em vez de um amante. Não sou uma menina e não estou doente. Estou bem!

—Ama você — disse Suzanne com suavidade, observando a expressão de Claire— Quer mantê-la sã e salva. E você o ama.

Claire deu de ombros com raiva e se deu um tapa impaciente nos olhos. Fluíram mais lágrimas.

Durante todos aqueles compridos e dolorosos anos de sua enfermidade, nunca tinha chorado. Nem sequer uma vez. Chorar teria sido como aceitar a derrota, uma debilidade que não podia permitir-se. E, entretanto, nos poucos dias passados tinha chorado mais pelo Bud que em toda sua vida. Era como se tivesse um grifo sempre aberto nos olhos. Odiava isto.

—E você? —Suzanne inclinou para um lado a cabeça para olhar Claire aos olhos— Você não o ama?

Claire mordeu os lábios para que não lhe escapassem as palavras, enquanto uma lágrima descia com lentidão pela bochecha.

—Sabe? John também é grosseiramente super protetor. —Suzanne limpou a boca com refinados toquezinhos e bebeu um gole de vinho branco— É muito aborrecido, se quer saber, em particular para alguém tão independente como eu. Não me deixa conduzir se chover ou nevar, ou inclusive se o prognóstico for de mau tempo. Já me dirá quão divertido é isto em um inverno de Portland. Envia a um de seus homens para me levar e não são como se diz uns grandes conversadores. Se estiver livre, insiste em me acompanhar a todos os lugares onde tenha que ir. A verdade, que tenha vindo almoçar com você já é um pequeno milagre.

—Hoje está em Salem a negócios —continuou— Tudo é um pouco entristecedor e espero que com o tempo se tranquilize. Mas — Sorriu—, faz isto porque me ama, e suponho que é o



preço que terei que pagar. Para falar a verdade, o pago com muito prazer, porque não posso imaginar amar a outro homem da forma como o amo.

Claire piscou. Ardiam-lhe os olhos e tinha um enorme e ardente nó na garganta.

—Não são homens fáceis de amar. —continuou dizendo Suzanne— Bud e John são homens duros que passaram a vida fazendo trabalhos perigosos e não tiveram nela muita ternura que digamos. Acredito que não estão acostumados a amar alguém. Assim é difícil para eles, não te parece? Saber riscar uma linha, saber quando retroceder. Aparentemente é muito difícil para John encontrar a linha entre ser atento e ser... bom, desagradável e asfixiante. De vez em quando tenho que lhe dar uma cotovelada para que volte a ficar ao outro lado da linha. Só Deus sabe o que fará quando for pai. É provável que perca os papéis a cada dez minutos.

Claire se endireitou. Pai. Filhos. Oh, meu Deus. Ela queria filhos, mas não poderia tê-los porque estava zangada com Bud, e ele era o único homem com quem poderia casar-se.

—A vida é curta. —continuou Suzanne. De repente as lágrimas apareceram também em seus olhos.

—Pensa em Todd. Pensa em quão rápido podemos perder as pessoas que amamos. É amor é frágil e precioso e nunca deveríamos rechaçá-lo.

As duas mulheres apertaram as mãos com força. Claire chorava já sem dissimulações. Olhou para Suzanne consternada.

—O que vou fazer? —sussurrou— Não posso ir para frente e não posso retroceder. Não poderia suportar que as coisas voltassem a ser como eram, e não posso suportar pensar que não voltarei a ver Bud nunca mais.

Suzanne lhe apertou a mão.

—Não se preocupe querida. Tenho o pressentimento que tudo se solucionará.

5 de janeiro

437 Rose Street

Última hora da tarde

Suzanne sorriu quando ouviu fechar a porta da sala de estar. Seu marido, John, havia retornado por fim de sua viagem de negócios. Estava sentada ante a penteadeira do dormitório, penteando-se, com uma camisola bonita e muito sexy de seda cor pêssego.

O ouvir fechar a porta era uma nova norma, todo um lucro para ela. John era um ex-comando, um guerreiro. Tinha sido treinado para mover-se com sigilo, em silêncio. Era estranho que um homem tão grande e forte como ele, pudesse mover-se tão silenciosamente. Mais de uma vez lhe tinha dado uns sustos de morte ao aparecer de repente ante ela, como um fantasma grande, escuro e poderoso. Assim agora tinha instruções estritas de fazer ruído quando chegasse em casa ou entrasse em um cômodo onde estivesse ela.

Ali estava ele, na porta. Observou-o através do espelho da penteadeira com o coração pulsando a toda velocidade. Tudo em seu marido a excitava e seu coração disparava cada vez que o via de novo.

Talvez com o tempo a excitação acabasse desaparecendo, embora duvidasse.



Ele a olhou nos olhos através do espelho com uma expressão escura e absorta. O silêncio encheu o bonito quarto. John só dormia ali, e não se notava. Por sorte, era um homem limpo e ordenado, uma relíquia de seus dias na marinha, supôs. As quatro enormes salas do outro lado do vestíbulo onde trabalhava eram audazes e masculinas, marcadas com sua personalidade, mas os cômodos onde viviam eram bonitos e femininos. Aparentemente John se divertia ante esse contraste e, às vezes, inclusive o excitava.

—Bem-vindo — disse ela com suavidade, olhando-o pelo espelho enquanto ele se aproximava com aquele caminhar tão ágil. —Senti saudades.

—Bonita camisola. —respondeu ele, com um profundo grunhido. Tinha uma expressão nos olhos cor bronze que ela tinha chegado a conhecer muito, muito bem— Eu também senti saudades suas.

No mais profundo de seu interior já estava se abrindo para ele, excitada só por vê-lo aí. Mas antes que fizessem amor e ela se esquecesse até de seu próprio nome, tinham que falar.

Suzanne girou na cadeira, levantou-se e foi para a janela. Tinha que ficar fora de seu alcance. Se a tocasse incendiaria. Elevou a mão e ele se deteve obediente, com um brilho ardente nos olhos.

—John, tenho que te pedir um favor.

—Concedido, querida. —Entreabriu os olhos— Qualquer coisa que quiser, terá. Juro isso.

Oh, Deus. Suzanne apertou os joelhos antes que se dobrassem. Quando ele usava esse tom delicioso com um leve acento do sul, sabia que não faltava muito para ter aquele sexo que a deixava louca. Geralmente ouvia esse tom retumbando em seu ouvido quando estava fazendo amor, investindo rápido e com força, e durante horas. Agora tinha que concentrar-se no que queria lhe pedir ou estaria de costas antes de dar-se conta.

—Lembra-se de quão desgraçado parecia Bud no outro dia quando jantamos juntos?

John ficou imóvel. Suzanne quase podia ver as rodas que giravam em sua atraente cabeça.

Essa era uma pergunta com armadilha? Uma pergunta com armadilha que implicava emoções?

—Sim? —disse ele com cautela.

—Bom, pois comi com Claire e ela parecia igualmente desgraçada. E os dois vão continuar sendo desgraçados em ambos os lados da cerca que levantaram entre eles, os muito idiotas, a menos que alguém faça algo. Têm a cabeça tão dura quanto o granito e nenhum quer ser o primeiro a dar seu braço a torcer, assim que os dois serão desgraçados o resto de suas vidas. John temos a obrigação de fazer alguma coisa.

—Não, não temos. —Elevou as duas enormes mãos com as palmas para fora— De maneira nenhuma. Bud está passando um mau momento, de acordo, dou-me conta, e sinto se Claire não é feliz, mas isto não tem nada a ver conosco.

—Claro que tem a ver. —disse Suzanne com brutalidade. John era extraordinariamente inteligente em muitas coisas, mas absurdamente obtuso em outras— Bud e Claire são nossos amigos. Por certo que sua felicidade é da nossa conta.

John piscou ao ouvir isso. Abriu a boca para opor-se quando Suzanne continuou.

—Seus caminhos não se cruzam, nenhuma vez. Como iam fazer isso? Bud é um oficial de



polícia e Claire trabalha em uma agência de publicidade. A menos que alguém os reúna, vão continuar sendo desgraçados toda a vida. E a barba de Bud chegará até o peito. Não podemos permitir isso. —Lançou a seu marido um sorriso persuasivo— Mas tenho um plano.

John, com grande sensatez, manteve a boca fechada. De todas as formas, ela reconheceu esse rictus teimoso em sua mandíbula.

Suzanne dirigiu a seu marido seu sorriso mais encantador.

—Lembra-se da inauguração da exposição em A Fundação Parks, essa a que estamos convidados no dia 15? As jóias dos Czares? Sim, que não para de se queixar porque tem que vestir smoking.

—Merda, sim. —disse John, logo fez uma careta— O sinto. Mas detesto ir de traje de gala, já sabe. E para acabar de chatear, insiste em que Kowalski e eu vamos desarmados. —John parecia ofendido— Tenho que ir? Sentir-me-ei nu.

—Bom, tem que ir porque eu sou a desenhista das vitrines para as jóias e ficaram geniais, embora esteja mal que eu o diga. E Douglas e você vão desarmados porque levar armas à Fundação Parks é ridículo. O que poderia acontecer ali?

E, além disso, pensou Suzanne, o novo sócio de John, o antigo major da marinha Douglas Kowalski tinha um aspecto aterrador, como o de um criminoso perigoso. Assim que pusesse o pé na Fundação, a empresa de segurança da exposição de jóias o revistaria de cima a baixo em busca de armas.

—Não pode convencer Bud de que também vá? —perguntou-lhe ela.

John parecia assombrado.

—Por que mer... er... por que diabos iria Bud? Teria que vestir um smoking. E a ele o que lhe importam as jóias?

—Importarão a ele porque Claire estará lá. —Suzanne se absteve de girar os olhos.

—Bom, mas não posso obrigá-lo a ir à inauguração. E se tiver um mínimo de inteligência, se manterá bem afastado.

—Não. —Suzanne aspirou com força— Isso não basta. Temos que estar seguros que Bud irá.

—Não vou te prometer isso. —disse John.

Suzanne sorriu. John era um homem resolvido e com uma vontade de ferro. O que a salvava de que seu próprio marido a intimidasse era o fato que ele tinha um senso muito forte da justiça e a imparcialidade. E o fato que ela tinha uma arma secreta.

Levou as mãos aos ombros para desatar aquela arma secreta. Devagar, Suzanne deslizou para baixo as tiras da camisola, deixando que escorregasse pelos ombros, e a camisola caiu com suavidade e de maneira muito sexy até os tornozelos. Estava nua exceto pelas chinelas de pele de cabrito.

Os olhos de John se abriram de par em par e as janelas do nariz se alargaram. Deu um passo adiante e a colheu com suas enormes mãos.

—Amanhã falarei com Bud. —disse com voz rouca.

15 de janeiro

Fundação Parks



Cerimônia de inauguração da exposição “As jóias dos czares”

—Não, parece que perdi o Festival Musical Tibetano. Que lástima.

Claire esboçou um sorriso falso e evitou as longas mãos do professor Smith Bogdanovich, Professor Honorário de Etnologia Musical e parasita fora de série, e passou ao seguinte tedioso fanfarrão desejoso de que A Fundação Parks lhe concedesse uma subvenção. Tinha falado com todos e tinha sido a beneficiária de milhares de discursos eloqüentes e monomaniáticos sobre suas obsessões. Música tibetana. Origens medievais. Tumbas etruscas. Bailes napolitanos do século XVII. Cozinha de Magreb. Todos interessantes em si mesmos, mas não nas mãos de fanáticos.

Deus Santo, Claire estava muito contente de ter deixado de trabalhar para a Fundação. Desde uma hora e meia, tinha estado mantendo uma conversa cortês com todos os aborrecidos de Portland, recordando com que frequência tinha tido que tratar com eles e quão aborrecidos eram. Trabalhar na Fundação tinha sido um inferno. Tinha odiado cada minuto daquele trabalho.

Deprimida como estava Claire tinha decidido não ir esta noite à cerimônia de gala da inauguração, apesar de que Suzanne tivesse desenhado as vitrines e Allegra era a que tocaria música.

Por muito que gostasse das suas duas amigas, não gostava em nada manter conversas educadas, a não ser afundar a cabeça entre os braços e chorar desesperada. Mas seu pai tinha pego um misterioso vírus umas horas antes da inauguração e ela tinha tido que ir fazer as honras da família. Que consistia basicamente pensou com um suspiro, em assegurar-se que havia muitos canapés e champanha para toda aquela multidão e em reprimir os bocejos.

Os criados abriram as enormes portas que havia detrás dela e outra baforada de ar gélido entrou na estadia. Claire teve que esforçar-se para não tremer. O vestido que usava tinha sido um engano garrafal. Vermelho, sem alças, ajustado e com um corte até metade da coxa, não é que a cobrisse muito. O tinha comprado em uma vã tentativa de animar-se.

Não tinha resultado. Quão único tinha conseguido era sentir-se exposta e ter frio. Combinando o vestido com uns sapatos vermelhos de cetim de salto de agulha tinha conseguido sentir tão frio no corpo como instabilidade nos pés.

Ainda assim se misturou com as pessoas e tremeu e cambaleou até chegar ao lado de Suzanne e suspirar de alívio.

—Olá. —murmurou— Felicidades pelas vitrines. São magníficas. Quase tão lindas quanto às próprias jóias.

—Obrigada, querida. —Suzanne colocou um cacho de cabelo loiro escuro detrás da orelha — Trabalhei muito para conseguir este resultado. Foi um prazer e um privilégio. As jóias são realmente deliciosas.

Suzanne tinha estado recebendo elogios durante toda a noite, mas não tinha muitas oportunidades de misturar-se entre as pessoas e fazer um pouco de publicidade de seu novo escritório de design. Seu marido, atrativo com o smoking negro, mas com um desconcertante cenho severo, parecia estar costurado a seu lado, em nenhum momento tinha afastado a mão



dela.

A expressão de seu rosto desalentava a qualquer um que quisesse iniciar uma conversa. E para acabar de arrumar, o homem que estava com eles tinha um aspecto aterrador.

Não. Não tão aterrador quanto... perigoso. Predador. Feroz. Claire renunciou descrevê-lo. Enorme e severo, de aspecto cruel e com cicatrizes de guerra, não era um homem com o qual alguém começaria uma conversa. Certamente, não na Fundação Parks. Talvez nos bairros baixos. Se procurasse um capanga.

Entretanto, Suzanne fazia o possível para ser sociável.

—Claire. —disse com um sorriso forçado e um pequeno suspiro pelo intratável material masculino com o qual tinha que lutar—, eu gostaria de apresentá-la ao major Douglas Kowalski. É o novo sócio de John.

Claire piscou. O novo sócio de John. O escritório de John estava no mesmo edifício onde vivia Suzanne. Suzanne ia viver no mesmo edifício que ele?

A Claire tinham inculcado boas maneiras da infância. Sabia muito bem que tinha que lhe estender a mão e fazer algum comentário cortês. Armou-se de coragem e lhe ofereceu a mão com cautela, perguntando-se se voltaria a recuperá-la.

—Major Kowalski. —Tentou sorrir e olhar aos olhos daquele homem, mas estavam muito, muito acima, e tinha um aspecto tão sombrio e horripilante... — En-encantada em c-conhecê-lo.

Caramba! Ela nunca gaguejava, e, além disso, era a anfitriã. Tinha que ser cortês.

—Senhora. —O enorme homem estendeu a mão e engoliu a dela só um momento, a estreitou com suavidade e muito cuidado, e logo a soltou. Tinha uma mão enorme, dura e cheia de calos— É um prazer. Este edifício é muito bonito. Parabéns pela exposição.

O que havia dito era muito comum, mas sua voz a fez tremer. Tinha uma profunda voz de baixo, a voz mais profunda que jamais tinha ouvido. Mais profunda que de Bud.

OH, Deus, não pense em Bud ainda.

Allegra começou a cantar e Claire quase fechou os olhos pelo alívio. Não precisaria ter uma conversa cortês com o marido de Suzanne, que puxava o pescoço da camisa e que parecia preferir estar em qualquer parte, menos aqui, ou com — Deus!— seu sócio de aspecto perigoso. Quando Allegra cantava e tocava, as pessoas se calavam para escutar.

O silêncio encheu a sala e os convidados giraram, surpreendidos. Allegra estava em um piso elevado, vestida com um lindo vestido de tafetá verde e o brilhante cabelo vermelho cheio de cachos, caindo pelas costas.

Tocava a harpa e parecia uma fada celestial que tinha descido à terra para consolar aos pobres mortais.

Era o primeiro concerto público de Allegra desde que a tinham agredido. Em seu lindo rosto não tinha ficado nenhum sinal do trauma, mas Claire sabia o custo que tinha para seu coração sair ao exterior.

A voz da Allegra se elevou alta e pura.

Todos giraram para o piso, enquanto se ouviam murmúrios entre a multidão. Alguns comentando em voz baixa algo sobre a música, outros sobre a beleza de Allegra.

Claire aproveitou para olhar a seu redor e comprovar que tudo transcorria sem problemas.



Ficou congelada ao ver a expressão na cara do sócio de John. Como se chamava? Kowalski? Tinha ficado rígido, com o enorme corpo imóvel e concentrado em Allegra, como um cão de caça. Oh, Deus. Era incapaz de ler sua expressão. Não podia decifrar o que significava exceto que estava fascinado, com o olhar cravado em sua amiga. Era uma expressão aterradora e perigosa. Esse homem representava um perigo para Allegra? Suzanne não deixaria entrar em sua casa alguém perigosamente violento, verdade?

Enquanto considerava o que poderia significar aquele intenso interesse do homem pela Allegra, outra rajada de ar frio a fez estremecer e lhe pôs um arrepio.

—Que droga faz vestida assim com temperaturas a baixo de zero? —exigiu uma profunda voz furiosa— Anda meio nua!

Claire deu a volta surpreendida.

Bud.

Bud com um aspecto maravilhoso, cansado, magro e zangado. Atraente, alto, com o cenho franzido e delicioso vestido com o smoking. O coração — seu traidor, traidor coração — deu um enorme salto de alegria no peito antes que recordasse que estava zangada com ele. Antes que pudesse processar suas palavras.

A primeira vez que o via em semanas e brigava com ela. Tinha chorado por ele como uma Madalena. No mais profundo de seu coração, nas longas horas veladas das noites tinha suspirado por ele.

E o único que fazia ao voltar a vê-la era criticá-la, julgá-la e fazê-la se sentir como uma menina desventurada.

Queria chorar, gritar e uivar. Queria deitar-se em seus braços.

Despertava nela tantas emoções turbulentas que não era capaz de lidar com elas sem ficar a destrambelhar como uma bruxa. Aqui não, agora não.

Morria de vontade de abrir a boca e lhe dar uma gélida resposta. Talvez algo como: *“Olá Tyler. Eu também me alegro em vê-lo”* Mas se abria a boca ficaria a chorar.

Não se sentia capaz de dirigir a situação. Deu a volta e se afastou com passo majestoso.

Uma mão forte e grande a segurou pelo cotovelo.

—Oh, não, você não vai escapar. —disse Bud entre dentes— Vai ficar comigo e vamos conversar. Mas primeiro irá procurar algo para cobrir seus ombros. Está gelada e parece uma piranha.

Claire abriu a boca, ultrajada, preparada para lhe jogar uma bronca, mas não ficava fôlego para fazê-lo. Tinha-a agarrado pela parte superior do braço e a empurrava por entre a multidão, atravessando o Hall das Colunas e levando-a pelo imenso vestíbulo que dava à parte traseira do edifício. Ele andava depressa, com essas longas pernas e Claire tinha que correr para manter seu passo. Queria soltar-se de sua mão, mas seria ridículo inclusive tentá-lo.

—Está me machucando. —tentou dizer com frieza, mas saiu como um grito afogado. Era difícil falar com serenidade e calma correndo com os saltos de agulha.

—Não é verdade. —grunhiu com os dentes apertados.

Havia muito pouca gente nesta área. Bud girou à direita, para um corredor alto e estreito que percorria todo o comprimento da parte de trás do edifício. Ali não havia ninguém.



A cozinha e as áreas de serviço estavam no lado esquerdo. No direito havia cinco quartos, e ele de um puxão abriu a primeira porta. Claire conhecia esta parte do edifício. Esta sala era a biblioteca, uma estadia enorme cheia de livros até o teto. Empurrando-a para dentro, seguiu-a e fechou a porta de um golpe. Bateu no interruptor e um lustre de cristal Murano se acendeu com um brilho incandescente. Havia luz suficiente para ver que Bud estava furioso.

Maravilha. Ela também estava.

—Como se atreve a me maltratar? —disse com voz tremente— Não tem nenhum direito a me tocar ou me dizer o que fazer.

—E uma merda que não tenho direito. —grunhiu ele— É minha.

Claire inspirou para começar a repreendê-lo e ele a beijou. Um daqueles beijos profundos com língua, com os dedos lhe apertando as costas e o traseiro, com os quadris movendo-se ao ritmo do beijo.

Violento, apaixonado e fora de controle.

Bud tinha retornado.

Abraçava-a com tanta força que a Claire custava respirar. A boca se movia com dureza sobre a sua, chupando e mordendo-a nos lábios. Duro. Tudo nele era duro.

Seus beijos, suas carícias, seu pênis.

Meneava-se contra ela provocando um grande incêndio em seu interior.

Claire estava zangada com ele. Esse era o momento para uma boa repreensão, para lhe dizer que não podia lhe dar ordens, para lhe dizer que queria que a tratassem como uma mulher amadurecida e adulta.

Embora nestes momentos a tratasse como uma adulta. Não havia uma mulher no mundo que não acendesse em chamas ao ser beijada assim.

Bud afastou a cabeça justo a uns milímetros de sua boca.

—Maldita seja. —murmurou— Não queria fazer isto. Queria falar com você, raciocinar com você, mas a vi ali com este vestido para foder...

—Sapatos. —sussurrou Claire— Só os sapatos são para foder.

—Não, não cabe nenhuma dúvida absolutamente que este vestido é para foder. —Bud apoiou a testa na dela. Claire tinha rodeado suas costas com os braços. Ele parecia mais magro, como se tivesse perdido peso nas duas últimas semanas. E tremia. No mais profundo de seu ser, sabia quanto a amava, e essa era a prova. O Bud duro e combativo não tremia com facilidade— Senti tanto a sua falta, Claire. —sussurrou ele.

Claire mordeu os lábios e os olhos se encheram de lágrimas. Se se movesse, se só respirasse, deslizariam pelas bochechas. Abraçou-o com mais força, esperando que ele captasse a mensagem.

Eu também. Também senti sua falta. Tanto.

Ouviram-se um chiado e sentiu ar nas costas. Devido às emoções desoladoras e lacrimogêneas que a alagavam, demorou um segundo em dar-se conta que Bud tinha aberto o zíper do vestido. Ele se afastou justo o necessário para poder deslizá-lo até os tornozelos. As enormes mãos se moveram das costas aos quadris, baixando suas calcinhas, e ali estava ela, nua exceto pelas meias e os sapatos de salto. O homem olhou seus seios com aqueles ardentes olhos dourados.

—Como na delegacia de polícia —sussurrou ele— Esse dia desejei tanto fodê-la. Mas não



podíamos fazê-lo ali. E depois... começaram a acontecer coisas. Após não deixei de estar duro. — Baixou o olhar um pouco mais. Havia tanta intensidade em seus olhos que era como se a tocasse com as mãos. Os mamilos se puseram muito duros ante a expressão de seu rosto ao contemplá-la. Uma mão enorme lhe rodeou o quadril e se pousou entre suas coxas— Abre. —Foi uma ordem bastante rude.

Claire obedeceu e ambos suspiraram quando o polegar se deteve na entrada de seu sexo. Não precisava que Bud fizesse nenhum comentário sobre quão molhada estava. Ela já sabia.

Ele levantou a cabeça e a moveu com brutalidade para recuperar o juízo. Olhou-a, percorrendo-lhe o rosto com os olhos.

—Não posso fodê-la assim. —resmungou ele— Maquiagem. Cabelo. —deu uma olhada a seu redor— Ali.

Esse era o Bud que ela tinha perdido. Que estava tão excitado que mal podia falar.

Agarrou-a e a levou uns passos mais à frente, a uma mesa Império com a bancada de mármore, uma aquisição recente da Fundação. Girou-a e empurrou com suavidade suas costas até que ficou inclinada sobre a mesa. Notou o frio do mármore nos mamilos e no ventre, contrastando com a ardente excitação que a percorria.

Bud agarrou suas mãos e as pôs na beirada do mármore. As apertou com força e ela entendeu a mensagem: Quieta.

O som do zíper de suas calças retumbou no silêncio da sala. Não entrava nem o mais leve som do Hall das Colunas nem do corredor. Era como se estivessem completamente a sós no edifício. Com os joelhos lhe abriu as coxas. As mãos grandes, ardentes e duras a agarraram pelos quadris.

—Isto é o que queria fazer esse dia. —resmungou ele. Empurrou com o pênis— Deus queria fodê-la... forte — A penetrou com uma longa e forte investida, chegando até o útero. Claire se agarrou nas beiradas frias da bancada de mármore, eletrificada ao sentir de novo Bud dentro dela quando já tinha se convencido que essa parte de seu corpo permaneceria vazia durante o resto de sua vida.

Ele se apoiou sobre ela, com as mãos ainda obstinadas aos quadris, esmagando-a contra o mármore com seu peso. Adorava aquela sensação de seu peso sobre as costas, do pênis, duro como o aço e muito quente, enterrado profundamente em seu interior. Inclusive achou excitante que ele estivesse vestido e ela nua. Então lhe lambeu a orelha e ela estremeceu. O ventre pulsou, uma contração brusca e curta.

Bud não se movia, não falava. Ela tampouco podia mover-se, imobilizada por completo pelo peso do homem, pelas musculosas pernas que mantinham separadas as suas. Estavam em uma espécie de impasse, com Claire tremendo, tão possuída por Bud que seu mundo se viu reduzido a seios, ventre e vagina.

Os dedos de Bud se flexionaram e a segurou com mais força. Tanto que foi quase doloroso. Sentiu os músculos poderosos de suas pernas quando empurrou forte para penetrá-la ainda mais, e fez girar os quadris.

Isso bastou para fazê-la gozar. Com um grito selvagem, Claire alcançou o clímax. Bud estremeceu e foi como se seu orgasmo fosse o sinal para mover-se. As fortes investidas a



sacudiam de um lado a outro sobre a bancada de mármore frio, os contínuos movimentos alongaram seu orgasmo durante tanto tempo que acreditou que desmaiaria. Quando pensou que não poderia suportar mais, Bud soltou um forte gemido, cresceu ainda mais dentro dela e explodiu. Claire notou o sêmen que a enchia com longos jorros, quase em completa sincronização com suas contrações.

Ela teve outro clímax, justo no momento em que acabou o primeiro orgasmo.

Foi tão intenso que tudo se tornou negro. Agarrou-se tremendo à beirada da mesa.

Ouviu-se o ruído de um forte golpe e o chão estremeceu. Ao longe, soaram como umas crepitações.

A cabeça deu voltas e o coração retumbou no peito.

Bud se afastou imediatamente. Claire foi vagamente consciente de que ele subiu o zíper.

—Cristo! —amaldiçoou Bud na escuridão total— Foi uma explosão. E fuzis AK-47. Ao menos três. Cortaram a luz.

Claire estava enjoada, jogada sobre a bancada de mármore. Ouviu as palavras de Bud, mas não podia concentrar-se no que dizia. Seu corpo ainda estava imerso no clímax, a vagina ainda palpitava. Não podia mover-se, mal podia respirar. O corpo tinha assumido o controle e era incapaz de deter as correntes de prazer que a atravessavam.

Vagamente, deu-se conta que Bud tinha saído da sala depois de resmungar algo sobre que ela ficasse ali. A porta se abriu sem fazer ruído e se fechou. Só pelo leve som da porta soube que Bud se foi. As luzes do vestibulo também tinham desaparecido. A sala estava tão escura como a boca de um lobo. Claire permaneceu ali, aturdida, na escuridão, cega e confusa, sentindo-se indefesa pelas convulsões do prazer.

As luzes voltaram quando o clímax por fim acabou.

Claire piscou, transtornada. Estava tendida sobre a mesa, nua. Piscou outra vez quando as terminações nervosas voltaram para a vida e recuperou os sentidos. Sentidos que ficaram em alerta. Ela se agarrava nua a uma mesa enquanto estava acontecendo algo no Hall das Colunas. E Bud tinha desaparecido.

Confusa se levantou e foi tremendo até onde estava caído seu vestido jogado, como um pequeno atoleiro de sangue. Estava muito molhada e o sêmen de Bud lhe gotejava pelas coxas. Ainda estava imersa em um mundo de sexo, onde a única realidade eram as sensações que lhe atravessavam o corpo. Tremiam-lhe as mãos e era difícil concentrar-se. Contemplou o vestido durante um longo momento, logo se inclinou. Uma sacudida e um rebolado e já tinha o vestido posto.

Olhou a seu redor. Bud ainda estava fora.

Chegavam sons fracos da parte da frente do edifício. Prantos e gritos. Claire não era capaz de distingui-los com clareza, mas o ar estava cheio de angústia e dor.

Endireitou-se, recuperando por fim todos os sentidos, todo o controle. Algo tinha ocorrido na cerimônia de inauguração da Fundação Parks. Talvez um acidente. Ou um fogo por alguma faísca elétrica, ou... ou algo parecido. Seja o que fosse que tivesse ocorrido, ela era Claire Parks, e esta era sua responsabilidade.

Movendo-se agora com rapidez, abriu a porta e ficou gelada.



Parecia um quadro vivo de um filme de suspense, o tipo de livros que tinha lido toda a vida. Três protagonistas em um momento culminante. A moça vestida de vermelho emoldurada em uma porta. O criminoso com um gorro e uma metralhadora girando-se em sua direção. E por último, o protagonista em ação. Bud, que tinha estado deslizando com sigilo atrás do criminoso para deixá-lo fora de combate.

O tempo acelerou, fluiu tragicamente na direção equivocada.

Os olhos de Bud se abriram consternados quando a viu, quando viu mover-se para ela o homem mascarado. Bud gritou, atraindo a atenção do criminoso para ele e precipitando-se para frente. Claire ouviu os disparos, sentiu a reverberação das detonações da arma. Mas não foi ela que recebeu as balas.

Foi Bud.

O peito dele se encheu de sangue e desabou enquanto o ar se enchia do fedor da pólvora. Ficou estendido de costas, imóvel, com o sangue brotando e caindo em pequenos fios. O homem mascarado foi para ele, com a metralhadora preparada, esperando que Bud mostrasse sinais de vida para lhe dar o tiro de graça. Mas Bud ficou mortalmente imóvel.

Pensando depois, Claire não teria podido dizer como se afastou da porta aproximando-se do homem por detrás. Não teve lembranças claras daquele momento e assim permaneceriam em sua cabeça, envoltos em uma névoa de dor e fúria.

Claire conhecia o edifício da Fundação Parks como a palma de sua mão. Tinha crescido ali, sabia onde estava cada canto e cada fenda. E sabia, em particular, onde se guardavam os extintores. Com rapidez, enlouquecida pela dor, tirou o extintor de um lugar na parede onde estava guardado e foi a toda velocidade para o homem mascarado que estava de pé lhe dando as costas, preparado para matar Bud.

Não. De maneira nenhuma. Claire, como tinha lutado com todas suas forças para sobreviver, lutaria com cada fibra de seu ser pela vida de Bud.

O intruso deve a ter sentido detrás dele. No momento em que começou a dar a volta, levantando a metralhadora, e Bud se içava horrorizado, apoiando-se em um cotovelo, gritando para atrair a atenção do homem, Claire orvalhou a cara do homem com a espuma do extintor.

Com um grito de dor, ele se inclinou, tratando de levar as mãos aos olhos. Claire agarrou o cilindro de aço com as duas mãos, elevou-o e o golpeou na cabeça com todas suas forças.

O homem caiu como um touro sacrificado, sem um som.

—Bud! —Claire ficou de joelhos enquanto rasgava a saia. Oh, Deus! Bud tinha perdido tanto sangue. Estava ajoelhada sobre aquele sangue, ajoelhada sobre o fluido da vida, da mesma cor do tecido que de forma frenética tentava envolver ao redor de seu peito. Estava tão mortalmente pálido que o coração martelou até quase lhe doer.

—Claire. —A voz do Bud que era sempre tão forte e profunda, soava agora fraca— Vá. Parte daqui.

De repente, com uma suspeita cheia de horror, Claire lhe examinou o peito, procurando com desespero indícios de que o pulmão tivesse sido prejudicado. Mas não havia sinais de borbulhas no sangue.

Tampouco o estava perdendo com muita rapidez. Não tinha recebido disparos nos pulmões



nem se cortou nenhuma artéria. Ainda havia esperanças.

Bud tentou levantar-se, escorregando quase com seu próprio sangue.

Tossiu e rebuscou pelo chão até encontrar a metralhadora do homem mascarado, logo se levantou utilizando como apoio o ombro do homem inconsciente.

—Parte, Claire. Saia daqui.

—Bud. —sussurrou Claire— O que está fazendo?

Ele deu uma olhada para as enormes portas que davam ao Hall das Colunas.

—Ladrões de jóias. —ofegou— Ao menos cinco. Armados. Têm a todos no chão. Vou ajudar.

Com um esforço sobre humano, Bud começou a cambalear para as portas. Ofegava e tinha a cara pálida como um morto pelo esforço.

Mas as mãos que seguravam a arma estavam firmes.

Em um momento cheio de tensão, Claire compreendeu que ele ia entrar e enfrentar, só e ferido, a cinco homens armados.

—Não! —Tinha o suficiente bom senso para manter a voz baixa. Estava claro que o homem que ela tinha derrubado era um guarda e quem sabia quantos guardas mais havia por ali. Quão último queria era atrair a atenção de outro homem mascarado com uma metralhadora. Mas que se condenasse se ia permitir que Bud fosse direto para sua própria morte— Pare! O que pode fazer você sozinho?

Ele nem sequer a escutava. Ia para a porta pouco a pouco, mas sem deter-se, com a cara branca e perdendo sangue.

Claire se precipitou para ele e lhe agarrou o cotovelo.

Bud apertou os dentes com tanta força que se moveram alguns músculos da mandíbula.

—Vá embora daqui! Fora! Dentro de uns minutos começarão os disparos. Quero você tão longe quanto for possível.

Não havia maneira de detê-lo. Claire compreendeu de repente.

Ele ia sacrificar-se em uma tentativa de salvar os reféns do Hall das Colunas. Era óbvio que ele sabia que não sobreviveria à tentativa. Mas de todas as formas ia tentar.

Teve que pensar com rapidez. Bud estava a um metro e meio das portas e de sua própria morte. Ela tinha que fazer algo para lhe dar alguma possibilidade.

—Escuta, Bud. —disse desesperada— Onde está John? Recorda qual era sua posição?

O marido de Suzanne era um antigo comando. Se alguém podia ajudar Bud, era ele.

—Sob o espelho grande. Na parede da esquerda.

Sob o espelho com adornos barrocos. Perfeito.

—Escute-me. —disse ela com urgência— Há uma porta de serviço a um metro e meio dali. É quase invisível e está escondida detrás de uma palmeira bastante grande. Vou à cozinha e pegarei algumas facas e depois passarei pela porta e as passarei para John. Sabe lançar facas?

Um débil sorriso vacilou na cara tensa e pálida de Bud.

—Sim. John sabe lançar facas.

Sacudiu-se ele mesmo ao compreender que por pouco lhe escapa o que ela havia dito.

—Está louca, mulher? —perguntou-lhe, virando-a para enfrentá-la. — Quero você longe daqui. Tão rápido quanto for possível. Não pode entrar ali... não, espera. Claire! —Isto último já



com um sussurro feroz.

Mas ela já tinha tirado os sapatos e se tinha posto a correr. Entrou correndo na cozinha, abrindo de repente as portas partidas, compreendendo muito tarde que poderia haver guardas ali dentro. Não havia nenhum guarda, mas sim cadáveres.

Dois homens com jaquetas que antes eram brancas e agora vermelhas, com os gorros de cozinheiro inclinados de forma grotesca, estavam atirados no chão, mortos, com as caras brancas olhando para o teto. Dominic e Jerry, o primeiro chef e o segundo chef. Claire levantou os olhos e viu quatro caras muito pálidas pela pequena porteira do frigorífico de carne. Os intrusos tinham matado os dois homens, e logo tinham metido outros no frigorífico. Havia um cadeado enorme na porta, assim não podia fazer nada por eles. Tanto se Bud, John e ela tinham sorte como se não.

Não queria pensar no “se não”.

Movendo-se tão rápido como podia, Claire agarrou o jogo de facas do chef, envoltos em um tecido de couro. Estavam feitos do mais fino aço japonês, e ela sabia que os mantinha afiados ao máximo. Conservar as facas em um perfeito estado era quase uma religião para Dominic.

Segurando com estupidez o vulto de couro, Claire saiu por uma porta lateral. Esta parte do edifício era um labirinto, uma relíquia dos dias em que as famílias tinham um exército de criados.

Era um labirinto de pequenos quartos e chiqueiros.

Mas sabia aonde ia. Ao cabo de um minuto estava na pequena porta colocada na parede do Hall com tanto engenho que era quase invisível.

Deixou-se cair de joelhos e abriu a porta com cuidado. Tentando não chamar a atenção, entrou na estadia sem fazer ruído. A magnífica palmeira real plantada em um enorme suporte de vasos chinês a escondia da vista de outros, embora soubesse que o vestido vermelho era muito visível entre as folhas se alguém decidisse olhar para lá. Jurou não voltar a vestir nunca nada vermelho. O vermelho significava perigo.

O vermelho era a cor do sangue de Bud...

Todos os convidados da inauguração estavam jogados no chão, ou contra as paredes. Havia dez mulheres no centro da sala, vigiadas por um homem armado. Estava claro que eram reféns se por acaso algum dos homens decidisse enfrentar os ladrões. Suzanne era uma das reféns.

Não via Allegra por nenhuma parte.

Quatro homens mascarados estavam quebrando metodicamente as vitrines de vidro de Suzanne e colocando as jóias de um valor incalculável em mochilas.

Claire viu John sentado com as costas contra a parede, com os olhos cintilando e o olhar cravado no homem com segurava uma arma contra a cabeça de sua esposa. Claire deslizou para frente, usando as costas de alguns reféns como telas.

John a olhou pela extremidade do olho. Ela recordou a capacidade dele de ser consciente sempre de seu redor. O homem não traiu sua presença nem pela contração de um músculo, mas soube que era consciente dela.

Claire chegou até ele, logo se endireitou, com as costas contra a parede como todos os outros. A atenção do guarda estava concentrada nas mulheres reféns. Se girasse, simplesmente assumiria que ela tinha sido uma mais das pessoas surpreendidas pelos intrusos. Levantou os joelhos e pouco a pouco baixou a cabeça, como se estivesse desesperada. Movendo-se com



cuidado, deslizou o vulto de couro para John.

—Aqui há facas. —murmurou com a cabeça para baixo para que o guarda não pudesse ver que movia os lábios— Bud está fora com uma metralhadora que tirou de um guarda. Está mal, ferido. Não sei se poderá fazer algo.

—Se estiver vivo, poderá. —respondeu John, com um sussurro inaudível.

Claire piscou. Não tinha parecido que ele se movesse, mas as facas estavam agora alinhadas ao lado de sua coxa e tinha uma faca em cada mão.

Passaram os segundos e cada um deles foi uma agonia. Bud estava morrendo sangrado ali fora? Ou talvez —Oh, Deus— já estivesse morto? Claire afastou aquele pensamento. Se tivesse...

Aconteceu em um instante, tão rápido que mal entendia o que acontecia, embora estivesse olhando acontecer.

A porta do Hall se abriu de um chute, e um Bud inexorável, pálido como um morto, entrou disparando com a metralhadora. John se levantou e lançou as facas com tanta rapidez que foram uma mancha imprecisa quando voaram pelo ar. O homem que vigiava às reféns caiu imediatamente, agarrando-se frenético a faca que lhe atravessava a garganta. O sócio de John de aspecto aterrador apareceu de um nada se lançando de cabeça e rodando sobre si mesmo. Quando se levantou um instante mais tarde, tinha a pistola do homem que tinha derrubado com a mão e disparava. Todos os intrusos caíram.

As mulheres gritavam e os homens vociferavam e logo, de repente o tiroteio cessou. John abraçava com força Suzanne e seu amigo segurava Allegra.

Claire não viu nada mais. Levantou-se e correu para Bud, pisando em mãos e dando chutes a quem se interpunha em seu caminho.

—Bud! —Ele a olhou e deixou cair a metralhadora, como se de repente fosse muito pesada para segurá-la. Logo, para seu horror, caiu de joelhos com a cara completamente branca.

A jaqueta do smoking reluzia sobre a camisa de um vermelho profundo.

Claire deu uma derrapagem de joelhos e segurou Bud.

—OH, Deus, Bud! —soluçou quando com suavidade o estendeu no chão— Não morra. Não pode morrer!

—Não. —sussurrou ele e fechou os olhos— Não posso. Não me deixará.

Epílogo

Claire não o deixaria morrer.

Foi com ele na ambulância, estava lá quando saiu da sala de cirurgia e continuava com ele a um lado da cama quando recuperava e voltava a perder os sentidos. Inclusive quando se inundou na neblina induzida pela morfina, era consciente dela.

Ao quarto dia, Bud despertou e compreendeu que ia viver. Estava ligado a todos e cada um dos monitores conhecidos pelo homem. Mal tinha força para levantar a cabeça. Estava fraco e tinha a mente nublada, mas uma coisa estava clara. Ia viver.



Claire não o deixaria morrer.

Claire. Sua Claire.

Ela estava sentada em uma cadeira a um lado da cama, apoiando uma mão no braço, para reconfortar a si mesma com sua presença. O outro o tinha sob a bochecha. Estava dormindo. Os longos cílios ressaltavam contra a palidez da bochecha. Não parecia ter mais de doze anos.

De todos os músculos que tinha, os únicos que não lhe doíam eram os das bochechas, assim sorriu.

Os cílios de Claire se moveram e abriu os olhos. Olharam um para o outro durante um momento.

—Retornou. —sussurrou ela.

—E aqui ficarei. —A mão avançou sobre o lençol até que encontrou a dela e os dedos se entrelaçaram— A vida será mais fácil para mim a partir de agora. Vou ter esta esposa maravilhosa de minha parte. É do tipo duro. Se meu capitão não me tratar com cuidado direi a ela. É uma dama realmente temível.

Claire sorriu. Ele estava seguro que era seu primeiro sorriso em quatro dias.

—Pode apostar que sim. —sentenciou ela.

Fim

